

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano

Carla Camila Girão Albuquerque

**Configuração e significados espaciais para a definição do bairro
como unidade de planejamento: estudo de caso do Bairro Ellery.**

Recife

2011

Carla Camila Girão Albuquerque

**Configuração e significados espaciais para a definição do bairro
como unidade de planejamento: estudo de caso do Bairro Ellery.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Urbano do Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu.

Orientadora: Professora Doutora Norma Lacerda.

Co-orientação: Professor Doutor Luiz Amorim.

Recife

2011

Catálogo na fonte
Bibliotecária Gláucia Cândida da Silva, CRB4-1662

A345c Albuquerque, Carla Camila Girão.
Configuração e significados espaciais para a definição do bairro como unidade de planejamento: estudo de caso do Bairro Ellery / Carla Camila Girão Albuquerque. – Recife: O autor, 2011.
186 p. : il. ; 30 cm.

Orientador: Norma Lacerda.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Arquitetura, 2011.
Inclui bibliografia e apêndices.

1. Planejamento urbano. 2. Bairros. I. Lacerda, Norma (Orientador). II. Título.

711.4 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2011-86)



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

Ata de Defesa de dissertação em Desenvolvimento Urbano da mestranda CARLA CAMILA GIRÃO ALBUQUERQUE.

Às 10.00 horas do dia 10 de março de 2010 reuniu-se no Mini Auditório 2, a Comissão Examinadora de dissertação, composta pelos seguintes professores: Norma Lacerda Gonçalves (orientadora), Claudia Loureiro (examinadora externa), Lúcia Leitão Santos (examinadora interna) para julgar, em exame final, o trabalho intitulado: “Articulação entre Sintaxe Espacial e Teoria das Representações Sociais: um caminho para a identificação do Bairro enquanto Lugar”, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Urbano. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Norma Lacerda Gonçalves, após dar conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA. O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar eu Rebeca Júlia Melo Tavares, lavrei a presente ata, que será assinada por mim, pelos membros participantes da Comissão Examinadora e pela candidata. Recife, 10 de março de 2010.

- Indicação da Banca para publicação ()

Prof. Norma Lacerda Gonçalves
Orientadora

Claudia Loureiro
Examinadora Externa/UFPE/DAU

Lúcia Leitão Santos
Examinadora Interna/PPGMDU/UFPE

Rebeca Júlia Melo Tavares
Secretária do Programa

Carla Camila Girão Albuquerque
Candidata

Para Gustavo,
ninguém recebe mais amor e apoio do que eu tenho de você.

AGRADECIMENTOS

Na minha infância, vivenciada na sua maior parte em espaços fechados, a única oportunidade de desfrutar da “rua” eram nas idas à casa de minha avó Margarida. O distanciamento desses valores, no decorrer da vida, foi aumentando. Ao ingressar no ensino superior, em uma instituição pública pela primeira vez, algo mudou. A necessidade de reaproximação do viver a cidade emergiu com toda a força. Dali pra frente, tenho procurado fazer isso.

Gostaria de ter conseguido escolher o bairro onde moro, há mais de vinte anos, para objeto de pesquisa deste trabalho, mas fui buscar referências nos bairros onde vivi. Guardo neles estas referências de cidade nas quais ainda posso acreditar.

Começo agradecendo aos membros da Associação Comunitária do Bairro Ellery (ACBE), e a todas as instituições sociais parceiras, como a Creche Favo de Mel, a Rádio Mandacaru (desativada), Centro Socorro Abreu e CEARAH Periferia, onde tive a oportunidade de realizar experiências profissionais que me revelaram um mundo novo.

Ao Agnaldo, que, ao me apresentar o Bairro Ellery, fez surgir um novo estímulo para continuar com a pesquisa. Aos moradores do bairro, que gentilmente abriram as portas de suas casas e cederam parte de seu tempo para conversar. Seus depoimentos reafirmaram para mim a importância da união das pessoas para solucionar problemas. As articulações sociais se conectam delas emergem lutas mais gerais, e hoje, de alguma forma, faço parte do Bairro Ellery.

Ao MDU, pela oportunidade privilegiada que me foi dada.

Sou grata à professora Norma Lacerda que me orientou com competência e dedicação neste processo tão longo. Ao Professor Luiz Amorim, pela disponibilidade irrestrita, pelas observações precisas, leituras e acompanhamento ao longo de todo o trabalho. À professora Lúcia Leitão, pelas contribuições valiosas sugeridas no projeto de pesquisa e no processo de reingresso.

Aos alunos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará e da Universidade de Fortaleza, que servem de motivação para o meu crescimento profissional.

Ao meu irmão, Jorge, e principalmente, aos meus pais, Cleanto e Lisiêr, pelo apoio e confiança incondicional. Por tudo.

Aqui Bairro Ellery
Eu te saúdo, bairro dos meus encantos

Aqui meio desconfiado cheguei,
Estudando as pessoas,
Observando as ruas,
Tomando nota dos acontecimentos,
Gente da gente foi a conclusão.

Pelas ruas de graça e simbolismo
Percebi a localização privilegiada
Tudo parece cativar quem arrisca o bairro.

Aqui por sobre o canal
Deixo rastro sob a temperatura de 30º 40º
O vento vem logo a seguir
E à sombra de figos e benjamins

Se aqui vim parar
Compartilho do que é óbvio,
Coligo com gente simples,
Desfrutando de amizades.

Estamos a quatro quilômetros do centro
Próximo também da modernidade
E vivendo bem quem bem quer viver
A paz de um bairro simples.

Nos arrabaldes da comunidade ellerense
Co-irmãos tradicionais se arrastam,
Mas nosso bairro progride,
Liberta-se do anonimato
E a alcunha de vila se escapa.

Não me esqueço dos amigos,
Muito menos dos familiares
E, claro, do bairro que me acolheu,
Então lutar sem rebeldia pelos direitos
Já que os deveres se concretizam;

O povo não se acha só protegido,
Mas consciente de que é um por todos
E todos por um, sempre.

Afortunado, comprometido
Nos bastidores de uma legião
Pode aqui não ser o Éden, mas o Ellery
De tanta afeição e carinho.

Rompe-se a trégua em torno do mal
E forma-se a coalizão em prol da existência,
Pois nunca devemos fugir à luta
Em defesa de nossa gente
Porque aqui nosso é o bairro Ellery

Tobias Marques Sampaio

RESUMO

A presente dissertação procura investigar de que forma o Bairro pode ser tomado como uma unidade de planejamento pertinente à cidade. Parte-se do pressuposto que a configuração espacial só faz sentido se fundamentada nos significados dados aos espaços pelas pessoas que lá vivem cotidianamente. Neste sentido, o objetivo do trabalho consiste em articular aportes teóricos e utilizar um instrumental de análise para a obtenção das informações necessárias à construção de um suporte espacial para o planejamento urbano. A aplicação deste instrumental foi realizada em um estudo de caso localizado na cidade de Fortaleza (CE): o Bairro Ellery.

O referencial teórico e metodológico estruturado é voltado à construção de um suporte analítico do espaço do Bairro. Para isto, foi utilizado o instrumental de descrição do espaço, a Sintaxe Espacial (HILLIER; HANSON, 1984), e as informações fornecidas pelos moradores do Bairro através dos meios de comunicação local e entrevistas. A pesquisa alcança suas conclusões ao traçar uma articulação dos resultados fornecidos por tais aportes e pela indicação de possíveis estratégias para o entendimento do Bairro como unidade de planejamento.

Palavras chave: Bairro. Planejamento Urbano. Configuração Espacial.

ABSTRACT

This dissertation investigates how the city district can be taken as a relevant planning unit. It starts with the assumption that the spatial configuration makes sense only if grounded in the meanings given to space for people who live there in the everyday. In this sense, the objective of this study is to articulate a theoretical and instrumental analysis in order to obtain the necessary information to required support to urban planning. The application of this instrument was performed in a case study in the city of Fortaleza (CE): the Ellery district.

The theoretical and methodological framework is chosen to support construction of an analytic space district. With this purpose, the instrumental description of the space, the Space Syntax (HILLIER; HANSON, 1984), and the information provided by residents of the district, through the local media and interviews, were collected. This study concludes to that is fundamental to establish a connection of the results provided by these contributions and the indication of possible strategies for understanding the city districts as planning units.

Keywords: District. Urban Planning. Space Configuration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Metodologia de decomposição dos espaços abertos para a aplicação das análises na Sintaxe Espacial.	34
Figura 2: Agregação das linhas axiais em linha de continuidade para um ângulo máximo AA.	35
Figura 3: A assinatura métrica de parte do centro de Londres, em raios de 0,5 km, 1,5 km e 3,5 km	37
Figura 4: <i>Lan House</i> localizada no Bairro e parceira do sítio.....	42
Figura 5: Percurso esquemático da coleta e tratamento de dados a partir das entrevistas semiestruturadas.....	44
Figura 6: Localização da aplicação das entrevistas. Fonte: Pesquisa direta, 2009.	45
Figura 7: Esquemas processo de evolução espacial do município de Fortaleza.	50
Figura 8: Modelos esquemáticos dos processos urbanizadores das cidades brasileiras.....	52
Figura 9: Região Metropolitana de Fortaleza.....	54
Figura 10: Limites de Bairros e loteamentos.....	62
Figura 11: Fortaleza: malhas desconexas – esquema mostra a sobreposição de algumas divisões do território da cidade. Fonte: diversas.	65
Figura 12: Localização Bairro Ellery no município de Fortaleza (limites politicoadministrativos).....	67
Figura 13: Limites politicoadministrativos do Bairro Ellery e dos bairros vizinhos.....	68
Figura 14: Localização Bairro Ellery: principais acessos e referenciais. Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2005 (adaptado).	69
Figura 15: Documentos que registram momentos importantes para o Bairro Ellery.....	70
Figura 16: Processo ocupação Bairro Ellery	71
Figura 17: Construção de equipamentos comunitários, décadas 1960-1970.....	73
Figura 18: Equipamentos comunitários do Bairro.....	73
Figura 19: Foto aérea do Bairro Ellery (1972).	75
Figura 20: Açude João Lopes	77
Figura 21: Projeto Parque Raquel de Queiroz.....	78
Figura 22: Polo de Lazer da Avenida Sargento Hermínio.....	79
Figura 23: Arredores do Polo de Lazer da Avenida Sargento Hermínio.....	79

Figura 24: Áreas verdes “urbanizadas” do Parque Alagadiço.	80
Figura 25: Projeto Arte na Mureta, promovido pela (ACBE), vencedor do prémio Gentileza Urbana 2008, IAB-CE.	81
Figura 26: Sistema de áreas verdes da área em estudo.	82
Figura 27: Praças do Bairro Ellery.	83
Figura 28: Acessibilidade nas vias do Bairro.	84
Figura 29: Avenidas Sargento Hermínio e Francisco Sá.	86
Figura 30: Linha férrea e estação.	86
Figura 31: Diferença entre padrões construtivos habitacionais no Bairro.	87
Figura 32: Diferença entre padrões construtivos habitacionais no Bairro.	87
Figura 33: Atuação da Associação Comunitária do Bairro Ellery.	90
Figura 34: Desfile do Bloco de Pré-carnaval “Sai na Marra”.	91
Figura 35: Mapa do percurso do bloco “Sai na Marra” em 2008.	92
Figura 36: Ações sociais e rebatimento espacial: Centro Socorro de Abreu.	94
Figura 37: Grandes mobilizações no Bairro.	95
Figura 38: Moradores enfeitam suas ruas.	96
Figura 39: Ruas decoradas para o concurso “Minha rua é mais Brasil”	96
Figura 40: Polo de Lazer aos domingos.	96
Figura 41: Prática de esportes no Pólo de Lazer.	97
Figura 42: Atividades realizadas no Polo de Lazer.	97
Figura 43: Formas de ocupação das atividades realizadas no Polo de Lazer.	97
Figura 44: Esquema ilustrando a ideia de “colcha de retalhos” da malha urbana de Fortaleza.	100
Figura 45: Mapa axial de Fortaleza.	101
Figura 46: Núcleo de integração do sistema de Fortaleza.	101
Figura 47: Comparativo entre profundidade média e quantidade de eixos de sistemas para diversas cidades brasileiras.	102
Figura 48: Variação do Núcleo de integração a partir dos ângulos de agregação 0°, 15°, 35° e 60°.	104
Figura 49: Emergência de núcleos locais R=2.	105
Figura 50: Mapa integração local r=2 (pormenor da área de estudo extraído do mapa de integração de Fortaleza)	106

Figura 51: Mapa geral de uso do solo: residencial e não-residencial.	107
Figura 52: Mapa uso do solo residencial.	108
Figura 53: Tipologias habitacionais: sobrado e vila.	109
Figura 54: Tipologia habitacional condomínio vertical e estabelecimento comercial.	110
Figura 55: Comércio e serviço: apoio imediato e diversificado.	111
Figura 56: Inserção das indústrias no Bairro.	111
Figura 57: Mapa do uso do solo não-residencial.	112
Figura 58: Aspectos da rua Barão do Crato.	113
Figura 59: Linha férrea – limite e integração.	113
Figura 60: Mapa linha de transporte do Bairro.	114
Figura 61: Comparação entre estabelecimentos comerciais.	116
Figura 62: Interface sítio Bairro Ellery.	119
Figura 63: Mapa divulgado no sítio bairroellery.com.br com novos limites político-administrativos reivindicados pela população do Bairro.	127
Figura 64: Referenciais espaciais destacados no sítio bairroellery.com.br.	128
Figura 65: Exemplo da sistematização das entrevistas. Fonte: Pesquisa direta, 2009.	130
Figura 66: Palavras mais representativas dos moradores entrevistados quanto à categoria temática APEGO/PERTENCIMENTO. Fonte: Pesquisa direta, 2009.	132
Figura 67: Palavras mais representativas dos moradores entrevistados quanto às categorias temáticas SIGNIFICADO E SENTIMENTOS. Fonte: Pesquisa Direta, 2009.	137
Figura 68: Palavras mais representativas dos moradores entrevistados quanto à categoria temática IDENTIDADE.	140
Figura 69: Referenciais espaciais mais citados nas entrevistas.	150
Figura 70: Comparativo entre resultados das análises: mapa integração local $r=2$ da área de estudo e mapa síntese das entrevistas.	154
Figura 71: Locais das entrevistas e linhas onde a medida sintática <i>depth from</i> foi utilizada.	156
Figura 72: Exemplos de profundidades para as ruas Olavo Bilac e Gilberto Câmara.	157
Figura 73: Espectro para o Bairro Ellery. Fonte: Gerado pela autora a partir das sobreposições dos resultados gerados pelo software <i>MindWalk</i> , 2009.	157

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Trajetória dos meios de comunicação do Bairro Ellery.....	41
Quadro 2: Categorização temática das entrevistas semiestruturadas.	47
Quadro 3: Sequência cronológica de planos para Fortaleza.....	56
Quadro 4: População e área por SER.....	63
Quadro 5: Índice de Desenvolvimento Humano por Bairros de Fortaleza (2000).....	64
Quadro 6: Desempenho do IDHM-B: melhores e piores Bairros.	64
Quadro 7: Comparativo entre o pior e o melhor IDHM-B por SER.	64
Quadro 8: Agregações territoriais do município de Fortaleza.	66
Quadro 9: Dados gerais Bairro Ellery.....	70
Quadro 10: Referenciais espaciais: pontos de referência.....	145
Quadro 11: Referenciais espaciais extraídos das entrevistas com moradores.....	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População Residente – Fortaleza, Região Metropolitana e Ceará.	54
Tabela 2: Relação das medidas sintáticas e ângulos de agregação.	103
Tabela 3: Dados gerais sobre os moradores entrevistados.	131

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1: PRESSUPOSTOS	19
1.1 Espaço, lugar e identidade.	19
1.2 O que é Bairro?	24
CAPÍTULO 2: TEORIA (E) INSTRUMENTAL	28
2.1 Configurando e significando: teoria e instrumental da Sintaxe Espacial	28
2.2 Instrumentalização da pesquisa empírica	32
2.2.1 Mapas de continuidade e levantamento do uso do solo.	33
2.2.2 Comunicação Social e Entrevistas Semiestruturadas.	38
2.3. Análise e interpretação das informações	46
CAPITULO 3: CONTEXTO	49
3.1 Produção do espaço urbano em Fortaleza	49
3.2 (Des) Considerando as partes da cidade sob a ótica do planejamento urbano	55
3.3 Aqui e assim é o nosso Bairro	66
3.4 “Espacializando” o Bairro	76
CAPÍTULO 4: APLICAÇÃO	99
4.1 Descrevendo o Bairro	99
4.2 Significando o Bairro	116
4.2.1 Comunicando (com) o Bairro	117
4.2.2 Vivendo o (no) Bairro	129
4.3 Referenciando os espaços do Bairro: articulação das análises	153
CONCLUSÕES	161
BIBLIOGRAFIA	165
APÊNDICES	170
APÊNDICE A - Roteiro entrevistas semi-estruturadas	170
APÊNDICE B - Sistematização entrevistas semi-estruturadas	172

INTRODUÇÃO

A presente dissertação investiga o Bairro como unidade de planejamento da cidade, e para isto, explora a relação entre a configuração espacial e os sentidos atribuídos ao espaço pelos indivíduos que o vivenciam cotidianamente.

Entender a cidade estritamente por meio de sua dimensão física tende a simplificar a investigação, conduzindo-a a mera descrição da distribuição de atividades, das concentrações e dispersões de usos ou de variações tipológicas. Estas abordagens observam determinados aspectos que lhes são foco de interesse, são fundamentadas a partir de certo escopo teórico, apresentando-se, desta forma, corretas. Contudo, a problemática encontra-se no fato de que raramente ultrapassam a intenção físico-descritiva da forma urbana. Quando a investigação tende a avançar, torna-se um estudo mais sociológico (historiográfico, geográfico, político) do que urbanístico.

Cabe então questionar: que razões levam a certas situações urbanas? O principal desafio encontra-se na tentativa de avançar além do entendimento da geometria do espaço e identificar qual a melhor maneira de responder às expectativas sociais atreladas a ele. Como a configuração espacial destaca atributos, desempenhos e performances sociais a ele relacionadas? O problema não é a descrição em si, mas a falta de relação analítica entre os atributos espaciais e os desempenhos ou expectativas sociais a eles subjacentes.

A análise desenvolvida nesta pesquisa, procura principalmente construir uma crítica à prática do planejamento urbano que ignora a relação entre sociedade e espaço. Recentes estudos têm mostrado a diversidade de apropriação do território urbano em termos de segregação espacial, econômica, política e social. Contudo, estes estudos desconsideram a dimensão da representação do território enquanto espaço de apropriação dos indivíduos (DINIS; LACERDA; ZANCHETI, 2000).

Diante desta lacuna, torna-se fundamental a identificação destes territórios mediante um estudo que revele as diversidades das formas urbanas a partir das diferentes maneiras como as pessoas lhes atribuem sentidos. Os espaços, envolvidos pelos significados, tornam-se, ao longo do tempo, lugares urbanos. Este sentido de lugar vai além da sua materialidade, revelando dimensões simbólicas, definindo formas diversas de apropriação.

Neste contexto, a presente dissertação discute critérios e procedimentos que visam a identificação de um suporte espacial, referenciado socialmente, que fundamente as decisões do planejamento e da gestão urbana. Dada à sua multiplicidade de contextos, não é proposta da pesquisa a identificação de um padrão que determine esta relação espaço-sociedade. O intuito é reconhecer a identidade espacial de um território tomado como estudo de caso: o Bairro Ellery. Este Bairro foi resultante de um processo de expansão urbana dispersa, rumo às áreas periféricas da cidade Fortaleza (CE), caracterizado por um certo perfil socioeconômico da sua população, por um comprometimento social e político particular e por certas especificidades culturais.

O recorte do Bairro justifica-se pela relação amplamente reconhecida entre esta escala territorial e os aspectos sociais que lhe dão sentido. É no Bairro onde são concretizadas as tradições de vizinhança, o sentido de pertencimento, os percursos cotidianos e sentimentais, o apego ao lugar onde se vive. É também no Bairro onde reside a base das organizações e manifestações sociais pela defesa e reivindicação de direitos urbanos essenciais. Entretanto, os perímetros dos Bairros institucionalizados pela gestão pública municipal, instrumentos concretos de planejamento e gestão do território urbano, na maior parte das vezes não são reconhecidos da mesma forma pela população moradora, ou seja, a maioria dos territórios significativos para a população não são reconhecidos institucionalmente. Esta dificuldade em compatibilizar o entendimento do Bairro frente às realidades social e institucional apresenta-se como um desafio a ser considerado pelo desenvolvimento urbano.

Buscando este entendimento, e considerando um debate interdisciplinar, aborda-se o Bairro enquanto realidade material, revelada pelo conteúdo das práticas socioespaciais que lhe dão sentido. Não existem, de fato, modos únicos de se pensar a cidade. A análise desenvolvida, nesta pesquisa, longe de querer constituir-se como modelo, procura realizar, com apoio daquele universo interdisciplinar, uma crítica à leitura da cidade, que reduz suas dinâmicas urbanas ao ignorar as práticas socioespaciais. Mais precisamente, questionam-se as práticas de gestão urbana caracterizadas por intervenções pontuais desconectadas, fundamentadas quase que exclusivamente nos aspectos físicos e econômicos.

Assim, o objetivo desta pesquisa é o de investigar o Bairro como unidade de planejamento da cidade a partir das práticas sociais referenciadas espacialmente. Apreende-se o objeto de estudo investigando a sua configuração espacial e os sentidos dados a tais

configurações pelos seus moradores, para, a partir daí, obter uma unidade territorial válida para o planejamento urbano.

Para alcançar tal objetivo, procurou-se um instrumental teórico-metodológico para a análise da organização espacial que levasse em conta as relações entre espaço e comportamento social. A Teoria da Lógica Social do Espaço (HILLIER; HANSON, 1984) atendeu esta necessidade visto que relaciona em seus fundamentos a configuração espacial ao comportamento espacial. A Sintaxe Espacial, portanto, propõe uma relação fundamental entre a configuração do espaço na cidade e o modo como ela funciona. A análise do espaço em relação às suas propriedades configuracionais, ou sintáticas, permite-nos determinar alguns aspectos do funcionamento urbano que outras abordagens não são capazes de explorar.

Associadas ao instrumental da Sintaxe Espacial, entrevistas semiestruturadas foram aplicadas a um grupo de moradores como variáveis de controle, permitindo confrontar os sentidos dados pelos moradores aos espaços do bairro aos insumos fornecidos pelo instrumental da Sintaxe Espacial.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram percorridas as etapas abaixo relacionadas, correspondendo aos capítulos do trabalho.

No Capítulo 1 é apresentada a linguagem conceitual e o posicionamento teórico da dissertação. Neste capítulo busca-se, em um universo interdisciplinar, a definição e o esclarecimento de termos fundamentais utilizados ao longo do texto: Bairro, Espaço, Lugar, entre outros. Primeiramente, é feito um exercício de contextualização do quadro de referências que funda os conceitos, sabendo-se que estes são historicamente condicionados e incorporam construções que se alteram ao longo do tempo.

Procura-se no Capítulo 2 construir um referencial teórico-metodológico que, pautado nos aspectos conceituais explicitados no primeiro capítulo, fundamenta a análise e a compreensão do Bairro Ellery. O primeiro aporte parte do princípio que o espaço da cidade, em sua dimensão sintática, guarda uma dimensão social, ou seja, vai além dos procedimentos tradicionais da morfologia urbana, que buscam identificar a geometria e a métrica dos espaços, mas leva em consideração, nesta identificação, as experiências vividas nestes espaços. O segundo aporte vem auxiliar o entendimento da identidade socioespacial do Bairro, derivada das experiências e significados atribuídos pelos seus moradores ao espaço do que propriamente às características objetivas inerentes a ele. É válido ressaltar

que não é objetivo desta dissertação um aprofundamento teórico, e sim utilizar aportes já amplamente reconhecidos de forma articulada e complementar a fim de alcançar os objetivos do trabalho.

O levantamento dos dados necessários para a abordagem empírica e o relacionamento entre variáveis e instrumentos de análise foram constituídos a partir de diferentes procedimentos. Para o estudo da configuração espacial, fez-se uso das informações retiradas de mapas de integração, processados pelo *software MindWalk*. O levantamento do uso do solo foi efetivado por informações obtidas mediante observações de campo. Para o estudo dos significados dados pelos moradores ao espaço do bairro, combinou-se duas fontes prioritárias de informação: os meios de comunicação social locais e as entrevistas individuais semiestruturadas.

O Capítulo 3 tem como finalidade contextualizar o Bairro Ellery. O capítulo é estruturado em três segmentos: o primeiro remete ao entendimento do processo de produção do espaço da cidade de Fortaleza, no qual se evidencia o Bairro Ellery. O segundo aborda os aspectos socioespaciais em termos da gestão das partes dessa cidade. Este ponto do trabalho problematiza os instrumentos de planejamento urbano, particularmente quando o poder público municipal não conta com uma “cartografia” adequada, ou seja, que reconheça as diversas formas (partes) de produção e apropriação do território. O último segmento do capítulo aborda o contexto de formação e estruturação socioespacial do Bairro em questão.

A escolha do Bairro Ellery como estudo de caso justifica-se, primeiramente, pelo interesse da pesquisadora desta dissertação no entendimento da configuração socioespacial de Bairros resultantes da expansão urbana dispersa, marcada por incessante processo de parcelamento do solo urbano. Outros pontos fundamentais reforçaram esta opção, quais sejam:

- i) Conhecimento preliminar prévio da área;
- ii) Conhecimento de que a identidade socioespacial da comunidade do Bairro não corresponde aos limites politicoadministrativos estabelecidos, tendo, inclusive, sido instalado um movimento em prol desse reconhecimento, capitaneado pela Associação de Moradores do Bairro;
- iii) Facilidade de acesso à comunidade, dado o interesse local pelo tema abordado;
- iv) Riqueza de relações interpessoais e coesão politico-comunitária.

Estes pontos possibilitaram uma verdadeira imersão na realidade local, em se tratando da pesquisa, pré-requisito fundamental para acessar aspectos da articulação teórico-metodológica proposta.

O Capítulo 4 apresenta os resultados da pesquisa pela aplicação da análise do bairro que fundamenta o reconhecimento da unidade de planejamento a partir do reconhecimento socioespacial. Esta análise é a tradução das relações entre espaços e significados extraídos da Sintaxe Espacial, que relaciona configuração e comportamento espacial aos significados atribuídos aos espaços do bairro pelos moradores.

Por fim, tem-se a conclusão da pesquisa, constando de comentários e avaliações a partir das informações fornecidas por todo o conteúdo apresentado. Nessa parte, é chamada a atenção que o conhecimento gerado poderá ser testado em outros bairros subsidiando o planejamento urbano no intuito de assegurar e fortalecer a identidade do bairro como unidade de planejamento urbano.

O reconhecimento do Bairro como unidade de planejamento requer o aprofundamento de questões relacionadas às diferentes maneiras como as pessoas atribuem significados aos espaços, dando-lhe algum sentido. Apesar da necessidade dos recortes espaciais, os bairros podem representar mais do que isto, revelando dimensões sociais e redefinindo formas diversas de apropriação do território.

CAPÍTULO 1: PRESSUPOSTOS

Dada à relevância do fenômeno urbano no mundo contemporâneo, a busca pelo entendimento sobre a ligação entre os valores humanos e a configuração do espaço das cidades tem despertado e ocupado o interesse de todo um universo interdisciplinar, principalmente na área de conhecimento das Ciências Sociais¹.

Em razão da importância deste fenômeno, vem surgindo uma ampla variedade de abordagens para a compreensão das complexidades da vida na cidade. O que se destaca, nestas abordagens, são as inquietações decorrentes da procura de entender a cidade a partir da superação de dicotomias tradicionais: entre indivíduo e sociedade, objetividade e subjetividade, espaço e lugar.

No âmbito da Arquitetura e do Urbanismo, mais precisamente do Planejamento Urbano, tem-se tentado superar os moldes mais tradicionais, pautados em análises fincadas no resultado da forma, do estilo e das funções meramente descritivas, com fins de planejar e ordenar o espaço da cidade. As descrições e análises, em geral, têm esgotado suas possibilidades de avanço, devido à ausência de procedimentos teórico-metodológicos adequados, já que ignoram diversos aspectos essenciais do objeto urbano.

Ao longo deste capítulo, esclarece-se que tipo de olhar foi lançado sobre a realidade estudada e qual o melhor meio de estudá-la. Não se teve a pretensão de esgotar ou substituir conceitos construídos ao longo do tempo. O interesse foi o de explicitar as convergências e afastamentos, no intuito de sintetizar, entre os conceitos e métodos utilizados em campos disciplinares diferentes, aqueles que mais auxiliam na aplicação ao objeto de estudo: o Bairro.

1.1 Espaço, lugar e identidade.

Dada à natureza interdisciplinar, exigida pelas análises sobre as questões urbanas, lança-se mão dos aportes da disciplina de Arquitetura e Urbanismo e de referências da

¹ Dentre elas destacam-se: Sociologia Urbana, Psicologia Social e Ambiental, Antropologia, Geografia Urbana, Arquitetura e Urbanismo.

Geografia e da Psicologia, para a fundamentação básica dos conceitos-chaves recorrentemente utilizados nesta dissertação: espaço, lugar e identidade.

Se o propósito primário do artefato arquitetônico ou urbano é ordenar **espaço**, é necessário determinar o que se entende por espaço – um conceito abstrato sobre o qual indivíduos e sociedades produzem ideias diferentes. Em seu livro *Arquitetura in nuce*, Bruno Zevi realiza uma revisão da definição do espaço da arquitetura desde os tratadistas antigos até os autores do século XX, encontrando um consenso que consiste em um “vocabulário tridimensional que inclui o Homem” no qual ele “penetra e caminha” (ZEVI, 1996, p.17).

Esse autor trata de alguns “equivocos” recorrentemente cometidos ao se tratar do conceito de espaço. O primeiro deles faz referência ao espaço na Arquitetura, correntemente visto a partir da sobreposição dos elementos formais: fachadas, cobertas, jogo de aberturas e volumes, dentre outros. Para Zevi, o valor essencial do espaço é o *espaço interior*, ou seja, o vazio encerrado por estes elementos, onde necessariamente os Homens andam e vivem. Neste sentido, o espaço só pode ser entendido como tal se experienciado. O *entrar* é a única maneira de conhecer, sentir e viver o espaço. Isso não quer dizer que o valor espacial se esgote em sua experiência. Os espaços são dotados de valorações de acordo com sua pluralidade econômica, social, técnica, funcional, artística e decorativa.

A Arquitetura é, pois, a arte dos vãos espaciais, dos volumes delimitados, das sequências dinâmicas dos espaços pluridimensionais e pluri-perspectivados em que se exprime física e espiritualmente a vida das associações humanas e se afirma o ímpeto criativo do arquiteto. **A experiência do espaço interno é um fenômeno peculiar da arquitetura [e do urbanismo], que a define e se ajusta aos conteúdos sociais aos instrumentos técnicos** e aos valores expressivos em cada grau, da poesia à prosa, do belo ao feio; o espaço interno é, portanto, o lugar onde se aplicam e se qualificam todas as manifestações da arquitetura (ZEVI, 1979, p. 48, grifo nosso).

Outro “equivoco” é pensar que o *espaço interior* se restringe ao espaço do edifício. O autor esclarece que o espaço da arquitetura se prolonga na cidade, nas ruas, nos Bairros, em qualquer espaço em que a ação do Homem tenha limitado “vazios”.

A distinção entre o espaço interno, próprio da arquitetura, e o exterior, do urbanismo, é justificado só num ponto de vista parcelar, didático, pois o vazio de uma praça ou de uma estrada, exterior em relação aos edifícios que o ladeiam, é interior em relação à cidade; a prática da construção de divisórias ou das linhas de

contenção das cavidades urbanas equivale à das paredes ou dos móveis que articulam um ambiente fechado (ZEVI, 1979, p. 72).

A analogia entre uma casa e uma cidade está confirmada mesmo sob os aspectos utilitários do espaço [...] sem dúvida, que a escala da cidade impõe uma preparação particular aos que querem captar o seu significado espacial: [...] compreender os espaços urbanos em suas múltiplas e encadeadas facetas é tarefa pesada. [...] todavia a diferença entre espaço interno e espaço externo, entre arquitetura e urbanismo, não resulta na peculiaridade do objeto: a cidade é também ela criação de espaços fechados (ZEVI, 1979, p. 75).

São colocadas por Zevi, à guisa de esclarecimento, duas acepções complementares do espaço arquitetônico e urbano: a primeira, mais tradicional, encontra-se no sentido físico de acolher, proteger, abrigar, direcionar, ordenar. Uma segunda acepção, que decorre do sentido de prover sensações, lembranças e desejos, ultrapassa o espaço material. O *entrar* também explicita o sentido de desfrutar de vivências subjetivas do espaço, ou seja, ultrapassa a ideia de atravessar um limite, podendo também estar relacionado ao (re)conhecimento, à convivência, ou à distinção. Ao incluir o humano, o espaço acolhe o físico e o psíquico (LEITÃO, 2007, p 59).

O conceito de espaço, para a Geografia, foi forjado ao longo do tempo e obteve várias acepções entre as várias correntes do pensamento geográfico². Sempre vinculado aos eixos norteadores de cada corrente, destaca-se duas concepções: a primeira diz respeito ao *espaço social*, entendido como lócus da reprodução das relações sociais de produção (LEFÉBVRE, 1974). Já Santos destaca que, em relação às condições para a produção do capital e suas localizações, o espaço deve ser analisado a partir de categorias: estrutura, processo, função e forma, consideradas de forma dialética. Este autor contribui para a construção do conceito quando explica que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e que o espaço só é inteligível através da sociedade. Para Santos, não há porque falar de sociedade e espaço como coisas separadas, que se reúnem a posteriori, e sim de uma formação *socioespacial*.

² Considera-se que foi concebido na Geografia Tradicional (1870-1950), seguindo-se após a sua concepção atrelada à revolução teórica quantitativa (1950). Em sequência, no âmbito da geografia fundamentada no marxismo, a Geografia Crítica (1970) e, finalmente, na Geografia Humanista (1970) e Cultural (1980) (CORRÊA, 2008).

Outra vertente geográfica desenvolve o conceito de *espaço vivido*, fortemente assentada na subjetividade. Consideram-se, neste caso, os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo sobre o espaço, a partir da experiência. Este se aproxima do conceito de espaço arquitetônico de Zevi, feito para acolher, abrigar, confortar e proteger, não apenas das hostilidades do meio ambiente, mas também no enfrentamento das dimensões simbólicas e subjetivas que ultrapassam o espaço materializado.

A Geografia avança, conceitualmente, ao abordar o espaço que adquire “personalidade”, “espírito”, “sentido”. Nesta linha, alguns autores podem ser destacados: Relph (1976), Tuan (1983) e Buttimer (1985a, 1985b). Para estes autores, o sentido de *lugar* ultrapassa o sentido geográfico de localização e se refere ao resultado da experiência humana e de seu envolvimento com o mundo. Este conceito valoriza as relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente.

A afetividade, por sua vez, vem sendo estudada pela Psicologia Social, no âmbito dos estudos urbanos, como sendo a expressão humana simbólica relacionada ao espaço (SAWAIA, 1995). O afeto seria a emoção despertada pela síntese da experiência do indivíduo no espaço, o que levaria à orientação de certas condutas perante o mesmo. O lugar, que gera afeto em quem o experiencia, transmite boas lembranças quanto à sensação de bem estar, do acolhimento, do *lar* (TUAN, 1975; BUTTIMER, 1985a).

Tuan afirma que existe estreita relação entre experiência e tempo, na medida em que o senso de lugar raramente é adquirido pelo simples ato de se passar por ele. Para tanto, seria necessário um longo tempo de contato com o mesmo, quando então houvesse um profundo envolvimento. No entanto, seria possível, também, a um indivíduo, apaixonar-se à primeira vista por um lugar, tal qual por uma pessoa. Em contraste, um indivíduo pode ter vivido durante toda a sua vida em determinado local e sua relação com ele não apresentar nenhum enraizamento (TUAN, 1983).

Carlos acrescenta ainda duas dimensões à concepção de lugar: a expressão histórica e a expressão da singularidade. A primeira diz respeito à prática no tempo, ou seja, às concepções que surgem do plano do vivido cotidianamente. Para a autora, pensar o lugar “[...] significa pensar a história particular de cada lugar, desenvolvendo-se, ou melhor, realizando-se em função de uma cultura, tradição, língua e hábitos que lhe são próprios e que foram construídos ao longo da história” (CARLOS, 1996, p. 20). A segunda dimensão trata-se de uma visão na qual o lugar é considerado como produto de uma dinâmica que é

única, ou seja, resultante de características históricas e culturais intrínsecas ao seu processo de formação daquele espaço da cidade (CARLOS, 1996, p. 21).

Como resultado da experiência humana no espaço da cidade, buscou-se, no conceito de identidade, uma possível relação entre experiências humanas e referências espaciais. Compreender os processos de identificação ajuda a entender as diversas formas de apropriação do espaço da cidade. Afinal, o espaço “[...] se interioriza e passa a morar dentro de nós, mas esse material internalizado é, por sua vez, aplicado ao mundo exterior, permitindo que a percepção presente da cidade seja parcialmente organizada pelo material interno” (ROUANET, 2007, p. 18).

O processo de identificação possui duas partes complementares: a primeira diz respeito à assimilação e interiorização de um aspecto ou atributo do outro, ao agrupamento daquilo que é igual, ou melhor, daquilo que é reconhecido como comum em meio à multiplicidade. A segunda parte é feita pelo mecanismo inverso, ou seja, expulsa de si e localiza no exterior suas próprias qualidades, sentimentos e desejos e a correlata separação destes frente a seus diferentes (HAESBARERT, 2007, p. 35).

Cabe ressaltar que existe, ainda, uma forte dialética entre a construção de identidades sociais e de identidades espaciais, na medida em que àquelas se realizam no e através do espaço. Afirmar a igualdade e/ou a diferença perpassa pelo interesse de apropriação do espaço da cidade. Como visto anteriormente, não é qualquer tipo de espaço que suscita, imediata e diretamente, algum tipo de apropriação. Esses espaços são determinados pelo valor dado pela experiência e pela legitimação socioespacial através dos processos de identificação.

O processo de identificação do espaço da cidade diz respeito às possíveis conexões existentes entre o espaço (concreto e visível) e as ideias, conceitos, valores e significados – invisíveis e intangíveis – que o originam. Desta forma, pode-se afirmar que referenciais espaciais podem apontar e ou fazer emergir práticas sociais.

Esses referenciais espaciais, portanto, fundamentam as identidades socioespaciais. A seleção de referenciais espaciais está sempre associada a padrões espaciais através dos quais os grupos se reconhecem e afirmam suas identidades. São os referenciais espaciais (do passado e do presente) que dão consistência à construção da identidade.

Isto posto, o conceito de *lugar* adotado refere-se a um *espaço interior*, penetrável, onde se sente e vive, cujas emoções, resultantes da experiência humana, provocam uma

identidade socioespacial na cidade. Este conceito impulsiona questionar: Será que o Bairro corresponde a uma identidade socioespacial?

1.2 O que é Bairro?

Um dos traços mais característicos das grandes cidades contemporâneas é seu nível de diferenciação da estrutura urbana. A partir destas diferenciações, são feitos recortes que assumem diversas características, sendo o Bairro um dos recortes mais expressivos do espaço da cidade (BARROS, 2004).

Para Rapoport (1978), os Bairros se classificam em duas dimensões: a física e a social. Os Bairros existem, de fato, segundo o autor, quando ambas as dimensões coincidem. A dimensão física constaria como base das funções de serviço e infraestrutura urbana ou pelo número de habitantes que demandaria por esses serviços. A dimensão social, por sua vez, teria como base critérios de integração e vinculação que facilitam, em âmbito subjetivo, um agrupamento. Entretanto, o autor afirma que quase nunca as divisões oficiais, político administrativas, levam em conta a coincidência dos aspectos físicos com os aspectos sociais (subjetivos).

Posicionamento semelhante é adotado por Rossi (2001), quando associa a definição de Bairro a uma unidade de diferenciação da cidade. Para o autor, Bairros são regiões urbanas definidas por caracteres de homogeneidade física e social. A homogeneidade física existe quando se evidencia uma constância na concretização dos espaços. Do ponto de vista social, é o meio em como as comunidades se manifestam duradouramente, através de determinadas características espaciais. Sustenta o autor que os Bairros são partes relativamente autônomas, mas que fazem parte de uma estrutura articulada maior representada pela cidade.

Seguindo este raciocínio, Gomes (2002) não se refere especificamente ao Bairro, mas ao *Genoespaço*: tipo de agregação social que qualifica o território, o grupo ou a comunidade. Diz que a identidade comunitária só pode existir quando definida em relação a um território de homogeneidade, de domínio e de pleno desenvolvimento do espírito de grupo. A identidade comunitária estaria diretamente relacionada a uma identidade socioespacial.

Castells (1983), por sua vez, afirma que cada divisão espacial traz implícita uma especificidade social. O sentimento de ligação ao Bairro parece refletir uma atitude geral

com referência às condições de vida de uma comunidade. Para este autor, os Bairros são produzidos por um contexto de combinação entre vida social, trabalho e situação nas relações de produção e consumo, todas ligadas por um certo espaço. O importante para esse autor é ignorar a concepção do espaço como figura de fundo e incorporá-lo como elemento fundamental de uma dada prática social.

Souza aborda o Bairro a partir dos critérios de definição de escalas de análise. Segundo este autor, “deve, em primeiro plano, considerar a forma e a natureza das relações sociais e suas intenções espaciais, cuja percepção pode variar muito com o contexto” (SOUZA, 2004, p.105). Dentre as diversas escalas apontadas pelo autor, o Bairro estaria inserido em uma escala denominada *microlocal*, correspondente a um recorte territorial referente a um espaço passível de ser experienciado, intensa e diretamente no cotidiano. Ele salienta que esta escala é de extrema importância para o planejamento e a gestão, especialmente quando se deseja propiciar uma genuína forma de participação social.

Além de Souza, diversos autores se propuseram a classificar as escalas da cidade³. Dentre estas classificações, o Bairro correntemente assume uma escala intermediária entre a escala da rua (menor) e a escala da cidade (maior):

É a partir desta dimensão, ou escala [urbana], que existe verdadeiramente a área urbana, a cidade ou parte dela. Pressupõe uma estrutura de ruas, praças ou formas de escalas inferiores. Corresponde numa cidade aos Bairros, às partes homogêneas identificáveis, e pode englobar a totalidade da vila, aldeia, ou da própria cidade. A esta dimensão, os elementos morfológicos terão de ser identificados com as formas à escala inferior e a análise da forma necessita do movimento e de vários percursos (LAMAS, 2000, p. 74).

Quanto às dimensões do Bairro, encontram poucas referências e/ou tentativas em Jean-Paul Lacaze, Raymond Ledrut e em Carlos Nelson dos Santos. Parâmetros quantitativos colocados por estes autores aparecem relacionados a uma modulação e número de moradias, lotes, quarteirões, espaços livres e serviços públicos, os quais poderiam se expandir até um determinado limite.

O que define realmente estas dimensões de Bairro seriam seus *limites*. Em geral são utilizados como divisões politicoadministrativas intraurbanas legalmente estabelecidas. O poder público os delimita e os institucionaliza visando a facilitação da administração dos

³ TRICART(1963), ROSSI(2001), LAMAS (2000), SANTOS (1988), LYNCH (1960), entre outros.

serviços públicos urbanos. A relação entre espaço e poder administrativo aparece nas reflexões sobre o conceito de *território*. O território seria uma dimensão de caráter administrativo, relacionado à ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinador dos indivíduos, impondo-se uma sua lógica relacionada ao poder (HAESBAERT, 1997, p.42).

O conceito de Bairro, contudo, se fortalece quando vinculado à noção de controle pelos seus habitantes, principalmente frente às ameaças externas a determinadas dinâmicas locais. Muitas vezes, mesmo quando os moradores de um Bairro não possuem vinculações afetivas entre si, eles se unem para defender algo em comum. A partir de um certo número de habitantes, em uma certa extensão territorial, uma comunidade reivindica junto às instâncias públicas, seus direitos, o que não parece ser possível, por exemplo, na escala de uma rua e ou vila. Não sem razão, Barros afirma que:

O Bairro corresponde à dimensão de território ideal para a reivindicação coletiva. Em território maior, na região administrativa, surgem conflitos de prioridade entre um Bairro e outro; em escala menor, na rua domiciliar, as reivindicações esgotam-se rapidamente. É na escala do Bairro que se luta por obras civis, por segurança, por escolas e centros de saúde, por melhor transporte e mais lazer. Esta especificidade do Bairro torna-o uma unidade politicamente importante (BARROS, 2004, p.26).

A existência, por exemplo, de Associações de Bairro, demonstra bem este sentido. Em outras palavras, mesmo que o Bairro não seja essencial para a manutenção das relações sociais, é uma peça fundamental para a noção de controle social. Vale ainda destacar que o Bairro organiza-se sobre uma prática cotidiana da comunidade, das tradições de vizinhança e do sentido de pertença. Como nos explica Sousa, mesmo definidos por contornos de difícil consenso, os moradores legitimam o bairro como uma identidade socioespacial dentro da cidade:

[...] além de um determinado território, o Bairro se caracteriza por um segundo elemento: o sentimento de localidade existente em seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas do intercâmbio entre as famílias e as pessoas vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico: - o que é Bairro? – perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exprime numa frase o que se vem expondo aqui: - O Bairro é uma naçãozinha – Entenda-se: a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma unidade diferente das outras (SOUSA, 1987, p.57).

Compartilhando das ideias acima apresentadas, o trabalho procura entender o Bairro não apenas através de seus limites politicoadministrativos instituídos, mas estuda esta escala urbana a partir da vivência de seus moradores, avaliando até que ponto esses enfoques podem ser somados, visando uma forma de apreender sua organização espacial e replicá-la para os fins do planejamento urbano. Em síntese, o trabalho busca, na abordagem do Bairro, uma possível coincidência entre o espaço físico e o espaço social. Em geral, a linguagem utilizada para planejar o espaço da cidade é profundamente influenciada pelo espaço físico, apenas. Não se leva em consideração que:

Antes de tudo, o lugar é apenas uma ideia parcialmente materializada [...] e essa ideia se materializa, sobretudo, em cima de um dispositivo espacial, que é o que exprime a identidade do grupo [...] esse dispositivo espacial é por sua vez geométrico, cartesiano, tridimensional [...] formas simples que não caracterizam os grandes espaços políticos ou econômicos, elas definem principalmente o espaço doméstico, a escala de Bairro (AUGÉ, 1994, p.45-109).

O conceito adotado define o Bairro como unidade socioespacial da cidade, através da qual a identidade de uma comunidade é referenciada. Para isto, torna-se imprescindível que duas dimensões – configuração espacial e significados dados pelas pessoas – sejam articulados.

Considerações sobre o Capítulo

Diante do exposto, considera-se que o espaço da cidade não é uma construção apenas objetiva ou formal, mas algo que existe também sob o ponto de vista do sujeito que o experiencia. Analisar o espaço da cidade pressupõe analisar a percepção dada a ele pelo homem, pois é mediante seus sentidos e sentimentos que o espaço é apropriado. Dessa forma, o espaço da cidade é analisado sob a ótica das relações estabelecidas entre o habitante e o espaço vivido.

O conceito de Bairro trabalhado leva a concluir que sua leitura e definição deve ter como fundamento a identidade socioespacial que, por vezes, não corresponde aos limites politicoadministrativos estabelecidos institucionalmente. A última é imposta e geralmente ignora as particularidades intrínsecas do espaço socialmente construído. Assim, a definição de bairro adotada neste trabalho é a de uma área diretamente relacionada com a experiência, na qual as pessoas se identificam mediante referenciais socioespaciais.

CAPÍTULO 2: TEORIA (E) INSTRUMENTAL

Zevi (1979) lembra que o conteúdo do espaço não pode ser representado perfeitamente, sob nenhuma forma. Só pode ser entendido quando o tempo e o movimento atuam conjuntamente e proporcionam diversas visuais sucessivas, que variam de acordo com cada observador. Entretanto, em termos práticos, descrever espaços e experiências gerados pelo artefato urbano requer, de fato, um instrumental e ou um sistema de representação.

Na Arquitetura e Urbanismo, os sistemas de representação mais comuns são as plantas, cortes, fachadas, perspectivas e maquetes, que adotam uma concepção métrica e absoluta. Esses sistemas incorporam concepções de espaço pré-estabelecidas – no caso relativo a formas e funções. Considera-se que tais sistemas não são suficientes. Por isso os sistemas de descrição e representação do espaço da cidade, adotados neste trabalho, incorporam as abordagens conceituais discutidas anteriormente, influenciando decisivamente a compreensão do objeto de estudo.

Para alcançar o objetivo da pesquisa, fez-se necessário estruturar um referencial teórico-metodológico voltado à construção de um suporte analítico que abordasse três aspectos principais, relativos à: 1) configuração formal que estrutura o espaço do Bairro; 2) formas de experiência do espaço do Bairro; e 3) significação dos elementos espaciais nos processos de identificação do Bairro.

O uso deste referencial tem como objetivo relacionar aspectos relevantes para o estudo da cidade: variáveis relativas à descrição do espaço a partir das possibilidades de experiência socioespacial e variáveis concernentes aos significados do espaço conferidos pelas pessoas.

2.1 Configurando e significando: teoria e instrumental da Sintaxe Espacial

A descrição do espaço da cidade, desenvolvida em *A Lógica Social do Espaço (LSE)* (HILLIER; HANSON, 1984) partiu das principais dificuldades encontradas nas teorias disponíveis sobre as relações entre sociedade e espaço:

A razão para essa falta de progresso tem basicamente a ver com o paradigma pelo qual se conceitua o espaço, o qual, mesmo em suas vertentes mais progressivas,

postula um âmbito social mais ou menos abstrato – certamente a-espacial – ligado a um outro âmbito, puramente físico, do espaço. O paradigma, de fato, conceitua o espaço como não tendo conteúdo social e a sociedade como não tendo conteúdo espacial. Entretanto, não é possível termos nem uma coisa nem outra se existem leis de determinação entre essas duas instâncias (HILLIER, 1984, p. 147).

Partindo dessa evidência, a LSE propõe uma forma consistente de descrever a estrutura espacial da cidade a partir do entendimento de que: na organização do espaço há um conteúdo social e que na organização social, por sua vez, há um conteúdo espacial, ou seja, existe mútua influência entre espaço e sociedade.

Hillier sugere que essas interações se dão segundo as três leis do objeto arquitetônico e as descreve como sendo: a) as que emergem da configuração espacial, definindo um campo de possíveis arranjos espaciais, chamada *do espaço para o espaço*; b) as que também emergem da configuração espacial e definem um campo de probabilidades para a emergência de práticas sociais, referida como *do espaço para a sociedade*; c) as que emergem das relações sociais, ou seja, fazem parte das práticas sociais que definem as diversidades das sociedades humanas, chamada *da sociedade para o espaço* (AMORIM, 2007, p.103).

A teoria postula que a organização social se manifesta espacialmente, “seja elegendo locais para rituais ou representando signos de poder; seja classificando pessoas e exercendo controle através do espaço ou simplesmente através de encontros e interações tão comuns ao cotidiano das cidades” (FIGUEIREDO, 2004, p.40) e que o espaço interfere de volta, na organização social.

A operacionalização descritiva da teoria sobre o espaço é ao mesmo tempo engenhosa e simples. O primeiro passo é representar o contínuo do espaço urbano a partir de decomposições⁴. Depois, são utilizadas relações topológicas⁵ entre os espaços descritos. As relações topológicas, por sua vez, podem ser quantificadas e qualificadas a partir de medidas sintáticas⁶, que visam encontrar relações entre a organização espacial e a

⁴ São duas as formas de decomposição do espaço urbano: sistema convexo e sistema axial. Esses sistemas são detalhados no sub-item a seguir desta dissertação.

⁵ O conjunto de relações abstratas, como posição em um sistema, forma de conexão, relações de vizinhança e adjacência e outros e não as propriedades dimensionais ou métricas abordadas pela geometria.

⁶ São medidas sintáticas: Conectividade (*connectivity*), Controle (*control*), Profundidade (*depth*), Integração global (*global integration*), Integração local (*local integration*), Integração raio-raio (*radius-radius integration*),

organização social. É importante ressaltar que essas medidas levam em conta não só as unidades de composições do espaço, mas as relações entre as unidades com o todo.

Neste ponto, coloca-se um questionamento recorrente feito à Sintaxe Espacial: As propriedades abstratas das medidas sintáticas são reconhecidas pelas pessoas? Como são elas reconhecidas? Que sentido é dado pelas pessoas àquelas medidas? As comunidades constroem identidades a partir destas relações topológicas?

Outro conceito-chave da Teoria da Lógica Social do Espaço é o de *comunidade virtual* (HILLIER; HASON 1984). A comunidade virtual consiste em um campo potencial para encontros e interações e pode ser medido pelo grau de correlação entre as variáveis sintáticas. É válido ressaltar que a teoria não vincula essas relações a um caráter determinístico, e sim probabilístico, ou seja, o espaço da cidade é entendido por uma unidade composta de finitas sequencias de espaços que oferecem oportunidade para a emergência de interações sociais. A delimitação desta finitude é função tanto da configuração do espaço, *barreiras e permeabilidades*, quanto das escolhas dos indivíduos no espaço, a partir de suas experiências. “Eventos sociais emergem, portanto, desse campo de possíveis ocupações e encontros promovidos pelos arranjos espaciais” (AMORIM, 2007, p.92). O acúmulo dessas experiências permite deduzir a estrutura espacial e facilitar ou dificultar a orientação e o movimento em seu interior.

A principal variável utilizada para medir esse campo em potencial é a *acessibilidade*. A acessibilidade é dada pela média dos caminhos mínimos, ressaltando ser ela uma distância topológica e não métrica entre cada ponto de um sistema, em relação a todos os demais, tomados pelo menor número de conexões entre partes. O mais acessível é o ponto que estiver mais próximo de todos os demais.

Os pontos mais acessíveis orientam as localizações e as atividades, ou seja, são os espaços que possuem maior probabilidade de presença e distribuição de pessoas, do encontro, do estar. Dessa forma, os atratores urbanos (usos que atraem movimento) seriam multiplicadores de um padrão de comportamento anteriormente definido pela malha urbana. Contudo, os atratores se posicionam nas áreas mais acessíveis para tomar proveito

Inteligibilidade (*intelligibility*), Sinergia (*sinergy*), Escolha (*choice*). Algumas dessas medidas são detalhadas no subitem a seguir desta dissertação.

desse campo em potencial, enquanto que outros usos, como os residenciais, procuram as áreas de menor potencial de movimento. É dessa forma que o traçado urbano, através da sua configuração espacial, interfere nas atividades da cidade, organizando-as de acordo com o movimento natural.

A acessibilidade, assim como as demais medidas sintáticas, carece de uma legitimação referente a outros aspectos relativos ao comportamento das pessoas no sistema urbano. A Sintaxe Espacial aponta esta legitimação chamando a atenção para a sociedade que ordena o espaço a partir de uma **Cultura Espacial**. O espaço não é uma simples reprodução dos princípios sociais, mas uma escolha cultural, estratégica, dos padrões espaciais.

Ao considerar o espaço da cidade como produto cultural, faz-se necessário saber quais são as “opções” ou “condições” culturais específicas da sociedade em questão. Holanda (2002, p. 88) define *vida social* como sendo o conjunto de padrões culturais que funcionam como variáveis independentes, no que concerne a padrões espaciais e vida espacial. Segundo o autor, a Sintaxe Espacial deve estender o conhecimento para quando tais *condições naturais* (eventos prováveis) não se verificarem e ou quando essas condições possam ser interpretadas de forma diferente. Exemplo: quando um espaço menos *integrado* é objeto preferencial de desenvolvimento econômico, invertendo o ciclo da centralidade urbana vigente ou ainda quando os espaços centrais são os mais movimentados pelas atividades econômicas, extrapolando a variável espacial.

As condições frente à formação de identidades devem ser traduzidas em variáveis de controle, para que outros intervalos possam ser considerados ou validados. Diferentes tipos de valores, identidades, significados, afetam o nível de solidariedade entre os membros de uma comunidade. Grupos podem ser integrados ou segregados, não pela proximidade espacial, mas por identidades simbólicas.

[...] também, e embora todos os níveis analíticos do trio padrões espaciais/ vida espacial/ vida social tenham estado presentes na Sintaxe Espacial desde o começo da teoria, acredito que a pesquisa desenvolveu mais extensivamente o primeiro nível, até com grande sofisticação formal, **menos o segundo; e menos ainda o terceiro.** (HOLANDA, 2002, p.93, grifo nosso)

Sem dúvida, a criação de modelos que visam a representar a realidade sem considerar as identidades e vivências, pode recair em uma simplificação demasiada desta mesma realidade. A Sintaxe Espacial possui o grande mérito de mostrar em como as

propriedades de configuração espacial podem efetivamente constituir possibilidades para a interação dos indivíduos em espaços.

Os grupos sociais, todavia, anunciam-se e se projetam na vida cotidiana, dando sentido e identidade ao espaço. Deste modo, as relações sociais realizam-se e reproduzem-se nas práticas sociais, no uso dos espaços, nas vivências do cotidiano, nos saberes e desejos. Isso significa dizer que o uso do espaço envolve o indivíduo e seus sentidos, permitindo possibilidades e limitações nas várias formas de apropriação desse espaço. Portanto, aceitar um espaço e identificar-se com ele tem um reflexo direto na prática das formas de apropriação. “Não existem determinações, mas possibilidades. Inclusive possibilidades de romper hábitos, costumes e limites arquitetônicos quando o desejo é maior que a razão” (AMORIM, 2007, p.103).

Como a intenção é relacionar medidas sintáticas que traduzem as relações entre o espaço e os significados atribuídos aos espaços, recorre-se, neste estudo, às entrevistas com os moradores do bairro tomadas como uma variável de controle. Os significados dados pelos moradores do bairro ao espaço são considerados neste trabalho um instrumento de pesquisa capaz de oferecer um sistema de referenciais comuns aos indivíduos que vivenciam um determinado ambiente, possibilitando perceber o senso de identidade comum e os significados compartilhados.

2.2 Instrumentalização da pesquisa empírica

Os conceitos que servem para anunciar as dimensões simbólicas são vagos e o planejamento urbano requer, de fato, aspectos mais práticos, além do terreno impreciso e invisível da subjetividade. É, então, fundamental, estabelecer alguns parâmetros descritivos que possam relacionar os significados aos espaços.

Como a Sintaxe Espacial fornece uma descrição do espaço urbano que remete às relações entre a organização espacial e a organização social que a adota, torna-se essencial a presença de variáveis relativas à experiência do espaço. Tal tarefa requer procedimentos específicos como se verá a seguir.

2.2.1 Mapas de continuidade e levantamento do uso do solo.

A Sintaxe Espacial sustenta que certas propriedades primárias da malha urbana privilegiam determinados espaços em detrimento de outros, sendo capazes de orientar deslocamentos e hierarquizar percursos. Procura fazer uma descrição consistente das características topológicas do espaço urbano, de forma a compreender as características do convívio social dentro dele. Afinal, este convívio está intimamente ligado à sua morfologia. Esta relação de interdependência entre o espaço (entendido como sistema configuracional) e sociedade (sistemas de interações de pessoas em espaços abertos de uso coletivo) é descrita a partir da verificação de formações probabilísticas. Figueiredo explica o método de descrição do espaço pela Sintaxe Espacial da seguinte forma:

Ao contrário de Kevin Lynch, que utilizou pressupostos de espaço cognitivo para traduzir o que as pessoas entendiam como o espaço nas cidades (descrevendo algo construído no contexto do observador), Hillier e Hanson utilizaram pressupostos semelhantes para descrever o espaço em seus próprios termos. A Sintaxe Espacial trata o artefato arquitetônico ou urbano como um sistema de espaços contínuos e ordenados – uma organização espacial que é subjacente à forma que incorpora esse sistema. Para capturar esse padrão espacial, o sistema descreve os espaços como entidades descritivas extremamente simplificadas e depois estabelece um sistema de relações entre elas. Essas relações, por sua vez, levam em conta o sistema de espaços como um todo, explicando como a configuração local é influenciada por fatores globais. É assim que o sistema permite descrever, analisar e comparar morfologias bastante distintas com um mesmo instrumento (FIGUEIREDO, 2004, p.31).

O método da Sintaxe Espacial é composto por três passos:

- 1) Descrição do espaço urbano;
- 2) Construção do sistema de relação entre as entidades descritivas (construção de grafos para estabelecer relações topológicas);
- 3) Quantificação e qualificação das relações entre os espaços, por meio das medidas sintáticas.

Existem duas maneiras de descrever o artefato urbano: os sistemas convexo e axial. O sistema convexo é composto por polígonos determinados por duas dimensões, que representam espaços imediatamente percebidos por um indivíduo. Já o sistema axial, descreve o sistema contínuo de espaços abertos, como um conjunto de linhas (segmentos

de reta). Por sua vez, as linhas axiais compõem o mapa axial, isto é, o sistema de relação do menor conjunto de linhas que atravessam e conectam todos os espaços abertos do sistema (caminhos, ruas, avenidas, praças e parques), demonstrando os níveis de acessibilidade de cada linha perante o sistema, a partir das interseções entre elas – mudanças de direção (Figura 1). A distância topológica entre dois espaços equivale ao menor número de espaços entre eles (menor número de arestas).

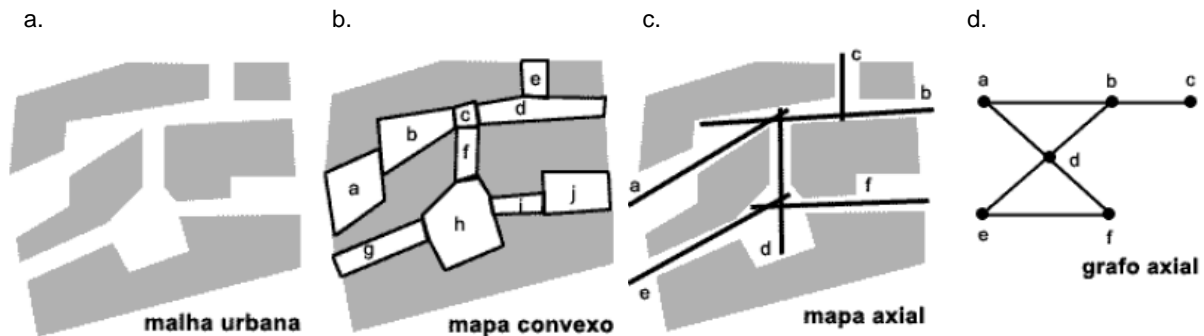


Figura 1: Metodologia de decomposição dos espaços abertos para a aplicação das análises na Sintaxe Espacial.

a. Sistema demonstrando os espaços construídos (cinza) e os espaços abertos (brancos).

b. Mapa convexo do esquema proposto.

c. Mapa axial do esquema proposto.

d. Grafo que representa o sistema axial construído. A partir dos Nós, o sistema de relações entre os espaços pode ser analisado por meio das medidas sintáticas.

Fonte: FIGUEIREDO, 2004, p. 29.

As medidas sintáticas são extraídas dos grafos previamente construídos, para quantificar qualidades que cada entidade possui neste sistema de relações. Assim, o objetivo das medidas sintáticas é medir de várias formas a diferenciação que caracteriza a ordem ou hierarquia implícita do sistema de relações analisado. Diversas são as medidas sintáticas que podem ser extraídas e relacionadas por meio do sistema. Neste trabalho, são utilizadas as seguintes medidas sintáticas:

a) Conectividade: número de linhas que interceptam uma determinada linha.

b) Integração global: a medida de acessibilidade topológica de uma linha a todas as demais linhas de um sistema. A medida de integração global é dada pela média dos valores de integração de suas linhas, variando de acordo com o número de passos ou mudanças de direção necessárias para alcançar as demais linhas. A quantificação desses passos mostra que uma linha é mais acessível (rasa), quando menor for o número de passos e, menos acessível (profunda), quando mais remota for sua acessibilidade. Pesquisas realizadas

mostram que existe forte correlação entre a propriedade de integração (acessibilidade) e a influência do movimento dos usuários na malha e necessidades locais de atividades.

c) Integração local: visa a comparar os passos necessários para alcançar somente as linhas mais próximas. Para isso, elegem-se raios (r) (número de passos ou mudanças de direção) que se deseja analisar. Esta medida se faz necessária para identificar características da articulação de elementos locais entre si, ou seja, o papel de cada elemento em um sistema local dentro do sistema global. Vários valores podem ser atribuídos a r , para se obter um determinado nível de diferenciação local desejada.

d) Profundidade: é a distância topológica de uma determinada linha para as outras linhas do sistema.

Através do mapa axial é possível perceber como todas as linhas de um sistema estão conectadas e como se dá a relação entre os diversos espaços. Figueiredo (2004, p.11) afirma que, ao mesmo tempo em que a aplicação do sistema axial comprovou sua utilidade e eficiência, revelou problemas e questionamentos. Entre eles, destaca-se a problemática da quebra de caminhos sinuosos em várias linhas. Isto faz com que o sistema axial diminua a importância destes eixos durante as análises, ocultando propriedades que estas linhas possuem quando trabalham juntas em relação ao restante do sistema. Os estudos de Figueiredo (2004) apontaram para um aprimoramento da técnica da axialidade para o entendimento dos grandes eixos segmentados.

A construção de linhas de continuidade (FIGUEIREDO, 2004) é um procedimento que corresponde à agregação de linhas axiais a partir de um ângulo máximo AA , viabilizando que caminhos curvos ou sinuosos sejam descritos como uma única entidade (Figura 2).



Figura 2: Agregação das linhas axiais em linha de continuidade para um ângulo máximo AA .

Fonte: FIGUEIREDO, 2004 (adaptado).

O resultado é a agregação de linhas tornando o sistema mais raso, conseguindo uma maior precisão em nível mais global. As linhas de continuidade apresentam os seguintes aprimoramentos, frente às linhas axiais:

- aumentam o grau de abstração e liberdade do sistema descritivo;
- não afetam as propriedades das linhas axiais (visibilidade e acessibilidade) pois são intrincadas com o movimento das pessoas na malha urbana;
- aumentam a correlação entre as medidas sintáticas e a dimensão métrica implícita;
- diminuem o número total de entidades no sistema.

Por outro lado, uma segunda problemática identificada no sistema axial assenta-se sobre a importância demasiada atribuída pelas análises a certas linhas muito longas (como grandes avenidas), frente às menores linhas do sistema. Hillier, Turner, Yang e Park (2007) procuraram demonstrar, contudo, uma dualidade nas análises do sistema axial: a malha urbana, em nível mais local, possui forte influência das distâncias métricas, enquanto na escala global, as medidas topológicas é que influenciam, com mais precisão, as estruturas urbanas como um todo e seu relacionamento com as diferentes escalas da malha urbana. Estes estudos tem procurado reduzir a distância entre as abordagens da Sintaxe Espacial e da abordagem métrica para viabilizar com mais clareza as dinâmicas da malha urbana, em nível mais local.

Assim como os estudos de Figueiredo apontaram para um aprimoramento do entendimento dos grandes eixos segmentados, um recente campo de análise dentro da Sintaxe Espacial tem procurado se debruçar sobre o comportamento das menores linhas do sistema. Esta abordagem encontra-se baseada no procedimento da *fragmentação da malha*. Neste, as linhas axiais são fragmentadas em cada nó de intersecção. A análise leva em consideração a relação de cada fragmento com as linhas vizinhas. Esta abordagem é pautada principalmente em ponderações métricas na escala local onde são relacionadas as medidas sintáticas (integração local, menores caminhos percorridos entre pontos do sistema - *fast choice* e dimensão das linhas - *length*) a partir de distâncias métricas máximas. Alguns trabalhos mostram resultados significativos na identificação de sub-centros a partir dos menores caminhos escolhidos para os percursos e maior facilidade de acesso às habitações (Figura 3).

Os resultados conseguidos por este procedimento, até o momento, sugerem que existem zonas espacialmente distinguíveis na malha urbana. Contudo, ainda não foram desenvolvidas medidas sintáticas funcionais que demonstrem inequivocamente que os raios de abrangência que formam a fragmentação da malha são forças importantes para moldar os padrões funcionais da cidade (já que nos estudos realizados, não foram comprovados

padrões de usos/atividades nestes fragmentos). O que está claro, até o momento, é que o procedimento aponta a relevância das distâncias métricas e o padrão de discontinuidades da malha urbana, principalmente em escala local.

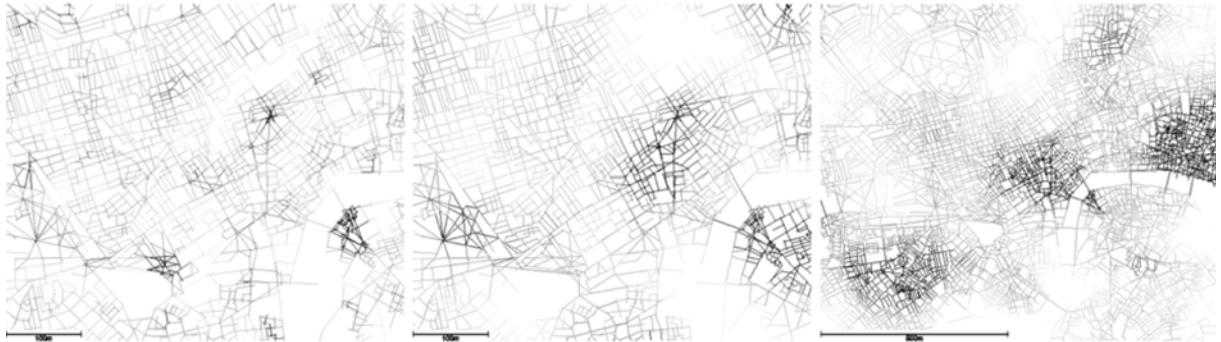


Figura 3: A assinatura métrica de parte do centro de Londres, em raios de 0,5 km, 1,5 km e 3,5 km

Fonte: HILLIER, TURNER, YANG e PARK, 2007, p. 14.

Esta dissertação, mesmo tendo como interesse maior observar aspectos mais locais da malha, optou pela incorporação da aplicação das *linhas de continuidade*. O uso desta técnica descritiva se justifica pela estrutura da malha urbana de Fortaleza, caracterizada, como será mostrado no Capítulo 4, por um conjunto de parcelas regulares (loteamentos) que não se agregam de forma contínua. Contudo, estas parcelas são conectadas por grandes eixos (avenidas rádio concêntricas), que sem a agregação das várias linhas que os compõe, acabariam por não demonstrar a relevância e impacto do sistema mais global sobre o sistema local. Um caminho alternativo seria a aplicação da *fragmentação da malha*, todavia, como já exposto anteriormente, ainda carece de subsídios para sua utilização. Para a análise da escala local, optou-se por relacionar padrões espaciais aos referenciais espaciais obtidos com os resultados das entrevistas realizadas com os moradores.

Todas as medidas sintáticas foram extraídas do Mapa de Continuidade a partir do *software Mindwalk Xspace* (FIGUEIREDO, 2005) e aferidas, neste trabalho, mediante o destaque do Núcleo de Integração (5% das linhas mais integradas do sistema) e por meio de uma escala cromática que vai do vermelho ao azul, sendo a representação dos maiores valores de integração, as linhas que tenderem a cores mais quentes, como vermelho e laranja. É importante esclarecer que nas análises não foram separados fluxos de veículos e de pedestres, pois, a partir de observações de campo, não se pôde, de fato, identificar percursos exclusivos ao pedestre. Isto pode ser justificado pela má qualidade e quase

inexistência dos passeios e atravessamentos voltados para este fim e pelo fluxo reduzido de automóveis na maioria das vias internas do Bairro, onde os pedestres circulam livremente.

A Sintaxe Espacial, como colocado anteriormente, mostra em como as propriedades de configuração podem efetivamente constituir pré-requisitos para a interação local em espaços públicos. Contudo, pode-se ter uma grande variação da co-presença, por exemplo, ao longo de uma linha, dependendo dos padrões de uso do solo. Daí a necessidade da complementação dos mapas sintáticos com outro procedimento adotado através da observação de campo: o levantamento do uso do solo. Este levantamento visa mapear as atividades realizadas no tecido urbano, principalmente as de natureza residencial, comercial, serviços, equipamentos de uso comunitário e pontos de acesso ao transporte público, entendidos como pontos de atração de pessoas e geração de movimento.

A intenção foi a de detectar se, nas linhas mais acessíveis, existe, de fato, a diversidade de uso dos espaços e se, quanto mais diversificados eles forem, mais significativos serão para a população os espaços em questão. Contudo, que tipo de significados esses referenciais espaciais possuem para as identidades socioespaciais?

A inserção de variáveis qualitativas que possibilitem avaliar e legitimar as medidas sintáticas dá-se em função da verificação real das significações e identidades das pessoas nestes espaços. A abordagem complementar à Sintaxe Espacial, escolhida como variável de controle para o desenvolvimento deste trabalho usa como suportes os discursos das pessoas e a interpretação dos meios locais de comunicação.

2.2.2 Comunicação Social e Entrevistas Semiestruturadas.

Visando apreender os sentidos dados pelos moradores acerca dos espaços do Bairro, o método de investigação, por conseguinte, combinou duas fontes de informação sobre o ambiente analisado: pesquisa dos meios de comunicação locais associada à entrevista individual semiestruturada.

a) Comunicação social local

A veiculação das informações via meios locais de comunicação é de fundamental importância por ser o suporte dos acontecimentos na vida cotidiana e de sua divulgação. Em

busca de apreender o significado dado aos espaços do bairro mediante o estudo dos meios de comunicação, foi considerada a experiência de comunicação social local. Deu-se destaque principalmente à página eletrônica *bairroellery.com.br*. Este veículo de comunicação local foi reconhecido como suporte essencial para a difusão e compartilhamento das informações referentes às identidades socioespaciais do Bairro.

Antes de aprofundar os procedimentos relativos à análise do conteúdo veiculado pela página eletrônica, é válido ressaltar o processo histórico que culminou nesta experiência de comunicação.

Da rádio ao sítio.

A Rádio Comunitária Mandacaru FM, fundada em 1998 no Bairro Ellery, tinha como objetivo inicial manter uma produção diferenciada das rádios comerciais, permanecendo próxima, tanto fisicamente quanto em termos de linguagem, ao público específico do bairro. Veiculava-se pela rádio um discurso e uma prática afirmativa e positiva que valorizava a comunidade local.

Neste contexto, segundo Oliveira⁷, em artigo intitulado *Comunitária Mandacaru FM: trajetória e recepção*, a emissora comunitária se viu diante da necessidade de definir seu projeto, seguindo parâmetros que não são mais os idealizados por uma concepção de comunicação popular distanciada do contexto massivo, mas que, na prática, depara-se com a concretização de que trabalhar com a pluralidade cultural implica em considerar tanto as expressões da cultura de massa quanto as práticas culturais e educativas populares que estão mais próximas de seus ideais comunicativos.

Os laços entre a comunidade se estreitam, a consciência política e o poder de organização se ampliam, consolidando o exercício da cidadania. Quando os jovens se reúnem, para escutar determinado programa, como acontece na Mandacaru FM, o fim aí não é exclusivamente o consumo, mas identificar e unir, de forma solidária, os militantes de um movimento cultural no interior de uma comunidade. Essa visão simbólica, virtual, é um momento de afirmação cultural decisivo, assumindo uma dimensão política e social, que aponta para a importância das vivências coletivas, no interior da sociedade, como prática capaz de fortalecer a

7 Professora Doutora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), jornalista Catarina Tereza Farias de Oliveira teve a Mandacaru FM com objeto de estudo de seu doutorado.

autoestima social, gerando avanços nos processos de organização política e social e na direção do exercício de uma cidadania compromissada com as causas coletivas (OLIVEIRA, 2002, p.10).

Não foi um programa específico de qualquer ritmo que proporcionou a convivência no espaço do Bairro, mas as vivências culturais em torno destes gêneros, em conjunto com a proposta coletiva da emissora, constituindo, assim, parte da atmosfera em torno de questões sociais e culturais no espaço do Bairro.

A rádio foi, claramente, um instrumento de reafirmação das práticas coletivas do Bairro através da consolidação de uma identidade cultural. Além disso, transmitia, claramente, um sentido positivo ou afirmativo para a construção dessa mesma identidade coletiva do Bairro. Essa vivência cidadã, através da participação coletiva na construção de uma mídia própria, fortaleceu os laços de solidariedade do Bairro, a noção de coletivo e o sentido de territorialidade.

A transformação obrigada da rádio, de sistema amador para a legalização da transmissão fez surgir uma nova relação entre a cidade e o Bairro, que guardava implicações diretas com a programação da rádio e esta, por sua vez, com a comunidade local. A tensão foi mostrada, principalmente, na fala dos membros da rádio e dos seus colaboradores que são ou foram moradores do Bairro. Embora ressaltem em tom de positividade a mudança para o sistema de transmissor, a Rádio parece ter deixado em segundo plano uma série de serviços que a legitimaram quando de seu nascimento frente à comunidade. As exigências financeiras para viabilizar a regulamentação da rádio puseram em risco o sustentáculo de sua existência, o voluntariado, e colocaram em risco também o próprio projeto da rádio comunitária. Construir um projeto que tivesse como alvo a possibilidade de uma maior audiência colocou em risco a relação estabelecida com o entorno imediato do Bairro agravado pela ausência de recursos, sentenciaram o fim da rádio.

O sítio do Bairro Ellery

Moradores de vários Bairros vem descobrindo que, além dos sistemas de Rádio Comunitária, a Internet pode ser eficiente, também, para promover a discussão de temas de interesse da comunidade.

No Bairro Ellery, a utilização de meios de comunicação seguiu a trajetória dos movimentos sociais urbanos emergentes na segunda metade dos anos 70 e início da década de 80. Esse foi um período no qual as manifestações populares editaram

seus jornais comunitários e criaram suas radiadoras. Na década de 90 muitas das experiências com as radiadoras se transformaram em rádios comunitárias FM's, entretanto, com o fechamento da maioria delas, têm surgido novas experiências comunicativas, a utilização da internet e a criação de página eletrônica é uma dessas novidades. (OLIVEIRA, 2008, disponível em www.bairroellery.com.br, p.5)

No caso do Bairro Ellery, isto pode também ser entendido como o prosseguimento da necessidade de comunicação entre seus moradores. Segundo Aguinaldo Aguiar: “o sítio surge não para substituir a rádio (Mandacaru FM), para fazer o que ela fazia, mas como uma nova forma de comunicação que a gente considera bastante positiva.” O quadro a seguir apresenta a trajetória dos meios de comunicação local do Bairro (Quadro 1).

Quadro 1: Trajetória dos meios de comunicação do Bairro Ellery

Período/Ano	Tipo de meio de comunicação	Nome do meio de comunicação
Década de 80 (circulação irregular)	Jornal comunitário	Garra Comunitária
1991-1998	Sistema de som	Rádio Comunitária do Bairro Ellery
1998 - 2003	Rádio comunitária	Rádio Mandacaru FM (Movimento de Democratização da Informação e da Comunicação) - não conseguiu concessão e foi fechada pela ANATEL.
2006	Sítio eletrônico	www.Bairroellery.com.br .

Fonte: Diversas em bairroellery.com.br, 2009.

A trajetória do sítio inicia-se em dezembro de 2005, com os preparativos para o carnaval de 2006, quando um grupo dos organizadores do bloco “Sai na Marra” criou uma página eletrônica. A ideia inicial era ter uma presença simples na internet, dando acesso aos foliões às fotos tiradas nos desfiles do bloco de carnaval local. Essa ideia inicial evoluiu, tornando-se uma página mais elaborada, de caráter social, com serviços e funcionalidades que, de fato, pudesse ajudar e representar a população do Bairro. O sítio entrou no ar em 14 de janeiro de 2006, incluindo uma série de outras funções.

A criação do sítio do Bairro Ellery surgiu de uma ideia antiga do Aguinaldo. No início, nós pensamos do que poderia ser a página eletrônica, para que ia servir. Então a gente deu uma estudada em outras páginas eletrônicas de Bairro, mas todos eles são muito comerciais [...]. Então, o sítio é uma coisa pra ser do Bairro, feita pelo Bairro, com notícias do Bairro, em que as pessoas do Bairro possam estar se identificando. E aí foi uma surpresa muito grande, o número de acessos foi muito alto, o recorde do sítio é de 22.000 visualizações num dia só, quer dizer isso é um recorde de página eletrônica grande. 22.000 acessos num dia para um página

eletrônica local é uma coisa extraordinária. (Trecho de entrevista com Daniel Almeida Chagas, desenvolvedor do sítio do Bairro Ellery no dia 27/06/2006 à Juliana Almeida Chagas, Revista Farol).

O sucesso do sítio do Bairro Ellery, na Internet, também se deu por conta das parcerias entre as *Lan Houses*⁸ do Bairro (Figura 4). As *Lan Houses* populares, com acesso a R\$ 1,00 por hora, são os maiores veículos naturais de inclusão digital. O sítio do Bairro Ellery conseguiu atrair o interesse da população local trazendo histórias e notícias âmbito local.

O Bairro tem várias pequenas *Lan Houses*, que entraram em parceria conosco a gente exibe uma propaganda da *Lan House* e esta coloca a página do Bairro como página principal nos computadores. Então todos que estão entrando nas *Lan Houses* do Bairro estão vendo o Bairro, notícias do Bairro, informações realmente criadas dentro do Bairro e não aquelas coisas copiadas de outra *página eletrônica*. (Trecho de entrevista com Daniel Almeida Chagas, desenvolvedor do sítio do Bairro Ellery na Internet no dia 27/06/2006 à Juliana Almeida Chagas, Revista Farol).



Figura 4: *Lan House* localizada no Bairro e parceira do sítio.

Fonte: Pesquisa direta, 2008.

O sítio possui um caráter não-comercial, tendo sua renda com publicidade revertida na manutenção técnica. Porém, esta renda não é suficiente. A página se mantém no ar sempre com recursos de projetos e apoios institucionais e governamentais.

Para análise deste veículo, foi realizado um mapeamento por temas do que é comunicado sobre o Bairro. Foram destacados os elementos de onde são claramente significados os espaço do Bairro. As informações foram analisadas sob o prisma dos aspectos relativos aos referenciais socioespaciais e divididas em seis categorias temáticas, a saber: i) Mobilização social para construção do espaço urbano; ii) Instituições de referência e de

⁸ Rede local de computadores.

representação comunitária; iii) Conquistas socioespaciais por meio da organização comunitária; iv) Evolução do espaço do Bairro; v) Espaços públicos; vi) Territorialidade e limites.

b) Entrevistas individuais semiestruturadas

Dada à natureza do estudo, adotou-se a entrevista semiestruturada como instrumento apto a captar os significados atribuídos pelos entrevistados aos espaços do Bairro. Nesta etapa, a ideia era garimpar, no cotidiano dos habitantes do bairro, os seus olhares em relação ao seu Bairro e os aspectos relativos à apropriação do espaço.

A entrevista semiestruturada utiliza-se de questões que servem para orientar a conversa, deixando o entrevistado com liberdade para exprimir suas relações para com os temas propostos, dando flexibilidade às respostas. A principal recomendação da bibliografia consultada versa sobre a qualidade das perguntas. Jodelet (1989b) sugere que as perguntas iniciais devem possuir um caráter mais concreto, factual, relacionadas a experiências cotidianas, para, gradativamente, passarem a perguntas que envolvam reflexões mais abstratas e julgamentos. Esta lógica de pensamento tem cunho psicológico, que visa conduzir o respondente a se sentir confortável ao responder as perguntas. A intenção é conduzir um processo reflexivo, sem fazer com que o respondente se sinta induzido e ou coagido a optar por uma posição ou ideologia.

A sequência de perguntas adotadas seguiu estas orientações básicas metodológicas, tentando captar os níveis de apropriação (pertencer ou não ao lugar), apego (vinculação ao lugar) e identidade socioespacial (conjunto de valores, atitudes que fazem parte da identidade do indivíduo no lugar).

Composta por oito questões abertas, a sequência das perguntas procurou atender aos objetivos da pesquisa, embora nem sempre fosse linearmente seguida. O interesse era captar os significados dados aos espaços, e, por isso, por vezes, as questões foram modificadas de acordo com o informante. A coleta e tratamento dos dados percorreram os seguintes passos (Figura 5):

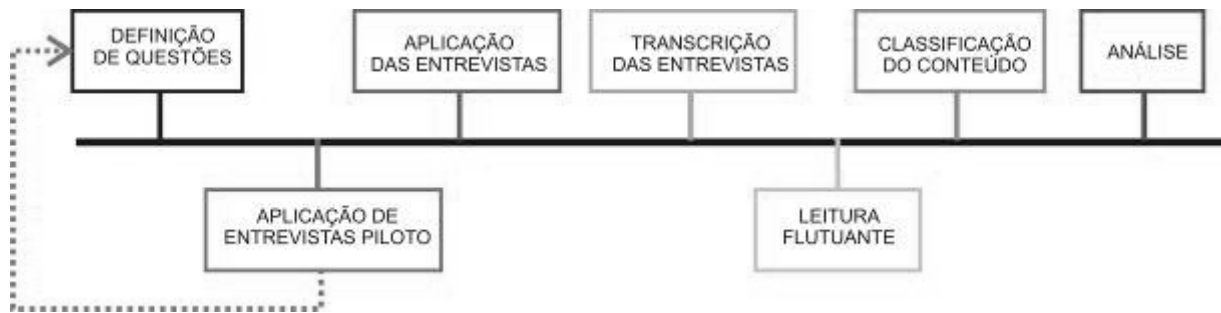


Figura 5: Percurso esquemático da coleta e tratamento de dados a partir das entrevistas semiestruturadas.

Fonte: Pesquisa direta, 2009.

O instrumento final, baseado em um pré-teste, compôs-se do seguinte roteiro temático (Apêndice A):

Desenho: o desenho, propositadamente, como primeiro item da entrevista, funcionou como elemento desencadeador do processo. No enunciado da questão, pedia-se que o entrevistado desenhasse sua forma de ver e de sentir o Bairro. Não era objetivo identificar o significado do desenho, que ficou a cargo do próprio entrevistado, na pergunta subsequente. O desenho emite os sentimentos dos respondentes através de livre-expressão. Logo em seguida, estes sentimentos são expressos de forma verbalizada, fazendo com que, a partir deste momento, o respondente passe a refletir sobre seus próprios sentimentos a respeito do lugar.

Significado do desenho: esclarecimento daquilo que o entrevistado quis representar com o desenho, tendo como objetivo limitar a interpretação da pesquisadora e conseqüente interferência.

Referencial identitário: questionamento sobre o nome do Bairro e sua diferença dos demais vizinhos e ou características desse diferencial. A finalidade estava em captar o referencial espacial identitário mais óbvio e primitivo.

Referencial espacial e percursos: foi solicitado que o informante apresentasse seus referenciais espaciais do Bairro, como limites, equipamentos, praças, assim como a descrição dos caminhos mais frequentemente percorridos em suas atividades cotidianas no Bairro. A intenção era captar a escala da vida do informante no Bairro, quais os caminhos mais acessíveis, facilitadores da mobilidade, as atitudes tomadas em relação aos percursos escolhidos, nível de envolvimento com o lugar.

Pertencimento: questionamento sobre a possibilidade da escolha de outro Bairro para morar. O objetivo era o de captar os níveis de vinculação e noção de apego ao lugar.

Sentimentos em relação ao Bairro: solicitação ao entrevistado que expressasse seus sentimentos com relação ao Bairro.

Palavras-sínteses: solicitação ao entrevistado que sintetizasse o seu Bairro com uma palavra. Esperava-se que, desta questão, emergissem de aspectos simbólicos.

Significado de Bairro: este item voltava-se à captação de sentimentos ainda não emitidos. Na resposta a esta questão, o entrevistado podia falar, ainda, sobre algo mais do que pensava sobre o sentido de Bairro.

A aplicação das entrevistas procurou estabelecer alguns critérios. O primeiro deles foi a opção metodológica de trabalhar apenas com moradores do Bairro. Seguindo esta lógica, buscou-se manter o referencial da residência como local de aplicação das entrevistas, tentando-se cobrir toda a extensão do Bairro. Procurou-se, também, a diversidade de sexo e idade entre os moradores. O raio de abrangência das casas no espaço do Bairro procurou respeitar a identificação dos moradores com o Bairro Ellery. Sempre os entrevistados informavam que o lugar de sua residência não era mais no Bairro, a inquirição era interrompida (Figura 6).

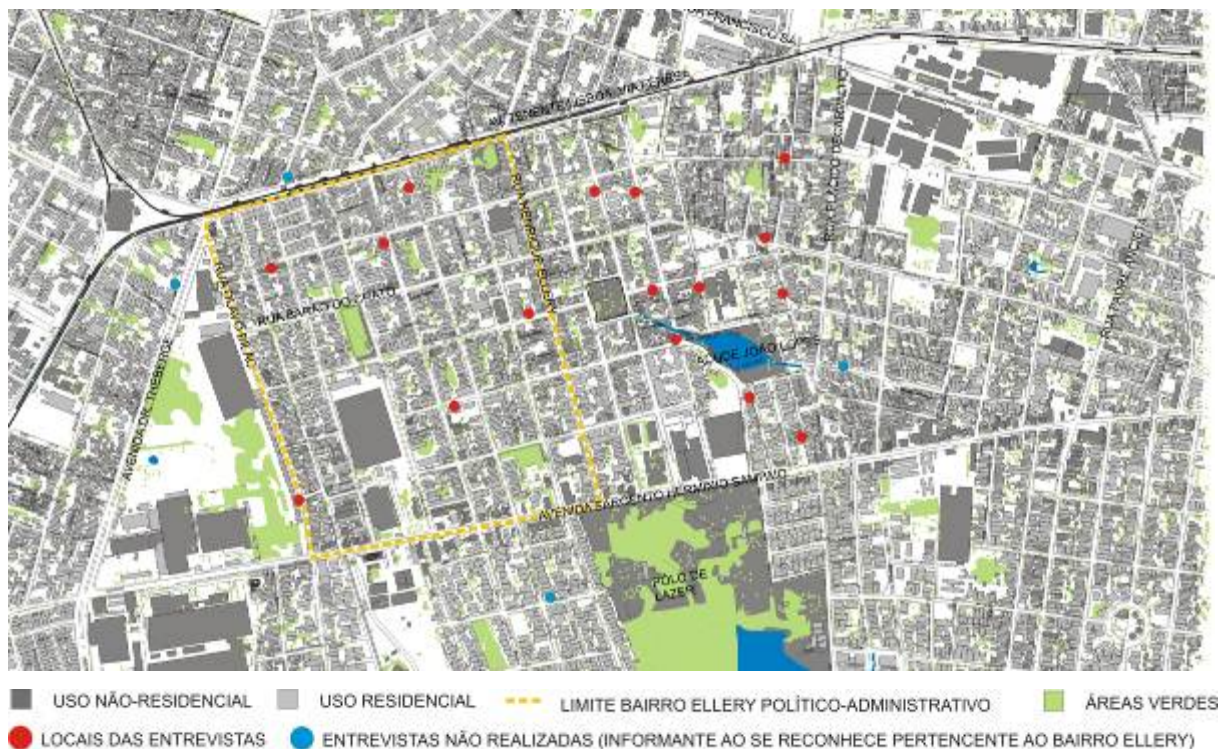


Figura 6: Localização da aplicação das entrevistas. Fonte: Pesquisa direta, 2009.

A definição do número de entrevistas não obedeceu a um recorte quantitativo. É importante salientar que, apenas com a variação das respostas, foi possível obter resultados interpretáveis: os compartilhados pela maioria da população, as variações e a relação de acordo ou desacordo. Consideraram-se suficientes as entrevistas, quando estas apresentaram repetição de informações (MINAYO, 1994).

Não houve dificuldade para a realização das entrevistas. O contato com os entrevistados foi variado. Alguns deles foram contatados mediante a aproximação feita, previamente, com a Associação Comunitária do Bairro Ellery (ACBE). Muitas vezes, os entrevistados acompanhavam o entrevistador até a casa de outro morador, apresentando o objetivo da pesquisa. Isto facilitou o acesso aos entrevistados.

2.3. Análise e interpretação das informações

Para apreender os sentidos dados aos espaços do Bairro Ellery, foram concentrados esforços nas falas dos indivíduos entrevistados e nas informações veiculadas nos meios de comunicação. A análise por temas conduziu à descoberta de unidades de sentido de acordo com a frequência que era registrada nas entrevistas.

A análise das informações coletadas percorreu os seguintes passos: 1) ordenação, 2) classificação e 3) análise final. A ordenação dos dados consistiu na transcrição das entrevistas gravadas, preservando-se sua originalidade, na leitura flutuante dos textos adquiridos e transcritos, na pré-análise do conteúdo das entrevistas, na categorização e representação gráfica (esquematisação gráfica dos espaços referenciados).

Vasculhou-se na frase, no conjunto de orações, ou ainda, insistiu-se na repetição de frases, procurando o que representasse o resumo da fala. As opiniões emitidas foram extraídas e mapeadas por entrevista e dispostas em categorias. Foram classificados temas tomados a partir das referências conceituais utilizadas na pesquisa, dos objetivos desta e do conteúdo das entrevistas. Os discursos foram categorizados em unidades, com fins de diferenciação e associação, permitindo uma visualização dos dados em um quadro sintético com as seguintes categorias temáticas (Quadro 2):

Quadro 2: Categorização temática das entrevistas semiestruturadas.

Identificação	Estrutura do desenho	Interpretação do desenho pelo informante (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do Bairro	Definição do Bairro	Pertencimento / Apego ao Bairro.	Sentimento
1)Nome 2)Sexo 3)Idade 4)Endereço 5)Tempo de residência no Bairro 6)Renda 7)Ocupação 8) Grau de instrução 9) Participa de grupo ou associação	1. Mapa configuracional: desenho de edifícios Caminhos ou limites; 2. Mapa Metafórico: desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.	Explicação do respondente sobre o desenho.	A consistência da nomenclatura e a problemática dos limites Referenciais espaciais explicitados.	Características pelas quais os moradores se identificam com o Bairro.	Comparação do Bairro com algo pelo respondente, que tem como função a elaboração de metáforas.	Níveis e referências de vinculação/pertença ao Bairro	Expressão afetiva do respondente sobre o Bairro.

Sentido da representação (dado pela pesquisadora)**Positivo**

Identificação e pertencimento

Sentimentos, emoções e referenciais de vinculação com o Bairro

Contrastes

Contradições

Sentimentos, emoções, referenciais contraditórios, polarização positiva e negativa.

Negativo

Indiferença

Sentimentos, emoções, referenciais que envolvem instabilidade, negatividade, desapego.

Fonte: Pesquisa direta, 2009.

Em relação aos veículos de comunicação investigados, a análise foi dividida em duas partes: na primeira, buscou-se tecer ponderações sobre os objetivos e alcances na comunicação do Bairro e, na segunda, as informações veiculadas foram categorizadas conforme os temas mais divulgados.

Considerações sobre o Capítulo

O referencial teórico-metodológico tomado neste capítulo teve como finalidade possibilitar o entendimento de como os atributos sociais se organizam espacialmente e como o espaço reflete as práticas sociais. Por um lado, o instrumental descritivo da Sintaxe

Espacial fornece as ferramentas para analisar e entender que as propriedades da configuração espacial podem efetivamente constituir possibilidades de experiência espacial. Por outro lado, as entrevistas e os mecanismos de comunicação local, tomados como variáveis de controle fornecem um instrumental capaz de articular os aspectos da vida cotidiana de uma comunidade com os processos de significação e identificação socioespacial. Permite desvendar, no caso dos espaços da cidade, os significados, as identidades, e as ideias socialmente construídas e compartilhadas, referenciadas espacialmente.

A questão principal colocada ao se associarem esses aportes, é como as possibilidades promovidas pela configuração espacial, e descritas pela Sintaxe Espacial, são referenciadas pelos moradores, e como esses resultados podem contribuir para a definição das partes constituintes da cidade: os bairros.

Ao trabalhar com as entrevistas, trata-se o espaço levando em conta sua dimensão simbólica ao somar aspectos alheios a provocações imediatas da configuração urbana, como a vivência e a percepção espacial, que são diretamente influenciados por sentimentos de afeto, status, desejos e expectativas. Tenta-se captar o bairro como lugar da cidade pelo nível de apropriação e identidade dos moradores, a partir das relações e práticas compartilhadas e socialmente construídas e referenciadas espacialmente.

CAPITULO 3: CONTEXTO

A definição de Bairro, formulada no primeiro capítulo, é a de uma área diretamente relacionada à experiência, na qual as pessoas se identificam mediante aspectos socioespaciais. Os referenciais conceituais trabalhados levam a concluir que a leitura e definição do bairro devem ter como fundamento a identidade socioespacial, que, por vezes, não corresponde aos limites politicoadministrativos estabelecidos institucionalmente. Daí o problema: a contradição entre a “realidade cotidiana” e a “realidade institucional”. A última é imposta e, geralmente, ignora as particularidades intrínsecas do espaço socialmente construído.

O recorte deste estudo – o Bairro Ellery – é entendido como um suporte social e espacial, construído no tempo. Nesse sentido, fica evidente a necessidade de tecer, ao longo deste terceiro capítulo, considerações sobre este Bairro, com o objetivo de contextualizar a opção pela escolha dele no universo da cidade de Fortaleza.

A observação direta do ambiente pesquisado foi condensada em um conjunto de anotações e fotografias. Tornou-se necessário descrever o Bairro através das suas características físicas, atividades, ocupação dos moradores. O objetivo fundamental foi a familiarização com os dados conseguidos nas entrevistas semiestruturadas e nos meios de comunicação locais e a sua confrontação frente à realidade no cotidiano do Bairro.

3.1 Produção do espaço urbano em Fortaleza

Fortaleza tem merecido pouco destaque nos estudos urbanos, em nível nacional, muito embora esta cidade tenha se destacado, particularmente, no que se refere ao seu acelerado crescimento demográfico e econômico ocorrido, sobretudo, nas últimas duas décadas. Este destaque se registra espacialmente, num arranjo urbano que se traduz em expansão territorial da metrópole.

A primeira divisão intraurbana adotada pelo município foi a distrital (Figura 7a). Em princípio, os núcleos urbanos situaram-se no Centro e na Praia de Iracema, com núcleos urbanos dispersos em Antônio Bezerra, Parangaba, Mondubim e Messejana (referentes às sedes dos distritos). A expansão do núcleo urbano principal, a partir dos anos 30, deu-se primeiramente a oeste (Jacarecanga) e posteriormente a leste (Aldeota). Junto a essa

expansão, também ocorreu a valorização da terra. Desde a última década, porém, a centralidade econômica e imobiliária tem tomado uma nova direção em sua expansão, para a região sudeste do município, compreendida dentro da área territorial do antigo distrito de Messejana e parte do município de Eusébio (RMF).

Em decorrência da expansão urbana, “iniciou-se, então, uma contradição entre a cidade como organismo físico e socioeconômico e a cidade do ponto de vista politicoadministrativo” (VILLAÇA, 2001, p. 51) (Figura 7).

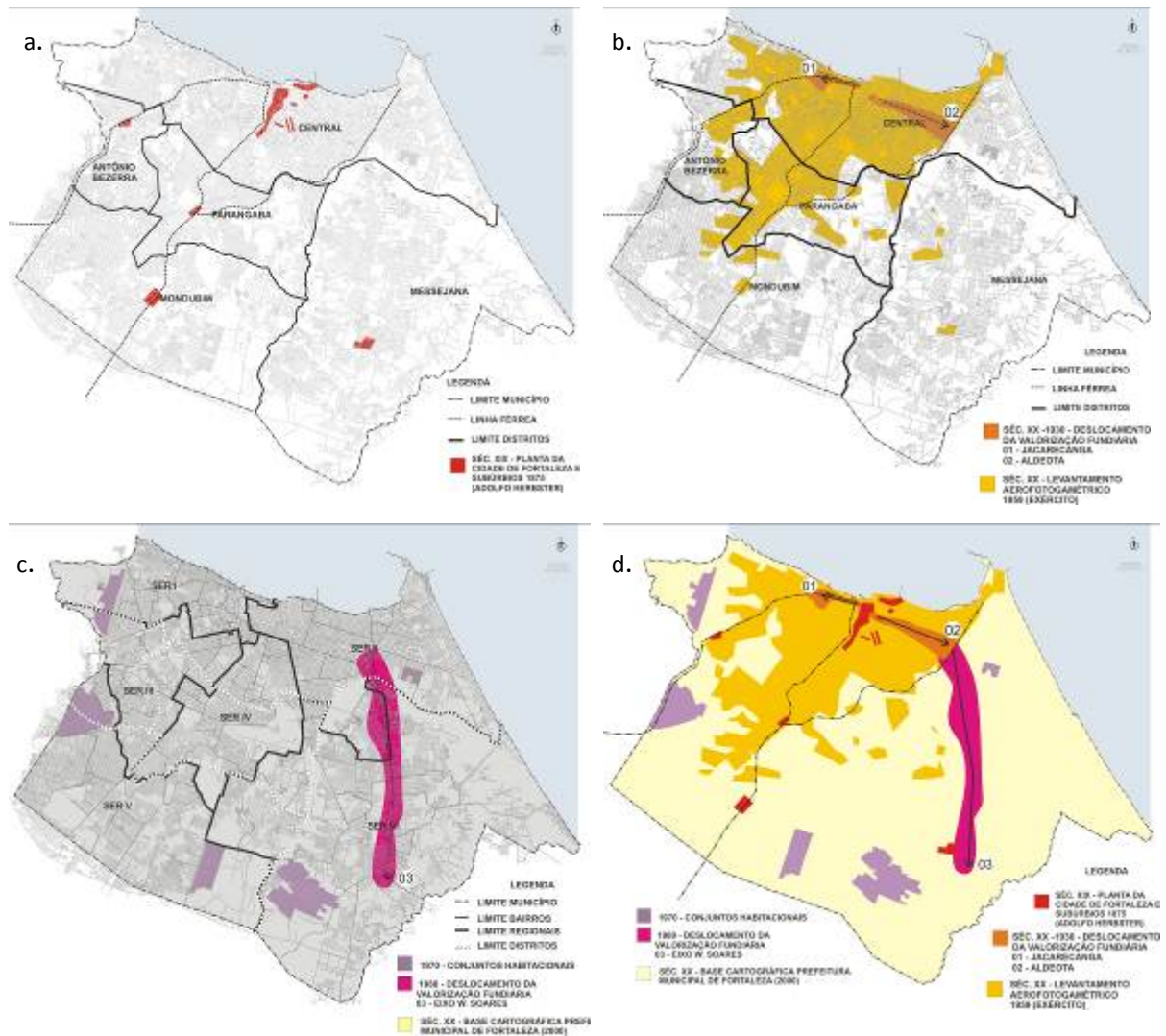


Figura 7: Esquemas processo de evolução espacial do município de Fortaleza.

a. Núcleos urbanos primários (séc XIX) e a divisão intraurbana em distritos.

b. Mancha urbana na década 1950, 1º deslocamento da valorização fundiária e divisão intraurbana em distritos.

c. 2º deslocamento da valorização fundiária, localização dos principais conjuntos habitacionais periféricos da década de 1970 e divisão intraurbana em Secretarias Executivas Regionais

d. Síntese dos processos de expansão do território urbano de Fortaleza (1875-2005). Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2005 (Adaptado).

Fortaleza, assim como outras grandes cidades brasileiras, presenciou um acúmulo de processos que acarretaram em uma distribuição espacial profundamente desigual, em termos de acesso dos seus habitantes à moradia, às infraestruturas e serviços urbanos. Considerando-se os últimos 50 anos, podem ser identificados, apesar das particularidades de cada cidade, a partir de três momentos os quais são esquematizados a seguir (DINIZ; LACERDA; ZANCHETI, 2000).

O primeiro momento corresponde ao *Modelo Extensivo*, intensificado nas décadas de 1960 e 1970, caracterizado pelo espraiamento das fronteiras da cidade. Um grande contingente de população migrante ocupou desordenadamente⁹ as áreas livres distantes dos centros tradicionais das cidades, por meio de diversas formas de assentamento (invasões, loteamentos irregulares e ou clandestinos, ocupação de áreas de preservação ambiental, construção de grandes conjuntos habitacionais de promoção pública e privada). Essa expansão não considerou o provimento das infraestruturas básicas necessárias, tendo como consequência a geração de sérios impactos socioambientais. O resultado foi uma centralidade provida de infraestrutura e uma vasta periferia desassistida. Os terrenos localizados entre o centro e a periferia, quer fossem “vazios urbanos”, quer áreas subocupadas, foram valorizados (aferição de renda à terra) e, posteriormente, alvo de investimentos imobiliários (geração de lucro). Especuladores imobiliários captavam a valorização proporcionada pelos gastos públicos em infraestruturação urbana (Figura 8a).

O segundo momento, correspondente ao *Modelo Intensivo* de ocupação (principalmente nas décadas de 1970 e 1980), caracterizou-se pela revalorização da terra urbana, mediante processos de adensamento construtivo em certas áreas da cidade e o surgimento de novas centralidades. A verticalização foi adotada como o modelo preferencial de habitação da classe média, mas esta densificação ocorreu, na maioria dos casos, em áreas com provimento de infraestrutura. Esse momento foi marcado pelas migrações intraurbanas e a consequente decadência de centralidades tradicionais (Figura 8b).

⁹ Desordenadas, se observadas estritamente sob a ótica legal do planejamento urbano tradicional. Contudo, essas ocupações possuem uma lógica própria e apresentam-se consolidadas, como partes fundamentais constituintes da cidade.

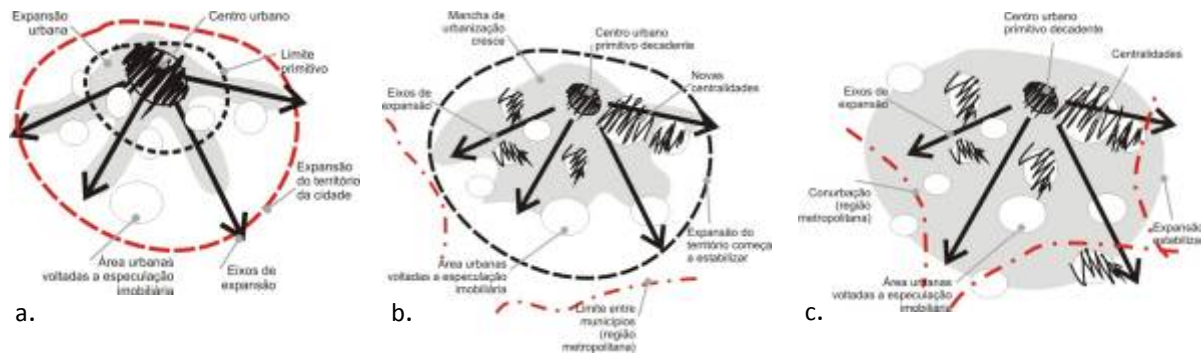


Figura 8: Modelos esquemáticos dos processos urbanizadores das cidades brasileiras.

a. Modelo extensivo / momento 1.

b. Modelo intensivo / momento 2.

c. Modelo Modelo intensivo intra - metropolitano / momento 3.

O terceiro momento, que vai da década de 1990 até os dias de hoje, caracterizou-se pela diminuição das taxas de crescimento nas grandes cidades brasileiras, sobretudo das metrópoles: o *Modelo Intensivo Intra-metropolitano*. A estruturação urbana, baseada no esquema centro x periferia, deixa de ser dominante. Entretanto, os problemas gerados pela forma de ocupação desigual do espaço continuaram visíveis e agravados frente às necessidades de investimentos nas periferias urbanas. Em contrapartida, a auto segregação das classes com maior poder aquisitivo é observada, com o surgimento dos condomínios fechados em áreas distantes das centralidades anteriormente referidas. A ocupação do território passa a ser fortemente caracterizada pelos movimentos intra-metropolitanos (Figura 8c). No que diz respeito ao território de Fortaleza, conheceu e conhece os três momentos anteriormente referidos: uma centralidade urbana principal, expandida ao longo de eixos viários, concentrando as principais atividades públicas e privadas e uma extensa área de expansão urbana composta, também, pelos municípios metropolitanos.

As centralidades surgem a partir da lógica de aglomeração e da minimização dos deslocamentos, a serem executados para a realização das diversas atividades e potencialização de investimentos em infraestrutura. Para isso, geram o afastamento de situações indesejáveis que venham a interferir em seu funcionamento, formando uma rede de disputas por estes espaços valorizados¹⁰. A auto-segregação das classes dominantes

¹⁰ A segregação espacial é a concentração em um determinado setor das classes sociais ricas, onde o espaço atua como mecanismo de exclusão. Segundo Villaça (2001), existem 3 tipos de segregação: Oposição Centro x Periferia; Separação entre zonas residenciais; Divisão das funções urbanas de acordo com as especializações de usos.

propicia o controle de todo o espaço urbano. Já a periferização, pode ser definida pela ocupação de áreas não urbanizadas e ou ambientes frágeis por populações de baixa renda, mediante edificações típicas da classe operária, ocasionando uma rápida expansão horizontal de baixa densidade construtiva, no início do processo de ocupação. Com o tempo, essa densidade foi crescendo consideravelmente, exigindo o provimento de infraestruturas pelo Estado (VILLAÇA, 2001).

Apesar dessa exigência, a formação desse território periferizado foi, sobretudo, marcada pela ausência e ou inadequação das infraestruturas em relação às demandas estabelecidas, fortemente reforçadas pelo desequilíbrio da rede urbana do Estado do Ceará. Isto ocorreu porque não existem outros centros de igual referência no Estado, que pudessem vir a concorrer com a oferta de serviços e oportunidades de trabalho comparáveis às do núcleo principal da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Na década de 1980, 31% da população total do Estado encontrava-se em 3% do território estadual. Em 2000, este número é ainda maior, impulsionado, também, pela agregação de novos municípios à RMF (Figura 9a e Tabela 1).

Pequeno (2009) realizou uma leitura da distribuição espacial da RMF, a partir das categorias socioocupacionais e segundo os dados da amostra do censo IBGE 2000 e do entendimento das recentes transformações da sua estrutura produtiva, marcada pela redistribuição espacial das áreas industriais, pelas novas formas assumidas pelo setor terciário e pelas intervenções urbanas de suporte ao Turismo e ao setor imobiliário. Esta região foi subdividida em sete tipologias socioespaciais hierarquicamente definidas, tornando possível reconhecer os conflitos socioocupacionais presentes nas mesmas (Figura 9b). A análise deste estudo evidencia um espaço metropolitano complexo, revelador de processos de fragmentação socioespacial. Vê-se que os processos de produção do espaço que originaram esse contexto dentro da cidade de Fortaleza se alastraram pelos demais municípios metropolitanos, embalados por novas dinâmicas, não sendo aqui o caso de discuti-las.

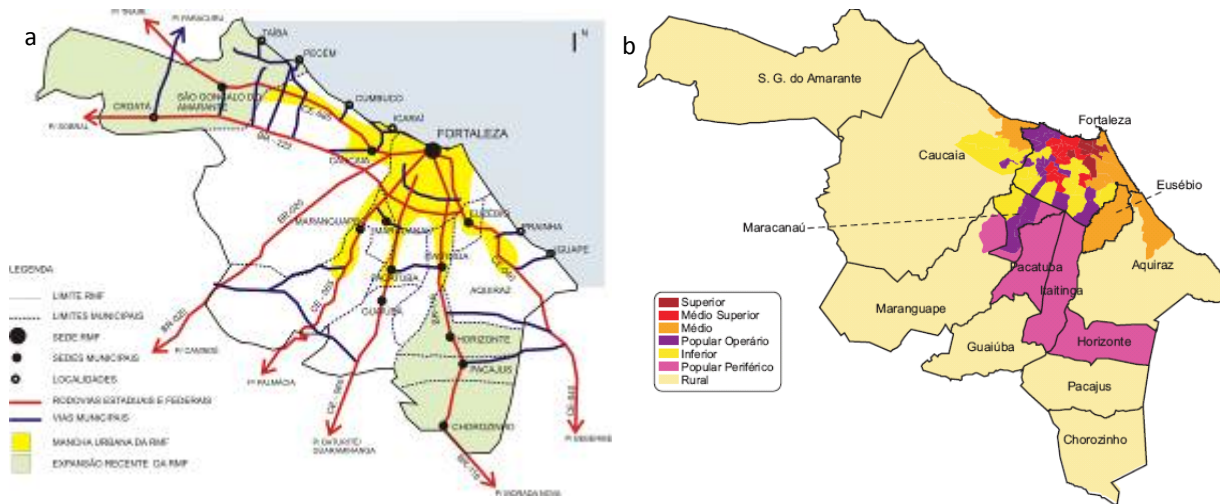


Figura 9: Região Metropolitana de Fortaleza.

a. Municípios que compõe a região metropolitana, principais vias de ligação e mancha urbana.

b. Distribuição espacial de suas categorias sócio-ocupacionais.

Fonte: PEQUENO, 2009 (adaptado).

Tabela 1: População Residente – Fortaleza, Região Metropolitana e Ceará.

Localidade	1980	1991	1996	2000
Fortaleza	1.307.611	1.768.638	1.965.513	2.141.402
RMF	1.651.722	2.391.574	2.693.996	2.984.779
Ceará	5.288.253	6.366.647	6.809.794	7.430.661
Relação Fortaleza / RMF (%)	79,17	73,95	72,96	71,74
Relação RMF / CEARÁ (%)	31,23	37,56	39,56	40,17

Fonte: Censos Demográficos 1980/1991/2000 e Contagem Demográfica 1996 – IBGE

A formação das áreas periféricas não é um processo isolado e desconexo. Abriga um contingente substancial da população, que cumpre funções importantes na dinâmica do processo de acumulação do capital. Estas áreas são articuladas à área central por meio de um sistema radial, através de corredores viários, promovendo com facilidade o acesso ao centro da cidade. A malha radial-concêntrica favoreceu a ação de loteadores, que deveriam ser regidos por sólidos parâmetros legais de parcelamento. O que acontece, no entanto, é que são maleáveis e controversos na prática. Neste processo, por meio do qual emergiram explorações inadequadas do espaço urbano, tais como ocupações irregulares dos lotes em áreas ambientalmente frágeis, invasões do espaço público, existência de vazios urbanos, dentre outros, significaram e ainda significam uma reestruturação e reorganização espacial.

Quanto ao processo de apropriação espacial, as relações que os moradores destas áreas periféricas guardam com a rua, com o quarteirão e com a casa, é bem diferente daquelas dos Bairros que conformam as áreas centrais. A separação do público e do privado

é menos aparente, pois o espaço externo é palco de diversos tipos de eventos. Morar em um Bairro neste contexto, quer dizer pertencer a uma estrutura formal não institucionalizada, onde espaços coletivos, além dos privados, pertencem à comunidade formadora.

As possíveis relações entre a casa e a rua são múltiplas. A rua, entendida como extensão da casa, nesses Bairros onde existe carência de espaços públicos livres e ou urbanizados, tem nela seus domínios para a fundamental atividade de socialização.

Sobre as funções do Bairro, Carlos Nelson do Santos afirma que:

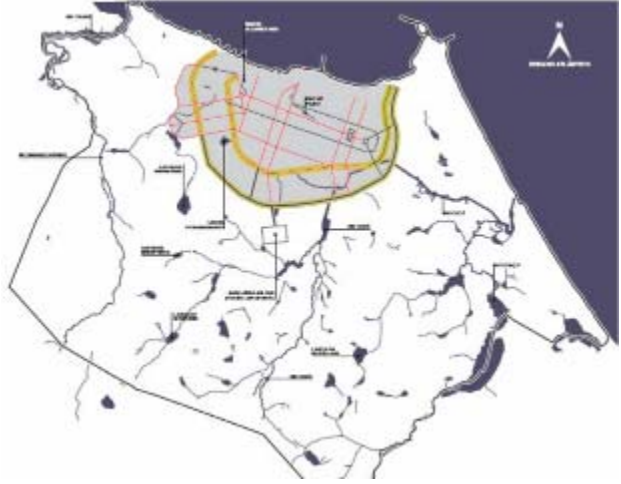
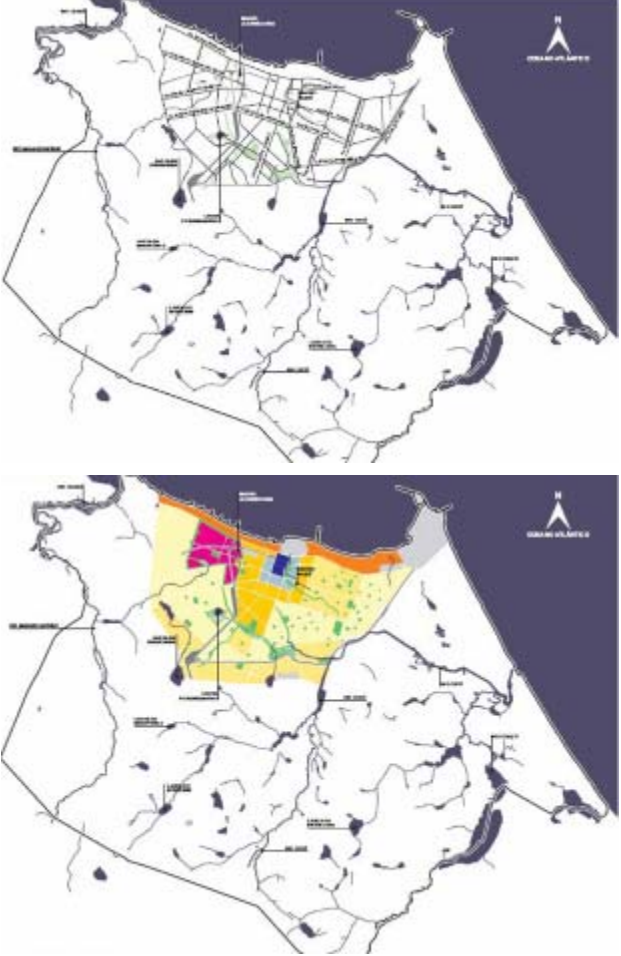
O Bairro há de cumprir mais de uma função primária, de preferência, mais de duas. Estas hão de garantir a presença de pessoas fora dos seus respectivos lares, em diferentes circunstâncias e por motivos diferentes, mas dispostas a usar em comum onde são os espaços que os moradores mais se relacionam [...] (SANTOS, 1988, p.9)

O Bairro Ellery é aqui reconhecido, neste contexto de área periférica, não com a conotação determinística de degradação socioespacial, e sim olhado por um ângulo que busca qualificar essa parte da cidade.

3.2 (Des) Considerando as partes da cidade sob a ótica do planejamento urbano

Cabe destacar a atuação do planejamento urbano frente às formas de divisão da cidade em partes. Sabe-se que Fortaleza foi tratada, durante muito tempo, como uma cidade homogênea. A cidade foi objeto de propostas e planos intervencionistas, que desconsideravam aspectos de seu quadro natural, social e econômico. Regia apenas a “cidade oficial”, com propostas basicamente referentes a intervenções físicas no sistema viário, ignorando sua localização de cidade no semiárido, à beira-mar, cortada por pequenos riachos, cuja pobreza e miséria – e problemas relacionados à saúde, educação, habitação, saneamento – não eram contemplados (SILVA, 1994). Diversos foram os planos urbanos que se sucederam, sem que fossem postos em prática. Estes sugeriam mudanças físicas no espaço ou apenas ratificavam um processo de produção já consolidado. O quadro, a seguir, apresenta, sinteticamente, os diversos planos e seus principais objetivos e características. Destacam-se, em negrito, as proposições relativas à expansão da cidade e, quanto aos Bairros (Quadro 3).

Quadro 3: Sequência cronológica de planos para Fortaleza.

Períodos e conteúdos	Imagens
<p>1933. Marco do início dos planos físico-propositivos: o Plano de Remodelação e Expansão da Cidade de Fortaleza. A cidade, que já contava com 100 mil habitantes, teve como arquiteto Nestor de Figueiredo, autor de outros projetos em grandes cidades no nordeste como Recife, João Pessoa e Campina Grande. O plano incorpora noções do zoneamento de funções urbanas da Carta de Atenas junto a um Plano Viário, onde propunha a implantação de um sistema rádio concêntrico de vias principais com previsão do traçado para áreas periféricas. O plano não foi utilizado pela cidade, não sendo sequer transformado em lei pela câmara local. O poder público, por outro lado, investe em medidas pontuais como pavimentação de vias e espaços públicos através da criação da inspetoria de tráfego.</p> <p>A cidade cresce conforme esquema de malha xadrez e ao longo de eixos radiais de acordo com a grande demanda frente ao contínuo aumento populacional. Esta expansão é feita pela iniciativa privada sem qualquer instrumento de planejamento e gestão do território.</p>	 <p>Fonte: MUNIZ (2006)</p>
<p>1947. O Plano Diretor para Remodelação e Extensão de Fortaleza, primeira proposta viária efetiva no município, executada pelo Arquiteto Saboya Ribeiro, também permaneceu na linha do “planejamento sem prática”. Consistia na proposição de um sistema viário hierarquizado enquadrando o desenho do sistema “radial-perimetral”, que seriam grandes vias radiais que se adequavam a malha urbana ortogonal. Propunha a marcação dos limites de Bairros por avenidas, os quais determinavam as porções para implantação de áreas pública livres, preservação das áreas verdes, de equipamentos urbanos e núcleos comerciais próprios desses territórios delimitados. Conforme a proximidade do centro, as zonas residenciais tinham maior estímulo ao adensamento.</p> <p>Este sistema viário também tinha a função de fixar um limite populacional de 400 mil habitantes projetados para 50 anos, quase dobro da população da cidade em 1950.</p> <p>“O plano encontrou forte resistência dos setores das classes média e alta atingidos pelas desapropriações necessárias às obras de abertura e alargamento do sistema viário proposto” (MARQUES, 1986, p.146). Já para Girão (1979) o plano “morreu por ter nascido inviável [...] pela carência de ponderação no seu ajustamento à realidade, e, principalmente, porque lhe faltou o indispensável, lento e seguro preparo de uma consciência ou mentalidade geral [...] como se um trabalho dessa espécie dependesse somente dos devaneios do arquiteto ou da vaidade do governador do município” (p.81)</p>	 <p>Fonte: MUNIZ (2006)</p>

1963. Segundo o Censo IBGE de 1960, Fortaleza contava com 515 mil habitantes. O urbanista Hélio Modesto dirigiu uma equipe multidisciplinar para elaboração do **Plano Diretor da Cidade de Fortaleza** que pela primeira vez considera uma abordagem integrada entre o comportamento e a organização social da população às formas e tendências de ocupação e uso do solo urbano. A projeção populacional para a cidade para a década de 1980 era de 1.700 mil habitantes. Ressalta-se que os investimentos da SUDENE visavam suprir, neste período, as demandas de infraestrutura urbana da cidade que se consolidava como Polo regional (industrial).

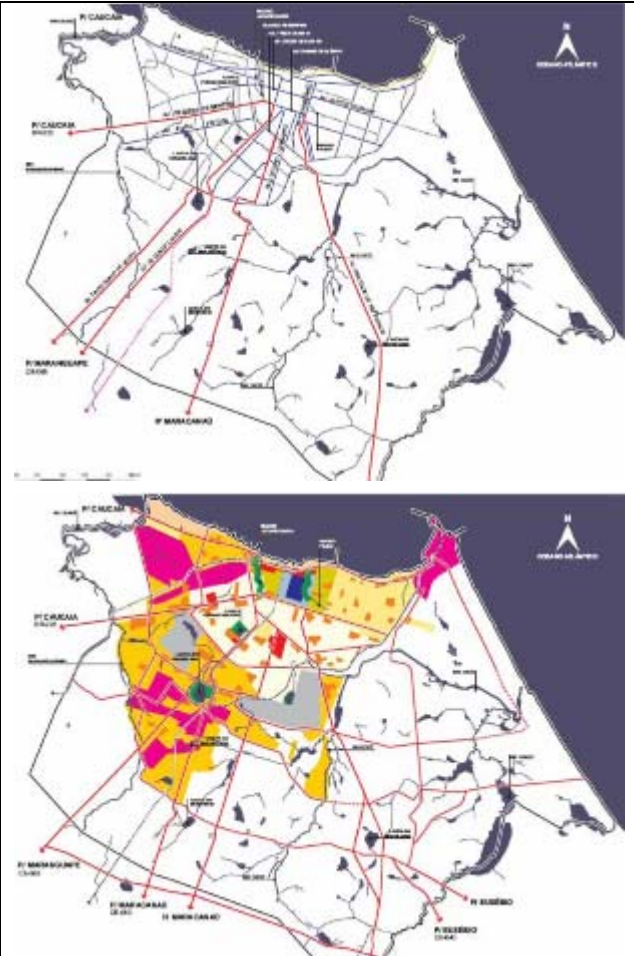
Uma série de propostas em vários níveis da organização urbana eram a marca do plano: econômicos, sociais e administrativos. O sistema viário foram ampliado a partir de uma hierarquização que facilitasse o deslocamento intra e inter-municipal juntamente com o desenvolvimento dos transportes.

O plano estimulava o desenvolvimento dos Bairros com a criação dos centros de Bairro: pontos de convergência da população com núcleo onde convergiam o comércio e os equipamentos sociais. Deveriam ser situados em locais de fácil acesso, transporte assegurado, pontos de ônibus com abrigo (para acentuar a característica natural de local de reunião) e quando fosse possível, junto à áreas livres, possuindo estacionamento proporcional à sua importância e expansão futura". Cada núcleo teria uma configuração diferenciada conforme a densidade do Bairro.

As densidades permitidas nas áreas residenciais variavam de acordo com o padrão construtivo e da renda de cada região.

O Plano, mais uma vez, não foi utilizado para direcionar a gestão pública. Segundo Castro (1982): "também foi abandonado pela administração municipal eleita em seguida à que contratara os serviços do arquiteto". A cidade passa a ser norteadada pelo Código Urbano de 1962.

Note-se ainda que o plano, mesmo pertinente em algumas colocações quanto ao caráter social, a população ainda encontrava-se à margem do planejamento urbano da cidade. Inclusive a contratação de profissionais de outros estados era necessária para o desenvolvimento dos planos ainda na década de 60. A partir desta década, os planos passam a ser ordenadores de uma cidade já consolidada.



Fonte: MUNIZ (2006)

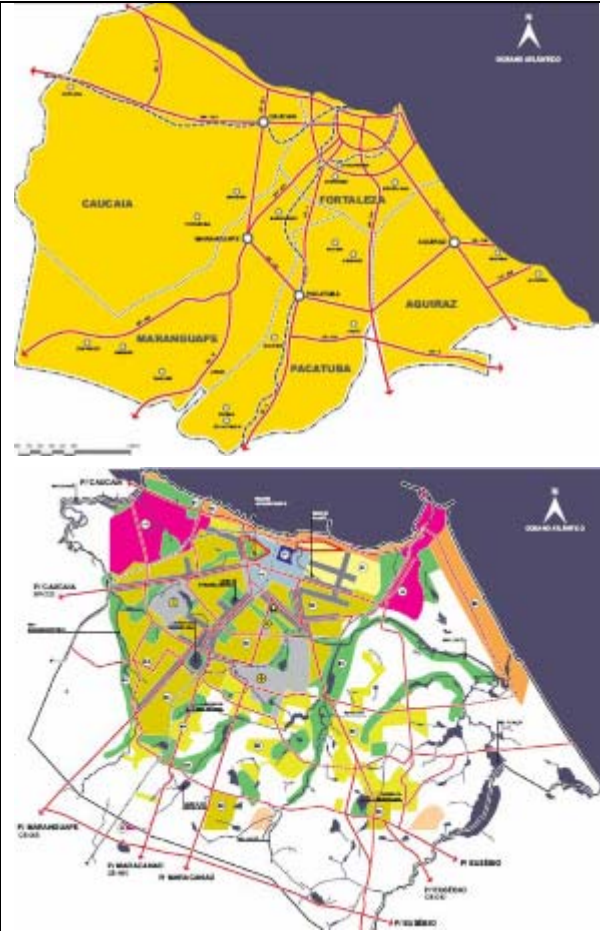
1972. Com a implantação do regime militar em 1964, dá-se início ao modelo cujo enfoque assenta-se no Plano de Desenvolvimento Integrado (PDI). Notadamente marcado pelo caráter regional, é elaborado o **Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza (PLANDIRF)**, constituído também pelos municípios de Caucaia, Maranguape, Pacatuba e Aquiraz.

O município de Fortaleza assume no PLANDIRF papel de núcleo metropolitano, e deveria desempenhar funções que atendessem a uma demanda formada pelo aglomerado que se formaria no seu entorno. O objetivo fundamental do plano era a integração regional. Para isso propunha diminuir as desigualdades entre municípios através das seguintes medidas principais: criação de micro polos nos demais municípios metropolitanos visando a criação de empregos de diminuição do processo de migração e a implantação de um sistema administrativo de caráter regional. Para garantir a integração física, duas estratégias foram propostas: ligações viárias e política habitacional através da construção de conjuntos habitacionais na periferia de Fortaleza que deveriam estar próximos das ligações viárias e dos centros secundários.

Para a cidade de Fortaleza foi proposto um **Plano Diretor Físico** cujo zoneamento separava as áreas residenciais a partir das classes sociais. **As áreas comerciais apresentavam duas configurações: concentrada, no centro tradicional e entorno; e ao longo de corredores de atividades, vistas como prolongamentos da área central nos Bairros. Além dessas, foram pensado Modelos de Ocupação (MO) para zonas industriais e especiais. O MO dos corredores de atividades tinham como diretriz eliminar as habitações individuais e viabilizar os usos habitacionais e comerciais e alta densidade.**

Embora considerando o encaminhamento correto da forma de tratar a região metropolitana, o PLANDIRF é encarado como não condizente com a realidade da região encontrada na época. A complexidade de implementação também esbarrava na estrutura administrativa regional, o que não agradava aos gestores dos municípios. Na esfera metropolitana, o PLANDIRF não obteve efeitos. Na escala da cidade de Fortaleza referenda a estrutura rádio concêntrica histórica, mesmo hoje observando na cidade outras centralidades.

O PLANDIRF pode ser considerado como o plano que consolidou a estrutura urbana de Fortaleza.



Fonte: MUNIZ (2006)

1975/1979. Conjunto de leis vinculadas a revisão das normas que disciplinavam a Lei do Plano Diretor Físico. **A Legislação Básica do Plano Diretor, Lei 5122/79** definiu a organização físico-territorial do Município segundo o PLANDIRF. **Trata-se na realidade de lei de parcelamento, uso e ocupação do solo.**

Entre as propostas, destaca-se a criação de sub-centros a partir do estímulo ao adensamento populacional e localização de atividades, induzindo a ocupação.

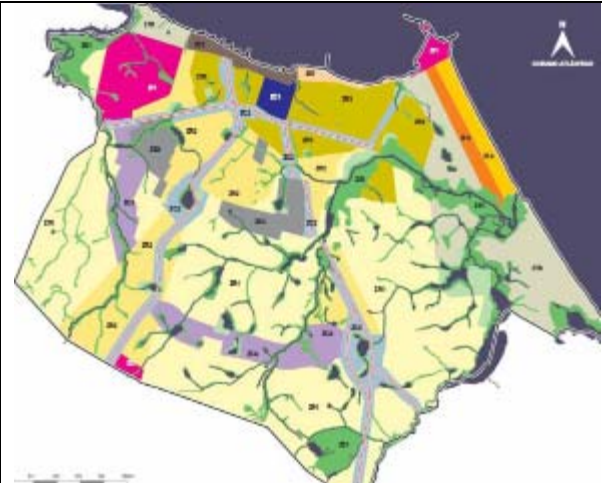
Para isto o adensamento de atividades foi direcionado através de Polos e corredores de adensamento e atividades. Os Polos de adensamento (Parangaba e Messejana): aumento de oferta de empregos vista a densidade destas áreas. Os corredores de adensamento seriam as principais vias de saída de Fortaleza e se articulavam com os demais municípios. **Os corredores de atividades funcionariam como centros lineares dos Bairros onde estariam localizadas as atividades de comércio, serviços e equipamentos comunitários servindo as populações das zonas residenciais. A distância entre estes corredores seria de 600m.**

O sistema viário foi dividido em duas redes: 1) rede radial concêntrica (em decorrência do caráter inevitável da polarização) cujo objetivo era viabilizar a ligação do centro aos Bairros e as principais rodovias de conexão regional; e 2) rede ortogonal (decorrente do preenchimento paulatino dos espaços entre os eixos radiais caracterizados por vias de caráter mais local).

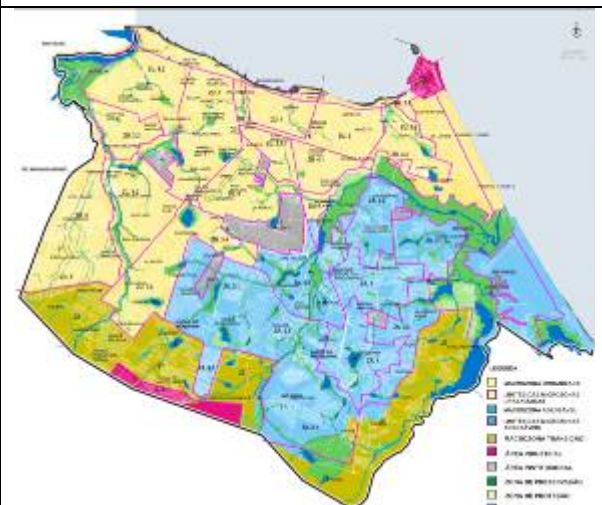
Fortaleza crescia rapidamente e a legislação não conseguia acompanhar as transformações socioespaciais. Este conjunto de leis apenas acompanhou o crescimento da cidade a partir dos ditames do mercado, portando, nada de planejamento urbano (MUNIZ, 2006).

1992. O período de redemocratização causa transformações significativas no contexto político da cidade e do estado. Nas primeiras eleições diretas (1985) foi eleita Maria Luiza Fontenele, do Partido dos Trabalhadores. Em 1986 assume o poder estadual o intitulado “Governo das Mudanças” encabeçado por Tasso Jereissati. A expansão urbana de Fortaleza toma outros rumos partir de investimentos privados em grandes equipamentos que tiveram a força de mudar o foco da valorização imobiliária para sudeste do município.

Em 1992 é elaborado mais um plano diretor, o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza (PDDU-FOR), sendo que desta vez, sob responsabilidade dos técnicos locais pertencentes aos quadros da prefeitura. Mesmo após Constituição Federal, o plano diretor teve participação da população de forma insignificante. Por outro lado, alguns dos instrumentos viabilizados pelo texto constitucional, e no projeto de lei do Estatuto da Cidade, que já tramitava no



Fonte: MUNIZ (2006)



congresso federal, foram incorporados, inclusive pela abordagem da função social da propriedade e da cidade.

Apesar de já ter sido utilizado em planos anteriores, o zoneamento pela primeira vez é acionado como instrumento para a gestão espacial a partir do entendimento das diferentes realidades físico-espaciais: coloca como principal critério de divisão da cidade os níveis de provimento das infraestruturas urbanas, principalmente de distribuição de água e esgotamento sanitário. Esse critério resultou em 3 divisões: macrozona urbanizada (ZU), macrozona adensável (ZA) e macrozona de transição (ZT).

A regulamentação do zoneamento aconteceu quatro anos mais tarde por meio da Lei N° 7987/1996, Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS). Esta lei regulou o uso e a ocupação do solo, definiu diretrizes e normas relativas ao sistema viário e fez a relação deste com o uso do solo urbano. **No entanto, a LUOS desconsiderou e abandonou a premissa do Bairro como “unidade física de planejamento e gestão” e adota expressamente como critério de uso do solo a classificação viária. Ou seja, dá relevância aos eixos lineares e rompe com isso as escalas de Bairro.**

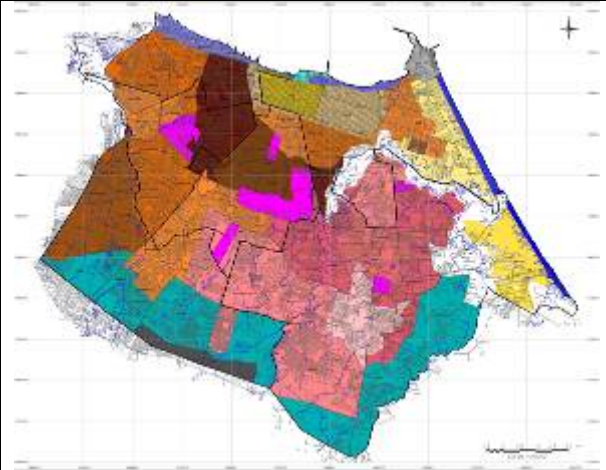
O sistema viário proposto é a leitura da malha urbana, sem novos estímulos.

O PDDU-FOR não acrescentou de fato instrumentos nem diretrizes para as ocorrências futuras: expansão da zona sudoeste de forma desmedida, a interação metropolitana, quando a ocupação de recursos hídricos, a problemática habitacional entre outras questões iminentes.

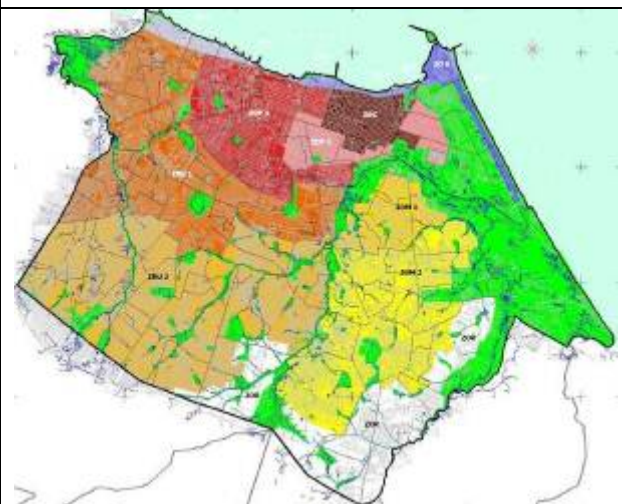
2009. Dois condicionantes conduziram a formatação deste plano: o término do prazo de vigência do PDDU-FOR (2002) e a aprovação da lei 10.257, Estatuto da Cidade (2001).

A revisão, iniciada em 2002 (Projeto LEGFOR) e enviada à câmara municipal no ano seguinte, acaba não obtendo continuidade devido às inúmeras denúncias quanto ao descumprimento dos requisitos básicos estabelecidos no Estatuto da Cidade quando à participação popular no processo de elaboração do plano. Na mudança de gestão, em 2004/2005, a prefeita eleita, Luiziane Lins, atendendo à reivindicações da sociedade civil organizada, retira o projeto que tramitava na câmara e reinicia um novo processo.

O **Plano Diretor Participativo de Fortaleza (PDP-FOR)**, seguindo a metodologia para elaboração dos Planos Diretores de forma participativa recomendada pelo Ministério das Cidades (formatação de núcleo gestor, sensibilizações, capacitações, audiências temáticas, audiências territoriais, congressos, fóruns) é iniciada a elaboração em 2006, sendo enviados para a câmara municipal em meados de 2008, sendo aprovado no início de 2009 e sancionado alguns meses depois.

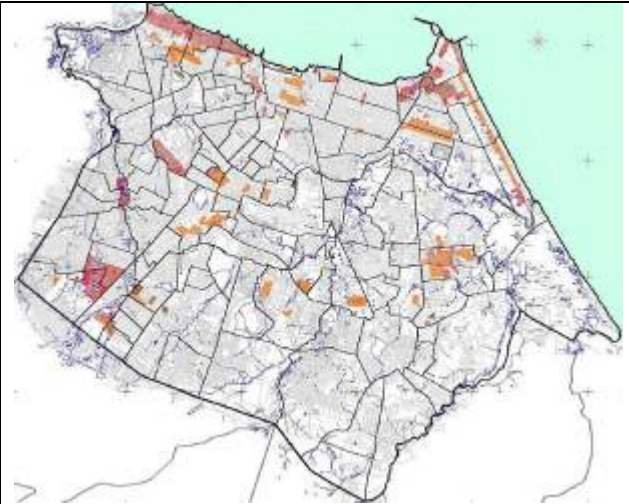


Fonte: FORTALEZA (1996)



Vigente desde agosto de 2009, o novo plano diretor apresenta uma série de avanços e algumas dificuldades. Quanto aos avanços, destaca-se o enfoque ambiental dado ao macrozoneamento da cidade, a regulamentação dos instrumentos do estatuto da cidade, a demarcação de Zonas Especiais de Interesse Social. Por outro lado, embebido pelos impactos de um processo participativo, onde diversos atores manifestaram de forma aberta seus interesses, parte das propostas iniciais foram profundamente alteradas em negociações travadas na câmara de vereadores. Parte da lógica pensada para a indução e restrição da expansão urbana foi recortada e a coerência interna do plano extremamente prejudicada. Salienta-se ainda a não regulamentação do sistema de gestão e planejamento municipal, premissa que tem impactado fortemente na ausência de prosseguimento de diversas ações complementares.

Destacam-se dois pontos importantes: 1) não há menção à supressão dos distritos (utilizados ainda como base pelo IBGE) no PDP-FOR, não sendo sequer citada nem nesta, nem em outra legislação qualquer; 2) o Bairro, antes considerado pelo PDDU-FOR “a unidade física de planejamento e gestão”, não é sequer citado na nova legislação.



Fonte: FORTALEZA (2009)

Fonte: Diversas conforme quadro.

As representações do espaço urbano, nos planos diretores encetados ao longo do tempo, foram pautadas em diretrizes técnicas e políticas diferenciadas. Até mesmo os planos não observados pela gestão pública, dada a inviabilidade econômica e social de sua implementação (principalmente planos de remodelação urbana, entre 1933 a 1963) impactaram na expansão urbana e na configuração da cidade. Na ausência de vinculação estreita entre planejamento e gestão urbana, a segunda cria formas de gerenciar o espaço da cidade de acordo com seus interesses. Este distanciamento, inexplicável, do ponto de vista do planejamento urbano, é perfeitamente compreensível à luz dos interesses dos grupos políticos, que, como representantes da classe econômica dominante, sucessivamente assumem o controle da máquina administrativa (MARQUES, 1986).

Os 114 limites politicoadministrativos de Bairros foram instaurados em diversos períodos. Esses limites foram sendo implantados por leis municipais ordinárias, de acordo com a evolução da malha urbana. Um primeiro processo se deu pelo reconhecimento das Paróquias e, posteriormente, como resultado da consolidação dos loteamentos resultantes do processo de expansão da malha urbana (Figura 10).

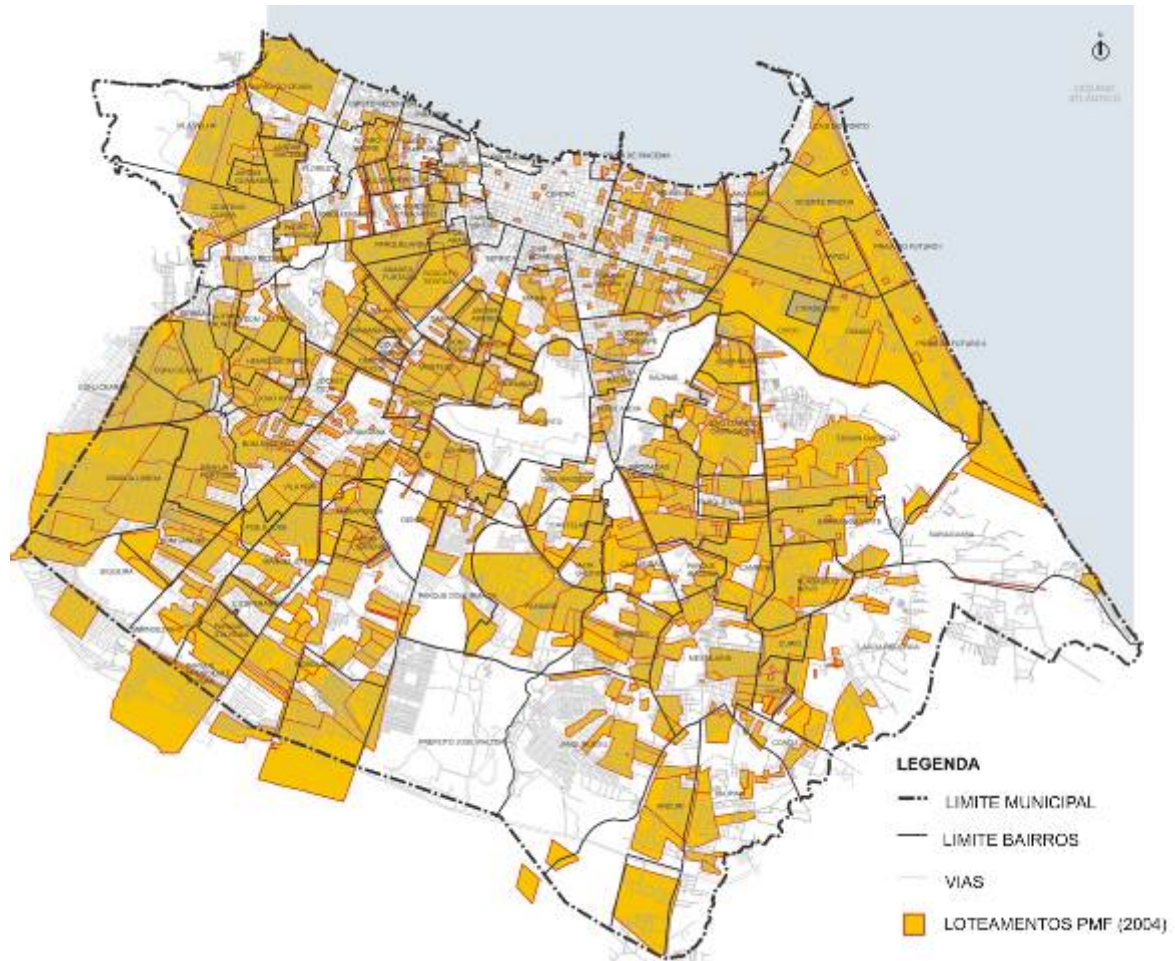


Figura 10: Limites de Bairros e loteamentos.

Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2005 (adaptado).

Acredita-se que a divisão da cidade em partes pela gestão pública, pressupõe, além da viabilização do manejo de questões operacionais relacionadas à administração, também caráter ideológico. Destaca-se a dimensão simbólica do espaço, vinculada ao poder que embute estratégias de dominação, no contexto da sociedade de classes (FOUCAULT, 1979). Vê-se esta afirmação confirmada no modelo de gestão do território da cidade de Fortaleza. A divisão distrital, depois que o território do município passou a ser considerado 100% urbano, foi substituída por seis Secretarias Executivas Regionais (SER).

As SERs foram criadas pela Lei municipal nº 8.000/1997, que reformulou a organização administrativa da Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF), sem que a divisão distrital fosse extinta. São elas: SER I – Grande Barra do Ceará; SER II – Grande Mucuripe; SER III – Grande Antônio Bezerra; SER IV – Grande Parangaba; SER V – Grande Mondubim; e SER VI – Grande Messejana (Quadro 4). Juntamente com as SERs, também foram criados e ou reformulados outros órgãos e instâncias municipais, de planejamento e gestão. É válido

destacar que, na estrutura administrativa municipal, inexistiu um órgão responsável pelo planejamento urbano.

Quadro 4: População e área por SER.

Secretaria Executiva Regional	População (hab)	Área (ha)
SER I (15 Bairros)	340.134	2538,20
SER II (21 Bairros)	311.842	4.933,80
SER III (16 Bairros)	327.916	2.778,00
SER IV (19 Bairros)	259.831	3.427,00
SER V (18 Bairros)	452.875	6.344,70
SER VI (27 Bairros)	438.088	13.430,00

Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Infraestrutura (SEINF).

No tocante às SERs, criadas sob o discurso de que se pretendia realizar a melhor gestão da coisa pública pela aproximação das decisões à população, houve uma descentralização de execução de tarefas, mas as decisões continuaram a ser tomadas de forma centralizada. Apesar de apresentar o discurso da descentralização e da participação da população nas decisões relativas à gestão pública, as “regionais” visavam, de fato, o fortalecimento do poder político do “antigo” Distrito Central, equivalente à SER II, enquanto restaram enfraquecidas as demais áreas da cidade, pela dispersão da informação e pelo discurso ideológico e demagógico.

Torna-se difícil, ainda hoje, estabelecer algum critério pertinente a esse agrupamento. A única Secretaria Administrativa Regional que manteve os limites compatíveis à divisão intraurbana distrital anteriormente estabelecida foi a SER VI, relativa ao distrito de Messejana, com a inclusão e exclusão de poucas partes nesse reordenamento administrativo.

Este modelo de gestão do território reafirma a segregação socioespacial da cidade. Com o propósito de expressar essa segregação, foi utilizado como referência o desempenho IDHM-B¹¹. A variação desse índice demonstra um desequilíbrio entre as regiões

¹¹ Índice Municipal de Desenvolvimento Humano por Bairros: IDHM-B: alto desenvolvimento $x > 0,733$; médio desenvolvimento - $0,732 < x < 0,459$; e baixo desenvolvimento - $x < 0,458$. Para o cálculo do índice foram usadas as seguintes variáveis: taxa de analfabetismo, número médio de anos de estudo dos chefes de família, rendimento médio do chefe de família em salários mínimos. Fonte: Projeto LEGFOR – Síntese diagnóstica da cidade de Fortaleza, 2000.

administrativas, tendo a Região II um índice 36,42% acima da média de Fortaleza (0,508 no ano 2000), enquanto 4, das 6 regiões, estão abaixo desse índice (Quadro 5).

Quadro 5: Índice de Desenvolvimento Humano por Bairros de Fortaleza (2000)

Regiões	Região II	Região IV	Região III	Região I	Região VI	Região V	Fortaleza
IDMH-B	0,693	0,559	0,495	0,483	0,462	0,440	0,508

Fonte: Projeto LEGFOR – Síntese diagnóstica da cidade de Fortaleza, 2000.

Conforme demonstra o quadro abaixo, os cinco Bairros com melhores índices estão localizados na Região II, enquanto os cinco piores estão em duas regiões (três Bairros da Região V e dois Bairros da Região VI) (Quadro 6).

Quadro 6: Desempenho do IDHM-B: melhores e piores Bairros.

	Bairro	IDMH-B	Região
Melhores	Meireles	0,916	II
	Guararapes	0,865	II
	Cocó	0,858	II
	Dionísio Torres	0,832	II
	Aldeota	0,830	II
Piores	Curió	0,338	VI
	Pedras	0,352	VI
	Parque Presidente Vargas	0,377	V
	Siqueira	0,377	V
	Genibaú	0,378	V

Fonte: Projeto LEGFOR – Síntese diagnóstica da cidade de Fortaleza (2000)

O maior problema desse modelo de gestão é a desigualdade interna, em cada região, com diferenças acentuadas entre o melhor e o pior Bairro. A região que possui o maior índice é também a que possui a maior variação interbairros. Já a região que possui o menor índice, possui a menor variação interna, demonstrando que a tendência à homogeneidade ocorre em uma situação de baixo desenvolvimento social (Quadro 7).

Quadro 7: Comparativo entre o pior e o melhor IDHM-B por SER.

SER	Pior		Melhor		Varição%
I	Pirambu	0,391	Alagadiço	0,678	73,40%
II	Cais do Porto	0,386	Meireles	0,916	137,31%
III	Autran Nunes	0,380	Parquelândia	0,648	70,53%
IV	Aeroporto	0,422	Fátima	0,716	69,67%
V	Presidente Vargas	0,377	Maraponga	0,572	51,72%
VI	Curió	0,338	Parque Iracema	0,696	105,92%

FONTES: Projeto LEGFOR – Síntese diagnóstica da cidade de Fortaleza - 2000

A gestão do espaço urbano de Fortaleza tem tradicionalmente adotado como “base cartográfica” diversas divisões politicoadministrativas não respaldadas nos processos socioespaciais da cidade. É vista como critério de divisão territorial, preponderantemente, a necessidade de responder quantitativamente às demandas, de forma restrita e pontual, por espaços urbanizados.

As velhas e novas cartografias desprezam a configuração real, ou melhor, não reconhecem a cidadania do lugar nos registros do município e nas instituições que nele atuam. Inexiste um cadastro que consiga unificar um número significativo de informações desconformes. Cada serviço público ou instituição procura atender a demandas tão específicas de sua competência que não leva em conta o usuário. Existe uma grande variação no critério de agregação das partes da cidade, para cada um dos serviços urbanos. Todas deveriam, contudo, guardar uma unidade básica de divisão (Figura 11 e Quadro 8).



Figura 11: Fortaleza: malhas desconexas – esquema mostra a sobreposição de algumas divisões do território da cidade. Fonte: diversas.

Quadro 8: Agregações territoriais do município de Fortaleza.

Tipo	Unidades	Tipo	Unidades
Distritos (PMF)	5	Unidades de saúde (PSF)	102
Macrozonas (PDP)	2	Juizados especiais	20
Zonas (PDP)	8	Paróquias	42
Zonas especiais (PDP)	6	Áreas de atendimento COELCE	8
Limites politicoadministrativos (PMF)	114	Zonas eleitorais	13
Secretarias executivas regionais (PMF)	6	Distritos policiais	34
Áreas de participação (PMF)	51	Zonas de registro de imóveis	6
Setores censitários (IBGE)	2204	Sub-baciais	21

Fonte: diversas.

Ainda outra questão pode ser levantada: são tantos e diferentes os recortes providos para a identificação do lugar, pelo morador, que raramente este pode ser sobreposto a algum deles. Acredita-se que exista essa necessidade iminente no Planejamento Urbano: a necessidade dessa compatibilização dos dados da realidade às identidades cidadãs dos que vivem no lugar. Novas relações, mais democráticas, entre as partes do território municipal, devem ser pautadas na identificação de significados que provocam o reconhecimento do lugar, na totalidade da cidade.

A cidade real, pautada nesse contexto, motiva o desejo de mudança e de superação dessa realidade. Contudo, conhecidas as barreiras, o desafio do Planejamento Urbano é pensar em meios que não esbarrem em utopias não realizáveis.

Na sequência do capítulo, a partir de pesquisas documentais e observação *in loco*, aborda-se a parte da cidade estudada nesta dissertação, buscando-se inseri-la nos contextos espaciais e sociais, para que este entendimento frente à escala da cidade seja possível.

3.3 Aqui e assim é o nosso Bairro

O fragmento de texto a seguir introduz a *Pesquisa sobre a História do Bairro Ellery*, desenvolvida em 2005 por uma equipe designada pelo Conselho de Desenvolvimento Local do Bairro e uma das principais fontes de pesquisa utilizada nesta parte do capítulo.

Este trabalho [...] tem a intenção, não de esgotar, de concluir o que foi e o que é a história dos moradores, espaços físicos, instituições e movimentos sociais do Bairro Ellery, mas de realizar um esforço, não sabemos se o pioneiro, de reconstituir histórias que se pensavam perdidas no esquecimento, na banalidade do dia-a-dia, no transcorrer de décadas. Desejamos que este seja não um ponto final, mas um ponto de partida para novas experiências de descoberta, de outras histórias a se

investigar. Na nossa relação da investigação do passado e do presente do Bairro, e na relação entre ambos buscando mudanças e continuidades, encontramos o sentido de pertencer a um lugar, conhecendo-o com olhos mais aguçados, mais sensíveis, que enxergam longe, não só para o que existiu e não é mais, mas, principalmente, enxergando e caminhando para o futuro, e cuidando para que este seja melhor e mais justo para todas as pessoas (CDLB, 2005, p.1).

Esta investigação demonstra bem o espírito emanado dessa comunidade: a busca pela identidade e a luta pelo fortalecimento do Bairro, seja por meio de mobilizações pró-direitos da cidade (habitação, saneamento, pavimentação, drenagem e outros), seja por movimentos socioculturais de fortalecimento e resgate dos afetos e heranças do Bairro, seja pela ampliação do raio de alcance dos meios de comunicação locais, todos elementos marcantes no contexto do Bairro.

O Bairro Ellery, situado a 4 km do centro comercial de Fortaleza, localiza-se na região noroeste da cidade, região esta compartilhada com os Bairros de Álvaro Weyne, Alagadiço/São Gerardo, Carlito Pamplona, Monte Castelo, e Presidente Kennedy (segundo limites politicoadministrativos). Os principais acessos são pelas avenidas Sargento Hermínio e Francisco Sá, no sentido leste oeste e, a Rua Olavo Bilac e a Avenida Padre Anchieta, no sentido norte-sul. O Bairro, a partir dos dados oficiais extraídos da PMF e IBGE, ocupa uma área de 58,10ha que abriga 7.208 habitantes perfazendo uma densidade de 124hab/ha (Figura 12, Figura 13, Figura 14 e Quadro 9).

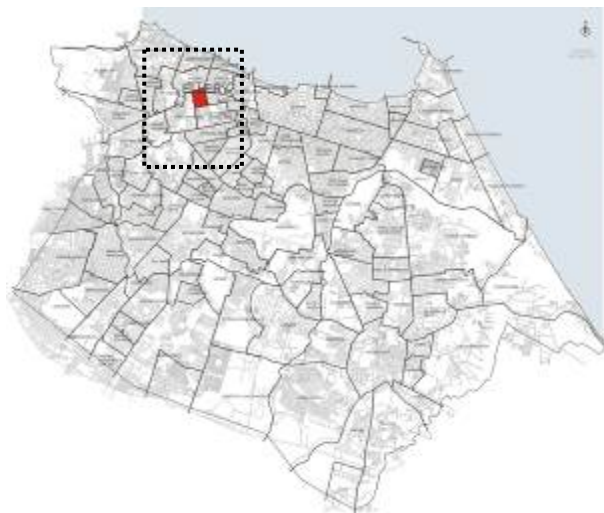


Figura 12: Localização Bairro Ellery no município de Fortaleza (limites politicoadministrativos).

Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2005 (adaptado).

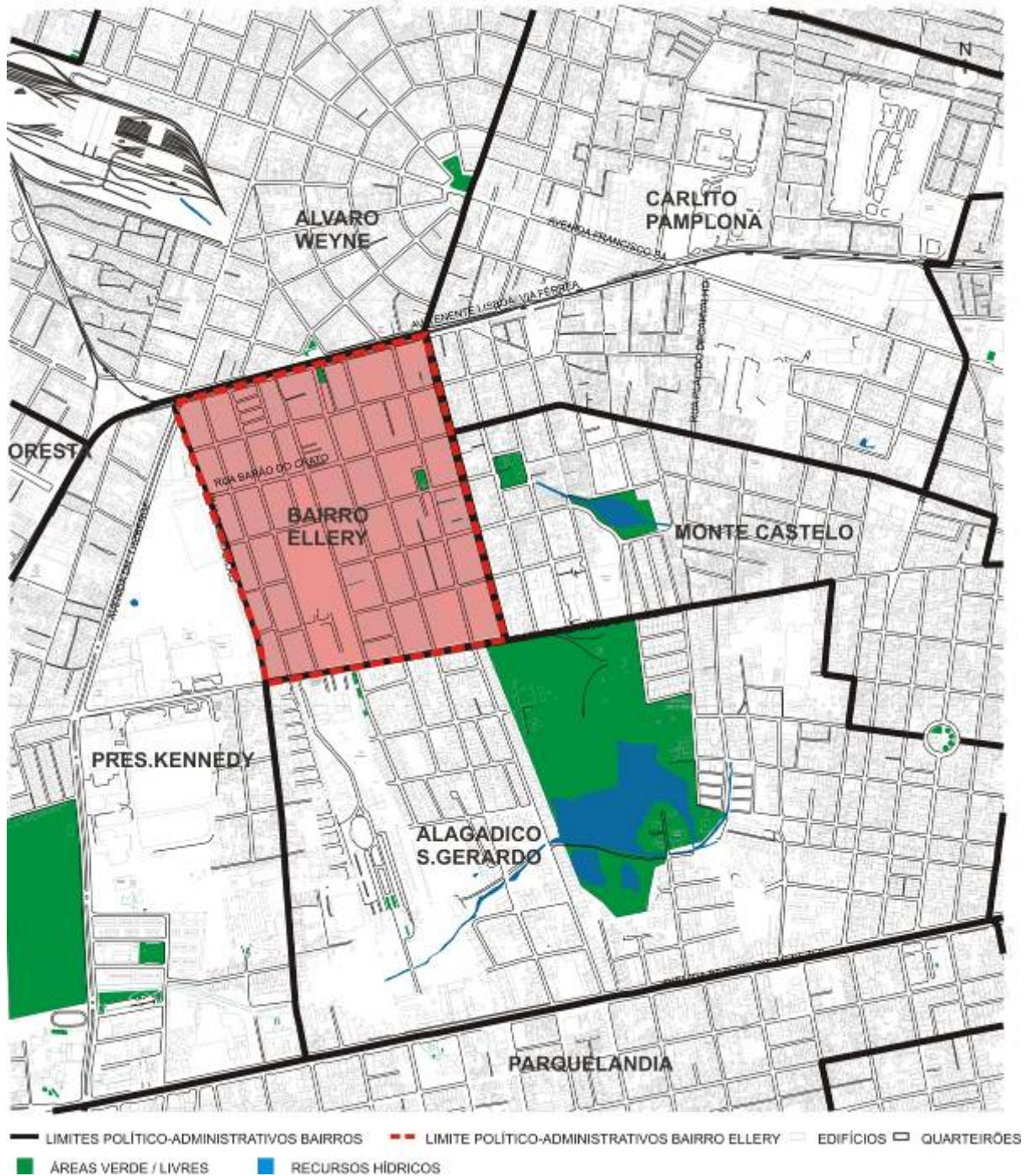


Figura 13: Limites político-administrativos do Bairro Ellery e dos bairros vizinhos.

Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2005 (adaptado).

O processo de configuração socioespacial do Bairro foi iniciado antes de sua criação oficial, ocorrida em 31 de dezembro de 1956 (Figura 15a). O território, antes ocupado quase exclusivamente por fazendas de criação de gado e por sítios, era de propriedade de algumas famílias abastadas, entre elas, a família Ellery. Extensa parte deste território, contudo, fazia parte do então grande açude João Lopes. “Quando chegamos aqui, meu Deus, esse açude

parecia mar! Chega fazia onda!”, afirma Dona Mocinha em entrevista à Revista Farol (Prefeitura Municipal de Fortaleza), publicada em 2006. O açude represava o riacho João Lopes, na hoje Avenida Sargento Hermínio, era afluente do rio Maranguapinho. O açude, quando sangrava, alagava diversas áreas adjacentes, já em processo de urbanização. A represa do açude foi destruída em 1948, pela “maior chuva caída em Fortaleza nos últimos 10 anos” segundo manchete do Jornal OPOVO, de 19 de maio de 1948 (Figura 15b).

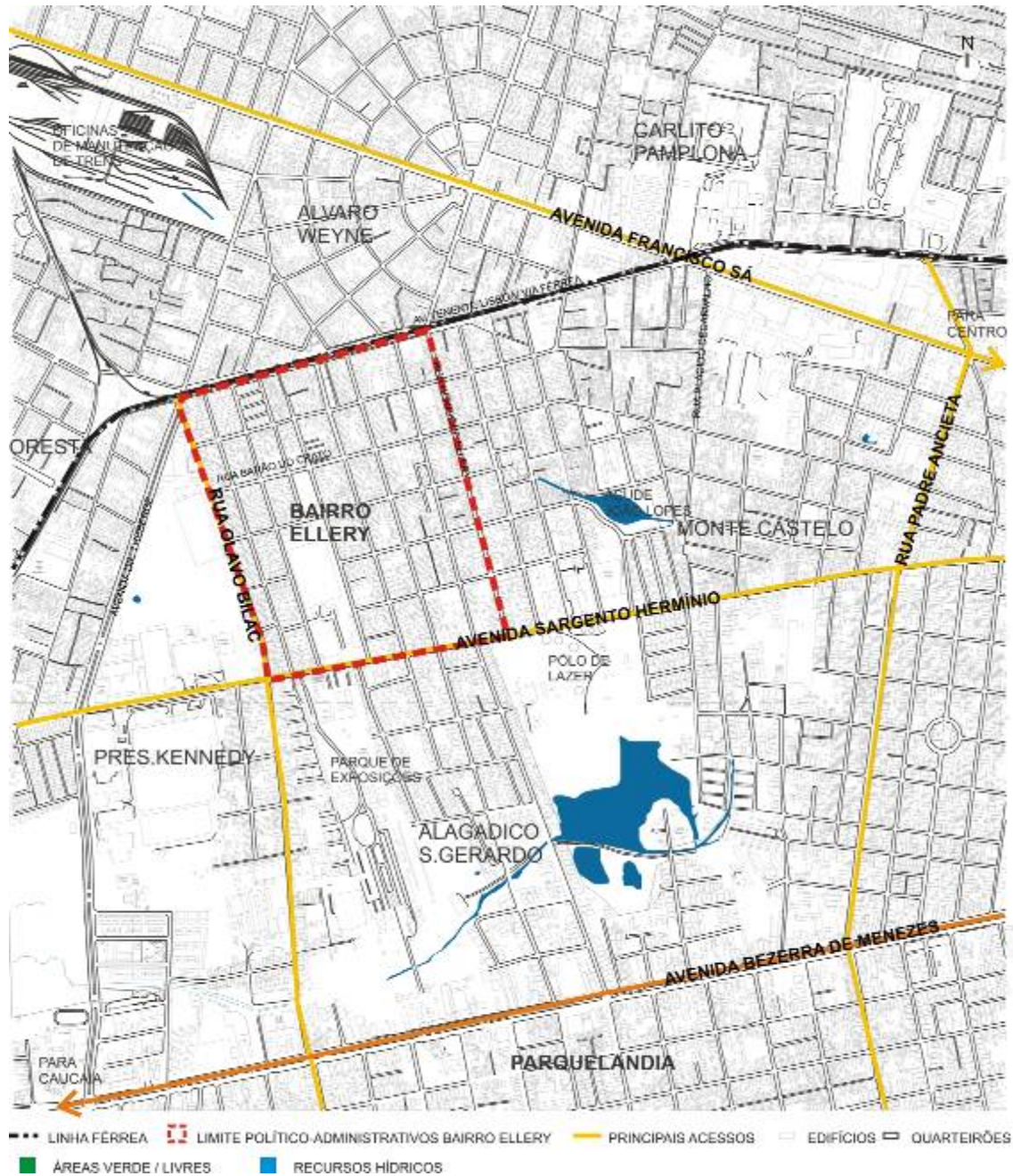


Figura 14: Localização Bairro Ellery: principais acessos e referências. Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2005 (adaptado).

Quadro 9: Dados gerais Bairro Ellery.

UNIDADE DE INFORMAÇÃO (Nº)	BAIRRO	SECRETARIA EXECUTIVA REGIONAL	ÁREA (HA)	POPULAÇÃO (HAB)	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (HA)
014	Vila Ellery	I	58,10	7.209	124,1

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO: Inicia na confluência da Rua Olavo Bilac com a Via Férrea Fortaleza / Sobral, segue por essa via férrea, no sentido leste, até encontrar a Rua Henrique Ellery. Segue por essa rua, no sentido sul, até encontrar a Av. Sargento Hermínio. Segue por essa avenida, no sentido oeste, até encontrar a Rua Olavo Bilac e segue por essa rua, no sentido norte, até o ponto inicial.

Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2007.

A vida dos poucos moradores era, na realidade, equivalente a morar em uma propriedade do interior, pois as mulheres levavam suas trouxas de roupa para lavar nas poças formadas pelas águas do açude e os homens pescavam peixes para a sobrevivência e de modo artesanal nas represas do açude, portanto, uma fonte de renda para muitos. (SAMPAIO, 2007, [in press]).

bei. 1132

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
Trabalhando junto com o povo

DEPARTAMENTO LEGISLATIVO

DATA 9/11/56

PROJETO DE LEI Nº 1132/56

ASSUNTO: Da a denominação de Bairro Ellery à atual Vila Ellery desta Cidade

VEREADOR: Raimundo Gomes Tavares

LEI Nº 1132 DE 31/12/56
DIOM Nº 1038 DE 31/12/56

ARQUIVO

a.



Figura 15: Documentos que registram momentos importantes para o Bairro Ellery.

a. Lei 1.132/56, que instaurou o Bairro Ellery. Fonte: Câmara Municipal de Fortaleza, 1956.

b. Jornal OPOVO 1948. Fonte: bairroellery.com.br

Ao final da década de 40 e início da década de 50, grande parte da área que o açude ocupava cedeu espaço a pequenos loteamentos. Nos terrenos aterrados, as áreas que apresentavam maiores níveis de elevação foram ocupadas primeiramente (Figura 16).

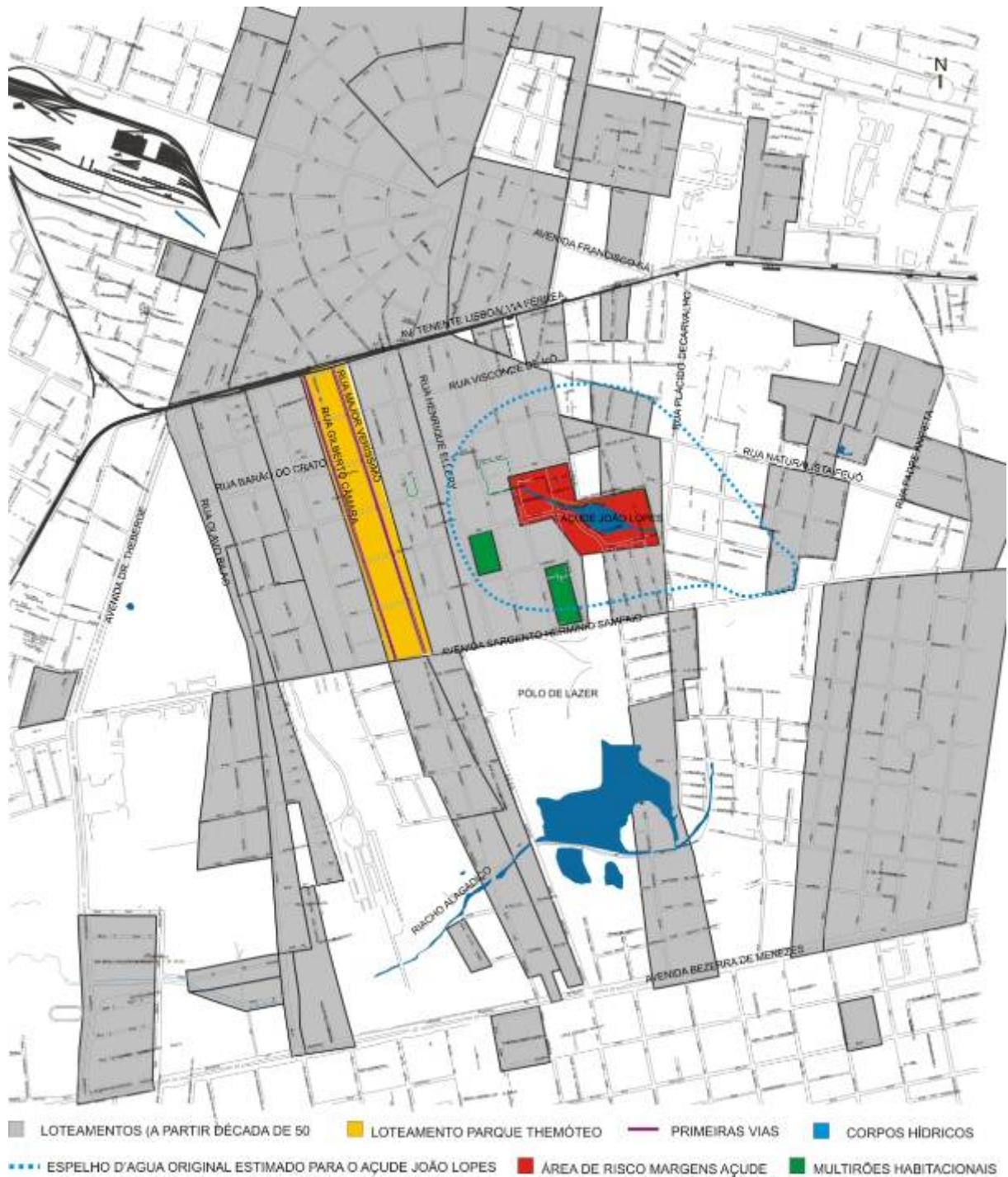


Figura 16: Processo ocupação Bairro Ellery

Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2005 (adaptado).

A partir do primeiro loteamento (Parque Themóteo) surgem as duas primeiras ruas do Bairro: Major Veríssimo e Gilberto Câmara, dando origem a então Vila Ellery (Figura 16). Destaca-se, neste contexto, a Hospedaria Getúlio Vargas, construída para atender aos retirantes que chegavam do interior do Estado, mas acabando, por ironia, a alojar os desabrigados das cheias da época.

A ocupação dos loteamentos aconteceu de forma lenta e rarefeita, até a década de 80, quando foram obtidos os registros das primeiras ocupações irregulares e invasões. A ausência de uma infraestrutura básica e a baixa renda dos novos proprietários eram elementos relevantes deste processo. "Construí [a moradia] com minhas mãos. Passava o dia levantando as paredes com madeira e barro. De noite, vinha a chuva e derrubava tudo", lembra Maria das Graças Torres de Souza, moradora do Bairro desde 1969 (pesquisa direta, 2008). "Isso só mudou quando meu marido pediu demissão do emprego para a gente levantar a casa com tijolo", conta Maria. O terreno da casa foi vendido à família a prestações mensais equivalentes hoje a R\$ 20,00, pagas durante três anos. "Neste tempo, a vizinhança era de taipa e de amigos", afirma Aurora, professora e moradora do Bairro há 40 anos (pesquisa direta, 2008).

Os campos de futebol surgiram como marcas do Bairro: o Campo do Iracema, o Campo do JK, o Campo do Cruzeiro e o Campo do Humaitá. Hoje, em seu lugar, foram edificadas as quadras esportivas, as praças e o Polo de Lazer da Sargento Hermínio.

Aos domingos era nosso divertimento assistir aos jogos do Flamenguinho de seu Fernando, do Tabajara de seu Lino, do Vila Iracema do Biril, do Humaitá do Paraibano (hoje Cezar e Dona Zezinha), do Alagoas do Raimundo Delfino e seu Eduardo (hoje do Dedim) vi nascer os times Cruzeiro do Júlio, o BD esporte do Toin bebe leite, o Vai quem quer do Raimundinho da Picanha, o JK do Querido, o Joinville do seu Geraldo e dona Socorro, o Guarani da dona Gracinha, o velho Ceará, o Coca-Cola do Zé Maria, o liberal do seu Raimundo, o Grêmio do William da dona Zezinha, enfim bons times do subúrbio (NASCIMENTO, 2007, p.1).

Atividades cotidianas, como a compra de artigos no comércio e a frequência a cultos religiosos eram realizadas em Bairros próximos, São Gerardo e Carlito Pamplona. Outros pontos de referência da época eram as Casas de Jogos da família Paixão, o Forró do Humaitá, ambos desaparecidos.

Apesar de ter seus limites oficializados pela lei municipal nº 1.132/56, o Bairro Ellery ainda carrega o nome Vila, em diversas referências oficiais (Figura 15a e Quadro 9), denominação evitada pelos moradores do Bairro, porque é tida como sinônimo de coisa pequena ou atrasada. Em 1956, também foi fundado o Conselho do Bairro. O conselho organizava quermesses e bingos cuja arrecadação era aplicada em melhorias dos equipamentos urbanos.

Foi durante as décadas de 60 e 70 que ocorrem a instalação dos primeiros equipamentos e serviços, resultado das reivindicações da comunidade: eletrificação com posteamento de cimento, em 1962; fundação da Escola Estadual Honório Bezerra, em 1964; instalação do chafariz próximo à escola Honório Bezerra, uma das primeiras obras de interesse público do Bairro e que ainda hoje cumpre o papel de abastecer de água potável parte da comunidade. Em 1974 é fundada a Escola Professor Martins de Aguiar e, em 1976, é inaugurado o Centro Interescolar de 1º Grau Dona Creusa do Carmo Rocha (Figura 17, Figura 18 e Figura 19).

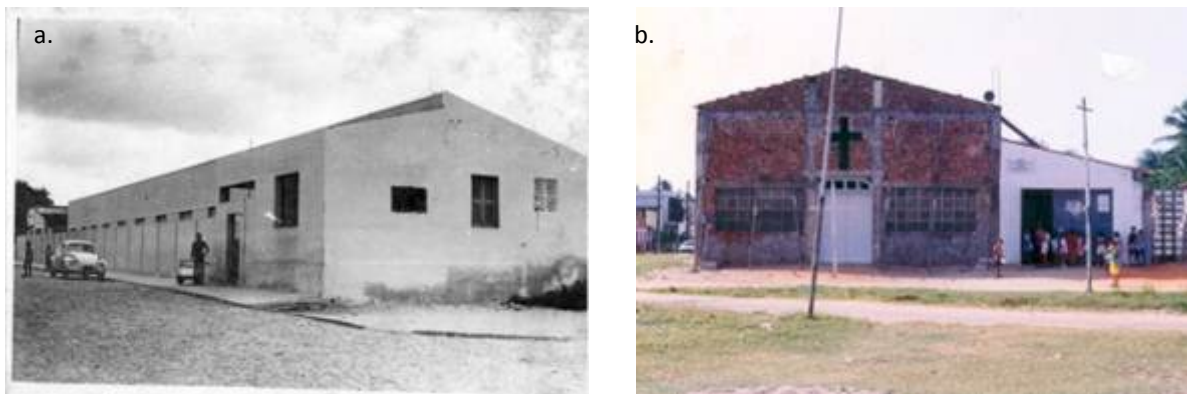


Figura 17: Construção de equipamentos comunitários, décadas 1960-1970.

- a. Escola Estadual Honório Bezerra (1964). Fonte: bairroellery.com, 2009.
 b. Construção da Igreja Nossa Senhora de Lourdes. Fonte: bairroellery.com, 2009.



Figura 18: Equipamentos comunitários do Bairro.

- a. Escola de ensino fundamental e médio Dona Creusa do Carmo Rocha. Fonte: Pesquisa direta, 2007.
 b. Chafariz na praça. Fonte: Pesquisa direta, 2007.

Destaca-se, também, no âmbito da formação da estrutura do Bairro, nos anos 70, a inserção de indústrias como a Brasil Oiticica (fábrica de castanha de cajú), Mecesa (metalúrgica) e Thomás Pompeu (tecelagem). É importante verificar que a concentração de

indústrias na área da cidade onde o Bairro se encontra foi um vetor de extrema importância para seu crescimento e povoação, mas também podendo ser encarado como o responsável por parte da degradação socioambiental verificada. Ainda hoje resistem os galpões do antigo Polo Industrial, ao longo das avenidas Sargento Hermínio e Francisco Sá. Este atraía as populações, principalmente de migrantes do norte do Estado, que vislumbravam postos de trabalhos gerados pela concentração industrial presente no local. No contexto dos investimentos da SUDENE no Estado do Ceará, foi implantado o Distrito Industrial de Maracanaú, então distrito de Maranguape, município da Região Metropolitana de Fortaleza. Grande parte das atividades industriais existentes nos Bairros desta parte da cidade entrou em decadência, devido ao processo de reestruturação industrial que se deu ao longo das décadas seguintes.

Algumas indústrias, remanescentes, são molestas e necessitam de adaptações para conviver com as áreas residenciais. Além disso, não são elas a principal atividade geradora de renda, obrigando o deslocamento da população trabalhadora para outros polos (Centro Comercial, Aldeota, Distrito Industrial e Área Portuária). Quando instalados no Bairro, esses equipamentos industriais suprimiram partes das ruas Raimundo Corrêa, Gonçalo de Lagos (sentido leste/oeste) e Rua Safira (sentido norte/sul).

O resgate desses logradouros parece e deve ser uma questão de honra para o Bairro. Os moradores nunca aceitaram por completo as invasões, porém, em virtude do emprego dado a muitos moradores, não foi alardeada a tal invasão e só um ou outro comentava, todavia, é unânime o desejo de ver desobstruídas as ruas e entregue ao público, fazendo votos também de que seja de utilidade pública a nova ocupação do local (SAMPALHO, 2007, [in press]).

Quase 50 anos depois da grande cheia de 1948, jornais locais divulgaram índices pluviométricos de 270 mm, relativos à cheia ocorrida no ano de 1997:

Uma semana após enfrentarem juntos o drama de terem suas casas alagadas e móveis destruídos, e até a perda de um companheiro da comunidade por afogamento no açude João Lopes, moradores do Bairro Ellery e Monte Castelo foram às ruas exigir o início imediato das obras de saneamento de toda área por onde passa o curso d'água (JORNAL OPOVO, 30 de abril de 1997).

Parte considerável do açude João Lopes foi tragada pelo crescimento da cidade (Figura 19). Em 2000, cerca de 300 famílias, que ocupavam áreas no entorno do açude João Lopes, desde 1986, foram removidas e reassentadas pelo Governo do Estado. Entretanto, 70 famílias ainda restaram, no início do canal, onde a SER I realizou, em 2006, obra de

canalização e cobertura da vala com concreto. "A obra foi malfeita, não teve fiscalização, quando chove as casas ainda ficam alagadas", garante Eliana Gomes, presidente da Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza, em entrevista ao jornal O POVO de 24 de abril de 2007. "A outra bacia, a gente luta que não seja coberta, mas que seja construída uma área de lazer para os Bairros Ellery e Monte Castelo. Um trabalho ambiental".



Figura 19: Foto aérea do Bairro Ellery (1972).

a. Foto aérea de 1972, mostra o açude João Lopes e o riacho sangradouro cruzava toda a extensão do bairro. Note-se a presença de terrenos vazios. Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1972.

b. Foto Satélite 2005, mostra grande extensão o riacho canalizado e o espelho d'água do açude sensivelmente reduzido. Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2005.

As evidências do quanto eram deficientes os serviços públicos, as condições subumanas de moradia, de saúde e de segurança, tornaram-se motivações para o desencadeamento de um processo que fez com que a comunidade se reunisse em torno de associações que foram paulatinamente surgindo, ao longo das décadas de 80 e 90: Associação Comunitária Vida Nova do Bairro Ellery, Associação Cristã do Bairro Ellery, Associação de Moradores do Bairro Ellery e Monte Castelo, Associação Habitacional dos Moradores do Conjunto Vila Ellery, Sociedade Habitacional Vila Ellery, entre outras. Inicia-se, também, a luta por terra e moradia no Bairro, por meio de diversas ocupações organizadas, que viriam a ser a principal marca da luta social local. Com o decorrer dos anos, diversas foram as conquistas: urbanização de áreas de risco, produção de 02 mutirões habitacionais, a creche comunitária Favo de Mel, o posto de Saúde Dr. Paulo de Melo Machado.

Com o passar do tempo e o advir destas conquistas, a desmobilização da comunidade começou a se instaurar. Foi neste momento que emergiram novos focos de lutas sociais. A questão ambiental e a formação da cidadania aparecem, atualmente, como principal pauta local. Essa temática é abordada, posteriormente, em outro segmento do trabalho.

3.4 “Espacializando” o Bairro

Completados seus 53 anos de existência oficial, o Bairro Ellery apresenta-se consolidado. Possui traçado viário regular e ortogonal, resultado dos loteamentos que lhe deram origem. É densamente ocupado e o uso do espaço é predominantemente habitacional.

Apresenta vias de importância para a malha urbana da cidade, que conformam corredores lineares de usos diversificados, característica marcante na cidade de Fortaleza.

Na busca pelo entendimento da organização socioespacial do Bairro, é apresentada, aqui, uma caracterização dos principais elementos de sua configuração espacial. Para que uma leitura possa ser feita com maior compreensão e aprofundamento, levou-se em conta três componentes da paisagem fortemente relacionados: Meio Natural, Meio Construído e Meio Social.

Meio Natural

O Bairro apresenta relevo plano, mesmo próximo aos recursos hídricos. É importante salientar que, tendo como base o levantamento de 1945¹², nota-se que o relevo foi bastante alterado, a partir de um processo mais intenso de ocupação. As alterações mais profundas dizem respeito ao aterramento de parte da área do açude João Lopes.

Como visto anteriormente, a História do Bairro está vinculada à História do açude João Lopes (Figura 20a). Além do açude, destaca-se o riacho Alagadiço, como recurso hídrico relevante. O Riacho Alagadiço corre paralelo à Avenida Bezerra de Menezes, por traz da Secretaria da Agricultura e Reforma Agrária (antiga residência da família Albano), de lotes comerciais e fundos de edifícios residenciais. Apesar dessa área não sofrer grandes danos ambientais, com vegetação generosa e boa ventilação, o Riacho teria suas margens

¹² Carta da Cidade de Fortaleza e Arredores.

preservadas e utilizadas frequentemente pela população, para o lazer, se não fosse o completo abandono e a falta de segurança desse trecho do Parque Alagadiço (Figura 24).



Figura 20: Açude João Lopes

a. Vista do Açude João Lopes: note-se a ausência de mata ciliar e eutrofização do espelho d'água. Fonte: Pesquisa Direta, 2007.

b. Homem limpando peixe, pescado no Açude, sobre laje que cobre canal sangradouro do mesmo. Fonte: Pesquisa Direta, 2007.

Esses recursos teriam grande potencialidade para funcionar como verdadeiros sistemas que orientariam a articulação entre os espaços construídos, áreas de preservação e áreas verdes urbanizadas. Contraditoriamente a esta afirmação, tais recursos são dilapidados pelo processo de ocupação do seu entorno e de suas margens. Dado o desequilíbrio ecológico, consequência de seu aterramento, assoreamento de suas margens e pela poluição demasiada, acontece, há muitos anos, um grande empobrecimento da paisagem e escassez dos recursos ali antes produzidos. Consequentemente, a pesca quase desapareceu, assim como as atividades de lazer ficaram sensivelmente prejudicadas (Figura 20b).

As potencialidades naturais existentes são timidamente exploradas, visando à valorização dos componentes naturais da paisagem. À articulação supostamente pretendida pelo poder municipal, por meio da implantação do Parque Valdo Pessoa, mais conhecido como Polo de Lazer da Avenida Sargento Hermínio, além de outros projetos em andamento, é somado às iniciativas de ordem pontual e paliativa do planejamento, tradicionalmente executado na cidade de Fortaleza. Mesmo assim, um intenso movimento da população de um conjunto de Bairros, principalmente do Ellery, reivindica junto à Prefeitura de Fortaleza a criação do Parque Raquel de Queiroz (Figura 21).

O projeto do Parque prevê o aproveitamento de áreas de proteção ambiental e paisagística, espaços públicos, equipamentos ou áreas devolutas subutilizados em uma

dimensão que alcança 254 hectares (2.540.000 m²) da Sub-Bacia do Açude João Lopes, Riacho Alagadiço, Açude Santo Anastácio e Riacho Corrente até o rio Maranguapinho, transformando-os em uma cadeia de 15 parques urbanos, com 12 quilômetros de extensão, compreendendo Bairros como São Gerardo, Alagadiço, Ellery, Presidente Kennedy, ParqueLândia, Pici e outros da região oeste de Fortaleza.



Figura 21: Projeto Parque Raquel de Queiroz.

Fonte: Cedido pelo escritório Projetos e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (PPAU), 2000 (adaptado).

O Movimento pela Revitalização do Polo de Lazer da Avenida Sargento Hermínio também se mostra como uma organização de moradores que trabalham em prol do meio ambiente local (Figura 22). O Polo de Lazer representa uma área de aproximadamente 23 hectares, desapropriada para fins de Utilidade Pública pelo Decreto Municipal nº 4630/76. É fato que, desta área, hoje, restam 4 hectares de áreas urbanizadas e utilizadas pela população, visto que uma parte considerável legalmente desapropriada para preservação é ocupada por residências informais e precárias, sendo ainda alvo de especulação por parte de empreendedores imobiliários (Figura 23).



Figura 22: Polo de Lazer da Avenida Sargento Hermínio.

a. Área urbanizada do Polo de Lazer da Sargento Hermínio. Fonte: Pesquisa direta, 2007.

b. Convite para manifestação pró-parque Raquel de Queiroz. Fonte: bairroellery.com, 2009.



Figura 23: Arredores do Polo de Lazer da Avenida Sargento Hermínio.

a. Fotografia da área ocupada pelo empreendimento imobiliário (condomínio residencial Harmony). Fonte: Pesquisa direta 2008.

b. Entulhos acumulados às margens do Riacho Alagadiço, na porção sul do parque. Fonte: acervo do Movimento Pela Revitalização do Polo de Lazer Sargento Hermínio.

A figura a seguir corresponde à área urbanizada do Polo de Lazer com cobertura vegetal densa, de grande porte, nativa, oferecendo sombra aos usuários, além de excelente condição ambiental. Há abundância de espécies frutíferas: coqueiros, mangueiras e cajueiros, além da fauna, de vasta diversidade.

Com relação aos elementos construídos, a pavimentação em ladrilho hidráulico ali aposta apresenta-se adequada para o propósito e local onde foi aplicada, além de possuir um certo grau de permeabilidade. Os canteiros são suficientemente generosos, permitindo que as raízes das árvores se desenvolvam sem entrar em choque com a pavimentação existente, em sua maior parte. No entanto, observa-se uma carência de mobiliário urbano básico, como lixeiras e postes de iluminação ao longo do trecho urbanizado, favorecendo o depósito de lixo nos canteiros e passeios, além da má iluminação, trazendo,

consequentemente, insegurança para os usuários no período da noite. Há ainda, uma zona de estacionamento, bem sombreada.

Dentro desta área existem espaços cercados e ocupados por edificações. Além do posto policial, outro equipamento de grande importância, presente no parque, é a quadra esportiva, que, embora subdimensionada, foi construída recentemente juntamente com a casa de segurança e a secretaria do Polo; edificações contíguas à quadra, reivindicadas há tempos pela comunidade local. Por fim, também por intermédio da comunidade, uma pista de *skate e bicicross* e uma grande área de viveiros de plantas compõem o quadro de equipamentos complementares do parque.

Em sua porção não urbanizada, há predominância de mata fechada e uma grande área pantanosa, com vegetação arbustiva e de forragem, muito comum em áreas degradadas e assoreadas. A “urbanização” que margeia a lagoa e o riacho, nesta área, encontra-se em estado deplorável, como se as correntes e os passeios estreitos, por si só, garantissem a proteção e uso de uma área de lazer (Figura 24). A via paisagística é deserta e perigosa, já que a parte posterior do lotes se volta a ela, de um dos lados, havendo do outro lado um imenso estirão de aguapés que cobre totalmente a lagoa, sinalizando a poluição da água onde é depositado grande quantidade de lixo e entulho.



Figura 24: Áreas verdes “urbanizadas” do Parque Alagadiço.

a. Estado de manutenção precário da via paisagística que margeia parque Alagadiço. Fonte: Pesquisa Direta, 2007.

b. Trecho do Riacho Alagadiço: poluição e abandono. Fonte: Pesquisa Direta, 2007.

Uma característica marcante do Polo de Lazer Sargento Hermínio é a presença de uma mureta, pintada de branco, que separa o trecho pavimentado principal de um bosque onde estão as árvores de maior porte. Recentemente, essa mureta sofreu, ao longo de sua extensão, uma intervenção, onde foram confeccionados, pelos moradores do Bairro Ellery,

mosaicos decorativos que representam anseios, imagens do que pensa a comunidade sobre o Polo e sobre a vida no Bairro, como se pode visualizar abaixo (Figura 25).



Figura 25: Projeto Arte na Mureta, promovido pela (ACBE), vencedor do prémio Gentileza Urbana 2008, IAB-CE.

Fonte: Pesquisa direta, 2008.

Além do Polo de Lazer, as áreas verdes potenciais de maior relevância, como se pode observar mediante a figura a seguir, estão localizadas em espaços privados, nos fundos de lote e no miolo das quadras ou ainda em grandes terrenos sub-utilizados ou ociosos de áreas institucionais ou pertencentes à iniciativa privada. Conseqüentemente, constitui-se em um conjunto de espaços verdes que se distribuem de uma forma dispersa no tecido urbano, por vezes inacessíveis à população local, mostrando muitas vezes estágios avançados de degradação ambiental (Figura 26).

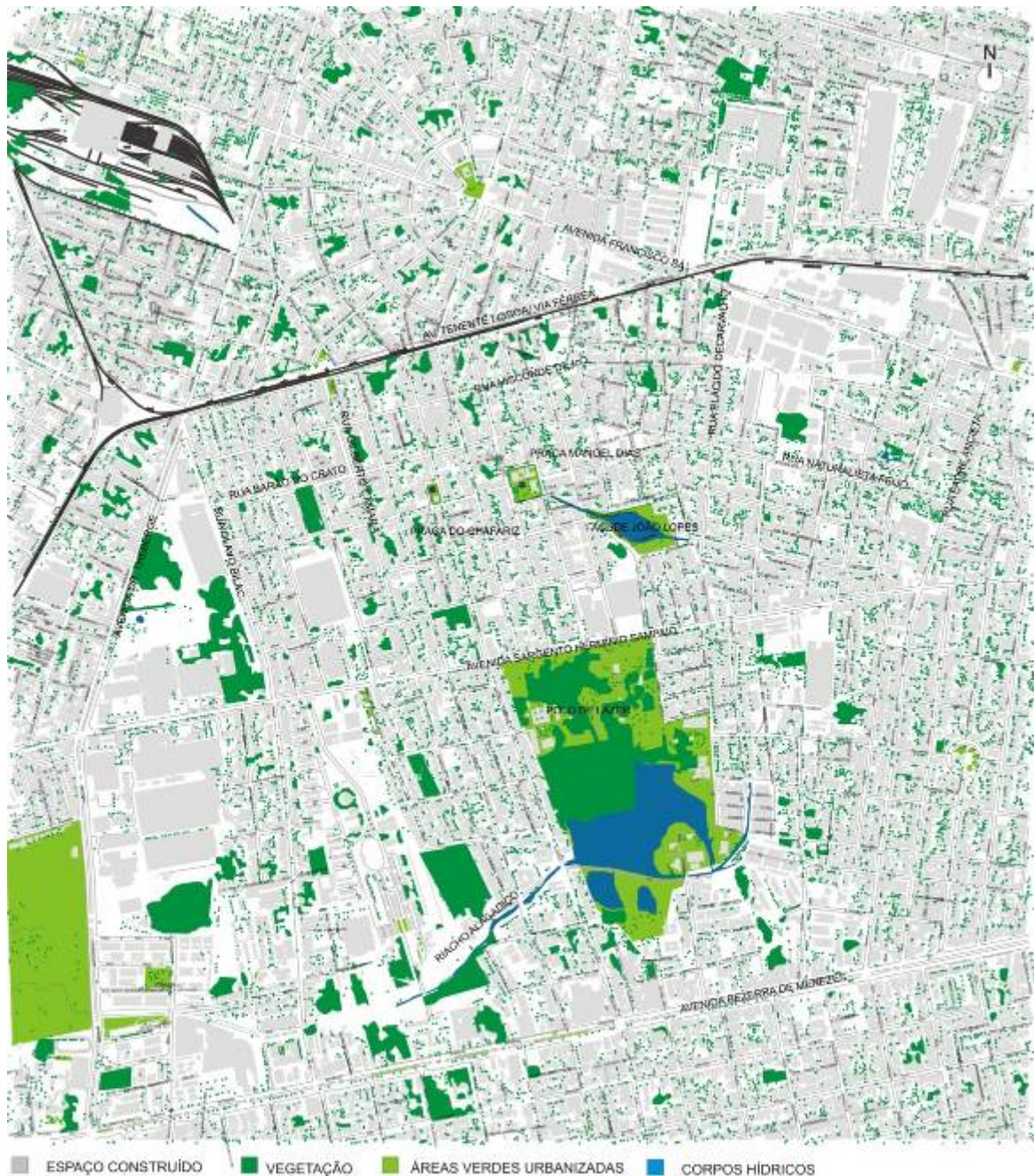


Figura 26: Sistema de áreas verdes da área em estudo.

Fonte: Prefeitura municipal de Fortaleza, 2005 (adaptado).

Meio construído

A produção do espaço do Bairro aponta para as características originárias do processo de ocupação, ocorrido mediante a divisão das glebas dos sítios, ocupadas primitivamente por atividades agrícolas, seguida pela implantação de atividades industriais que, com o decurso do tempo, não resistiram ao mercado fundiário e à expectativa da mais-valia urbana. O resultado tem sido o processo corrente e característico de ocupação da

periferia urbana por loteamentos, ocupações de áreas ambientalmente frágeis e a implantação de conjuntos habitacionais de interesse social.

Destacam-se como elementos significativos do espaço construído as praças, as vias e as tipologias habitacionais e comerciais, além dos equipamentos comunitários. A Praça Manoel Dias (conhecida como Praça da Igreja) e a Praça Oscar Bezerra Filho cumprem funções bastante diferenciadas no Bairro. A primeira apresenta um caráter mais cívico e solene, pela presença de dois equipamentos relevantes para a comunidade do Bairro: a Igreja de Nossa Senhora de Lourdes e a Associação Comunitária do Bairro Ellery. A capela, que, para os moradores do Bairro, “tem porte de matriz”, também é um dos ressentimentos do limite politicoadministrativo do Bairro, estando ela fora deste, assim como a escola, o posto de saúde, a delegacia e o fórum (Figura 27a).



Figura 27: Praças do Bairro Ellery.

a. Praça Manoel Dias (Praça da Igreja), ao fundo, a igreja de Nossa Senhora de Lourdes. Fonte, pesquisa direta, 2007.

b. Praça Oscar Bezerra Filho – Praça do Chafariz . Fonte, pesquisa direta, 2007.

Já a segunda praça, mais conhecida como “praça do Chafariz”, tem forte relação de complementaridade com a Escola Estadual Honório Bezerra (Figura 27b). Um elemento inusitado é a existência de um chafariz, com água mineral potável. Fazendo uso da água, os moradores se servem nas muitas torneiras abertas desde as primeiras horas da manhã. O poço profundo foi cavado no início da década de 1970, por insistência da comunidade. A praça possui canteiros bem cuidados e, além do chafariz, também possui uma pequena quadra.

Para além da ortogonalidade e regularidade da malha viária, característica marcante dos loteamentos periféricos realizados em Fortaleza, nota-se pontos de rompimento desta regularidade, ocasionados pela descontinuidade viária, resultado tanto da justaposição de

loteamentos, sem levar em conta a continuidade das malhas preexistentes, quanto pelas interrupções ocasionadas por grandes glebas de áreas verdes (parques) e lotes industriais; pela linha férrea e pelos recursos hídricos.

A ambiência das áreas construídas, quando comparada a outras áreas da mesma região, é mais agradável, pela existência de uma arborização mais consolidada no interior dos lotes assim como nas vias, com caixas em média de 14m de largura. Alguns passeios, contudo, são estreitos e descontínuos. Em diversos pontos apresentam estado precário de conservação.

Existe também a falta de consciência de que uma calçada é para o público, no entanto não é difícil encontrar barreiras e grades que impossibilitam o acesso e a exposição ao perigo fica inevitável (SAMPAIO, [in press], p.3)

As áreas destinadas à circulação de pedestres são desconfortáveis, pelas descontinuidades do nível do terreno, tipos de pavimentação e condições de conforto ambiental. A acessibilidade aos portadores de deficiência física, aos idosos e às crianças, é praticamente inexistente, dificultando, sobremaneira, a circulação no local. Por causa dele, o leito carroçável da via é também utilizado pelos pedestres (Figura 28).



Figura 28: Acessibilidade nas vias do Bairro.

a. Portador de deficiência circulando na faixa carroçável. Fonte: Pesquisa direta, 2007.

b. Calçada apresentando níveis variados na rua Barão do Crato. Fonte: Pesquisa direta, 2007.

O espaço mais consolidado e destinado, predominantemente, às habitações, é ocupado por variadas tipologias: casas térreas, sobrados e até edifícios multifamiliares além dos diversos tipos de pequenos estabelecimentos comerciais.

O Bairro possui razoáveis condições de infraestrutura urbana, conforme dados do Censo IBGE/2000, com coleta oficial de lixo que cobre praticamente 100% dos domicílios.

Cerca de 90% deles também é atendido pela rede geral de abastecimento de água. O provimento de esgotamento sanitário, este já possui índices menos satisfatórios; gira em torno de 70% dos domicílios ligados à rede geral de coleta. Com isso, parte dos efluentes é tratada pelo sistema fossa/sumidouro.

Em contraponto às áreas densamente ocupadas, destacam-se: o Parque de Exposições Pecuárias Governador César Calls e o Polo de Lazer da Avenida Sargento Hermínio (Parque Valdo Pessoa). O Parque, fundado em 1975, abriga, fundamentalmente, a Exposição Agropecuária e Industrial do Ceará (EXPOECE), realizada geralmente no último trimestre do ano. Na década de 90, existia ali uma feira permanente, onde diversos criadores se encontravam para comercializar. Esta feira foi suspensa, dando lugar a alguns eventos esporádicos organizados pela Associação dos Criadores e Pecuáristas¹³. Seu acesso principal se dá pela Avenida Sargento Hermínio, ao lado da Subestação da Companhia Elétrica do Ceará (COELCE). A disposição espacial do Parque de Exposições é linear, no sentido norte/sul, onde diversos currais, galpões e edifícios destinados às mais variadas funções se erguem, com um imponente edifício administrativo marcando a perspectiva. É uma área bastante arborizada e infraestruturada, porém subutilizada, atualmente.

Ao percorrer as Avenidas Sargento Hermínio e Francisco Sá, logo se percebe a característica fundamental dessas vias para o Bairro. São corredores de adensamento, cujo solo é mais valorizado. São caracterizados pela pluralidade de atividades comerciais e serviços de maior porte. Os terrenos situados às margens das vias de maior fluxo são valorizados e estimulados pelo poder municipal (Lei nº 7.987/96, Lei de Uso e Ocupação do Solo), atraindo maiores investimentos do setor imobiliário. Estas vias possuem duas faixas de rolamento em cada pista, fazendo a ligação nos sentidos leste/oeste, principais canais de mobilidade intra-bairros da região, alongando-se ao centro comercial da cidade (Figura 29).

¹³ Os espaços edificados ou utilizados que funcionam dentro da EXPOECE abrigam os seguintes usos: estação meteorológica da FUNCEME, galpões de exposição, restaurante, área destinada à rodeios e apresentações, área de cultivo de plantas medicinais, viveiros e árvores e plantas e algumas residências de zeladores e funcionários.



Figura 29: Avenidas Sargento Hermínio e Francisco Sá.

a. Perspectiva da Avenida Francisco Sá. Fonte: Pesquisa direta, 2007.

b. Uso do solo na Avenida Sargento Hermínio: predomínio das atividades comerciais. Fonte: Pesquisa direta, 2007.

A linha ferroviária é um marco divisório importante, servindo como obstáculo ao acesso dos moradores e usuários do Bairro, por muitos anos. Somente pelo lado do Bairro Carlito Pamplona era possível adentrar à estação ferroviária e tomar o trem. Quem morava do lado do Bairro Ellery, tinha que contornar todo o muro de proteção da linha até a Avenida Dr. Theberg, para alcançar o acesso voltado ao Bairro vizinho. Finalmente, na década de 1990, o tabu foi quebrado. A estação e a passagem de pedestre existente entre os Bairros é um forte ponto de concentração de pessoas (Figura 30).



Figura 30: Linha férrea e estação.

a. Estação de trens do Bairro Ellery. Fonte: Pesquisa direta, 2007.

b. Passagem de pedestre entre os Bairros Ellery e Carlito Pamplona sobre os trilhos da via férrea. Pesquisa direta, 2007.

É também possível verificar certa estratificação socioespacial no interior do Bairro. Na cidade alta, como é conhecida a região nas imediações da linha férrea, nota-se uma mistura. Pequenas casas que ocuparam parte da via que margeia o muro da linha férrea

contrastam com as casas das quadras seguintes, com elevado padrão construtivo. A área mais central do Bairro destaca-se pela localização dos principais equipamentos comunitários e praças, possuindo ocupação habitacional homogênea. Ainda há de se destacar a ocupação às margens do canal do açude João Lopes como a mais precária do Bairro. A verticalização da habitação, apesar de se apresentar ainda em pequeno número, é uma tendência identificada, principalmente, ao longo das centralidades lineares que cortam o território do Bairro (Figura 31 e Figura 32).

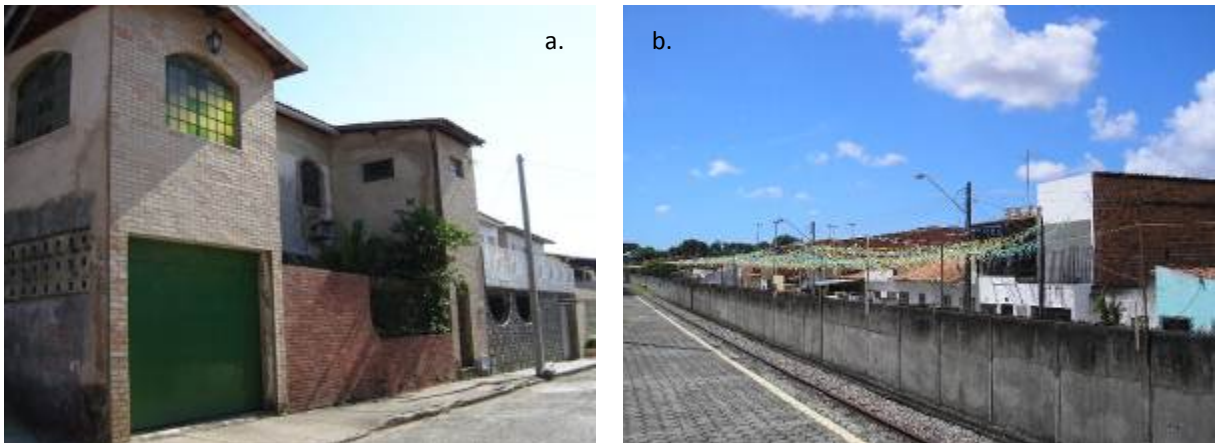


Figura 31: Diferença entre padrões construtivos habitacionais no Bairro.

a. Habitações na “cidade alta”: casas alto padrão. Fonte: Pesquisa direta, 2007.

b. Habitações na “cidade alta”: casas de baixo padrão ao longo da linha férrea. Fonte: Pesquisa direta, 2007.

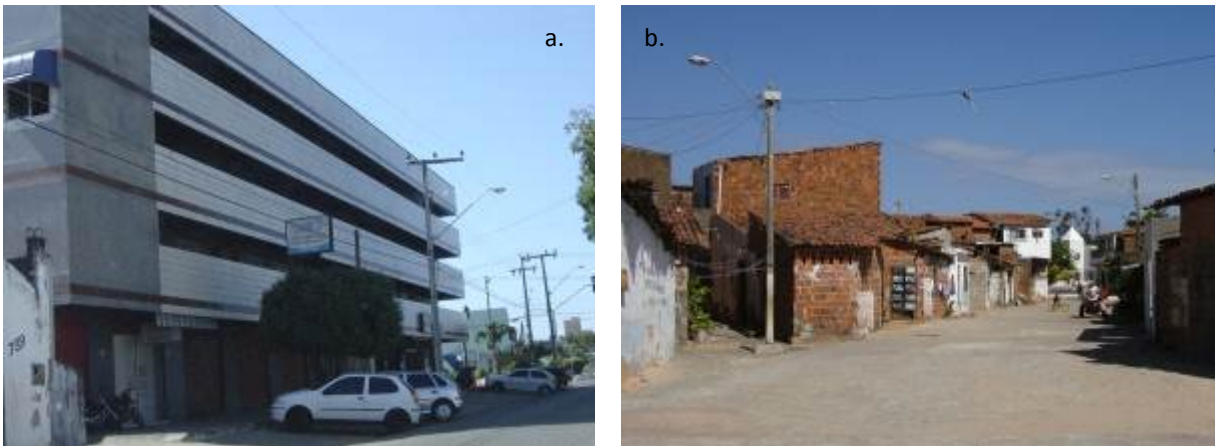


Figura 32: Diferença entre padrões construtivos habitacionais no Bairro.

a. Padrão construtivo, edifício comercial, Av. Sardento Herminio. Fonte: Pesquisa Direta, 2007.

b. Habitações de baixo padrão que ocupam a margem do canal do açude João Lopes. Fonte: Pesquisa Direta, 2007.

Destaca-se como quase inexistente a presença de terrenos vazios e ou subutilizados. Como exemplo, foi encontrado um espaço onde eram feitas as festas do Clube Recreativo e Esportivo da Vila Ellery (CREVE). De fato, os terrenos, no Bairro Ellery, têm se valorizado.

Este processo vem paulatinamente expulsando alguns moradores pela elevação do valor dos alugueis.

Meio Social

Dado o contexto de produção do espaço urbano no qual o Bairro está inserido, os passos iniciais da articulação comunitária, desde sua criação oficial, em 1956, eram direcionados para problemáticas de ordem imediata, tais como calçamento e transportes. Passaram-se vinte anos sem que uma representação oficial e uma efetividade de conquistas viessem à tona até que, na década de 80, os movimentos urbanos em Fortaleza se apresentaram num contexto de emergência social; ocupações marcam a trajetória de organização da comunidade, que, em torno da Associação Comunitária do Bairro Ellery (ACBE), desenvolvendo uma série de projetos.

A falta de uma sede física, só construída em 1986, não impediu a articulação dos moradores por melhorias, inicialmente voltadas aos aspectos mais básicos, como moradia e infraestrutura urbana. Antes de erguido o edifício da sede da associação, na Praça Manoel Dias, as reuniões eram realizadas nas casas dos próprios moradores e nas escolas do Bairro. A mobilização para a construção, tanto da igreja quanto da associação de moradores, foi um fator determinante para a articulação dos residentes.

A entidade surgiu em 86, quando o Brasil vivia um período político importante no final da ditadura militar. Em 84 teve as Diretas (Diretas Já), dois anos depois a Associação se forma a exemplo de milhares de entidades que se formaram nesse período. Na segunda metade da década de 80, por conta das liberdades que estavam surgindo, Fortaleza estava num processo de grandes ocupações do solo, e aqui (Bairro Ellery) também ocorreram várias ocupações (Entrevista com Francileuda, ex-presidente da ACBE. Pesquisa direta, 2007).

Moradores ligados ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) passaram a fazer parte do movimento e se juntaram aos membros da Igreja, na organização da associação dos moradores. Esse último segmento era identificado por uma tendência tradicional católica. Em 1987, o movimento popular iniciou diversas ocupações e mutirões no Bairro. Esse fato interrompeu o processo de integração entre Igreja e militantes. Os integrantes da Igreja voltaram-se mais intensamente para o trabalho missionário e eclesial, enquanto a associação dos moradores definiu um trabalho de mobilização por moradia e serviços sociais, dentre outros direitos básicos à cidade. A partir de então, essas mobilizações

passaram a ter características de cunho mais social, já que as atividades que a associação desenvolveu exigiram do grupo uma relação com outros setores, além da Igreja, tais como o poder público municipal e estadual, bem como relações com os moradores e comerciantes da comunidade, que não estavam ligados ao PCdoB. A esta altura, o principal objetivo era a construção de mutirões para as comunidades pobres que ocupavam a área de risco das margens do açude João Lopes.

O Bairro melhorou muito com a ajuda da entidade, a 1ª bandeira da entidade foi a luta por casa própria, nesse tempo existia o programa de mutirões, o Bairro até então era desordenado, muitas favelas, muitas casas à margem do açude João Lopes, problema ambiental, também problema estrutural do próprio Bairro e preocupada com isso a entidade encampou essa luta e o resultado dessa luta foram 8 conjuntos habitacionais, erguidos em parceria com o governo do Estado e a própria prefeitura (Entrevista com Aguinaldo Aguiar. Pesquisa direta, 2007).

Posso citar (como exemplo dos conjuntos habitacionais conquistados) uma etapa do Conjunto Curió, o Conjunto Padre Inácio, perto da Bezerra de Menezes, uma etapa no Padre Andrade, 3 conjuntos no Bairro do Monte Castelo, temos o conjunto João Lopes, na mesma rua da entidade (rua: Dr. Almeida Filho, 326), temos o último que foi o conjunto da Ironte, aqui na av. Francisco Sá. Muitas pessoas ficaram no Bairro, certa de 70% das famílias e outras foram deslocadas por conta do Bairro não ter mais terreno para abrigar essas famílias. Somando todos esses conjuntos, dá em torno de umas 2.500 a 3.000 famílias beneficiadas (Entrevista com Fernando Michael, atual presidente da ACBE. Pesquisa direta, 2007).

Apesar de possuir uma estrutura institucional tradicional, formada por presidente, vice-presidente, 1º tesoureiro, 2º tesoureiro, 1º secretário, 2º secretário, 1º suplente, 2º suplente (dois), conselho fiscal (três membros) e mais três membros da suplência, Francileuda garante que “[...] ninguém toma decisão só, tomamos as decisões coletivamente, porque se errar somos nós que erramos, se acertar somos nós que acertamos” (Pesquisa direta, 2009).

Atualmente, a Associação desenvolve várias ações, destacando-se a Creche Comunitária Favo de Mel, a parceria com o Centro Socorro Abreu, organização não-governamental que presta atendimento jurídico e psicológico à mulheres vítimas de violência doméstica; realização de cursos para formação profissional e cidadã e a parceria com o bloco de pré-carnaval “Sai na Marra”. Destacam-se, ainda, os projetos de comunicação social como a rádio Mandacaru FM e a página eletrônica do Bairro. O espaço

físico da associação abriga, literalmente, diversos destes projetos, tais como a Creche Comunitária Favo de Mel e o Centro Socorro Abreu (Figura 33).

Estou aqui desde a fundação (da creche), ela foi fundada dia 10 de maio de 1990, eu entrei em agosto, então vai fazer 16 anos que estou aqui. Nós iniciamos com 35 crianças, depois ampliamos pra 50, depois 100 e no final 120. Hoje, está apenas com 75 crianças, por conta da demanda, porque muitas famílias do açude João Lopes foram tiradas da área de risco e também temos outra creche, a Martins Aguiar, que também influi muito. Por isso as crianças daqui foram diminuindo e hoje estamos apenas com 75 crianças (Entrevista com Maria Alzenir da Silva. Pesquisa Direta, 2007).

A creche comunitária é vista como direito essencial, pela ACBE, pois possibilita à mulher exercer sua capacidade produtiva em plenitude, sendo um instrumento de fortalecimento da luta das mulheres pela independência financeira e a liberdade de poder decidir sobre suas próprias vidas.



Figura 33: Atuação da Associação Comunitária do Bairro Ellery.

a. Reunião da coordenação do Bloco "Sai na Marra". Fonte: Acervo Associação Comunitária do Bairro Ellery (ACBE).

b. Acesso da creche Favo de Mel, no edifício da ACBE. Fonte: Pesquisa direta, 2007.

O bloco "Sai na Marra" é um resgate do carnaval popular de rua. Trabalhando a questão cultural e social nos seus temas anuais, desfila nos três sábados que antecedem os dias do carnaval oficial (Figura 34).

Primeiro que o bloco e o clima que o desfile traz ao Bairro são transformadores... É festa por todo lado, no desfile, antes do desfile e depois do desfile, nas esquinas, praças e bares da região. E é uma festa democrática, de brincadeira total que nem no entrudo das antigas, onde até quem não quer passa a se envolver: não precisa de fantasia, de ingresso, de abadá, nem de carteira de sócio, só a vontade de brincar, de fazer parte da festa, de "pular" como se diz na fala dos foliões mais antigos. A vontade pessoal e a união no desfile do bloco são o passaporte para a tal

“licença para a igualdade”, aí tem engenheiro, tem dona de casa com as crianças, tem cristão, evangélico, desempregado, líder comunitário, ninguém vai se preocupar em perguntar sobre a renda, a crença religiosa, a ideologia política dos participantes, “tamo” ali é pra derrubar a tristeza, as barreiras, os conflitos... O bloco é pra celebrar e lembrar à comunidade que podemos e devemos nos unir, festejar a liberdade e tolerância de pessoas diversificadas, mas que são companheiras, fraternas, que podem curtir na segurança, na paz, sem se autodestruir.

Não esquecemos dos nossos opressores, Você já olhou para o estandarte do bloco? Ali está encarnada a nossa irreverência, a nossa crítica política e humana, por isso inseparável: é o Tio Sam (símbolo dos Estados Unidos, logo símbolo eleito para encarnar os agentes da fome/corrupção/covardia/egoísmo/guerra/desumanidade que ronda nosso mundo faz tempo) sendo subjugado por uma “perua”, nosso irreverente símbolo que traz a esperança de mudar o futuro cuidando do presente. (Entrevista com Raul Carlos Campos, Historiador, membro do Conselho de Desenvolvimento do Bairro Ellery, membro do Movimento Comunidade Reunida Hip Hop e professor da Escola Creusa do Carmo Rocha. Pesquisa direta, 2007).



Figura 34: Desfile do Bloco de Pré-carnaval “Sai na Marra”.

a. Desfile do bloco, pré-carnaval 2008. Fonte: Pesquisa direta, 2008.

b. Desfile do bloco, pré-carnaval 2008. Fonte: Acervo bairroellery.com.br.

O trajeto do bloco, pelas ruas do Bairro, sofreu algumas alterações ao longo dos anos. Inicialmente, o desfile era concentrado nas primeiras ruas do Bairro (Henrique Ellery e Barão do Crato). Como estratégia de ampliação do bloco, buscou-se inserir uma rota que abrigasse pontos de parada em pequenos estabelecimentos comerciais e um percurso maior, superando os limites politicoadministrativos (Figura 35).



Figura 35: Mapa do percurso do bloco “Sai na Marra” em 2008.

Fonte: Associação Comunitária Bairro Ellery, 2008 (adaptado).

Trabalhamos as principais ruas do Bairro e as primeiras ruas do Bairro pra tentar contemplar o Bairro como um todo. As ruas principais que dividem o norte e o sul e também as primeiras ruas no Bairro Ellery como a Henrique Ellery, como a Barão do Crato, são as principais e as primeiras ruas do Bairro Ellery, que vieram e foram dando as delimitações do Bairro (Entrevista Fernando Michael, diretor do bloco “Sai na Marra”. Pesquisa direta, 2009).

O bloco ainda tem como estratégia a formação de parceria com os pequenos estabelecimentos comerciais do Bairro. Uma característica do bloco é o de movimentar o comércio local, tanto o formal quanto o informal. Ao traçar o percurso, também se observa a localização desses estabelecimentos. O acordo é bastante simples: quinze minutos com uma parada do bloco em frente ao estabelecimento e publicidade em troca de patrocínio.

Você sai, brincando, pulando, pulando, pulando, pai, menino, avô e avó, chega num determinado comércio, pára, e lá você abastece do seu refrigerante, da suas cerveja, da sua cachaça, num sei o que... E a bandinha toca, a parada é só de 15 minutos, aí a bandinha para, e coloca um som mecânico do carro de apoio, um som mecânico também com as mesmas músicas. É a Dona Margarida, o Rei do Frango, a Sylvania Drinks, o D’assis Drinks, temos o Wagner, estabelecimentos que tem como ponto de parada as bebidas pro pessoal refrescar a garganta e reabastecer o estoque. Aí também entram outros seguimentos, um loja de material esportivo,

outros segmentos (Entrevista com Fernando Michael, diretor do bloco “Sai na Marra”. Pesquisa Direta, 2009).

Nós temos três formas de divulgar o estabelecimento dele: nós temos faixas, nós temos o carro de som, durante por exemplo, vamos supor que o bloco vai sair sábado que vem agora, desde segunda-feira roda o carro de som falando dos patrocinadores, fazendo a propaganda, e no percurso do bloco também, quando tem as paradas estratégicas também tem a propaganda dentro do bloco nas paradas estratégicas (Entrevista com Fernando Michael, diretor do bloco “Sai na Marra”. Pesquisa Direta, 2009).

Pelo amor de deus, quando a gente muda o percurso, nós mudamos o percurso para esse ano, aí tem uns cantos que não tá passando, a negada vem aqui perguntando porque o bloco não passou. Muita gente enfeita até a casa pra ver o bloco passar (Entrevista com Fernando Michael, diretor do bloco “Sai na Marra”. Pesquisa Direta, 2009).

A trajetória da Rádio Comunitária Mandacaru FM (RCM) é marcada pela trajetória da própria Associação e dos movimentos sociais organizados que atuam no Bairro. Iniciativa da ACBE que, em seus primórdios, em 1991, era constituída por um serviço de som feito por meio de alto falantes, mais conhecido pela população como “bocas” ou “radiadoras”. Cabe destacar que Fortaleza é uma das cidades brasileiras pioneiras na tentativa de democratização do sistema de comunicação, através da implantação de rádios comunitárias, operando com o serviço de alto-falantes. As rádios comunitárias aparecem ligadas a três eixos: 1) vinculadas a organizações não-governamentais; 2) vinculadas à Prefeitura Municipal e à Universidade Federal do Ceará, responsáveis pela disseminação de emissoras comunitárias em Bairros estratégicos da cidade; 3) as que surgem da ação espontânea de algumas comunidades, como é o caso do Bairro Ellery (MATTOS, 2003).

Em 1996, a Rádio inicia uma das atividades que marcaria sua existência, e que aparece nos relatos de seus membros como um dos momentos mais significativos e de maior repercussão junto à comunidade: a transmissão dos jogos de futebol do campeonato suburbano que ocorria nos campos de várzea do próprio Bairro. Após o início da transmissão em FM, em 1998, a associação também passou a promover a formação de comunicadores populares locais da emissora. A existência da Emissora é marcada por mudanças constantes na equipe, provocadas por diversos fatores, que vão desde os desentendimentos pessoais ou políticos, ligados ao tipo de orientação a ser seguida pela

emissora, até as dificuldades financeiras de seus membros e a impossibilidade de conciliar horários, entre outros aspectos.

Mesmo com o fechamento da rádio, em fevereiro de 2003, por determinação da Agência Nacional das Telecomunicações (ANATEL), foi possível encontrar na grade de sua programação, na segmentação dos espaços comunicativos, nas pesquisas já realizadas sobre a rádio e em sua própria iniciativa e trajetória, um acervo de informações relevantes à pesquisa. A aproximação cultural com os grupos identitários do Bairro é apresentada claramente pela proposta da rádio:

Tinha que ser uma rádio que tivesse identidade com a comunidade. Ela não podia ser paternalista, mas envolver a comunidade diretamente na programação. Essa é uma dificuldade que até hoje nós temos. [...] uma rádio onde o objetivo não fosse comercial e que tivesse uma gestão democrática. (Entrevista com Aguinaldo José Aguiar, liderança comunitária e um dos fundadores da Mandacaru FM. Pesquisa direta, 2009).

A criação do Centro Socorro Abreu de Desenvolvimento Popular e Apoio à Mulher se deu a partir da atuação da Federação de Entidades de Bairros e Favelas de Fortaleza (FBFF), em oficinas de sensibilização sobre a questão de gênero e sobre o direito à cidade, nas associações comunitárias filiadas. Atua nos Bairros da região oeste da cidade, mais frequentemente em ações jurídicas compreendendo: de violência física, emocional, de patrimônio, sexual, além de divórcios, requerimento de pensão alimentícia, reclamação sobre guarda de filhos e filhas, requerimento de exame de paternidade (Figura 36).



Figura 36: Ações sociais e rebatimento espacial: Centro Socorro de Abreu.

a. Reunião periódica promovida pelo Centro Socorro de Abreu para representantes da rede Comunitária de Combate à violência contra a Mulher.

Fonte: Acervo bairroellery.com.br

b. Passeata nas ruas do Bairro em defesa da mulher e divulgação da lei Maria da Penha. Fonte: Acervo bairroellery.com.br

Para além dos projetos de caráter mais permanente, a associação promove atos nos quais os espaços públicos do Bairro são tomados pelos mais variados tipos de manifestações. A tradicional encenação da Paixão de Cristo leva os moradores a percorrerem diversos espaços do Bairro (ruas, praças), com 15 paradas em casas onde os moradores abrem suas portas para receber a procissão. O corpo de atores, formados em sua maioria por crianças e adolescentes, é seguido por uma multidão de moradores (Figura 37a).

Os passeios ciclísticos, em 2009 contando com sua 11ª edição, acontecem como celebração de datas comemorativas importantes para a comunidade do Bairro (aniversário do Bairro, da Associação, Dia do Trabalho, e outros), mas também possuem caráter de reivindicação, denúncia e protesto. Os percursos dos passeios adotam espaços marcantes do Bairro para pontos de parada e manifestações (Figura 37b).



Figura 37: Grandes mobilizações no Bairro.

a. Encenação da Paixão de Cristo. Cena da santa ceia em frente à Igreja Nossa Senhora de Lourdes. Fonte: Acervo bairroellery.com.br.

b. Passeio ciclístico – passagem pela praça Manoel Dias (praça da Igreja). Fonte: Acervo bairroellery.com.br.

Outro evento que marcou profundamente a apropriação do espaço público pela manifestação dos moradores foi o concurso "Minha rua é mais Brasil", promovido também pela Associação de Moradores do Bairro Ellery; a rua mais colorida (em verde e amarelo) ganharia o prêmio de sediar, no Bairro, as comemorações do jogo das oitavas-de-final da seleção brasileira, por ocasião da copa de 2008, na Alemanha (Figura 38 e Figura 39).



Figura 38: Moradores enfeitam suas ruas.

Fonte: Acervo bairroellery.com.br.



Figura 39: Ruas decoradas para o concurso “Minha rua é mais Brasil”.

Fonte: Acervo bairroellery.com.br.



Figura 40: Polo de Lazer aos domingos.

a. Feirinha do Polo, acontece sempre aos domingos. Fonte: Pesquisa Direta, 2008.

b. Apresentações culturais. Fonte: Acervo bairroellery.com.br.

O Polo de Lazer da Avenida Sargento Hermínio, como é conhecido pela população o parque Valdo Pessoa, durante os fins de semana, principalmente aos domingos, abriga inúmeras atividades culturais. A famosa Feirinha do Polo é acompanhada por apresentações de grupos teatrais e musicais, grupos de jovens para a prática de *skate* e *bicicross*. Parte

dessas manifestações é organizada pela Associação, outras pela prefeitura e outra parte delas tem caráter espontâneo (Figura 40, Figura 41, Figura 42 e Figura 43).



a.



b.

Figura 41: Prática de esportes no Pólo de Lazer.

a. Prática de esportes: skate. Fonte: Pesquisa Direta, 2008.

b. Prática de esportes: bicicross. Fonte: Pesquisa Direta, 2008.



a.



b.

Figura 42: Atividades realizadas no Polo de Lazer.

a. Rádio Polo: a hora certa, notícias, recados, informações e pedidos musicais. Ação promovida pela Associação. Fonte: Acervo bairroellery.com.br.

b. Comemoração de aniversário: lanche no Polo. Fonte: Pesquisa Direta, 2008.



a.



b.

Figura 43: Formas de ocupação das atividades realizadas no Polo de Lazer.

a. Projeto da PMF para revitalização de espaços públicos: aulas de ginástica ao ar livre. Fonte: Acervo bairroellery.com.br.

b. Ocupação do Polo de lazer aos domingos. Fonte: Pesquisa Direta, 2008.

Considerações sobre o Capítulo

As considerações apresentadas neste capítulo proporcionam o entendimento do contexto do processo de produção do espaço do Bairro Ellery na cidade de Fortaleza, assim como uma aproximação com os aspectos históricos, espacial, econômico e cultural do mesmo. Esses conhecimentos buscam esclarecer aspectos da comunidade subjacentes ao objetivo deste trabalho (ao se considerar o Bairro como unidade de planejamento da cidade, sendo necessário superar seus limites politicoadministrativos): estudar essa escala urbana a partir da vivência de seus moradores. De que modo os indivíduos moradores do Bairro identificam esta dimensão territorial? Quais são seus principais referenciais socioespaciais? De que forma esses referenciais são utilizados para a formatação de uma identidade territorial?

A partir das informações de suporte apresentadas e, mediante análise da configuração do espaço do Bairro, atrelada às significados acerca do mesmo, o capítulo que segue busca responder às indagações acima formuladas aplicando empiricamente o instrumental analítico apresentado no Capítulo 2.

CAPÍTULO 4: APLICAÇÃO

Como já exposto no Capítulo 1, a construção de um suporte analítico teve como propósito articular variáveis relativas à descrição do espaço do Bairro a partir das possibilidades de experiência socioespacial (medidas sintáticas) e variáveis concernentes aos **significados** do espaço do Bairro, conferidos pelos moradores que lá vivem.

Neste capítulo, apresentam-se os resultados da pesquisa empírica entrelaçando os dois aspectos mencionados. A aplicação dos suportes e seus resultados para o Bairro Ellery são apresentados separadamente nas duas primeiras partes do capítulo sendo posteriormente articulados.

4.1 Descrevendo o Bairro

O primeiro passo consistiu em considerar o sistema da cidade de Fortaleza, em seu contexto mais geral, para, em seguida, enquadrar o contexto específico do Bairro Ellery. A forte lógica do crescimento radial-concêntrico da cidade de Fortaleza favoreceu o processo disperso de parcelamento. A malha da cidade se comporta como uma “colcha de retalhos”, sendo os retalhos formados por malhas predominantemente ortogonais e regulares interceptadas pelas principais vias radiais, que conformam os principais eixos de circulação em direção ao centro histórico da cidade; pelas discontinuidades dos alinhamentos das vias dos loteamentos e por outras barreiras tais como as linhas férreas e as grandes áreas institucionais (Figura 44). Esse traçado está praticamente consolidado, havendo poucas alternativas para a modificação de sua lógica predominante. Fortaleza apresenta uma malha regular em suas partes, mas deformada no seu conjunto, pois as parcelas (retalhos) não se agregam de forma contínua a não ser por meio dos eixos radiais mencionados.

A descrição dos espaços a partir dos instrumentos da sintaxe espacial, utilizando a base cartográfica de Fortaleza de 2005, resultou em um mapa axial composto por 11.945 segmentos de linhas retas (Figura 45). As medidas de integração global, extraídas do mapa axial, indicam que os maiores níveis potenciais de co-presença se encontram bastante concentrados em um único Núcleo de Integração (NI). O NI não corresponde ao centro geométrico do sistema, mas ao centro histórico, de onde partem as linhas radiais anteriormente referidas (Figura 46). A inexistência de linhas perimetrais contínuas, que

estabeleçam a conexão inter-eixos radiais, impossibilita o surgimento de núcleos secundários de maior nível de integração.

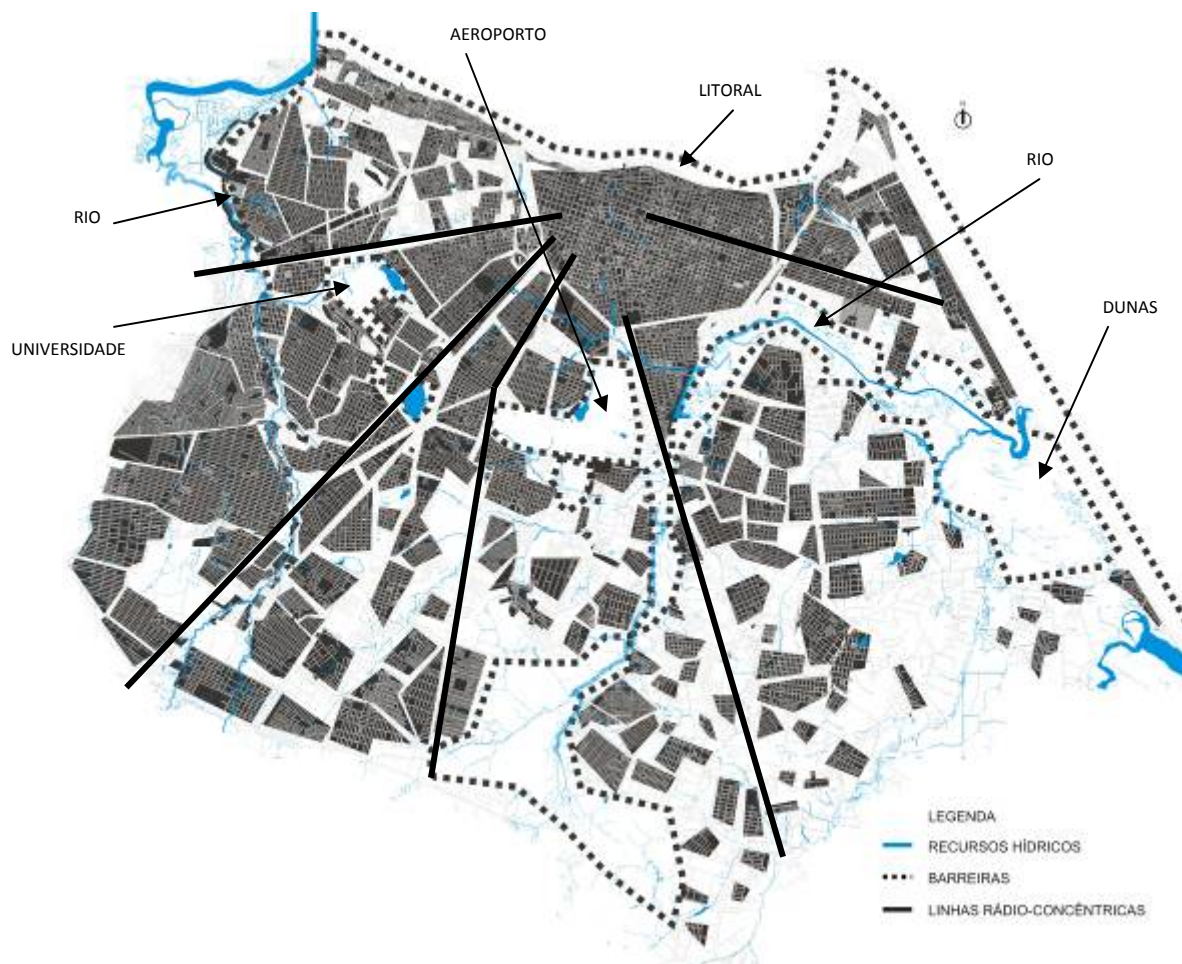


Figura 44: Esquema ilustrando a ideia de “colcha de retalhos” da malha urbana de Fortaleza.

Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2005 (adaptado).

A característica mais marcante deste sistema é a profundidade média de 8,8 mudanças de direção. Em um quadro comparativo com outras cidades brasileiras, a profundidade média do sistema de Fortaleza aparece ao lado de pequenas cidades, tais como Mariana e Tiradentes (MEDEIROS, 2006), que possuem apenas cerca de 1.000 eixos. Tais comparações levam a crer que o sistema de Fortaleza é extremamente raso (Figura 47).

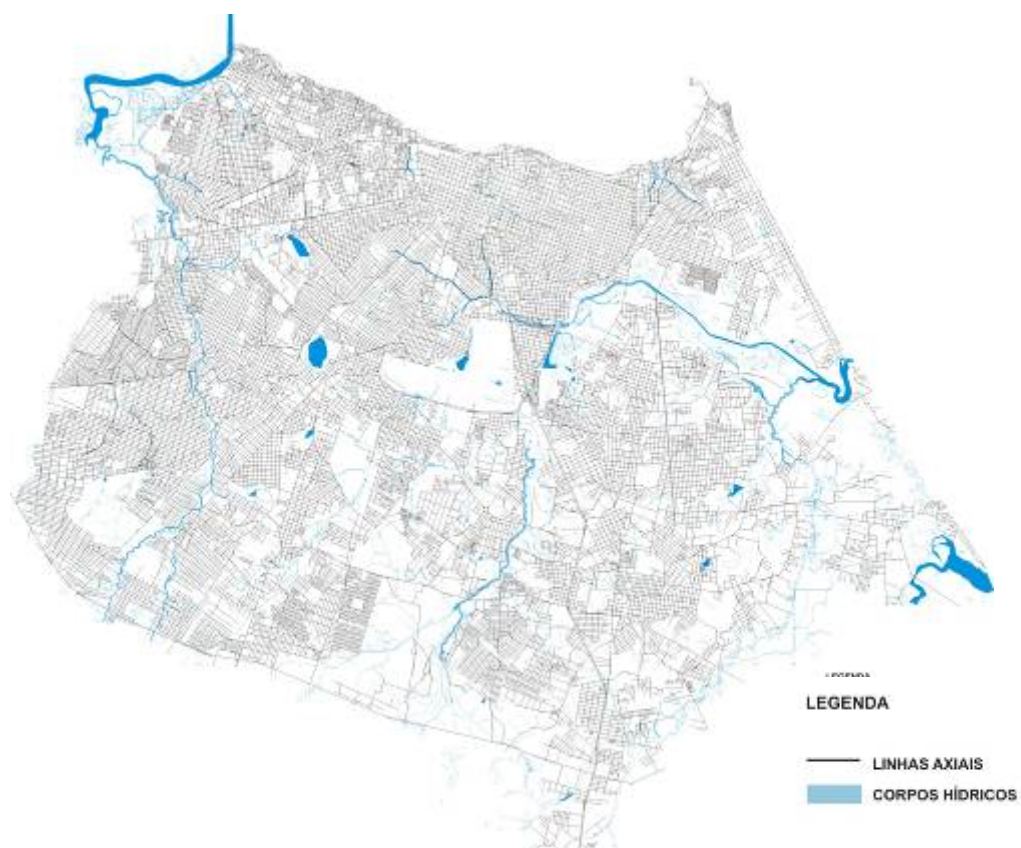


Figura 45: Mapa axial de Fortaleza.

Fonte: Construído pela autora sobre base cartográfica Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2005.

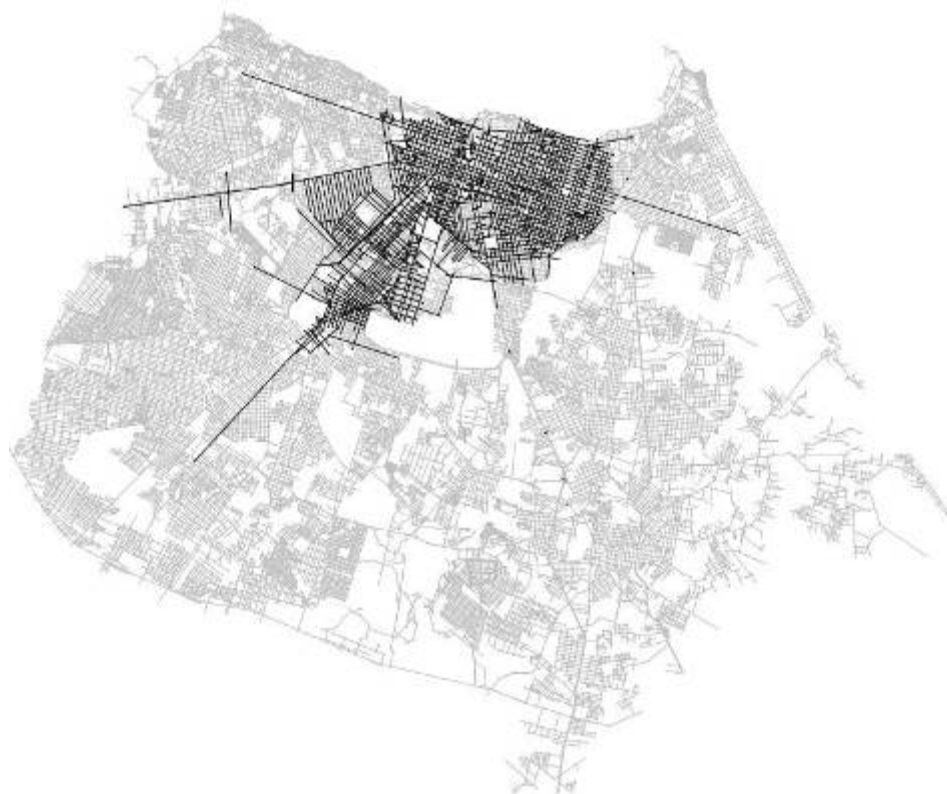


Figura 46: Núcleo de integração do sistema de Fortaleza.

Fonte: Construído pela autora utilizando o software *MindWalk*, 2008.

Isto pode ser justificado pela facilidade de acesso ao NI pela maior parte das linhas do sistema, a partir das radiais. A linha mais integrada do sistema (ID 843 – Rua Antônio Pompeu/Padre Valdevino), por exemplo, é conectada diretamente com quatro destas linhas rádio-concêntricas. Todavia, as linhas radiais, nesta estrutura axial, apresentam baixa conectividade e baixa medida de integração global, devido ao traçado levemente sinuoso, que subdivide os eixos em vários segmentos.

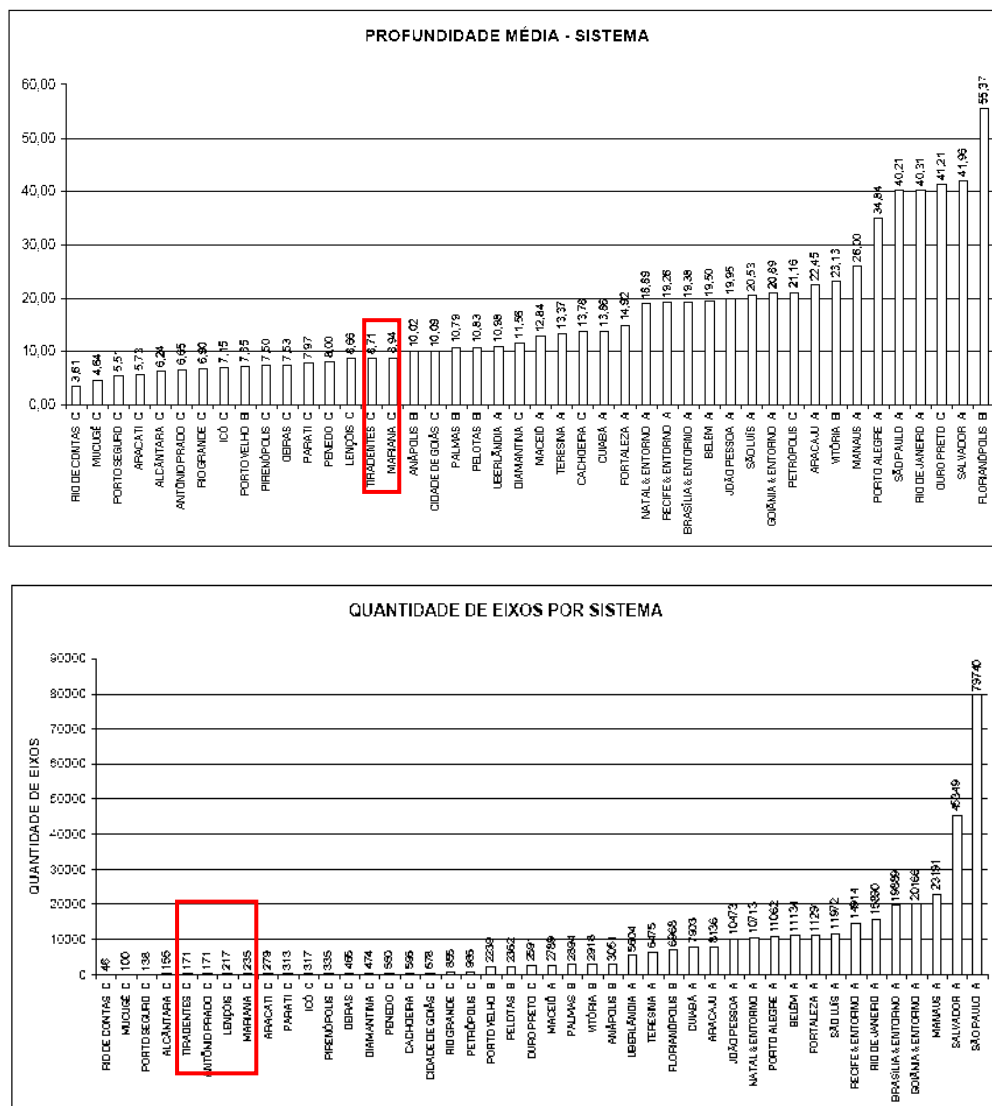


Figura 47: Comparativo entre profundidade média e quantidade de eixos de sistemas para diversas cidades brasileiras.

Fonte: MEDEIROS, 2006, p.314 – 359.

Obs.: A decomposição do sistema de Fortaleza realizada por Valério Medeiros apresentou diferenças entre a realizada pela autora desta pesquisa, principalmente devido a base cartográfica utilizada como referência para a construção do mapa axial. Dessa forma, justifica-se a discrepância de dados apresentados por aquele autor para o sistema em questão. Esta diferença, contudo, não invalida as referências comparativas utilizadas.

Percebe-se, também, que não existe uma relação direta entre integração global e conectividade. A linha mais integrada do sistema (ID:843 – Rua Antônio Pompeu / Padre Valdevino GI=1.3985) evidencia 61 conexões, enquanto a linha mais conectada (ID:1336 – Av. Santos Dummont GI= 1.2515) apresenta 73 conexões, com apenas medidas medianas de integração frente ao sistema .

O sistema de Fortaleza, a partir da leitura do mapa de integração global, é composto por linhas radiais segmentadas. Dada a sua grande extensão, tem configuração levemente curva e sinuosa, ausência de linhas perimetrais interradiais e linhas curtas dispostas em malha xadrez, referentes aos “retalhos”.

A partir das características descritas, foram realizadas experimentações visando a agregação de linhas axiais formando as *linhas de continuidade* (FIGUEIREDO, 2004). Com a aplicação de ângulos de agregação (AA), que variaram entre 15°, 30°, 35°, 45° e 60°, notou-se a tendência, por consequência, à desconcentração do NI e aumento de todas as medidas de integração do sistema (Tabela 2). Esta mudança propiciou maior legibilidade aos mapas, por destacar a integração principalmente as linhas rádio concêntricas, linhas que obtiveram as maiores agregações.

Isso acontece porque as novas entidades longas distribuem os valores de integração ou, dito de outro modo, garantem melhor acessibilidade topológica a um número maior de áreas do mapa, evitando a excessiva concentração de valores no centro sintático. Assim, o caráter distribuído da acessibilidade é bem melhor refletido pelas medidas sintáticas, sem o artifício de dividir o mapa em subáreas (FIGUEIREDO, 2004).

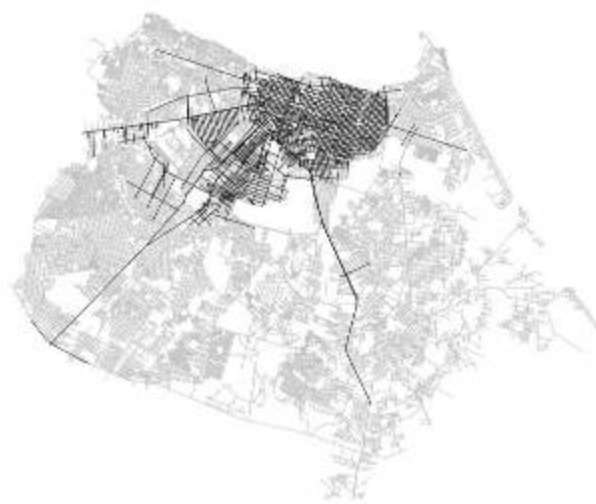
Tabela 2: Relação das medidas sintáticas e ângulos de agregação.

	N° linhas do sistema	Depth		Connectivity	Global Integration	Local integration r3	Radius-radius integration
		Max.	Média				
Ângulo 0°	11945	29	8,8	4,8396	0,8648	2,2382	1,3758
Ângulo 15°	11738	25	7,8	4,8895	0,9903	2,2890	1,5122
Ângulo 30°	11431	21	6,8	4,9665	1,1121	2,3380	1,6659
Ângulo 35°	11341	21	6,5	4,9901	1,1783	2,3589	1,6835
Ângulo 45°	11177	20	6,1	5,0329	1,2428	2,3852	1,8354
Ângulo 60°	10952	15	5,6	5,0915	1,3073	2,4222	1,8666

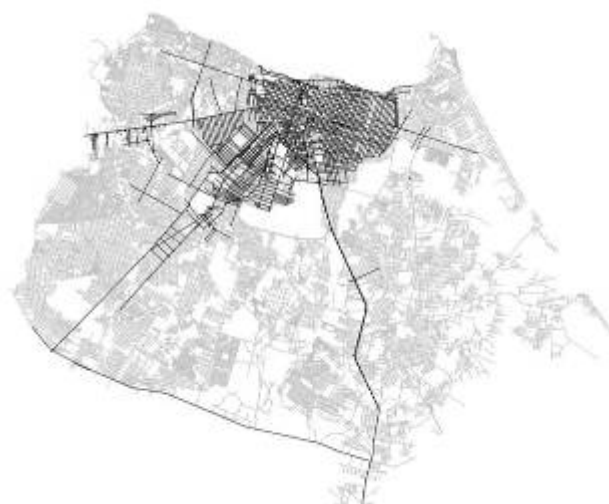
Fonte: Construído pela autora através do software *Mindwalk*, 2008.

A emergência de 5 (cinco) eixos, com medidas de integração global alta e que conectam a região central às bordas ou periferias, promove uma leitura mais precisa da

distribuição dos potenciais de acessibilidade ao longo da malha, ao estabelecer uma hierarquia clara no sistema urbano. As características do sistema global tornam-se mais evidentes com a agregação de linhas (Figura 48).



a. Núcleo de Integração do mapa de continuidade para AA=0°.



b. Núcleo de Integração do mapa de continuidade para AA=15°.



c. Núcleo de Integração do mapa de continuidade para AA=35°.



d. Núcleo de Integração do mapa de continuidade para AA=60°.

Figura 48: Variação do Núcleo de integração a partir dos ângulos de agregação 0°, 15°, 35° e 60°.

Fonte: Construído pela autora utilizando o software *MindWalk*, 2008.

A partir destes resultados, optou-se por trabalhar para o sistema global com o mapa de continuidade gerado a partir de um ângulo de agregação de 35° pela clareza do aumento da integração dos eixos radiais e pela emergência de segmentos perpendiculares a estes

eixos que evidenciaram prováveis linhas de núcleos de integração de caráter mais local. Os ângulos superiores apresentaram poucas modificações relevantes ¹⁴.



a1. Mapa integração global.

b1. Mapa integração local $r=2$.



a2. Núcleo de integração global.

b2. 5% da linhas mais integradas do sistema para $r=2$.

Figura 49: Emergência de núcleos locais $R=2$.

Fonte: Construído pela autora utilizando o software *MindWalk*, 2008

Para a compreensão das medidas sintáticas em nível mais local, escolheu-se um raio(r)¹⁵ de abrangência mediante tentativas que buscaram expressar, da melhor forma, os

¹⁴ Estudos recentes sobre os Mapas de Continuidade apontam que a partir de ângulos de agregação maiores do que 45° , principalmente para sistemas pouco sinuosos como o caso de Fortaleza, o número de agregações passa a apresentar poucas modificações na estrutura sintática (MEDEIROS, 2006).

¹⁵ O raio compreende um número determinado de passos para se avaliar a integração de uma linha (integração local).

núcleos locais. O raio adotado para representar o sistema de Fortaleza foi o $r = 2$, pois o sistema, como dito anteriormente, é raso; e com uma quantidade ampla de passos, não seria possível identificar as linhas mais acessíveis apenas em nível local.

O mapa de integração local ($r=2$) mostra que o núcleo de integração perde força e o sistema torna-se mais heterogêneo, com o aparecimento de núcleos de integração locais (Figura 49). Esses núcleos locais (NL) são o resultado da principal característica do sistema: colcha de retalhos. Nota-se, também, que esses núcleos locais são conectados uns aos outros e ao núcleo de integração principal quase apenas por meio das linhas radiais.

A partir da identificação das linhas mais integradas, em nível local, que correspondem aos eixos radiais concêntricos da malha urbana da cidade de Fortaleza e que interceptam a área de estudo, é possível tecer uma análise pormenorizada do Bairro (Figura 50).

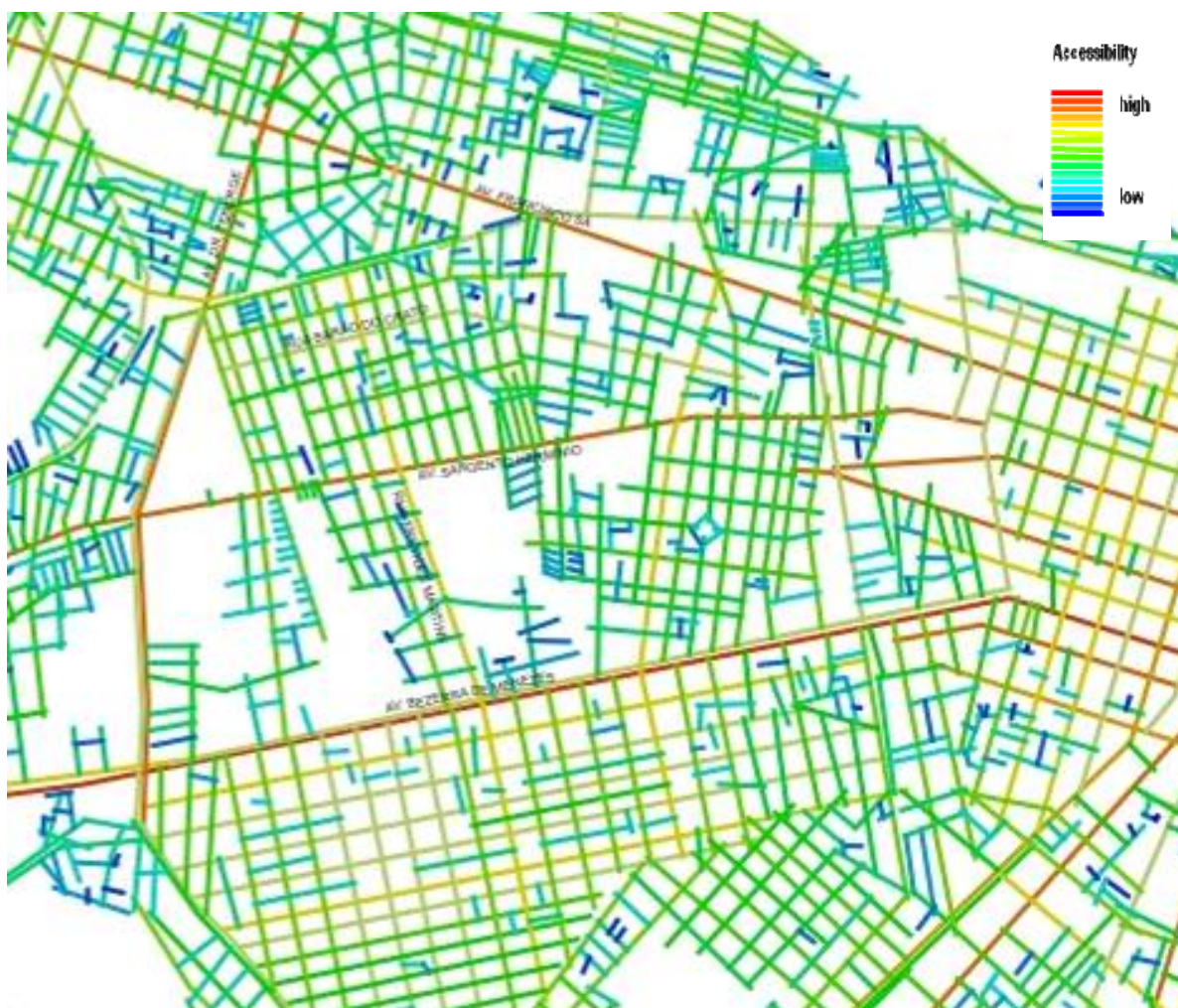


Figura 50: Mapa integração local $r=2$ (pormenor da área de estudo extraído do mapa de integração de Fortaleza)

Fonte: Construído pela autora utilizando o software *MindWalk*, 2008.

Para a compreensão da configuração do Bairro, fez-se necessário, então, o levantamento em campo da distribuição de atividades no território. O mapa de uso do solo que se segue classifica as atividades em residencial e não-residencial, evidenciando a predominância de habitações (Figura 51). Uma análise pormenorizada do uso residencial evidencia como predominante a tipologia unifamiliar (Figura 52).



Figura 52: Mapa uso do solo residencial.

Fonte: Pesquisa direta, 2009.

O sobrado, principal tipologia encontrada, é característico da área. Casas térreas são construídas em pequenos lotes, com pouco ou nenhum recuo lateral, sendo o recuo de frente mais raro que o recuo de fundos. O segundo pavimento é, em geral, construído posteriormente. O pavimento térreo, na maioria das vezes, passou a ter utilidade comercial ou de prestação de serviços. O processo de verticalização também funciona como fonte de renda, através do aluguel ou de abrigo para fazer face ao aumento das famílias.

O uso misto das habitações é constantemente encontrado. Geralmente, a parte da frente ou todo o primeiro pavimento da edificação é utilizado para vendas de produtos ou prestação de serviços. São atividades vitais para seus moradores, já que estão voltadas ao complemento do sustento da família ou até mesmo como principal fonte de renda. Esse tipo de uso apresenta-se principalmente ao longo das vias mais internas e tranquilas do Bairro.

As casas geminadas ou em fila e as vilas, geralmente voltadas ao aluguel, é uma das formas de uso residencial multifamiliar. Diferenciam-se da tipologia anteriormente referida, pela repetição de um módulo de apenas um pavimento (Figura 53).



Figura 53: Tipologias habitacionais: sobrado e vila.

a. Auto-produção da habitação: sobrados. Fonte: Pesquisa direta, 2009.

b. Perspectiva da vila. Fonte: Pesquisa direta, 2007.

Os condomínios residenciais são formados por um conjunto de prédios, com 4 a 6 pavimentos. Possuem, geralmente, muros que separam o espaço interno (privado) da rua (espaço público). Nota-se que a classe de renda média está se deslocando das regiões centrais para ocupar lotes próximos às vias principais, já consolidadas urbanisticamente (Figura 54).



Figura 54: Tipologia habitacional condomínio vertical e estabelecimento comercial.

a. Condomínio multifamiliar: note-se o uso de muros, diferente das tipologias anteriores. Fonte: Pesquisa direta, 2007.

b. O "bar de esquina", típico comércio de vocação local. Fonte: Pesquisa direta, 2009.

As favelas identificadas derivaram, principalmente, da invasão das áreas de preservação e proteção dos recursos hídricos. Apresentam uma grande densidade populacional e construtiva, além da ausência de infraestrutura básica.

O levantamento do uso não-residencial (Figura 57) teve como resultado a coincidência das linhas que apresentaram maiores medidas de acessibilidade (Figura 50) à maior concentração dos usos/atividades comerciais. O comércio e a prestação de serviços, por sua vez, foram classificados em três níveis:

1) comércio e serviço de apoio imediato à moradia, com necessidade de frequência diária ou semanal (quitanda, bar, mercadinho, a *lan house*) encontram-se pulverizados nas áreas menos integradas do Bairro;

2) comércio e serviço diversificados, de apoio à moradia de menor frequência (supermercados, lojas de vestuário e eletrodomésticos, Bancos, Correios): encontram-se concentrados nas linhas de maior integração em nível local ;

3) comércio e serviços de apoio urbano são encontrados nos eixos radiais de relevância para o sistema global (Figura 55).

A inserção dos estabelecimentos industriais na malha do Bairro resulta em espaços peculiares. Os lotes industriais, por possuírem dimensões muito maiores que as dos lotes padrão, causam uma série de conflitos: obstrução de ruas, ocupações irregulares do espaço público pelas áreas de carga e descarga e formatação de ruas corredores, como resultado dos muros altos (Figura 56).



Figura 55: Comércio e serviço: apoio imediato e diversificado.

a. Mercadinho de frutas a rua Atualpa. Fonte: Pesquisa direta, 2009.

b. Agência dos correios a av. Sargento Herminio. Fonte: Pesquisa direta, 2009.

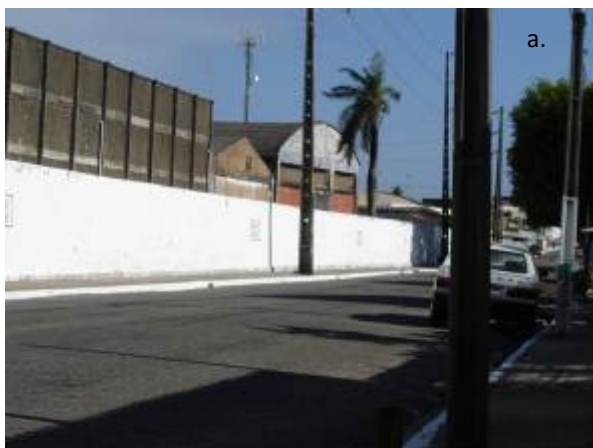


Figura 56: Inserção das indústrias no Bairro.

a. Indústria a rua Olavo Bilac – dicotomia. Fonte: Pesquisa direta, 2009.

b. Mecesa, bloqueando as ruas Safira e Gonçalves de Lagos. Fonte: Pesquisa direta, 2009.

A análise da mobilidade interna do Bairro constata que o desenho das vias é voltado para o veículo (pavimentação e relação entre as dimensões) e o espaço destinado ao pedestre não é privilegiado. Até nas áreas com predominância residencial, onde o tráfego de veículos é irrelevante, quando comparado às viagens de pedestres, o desenho da via privilegia o leito carroçável em relação aos passeios. No entanto, é o pedestre que ocupa tais espaços. Na hierarquia viária, verifica-se a existência de vias arteriais e coletoras no sentido leste-oeste, em maior número do que no sentido norte-sul.



Figura 57: Mapa do uso do solo nãoresidencial.

Fonte: Pesquisa direta, 2009.

O Bairro Ellery possui uma linha de transporte público que penetra na malha interna do Bairro: a linha Ellery-Centro que utiliza a Rua Barão do Crato como via de irrigação. Nota-se que, nesta via, há maior concentração de usos comerciais e de serviços de apoio imediato à moradia. Além desta linha de transporte, o Bairro ainda conta com ampla possibilidade de deslocamento para outras áreas da cidade, devido à diversidade de rotas do transporte público que são vias de acesso ao centro da cidade (Figura 58 e Figura 60).



Figura 58: Aspectos da rua Barão do Crato.

a. Linha de transporte coletivo que penetra no Bairro Ellery pela Rua Barão do Crato. Fonte: Pesquisa Direta, 2009.

b. Perfil comercial da rua Barão do Crato – entre as ruas Demóstenes de Carvalho e Plácido de Carvalho. Fonte: Pesquisa Direta, 2009.



Figura 59: Linha férrea – limite e integração.

a. Vista da estação ferroviária. Fonte: Pesquisa Direta, 2009.

b. Perspectiva da rua paralela a linha férrea – Rua Tenente Lisboa. Fonte: Pesquisa Direta, 2009.

Outro elemento de destaque quanto à mobilidade no Bairro é a presença da linha férrea, tanto como elemento limitante/segregador, já que suas margens são “protegidas” por muros, quanto de viabilização da acessibilidade, dada a existência de uma estação ferroviária no Bairro (Figura 59).

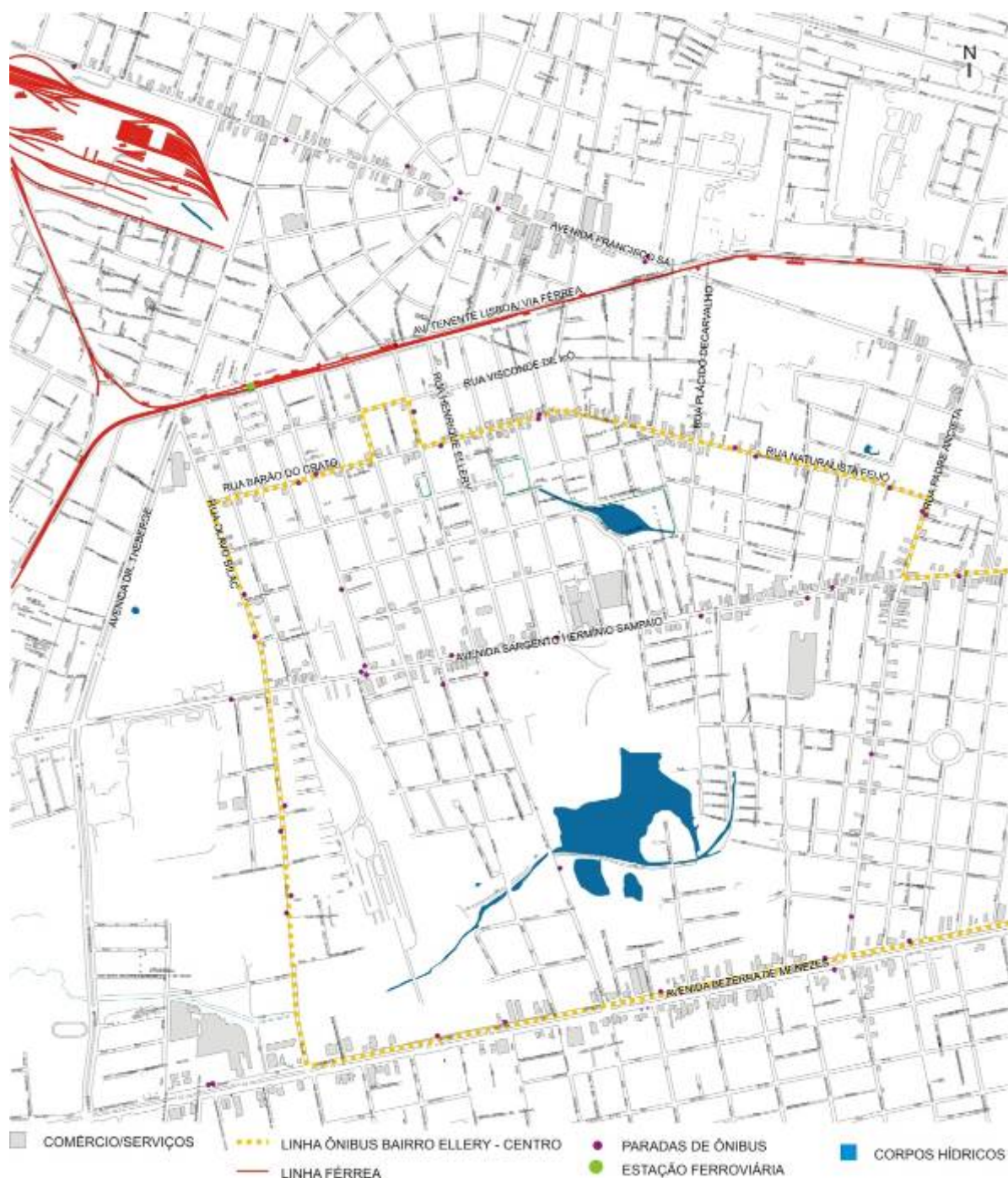


Figura 60: Mapa linha de transporte do Bairro.

Fonte: Pesquisa direta, 2009.

As vias caracterizadas como corredores de adensamento ou atividades (vias arteriais), de velocidade e fluxo intenso, dificilmente estabelecem uma relação harmônica com as áreas circunvizinhas. Pelo contrário, são opressoras em relação à escala da malha secundária de vias de atravessamento local, causando uma dicotomia da malha urbana e, por fim, uma barreira ao prolongamento dos eixos viários secundários. Por outro lado, são os principais polos geradores da economia local, pela vitalidade e valorização da terra.

Como salientado, a predominância dos usos residenciais é significativa, mas é a localização das atividades não-residenciais que atua de forma mais consistente na diferenciação dos níveis de integração das linhas. Os usos que dependem da alta acessibilidade e visibilidade tendem, de fato, a buscar as linhas que possuem maiores medidas de integração global. Já as linhas mais integradas em nível local, privilegiam o uso de determinadas áreas em detrimento de outras, gerando, conseqüentemente, singularidades.

Ao articular o resultado do gráfico das linhas mais integradas em nível local, para $r=2$, (Figura 50) frente o levantamento dos usos e atividades existentes ao longo dessas linhas, reforça-se a diferenciação das demais linhas, sujeitas a um raio de ação desses eixos que concentram as atividades comerciais e de serviços, enquanto as linhas mais segregadas comportam as atividades voltadas à habitação, ao lazer, ao comércio e a serviços voltados à comunidade local de uma maneira dispersa.

O que se verifica é a tendência à especialização de usos não-residenciais nas linhas mais integradas a nível global e uma maior diversidade de usos nas linhas segregadas (malha do Bairro propriamente dita – habitação, comércio e serviços em nível local e ainda equipamentos e instituições comunitários).

O atendimento da demanda por comércio e serviços especializados acontece de forma linear. O sentido de atravessamento leste-oeste, buscando o centro comercial da cidade, tem um sistema de linhas mais integradas do que o norte-sul. Tais corredores (Av. Francisco Sá, Av. Sargento Hermínio e Av. Bezerra de Menezes) concentram, sensivelmente, tais atividades (Figura 61a).

O comércio e prestação de serviços, como hoje encontram-se presentes na estrutura desses Bairros (de forma linear e especializada), não são voltados ao atendimento das necessidades das áreas adjacentes, e sim a toda uma região ou até à toda a cidade.

Já o comércio e serviços voltados às comunidades locais (mercearia, bar, farmácia, etc.) utiliza-se, preponderantemente, do uso misto das habitações e dos equipamentos de uso comunitário (escolas, posto de saúde, delegacia de política, etc.) e os espaços verdes urbanizados (praças) localizam-se nas áreas mais segregadas do sistema (Figura 61b).

Nota-se também que na via onde a linha de transporte público penetra no bairro, também se concentram um maior número de usos comerciais voltados ao atendimento local e é onde, ao analisar o mapa de integração, a linha se destaca pelo nível médio.



Figura 61: Comparação entre estabelecimentos comerciais.

a. Comércio a Av. Sargento Hermínio – grande porte e especializado. Fonte: Pesquisa Direta, 2009.

b. Comércio em rua da parte central do Bairro – pequeno porte. Fonte: Pesquisa Direta, 2009.

O que se constata, a partir desta análise, é a tendência à especialização de atividades não-residenciais, principalmente comércio e serviços, das linhas mais integradas e a tendência à predominância de uma maior diversidade de usos voltados ao atendimento local, nas linhas mais segregadas, inclusive os equipamentos comunitários. O Bairro é dessa forma, caracterizado pela distinção entre o conjunto de linhas segregadas e linhas específicas de alta integração em nível global, que funcionam como direcionadoras dos padrões de uso do solo. A questão fundamental, então é colocada a seguir: Os moradores do Bairro percebem e sentem estas variações? Se percebem, como são elas utilizadas como referências do Bairro?

4.2 Significando o Bairro

Nesta etapa do trabalho aprofunda-se a compreensão dos significados atribuídos pelos moradores ao espaço do Bairro, buscando meios para uma reflexão acerca dos lugares e das relações sociais que neles se desenvolvem.

Na pesquisa, visando apreender os sentidos atribuídos pelos moradores acerca dos espaços do Bairro, o método de investigação combinou três fontes de informação sobre o ambiente analisado: a pesquisa nos meios de comunicação local e entrevistas individuais semiestruturadas.

Ressalta-se que nem tudo que acontece no Bairro pode ser registrado. Mas muito do que foi falado e visto forma, sem dúvida, um conjunto de informações que permitem uma leitura singular sobre esse ambiente de estudo.

4.2.1 Comunicando (com) o Bairro

As pessoas possuem experiências diferentes das diversas partes da cidade. Alguns trechos elas conhecem bem, outros não fazem parte da sua realidade diretamente. Mas, mesmo quando não possuem experiência direta desses lugares, é possível tirar conclusões sobre tais lugares, por meio de informações, imagens e significados simbólicos que são transmitidos pelos diferentes meios de comunicação.

A identidade social é construída a partir destas fontes de evidência, que conferem um tom de verdade às crenças das pessoas, pela confiança depositada nas informações e julgamentos compartilhados com outros. Além de conhecer a qual grupo pertence, a identidade social envolve a experiência comum do conhecimento, o senso comum e padrões justificatórios.

Foi percebido como forte elemento de suporte da comunidade a experiência de comunicação alternativa que tem sido amplamente utilizada para o reforço da identidade do Bairro Ellery. Destaca-se neste contexto a página eletrônica: www.bairroellery.com.br. A análise deste suporte identitário buscou sempre a abordagem relativa aos referenciais socioespaciais, embutidos neste instrumento de comunicação.

A lógica do sítio é inspirar a coletividade e participação. No botão que apresenta a História do Bairro encontram-se informações como a História do nome das ruas, levantada pelo Sr. Tobias Marques Sampaio, morador do Bairro, escritor e poeta. A participação do Sr. Tobias e de diversos outros colaboradores, também moradores do Bairro, demonstra seu caráter coletivo. “Esteja livre para também ajudar nosso trabalho voluntário em prol da cidadania e da melhoria das condições de vida de nossa comunidade”, frase que ilustrava a interface principal do sítio.

Dentre os colaboradores, encontramos, além do Sr. Tobias, Agnaldo José de Aguiar (principal articulador da página eletrônica), Raul Campos, morador do Bairro, professor de História e participante do movimento Comunidade Reunida Hip Hop, Clarice Araújo, esposa

de Raul, e participante da ONG Centro Socorro Abreu. Daniel Almeida, morador do Bairro, que mantém tecnicamente a página eletrônica.

Junto à História do Bairro, encontra-se o registro de seus equipamentos, desde a quantidade de praças, instituições religiosas, até os estabelecimentos comerciais, assim também como mapas de localização. O sítio ainda apresenta a catalogação periódica de artigos publicados sobre o Bairro em diversos veículos de comunicação da cidade, tais como rádio, revistas, televisão e jornais locais.

Um ponto forte a ser destacado no sítio é a interatividade e o forte apelo social. Existem diversos mecanismos que permitem esse contato entre usuários: enquetes e votações sobre diversos temas, possibilidade de comentar artigos e fotos, atalhos para outras páginas eletrônicas relacionadas ao Bairro e às instituições parceiras, uma área para classificados locais, possibilidade de criação de conta de e-mail e páginas eletrônicas de relacionamento vinculadas ao Bairro (Figura 62).

O sítio possui uma agenda de eventos do Bairro, atualizada, divulgando locais assim como uma galeria de fotos que registra estes eventos. Importante notar que esta galeria é alimentada, periodicamente, pelos próprios moradores. Essa é uma estratégia para atrair o interesse da população. Só estabelecimentos do Bairro podem veicular anúncios publicitários no sítio. Destaca-se, a seguir, trecho de artigo Jornal Diário do Nordeste, cujo tema é o alcance do sítio implantado:

Graças a um forte conteúdo e constantes atualizações, onde o internauta pode contemplar vídeos, fotos, entrevistas, murais, eventos, notícias, serviços e interatividade. ‘Tudo que se encontra no sítio é feito pelos próprios moradores e destina-se ao “consumo interno”, é uma espécie de Google local”, afirma, orgulhoso, Aguinaldo Aguiar, um dos integrantes da equipe responsável pelo empreendimento, que conta ainda com a participação decisiva dos moradores Daniel Almeida, Raul Campos, Clarice Araújo e Tobias Sampaio (Jornal Diário do Nordeste, 31/03/2007).

A questão social, por sua vez, é resultado das parcerias estabelecidas, ao longo do tempo, com entidades que trabalham em defesa dos valores sociais, culturais, educacionais, religiosos, esportivos, enfim, tudo que diz respeito à busca pela qualidade de vida dos moradores. Ao acessar o sítio, o visitante se surpreende com a quantidade de notícias e caminhos que apontam para o sentido comunitário do conteúdo ali exposto.

The image shows the homepage of the website 'Bairro Ellery'. At the top, there is a header with the site's name 'BAIRRO ELLERY' and the slogan 'pela democratização dos meios de comunicação'. To the right of the header is the logo of the 'Comissão Nacional Pro-Conferência de Comunicação'. Below the header is a navigation menu with links for 'HOME', 'NOTÍCIAS', 'O BARRIO', 'CLASSIFICADOR', 'AGENDA', and 'CONTATO'. A search bar is located below the navigation menu.

The main content area is divided into several sections:

- Últimas notícias:** A section titled 'De Cadeados do Poder - Tobias Marques Sampaio' with a date of 02/07/2009. Below it, a sub-section 'Últimas notícias' features an article 'Eliane Gomes cobra início da obra do asfalto João Lopes' dated 10/7/2009. The article includes a photo of Eliane Gomes and text stating she is a councilor and president of the 'Fundaçao de Habitacão de Fortaleza (Fahab)', and that the work is located in the 'bairro da Aldeia'.
- Alguns fatos - Últimas notícias:** A list of news items with dates and titles, such as 'Uma Faltabilidade - Tobias Marques Sampaio' (18/7/2009), 'Novo secretário quer retomar obras no pólo de lazer' (14/7/2009), and 'Campanha a favor da gestora - SUSSANA BRASIL' (03/7/2009).
- Fotos do Festival de Cristo do Bairro Ellery - 10/04/2009:** A section with multiple photos and captions, including 'Fotos da visita da Câmara Municipal e área do Projeto do Parque Rocher de Quinzor - 08/04/2009', 'Fotos de Pólo Fest Junho - 29/03/2009', and 'Fotos de reficção do projeto Tempo de Cultura - 17/03/2009'.
- Campanha contra o Dengue:** A large graphic with the text 'DENGUE DECLARE GUERRA AO MOSQUITO!' and an image of a mosquito.
- Festival de Marchinhas Carnavalescas:** A section titled 'I FESTIVAL DE MARCHINHAS LAURO MAIA' with a photo of a parade.
- TV Casapólis - Festival de Cristo no Bairro Ellery:** A video player showing a parade with the name 'EDUARDO SARAVIA'.
- Classificador CEMEX - Últimas notícias:** A section with a photo and the text 'NewPark anúncio sob este processo'.
- Blog do Riacho Alagadiço:** A section with a photo and the title 'Blog do Riacho Alagadiço'.
- Campanha contra os Altos Preços da Energia Elétrica:** A large graphic with the text 'O preço da luz é um roubo' and 'Campanha contra os altos preços da energia elétrica'.
- Blog do Inocentim: Ambiental de Fortaleza:** A section with a photo and the title 'Inventário Ambiental de Fortaleza'.

On the right side of the page, there are several widgets and advertisements:

- Últimas fotos enviadas:** A section with a photo of a group of people.
- Busca Google:** A search bar with the Google logo.
- Google Tradutor:** A widget for translating text.
- Colunistas:** A section featuring a profile of 'Tobias Marques Sampaio' with the text 'um dedo de prosa'.
- Parceiros:** A section with a logo for 'Tempo de Cultura'.
- Comunidades:** A section with a logo for 'orkut'.
- Relatos de Amigos:** A section with a logo for 'ANDTE'.
- Eventos:** A calendar for July 2009.
- Próximos eventos:** A section stating 'Não há eventos'.
- Recomendados:** A section with logos for 'mc online', 'GO! B&B', 'cmi brasil', and 'NetSons'.

At the bottom left, there is a sidebar with various links and information:

- Mapas:** A section with a map of the neighborhood.
- Webmail Bairro Ellery:** A link to the neighborhood's email service.
- Teatro José de Alencar:** A section with a photo of the theater building.
- Mapa Sat no Mapa:** A link to satellite imagery.
- Novo Editor:** A section with a logo for 'Fotopix'.
- Parceiros:** A section with logos for 'CEARAH Periferia' and 'CCFB'.
- Área Restrita:** A section with a login form.
- Total de Acessos:** A counter showing '24.771.134'.

Figura 62: Interface sítio Bairro Ellery.

Fonte: www.bairroellery.com.br, acesso em 20/07/2009.

O sítio, de fato, tem se mostrado um veículo eficiente de integração da população do Bairro. Em 2007, contava 787 mil acessos, desde sua criação; em 2009 atingiu cerca de 2,5 milhões de acessos. As influências da Internet ainda são subsídios para muitas reflexões e pesquisas, não sendo este o objetivo desta. Entende-se que não apenas o usuário do Bairro é influenciado, mas toda a sua teia de relações, que vai muito além do Bairro em si. Surge o fenômeno do acesso indireto e, com ele, a teia de relações e referências se expande, extrapola inclusive a escala da cidade.

Mapeamento temático

O sítio é a estratégia comunicativa mais evidente no momento e representa um novo momento do Bairro. A comunidade não vive um período de grandes mobilizações, no entanto, atualmente o Bairro tem alguns núcleos de organização que trabalham em defesa da mulher, do consumidor, do lazer, contra a violência urbana e que estimulam o movimento cultural e a criação do sítio. A questão é que esses núcleos não atuavam de forma articulada nem partiam de um mesmo ponto de ação e mobilização (Entrevista com Aguinaldo Aguiar. Pesquisa direta, 2009).

A partir da investigação no sítio do Bairro Ellery, foi feita uma categorização temática das notícias veiculadas. Foram destacados os elementos de representação social do espaço do Bairro. As informações foram analisadas sob o prisma dos aspectos relativos aos referenciais socioespaciais e divididas em seis categorias temáticas, a saber: i) Mobilização social para construção do espaço urbano; ii) Instituições de referência e de representação comunitária; iii) Conquistas socioespaciais por meio da organização comunitária; iv) Evolução do espaço do Bairro; v) Espaços públicos; vi) Territorialidade e limites.

i) Mobilização social para construção do espaço urbano;

Refere-se às manifestações e formas de organização sociais voltadas à realização de pressões sobre os mais diversos agentes públicos referentes à infraestruturação do espaço do Bairro.

As matérias veiculadas pela página eletrônica transmitem que mobilizações de caráter social possuem rebatimento espacial, dada as formas com que as manifestações acontecem: pela ocupação das ruas, pelos percursos escolhidos, pelos pontos de parada, seja pela concretude das ações e resultados dos pedidos que culminam em intervenções de caráter estrutural ou simbólico no meio urbano. Essas conquistas estruturais, por sua vez,

ressaltam a imagem da comunidade como inserida num contexto espacial. São destacadas as ações educativas desenvolvidas na comunidade, construindo-se dessa forma, uma imagem positiva dos moradores engajados em uma ação social integrada ao espaço do Bairro.

A comunidade do Bairro Ellery, através do Conselho de Desenvolvimento Local, está colhendo assinaturas em um abaixo-assinado, reivindicando a abertura da passagem de nível sobre o trilho, da rua Henrique Ellery (Bairro Ellery) para a Av. Louis Pasteur (Bairro Carlito Pamplona) (www.Bairroellery.com.br, Comunidade reivindica passagem de nível, em 21/01/2006, 13:10:00, 178 leituras).

A comunidade e usuários do Polo de lazer da Avenida Sargento Hermínio plantam 100 mudas hoje, para comemorar o Dia da Árvore. A atividade visa também mostrar à comunidade e usuários do local, que não concordam com a construção de uma obra da Prefeitura de Fortaleza. Outra meta é revitalizar e aumentar a cobertura vegetal do Polo (www.Bairroellery.com.br, Moradores do Bairro Ellery vão plantar mudas no dia da árvore, em 21/09/2007, 18:10:51, 133 leituras).

Uma comissão de moradores, representando o Movimento pela Revitalização do Polo de Lazer da av. Sargento Hermínio, na manhã desta quinta-feira (12), visitou o Ministério Público Estadual (MPE) e protocolou um pedido de suspensão da construção de um ginásio poliesportivo coberto e um anfiteatro, obra da Prefeitura de Fortaleza, através da Regional 1 a ser realizada no Polo de lazer. Os moradores querem que os equipamentos sejam construídos em outra área que não cause agressão ao meio ambiente (www.Bairroellery.com.br, Moradores(as) pedem ao Ministério Público proteção para o Polo de Lazer da Sargento Hermínio, em 12/07/2007, 15:50:00, 162 leituras)

As entidades participantes do Conselho de Desenvolvimento do Bairro Ellery se reuniram em plenária ontem, dia 23/3, quando decidiram reforçar a participação popular nos processos de revisão do Plano Diretor de Fortaleza e na elaboração do Orçamento Participativo (OP). (www.Bairroellery.com.br, Entidades e moradores do Bairro Ellery e região se mobilizam para orçamento e plano diretor, em 24/03/2006 17:30:00, 101 leituras)

Muita animação para um bloco só. Esse foi o gostinho que o Bloco “Sai na Marra” deixou, no dia 20 (sábado), quando esteve nas ruas do Bairro Ellery contagiando os cerca de quatro mil moradores da região (segundo a polícia militar) com sua folia. O povo cantava alegre as marchinhas antigas e as músicas novas feitas especialmente para o bloco. Tudo isso sem deixar de lado questões político-sociais importantes como o combate à violência contra a mulher e o levantamento da bandeira da paz. O evento contou com uma homenagem ao artista Bernardo Neto,

importante figura da cultura que atua na região oeste de Fortaleza. (www.Bairroellery.com.br, PRÉ-CARNAVAL - Bloco “Sai na Marra” bota o povo na rua, em 21/01/2007, 17:10:00 261 leituras)

2º Encontro Social do Bairro Ellery, na primeira semana de dezembro, momento maior de reflexão e mobilização das organizações e da comunidade com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento local, com justiça social e participação popular (www.Bairroellery.com.br, 1956-2006: 50 anos de fundação do Bairro Ellery, em 14/02/2006, 14:20:00, 133 leituras).

O trabalho Arte na mureta foi o vencedor da edição 2008 do prêmio Gentileza Urbana, promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) - Departamento Ceará. Localizado no Parque Valdo Pessoa (Polo de Lazer da avenida Sargento Hermínio), no Bairro Ellery, é resultado da união dos moradores das proximidades, que resolveram revitalizar o local colorindo-o com 16 mosaicos de azulejos coloridos. (www.Bairroellery.com.br em 05/12/2008, 06:00:00, 172 leituras, grifo nosso)

Aconteceu na noite desta quarta-feira, dia 4, na Rua Raimundo Correia, Bairro Ellery, um Ato Ecumênico em solidariedade as famílias da Vila Pompeu, ameaçadas de despejos. Organizado pelo Movimento de Solidariedade às famílias da vila Pompeu, o evento contou com mais de cem pessoas e representantes de igrejas locais. (www.Bairroellery.com.br, ATO ECUMÊNICO - Moradores do Bairro Ellery prestam solidariedade às famílias da vila Pompeu, em 05/07/2007, 13:10:00 91 leituras)

ii) Instituições de referência e de representação comunitária;

São elas as responsáveis pela divulgação das ações das instituições e entidades que atuam junto à comunidade, na construção socioespacial do Bairro. Destacam-se, neste contexto, a Associação Comunitária do Bairro Ellery, Creche Comunitária Favo de Mel, Centro Socorro Abreu de Desenvolvimento Social e Apoio à Mulher, Conselho de Desenvolvimento Local do Bairro Ellery, Movimento pela revitalização do Polo de Lazer da Av. Sargento Hermínio, Movimento Pró-Parque Raquel de Queiroz, Posto de Saúde, Escola Creuza do Carmo Rocha.

iii) Conquistas socioespaciais por meio da organização comunitária;

Divulgação das conquistas de melhorias socioespaciais via organização social. O Bairro é apresentado de forma positiva, em contraposição à imagem apresentada na mídia

comercial geral da cidade. Algumas matérias divulgadas são oriundas da cobertura que a mídia comercial local faz dos eventos promovidos pelo Governo do Estado ou pela Prefeitura.

Na última segunda-feira (11/8), a Prefeitura de Fortaleza deu início a obra de revitalização do Polo de lazer da avenida Sargento Hermínio, aprovada no orçamento participativo de 2007. Está previsto a reforma geral do espaço e a construção de novos equipamentos: um anfiteatro, ilha com brinquedos infantis, ilha com equipamentos para ginástica, construção de duas quadras de areia, colocação de mais bancos, além do reforço e instalação de iluminação abaixo da copa das árvores. Agora a luta continua pela criação e delimitação do parque. (www.Bairroellery.com.br, Revitalização do Polo de Lazer: Começa a revitalização do Polo de lazer, em 15/08/2008, 17:30:00, 233 leituras).

O Bairro Ellery comemora, dia 31, 52 anos de criação. A festa, porém, foi ontem, na praça Dias Macedo. A população se reuniu para acompanhar a assinatura da ordem de serviço para as obras de revitalização do açude João Lopes. O manancial já foi um dos principais pontos de lazer da comunidade. Mas sobrevive hoje, já canalizado, em meio ao lixo e ocupado em suas margens. (www.Bairroellery.com.br, 18/12/2008, 05:32:24, 179 leituras, grifo nosso).

Francileuda Rodrigues, atual presidente da Associação, entre as principais conquistas nestas duas décadas, estão as mais de 500 casas construídas em regime de mutirão e a urbanização do açude João Lopes, previsto para começar ainda este ano (www.Bairroellery.com.br, LUTAS E CONQUISTAS - Associação Comunitária do Bairro Ellery comemora 21 anos com passeio ciclístico, em 05/05/2007, 18:50:00, 73 leituras)

O Bairro Ellery foi um dos Bairros mais beneficiados com o programa Casa Melhor, onde cerca de 150 famílias de baixa renda tiveram acesso a recursos, sendo parte a fundo perdido, para ampliar e reformar suas moradias. O programa, uma iniciativa do CEARAH Periferia, em parceria com a prefeitura de Fortaleza, teve tanto sucesso que se tornou uma política pública e hoje chama-se "Casa Bela". (www.Bairroellery.com.br, Representantes de ONG's visitam o Bairro Ellery, em 01/07/2006, 12:05:26, 162 leituras).

Com a ação, a prefeitura inicia o trabalho de deslocamento das cerca de cem famílias da última área de risco existente no Bairro Ellery, para um conjunto habitacional, atendendo a uma solicitação dos/as moradores/as, aprovada no Orçamento Participativo de 2006. (www.Bairroellery.com.br, CONQUISTA - Prefeitura inicia cadastro das famílias da comunidade do canal do açude João Lopes, em 04/01/2007, 19:10:00, 129 leituras).

Nas falas dos moradores participantes se destacaram as conquistas do OP 2005, como o projeto de despoluição e urbanização da região do Canal do Açude João Lopes e a construção de um centro poliesportivo no Polo de Lazer Alagadiço, sendo cobrado que os projetos destas obras sejam apresentados e discutidos com a população beneficiada, no que a SER I. (www.Bairroellery.com.br, Orçamento Participativo: Mais de 300 pessoas comparecem à assembléia da região, em 31/03/2006, 18:40:00, 152 leituras).

Urbanização e Despoluição do açude e do riacho João Lopes será apresentado para a população do Bairro Ellery e região, na próxima quinta-feira, dia 16 de fevereiro. O local será a Escola Creuza do Carmo Rocha, situada na Av. Sargento Hermínio, em frente ao Polo de Lazer. (www.Bairroellery.com.br, Bairro Ellery - Moradores querem urbanização de açude, em 21/01/2006, 10:00:00, 16 leituras).

iv) Evolução do espaço do Bairro

Resgate da memória do Bairro. A memória, além de está presente no link “Conheça Nosso Bairro”, é apresentada também no tópico História do Bairro, que mostra a trajetória de organização do Bairro em seus 50 anos. Observa-se que os fatos ocorridos no passado ganham relevância na construção da identidade, tanto do Bairro como a de seus moradores.

O Conselho de Desenvolvimento Local – Bairro Ellery e Monte Castelo lançou, no último dia 16 de dezembro, uma série de oito cartões de fim de ano, com fotos que contam parte da história do Bairro Ellery. O evento ocorreu durante a festa de comemoração do cinquentenário do Bairro, no Polo de lazer da av. Sargento Hermínio. (www.bairroellery.com.br, CINQUENTENÁRIO DO BAIRRO ELLERY - Entidades lançam cartões comemorativos, em 28/12/2006, 16:40:00, 94 leituras)

Estudantes de duas escolas públicas, localizadas no Bairro Ellery, estão participando do Mapeamento Sócio-econômico-cultural do Bairro Ellery, uma pesquisa para conhecer mais e melhor a realidade local. A pesquisa é uma das ações do projeto “Bairro Ellery: Desenvolvimento Local com Participação Popular”, coordenado pelo Conselho de Desenvolvimento do Bairro Ellery e Associação Comunitária do Bairro Ellery. www.bairroellery.com.br, MAPEAMENTO - Estudantes de escolas públicas realizam pesquisa nas comemorações do cinquentenário do Bairro Ellery, em 23/10/2006 10:10:00, 214 leituras)

v) Espaços públicos

São artigos, imagens e comentários sobre os espaços públicos do Bairro; estado de conservação e atividades realizadas nestes espaços. Dois são os espaços de maior destaque nas informações veiculadas: Parque Valdo Pessoa (Polo de Lazer da Av. Sargento Hermínio) e o Açude João Lopes. A pertinência socioespacial desses dois espaços é registrada em diversos artigos e reportagens consultadas no sítio tais como:

Toma-se por base aqui no **Bairro Ellery** o arborizado Polo de Lazer, que tem em sua área uma quantidade enorme de árvores frutíferas e na época de cada uma a perseguição é iminente por essa e aquela truta como alimento salvador, embora que sabemos que é paliativo, quando se fala em termos reais de sustento e nutrição. (www.bairroellery.com.br, Crônicas do Tobias)

Tudo pelo **Bairro Ellery** e nosso bem-estar principalmente. Voltando ao Açude João Lopes, verificamos que a urbanização feita as suas margens na década passada, sofreu e ainda está sofrendo a evolução ao contrário (www.bairroellery.com.br, Crônicas do Tobias).

As praças do Bairro também recebem destaque no sítio:

Quatro idosos, estão cuidando da praça Manoel Dias Macedo, no Bairro Ellery. Eles participam do projeto Encanto da Praça, coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, da Prefeitura de Fortaleza. A ação teve início, no Ellery, desde maio deste ano, (www.bairroellery.com.br, Idosos cuidam de praça no Bairro Ellery, em 22/11/2006, 11:50:00, 117 leituras).

vi) Territorialidade e limites

Diversas informações, referentes aos aspectos físicos do Bairro, tais como limites, ruas, edifícios e marcos referenciais, reiteram o sentido de lugar ao vincular em outras temáticas anteriormente abordadas nos referenciais espaciais, de forma explícita (Figura 63).

O Bairro Ellery ocupa o noroeste de Fortaleza, a quatro quilômetros do centro comercial da Capital. Está inserido entre os limites dos Bairros Álvaro Weyne (norte), Alagadiço/São Gerardo (sul), Carlito Pamplona e Monte Castelo, (leste) e Presidente Kennedy (oeste). Chega-se lá seguindo as avenidas Sargento Hermínio e Francisco Sá (no sentido leste-oeste) ou pela rua Olavo Bilac e avenida Padre Anchieta (norte-sul). O Bairro cresceu muito, desde o loteamento Parque Themóteo dos anos 40. Possui três conjuntos habitacionais (construídos em mutirão), dois chafarizes (um na ativa), duas praças, a Capela de Nossa Senhora de

Lourdes, a Igreja Adventista, o centro espírita, o terreiro de umbanda, oito igrejas evangélicas. Nove bandas de música (samba/pagode, rock, axé, gospel...), seis clubes de futebol, duas quadras esportivas, três quadrilhas juninas. Cinco indústrias de confecção, 47 fábricas de portões e grades, 14 salões de beleza, 17 bares/lanchonetes, 11 mercadinhos, igual número de mercearias, quatro frutarias, cinco frigoríficos/ peixarias, sete oficinas para automóveis, outras seis para consertar bicicletas, dez armarinhos (miudezas), oito pontos de jogo do bicho... (bairroellery.com.br, Bairro Ellery: do página eletrônica às ruas, em 05/04/2007, 15:20:00, 82 leituras)

Aqui, no Ellery, a lei diz que o Bairro está compreendido entre as avenidas tenente Lisboa (ao norte); Sargento Hermínio (ao sul); Olavo Bilac (ao oeste/poente) e rua Henrique Ellery (ao leste/nascente). Assim, a Igreja Católica e várias evangélicas; a escola municipal; as três associações de moradores; a praça... Enfim, quase tudo está, oficialmente, localizado no Bairro Monte Castelo. Isto traz sérias conseqüências para a comunidade: a igreja não pode se transformar em paróquia; projetos sociais não vêm beneficiar a população carente, pois a prefeitura alega que o Bairro possui perfil de classe média e a identidade local dos moradores é ferida. Para resolver este problema, as entidades comunitárias e a população local estão defendendo a ampliação do limite da rua Henrique Ellery para a rua Plácido de Carvalho (www.bairroellery.com.br, Orçamento Participativo 2007 - Moradores querem mudar limites do Bairro Ellery, em 05/05/2007)

São Bairros distantes sem limites inter-urbanos definidos, pobres, ricos e muito misturados. (www.bairroellery.com.br, Acessibilidade - Cidade desumana, Tobias Marques Sampaio em 16/11/2007)

Com frequência o trem passa sobre os trilhos na altura dos logradouros divisores de dois Bairros: de um lado a Rua Henrique Ellery no Bairro Ellery e do outro a Avenida Pasteur no barro Carlito Pamplona. Parece a coisa mais natural e é o fato narrado até aqui. Não teria nada de novidade não fosse marcado pelo obstáculo que é a travessia de um lado para a outro, tendo a linha do trem como empecilho, estando o indivíduo motorizado ou não.

Na rua Gonçalo Lago, depois de enfeitada, os moradores agora aproveitam o clima de futebol para bater uma bolinha. O local virou um mini-estádio. O gramado é o asfalto pintado de verde. As calçadas são as arquibancadas. Os moradores, o público. O estudante Rafael da Silva Oliveira, 17, diz que se acha um Kaká quando pega na bola para fazer um gol de travinha. Para os colegas de time ele está mais parecido com o Ronaldo Fenômeno por causa da barriguinha... A partida só é interrompida quando um ônibus passa e leva parte das fitas que fazem o "teto" da

rua. Pára tudo. Começa a enfeitar de novo. (Fonte: Jornal O Povo (20/06/2006)
Jornalista: Dilson Alexandre)



Figura 63: Mapa divulgado no sítio bairroellery.com.br com novos limites político-administrativos reivindicados pela população do Bairro.

Apresenta também localização de principais equipamentos públicos do Bairro. Note-se que a maioria se encontra fora os limites oficiais do Bairro.
Fonte: www.bairroellery.com.br, 2009.

O sítio do Bairro Ellery tem sido utilizado pelos movimentos sociais locais com sucesso. É um mecanismo que promove a articulação socioespacial. Tem refletido uma imagem positiva do Bairro, que perpassa também pela superação de lutas mais imediatas do cotidiano, como moradia, saneamento, transporte, alcançando questões de caráter mais universalizantes, tais como significados, sentidos, identidade mediante temáticas como Ecologia, Direitos da Mulher, Cultura Popular e Esportes Radicais. Nota-se que todas estas temáticas buscam um reatamento formal nos espaços do Bairro (Figura 64). Estas atividades são realizadas nestes espaços e, por assim dizer, deles necessitam visceralmente.

É importante ressaltar que o sítio tem compromisso com a informação, com a propagação da cultura, com melhorias do Bairro e, conseqüentemente, com a vida dos moradores. Numa análise mais profunda, constata-se que o sítio do Bairro Ellery é uma ferramenta importante, na qualidade de difusor da memória e da identidade positiva dos seus moradores e do seu espaço. Neste meio comunicador, as matérias destacam as

qualidades positivas das pessoas, das atividades culturais, dos espaços e da memória das conquistas concretizadas através das lutas promovidas pela associação comunitária.

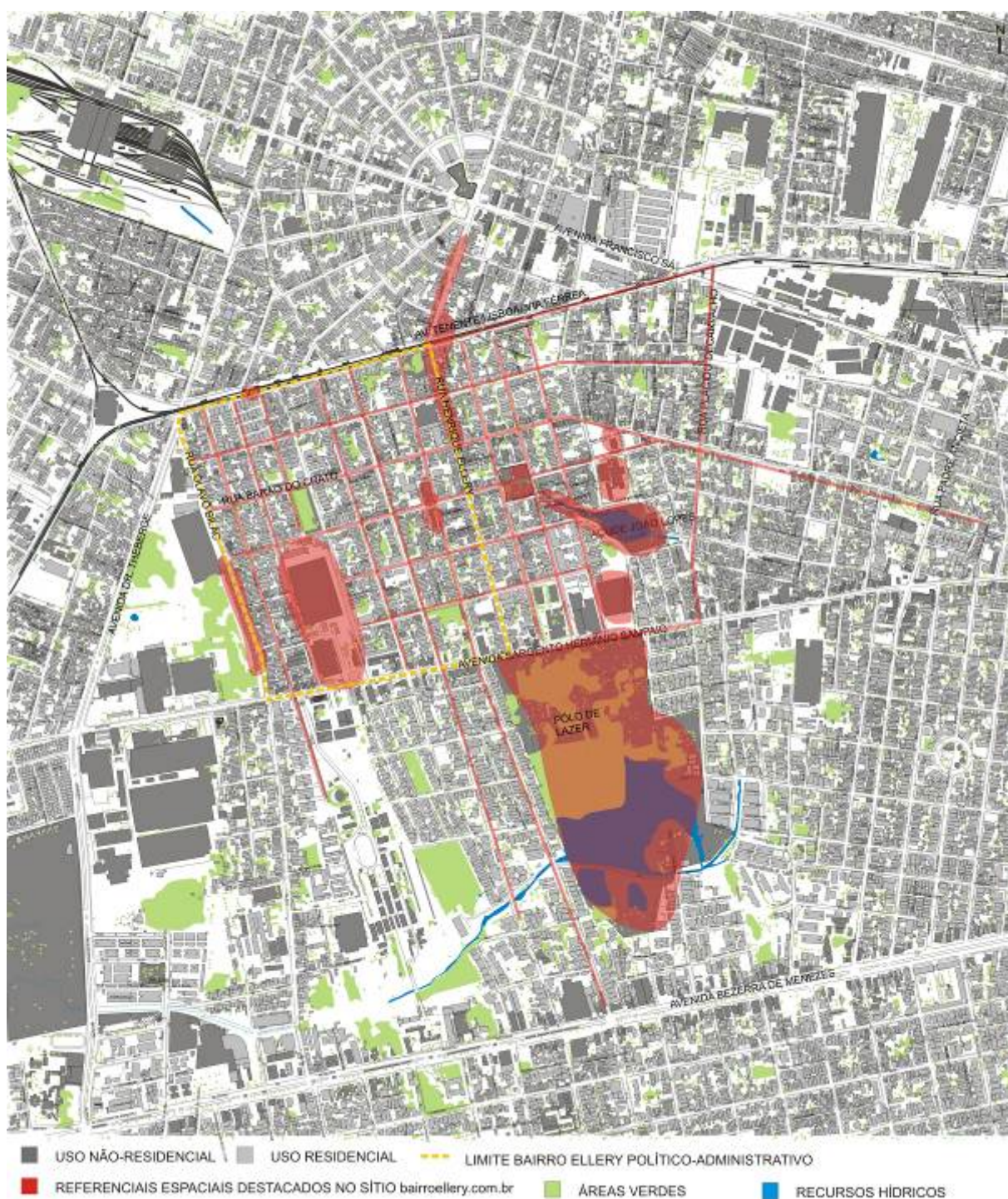


Figura 64: Referenciais espaciais destacados no sítio bairroellery.com.br.

Fonte: Pesquisa direta, 2009.

Como elemento formador do sentido de Bairro, cabe ao sítio um importante papel a partir de uma significativa apresentação positiva do Bairro e dos moradores, providas pelas expressões socioculturais da comunidade. O uso da fotografia legitima e concretiza a

imagem informada no texto das matérias. A imagem é um recurso fundamental na construção dessas representações: cobertura dos acontecimentos culturais, festividades, memória do Bairro, pessoas em destaque na comunidade, dentre outros acontecimentos que ressaltam a imagem dos moradores e sua valorização.

Notícias que envolvem crimes, atos violentos, acidentes de trânsito, conflitos entre vizinhos, são excluídas. Mesmo nos link para a mídia comercial de grande circulação, o que são destacadas são as realizações positivas do Bairro.

O significado do lugar, transmitido pelo sítio, decorre menos das características objetivas inerentes ao espaço, e mais das experiências e representações com que se procura elaborar sobre o mesmo, das formas que as pessoas usam para explicar e interpretar os acontecimentos cotidianos naquele espaço. Não se afirma, aqui, que esta representação positivada do Bairro seja manipuladora, mas afirmativa e comunicadora de ações que suscitem sentimentos que venham a aproximar seus moradores, que os tornem partícipes. Mas, como veremos a seguir pelas entrevistas semiestruturadas, a representação positiva entra em choque com algumas representações negativas e de estranhamento do Bairro.

O sítio do Bairro Ellery surge como instrumento importante de comunicação para consolidar o movimento popular do Bairro e suas lutas afirmativas no cenário urbano. O contexto socioespacial aparece fortemente ressaltado como balizador dessa afirmação positiva, em sua visibilidade como Bairro, como comunidade, enfim, como movimento popular organizado.

Como foi dito anteriormente, as lutas urbanas, que antes se apoiavam exclusivamente em suportes físicos mais imediatos (transportes, saneamento, moradia, etc.), mesmo ainda fazendo parte da agenda dos movimentos urbanos, juntam-se às novas temáticas: ambientais, violência urbana, memória, identidade, cultura e pertencimento. Quais seriam, então, os suportes espaciais para este novo contexto?

4.2.2 Vivendo o (no) Bairro

Como os moradores do Bairro percebem o ambiente em que estão inseridos e quais referenciais os fazem se identificar e se apropriar, com maior ou menor intensidade, do ambiente? Estas são as principais questões a serem respondidas nesta parte do trabalho. Serão relatados, aqui, os resultados alcançados com as entrevistas realizadas no Bairro. Esse

caminho metodológico, revelado no primeiro capítulo, consiste na interpretação e análise das falas dos moradores, de como eles veem o espaço do Bairro, das suas ideias e práticas compartilhadas.

O esforço deste momento da pesquisa se concentra nas falas dos moradores entrevistados, buscando-se elementos comuns, ideias compartilhadas e a percepção da lógica socioespacial. Para a análise de conteúdo, as falas foram divididas de acordo com as categorias temáticas. Este instrumento gerou dois tipos de quadro analíticos. O primeiro, **quadro de categorias**, representa a organização da fala do entrevistado de acordo com os temas a serem tratados. O segundo, **quadro de referências espaciais**, consiste no esforço por parte da pesquisa em representar as referências físicas fornecidas pelo entrevistado (Figura 65).

QUADRO DE CATEGORIAS							
Identificação	Estrutura do desenho	Interpretação do desenho (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do Bairro	Palavra –síntese significado	Apego ao Bairro	Sentimento Em relação ao Bairro
Mulher 60 anos Rua Raquel Holanda, Tempo de moradia no Ellery: 36 anos Renda: R\$ 400,00 Ocupação: Lactarista (Creche Favo de Mel) – alimentação para recém nascidos Grau de instrução: 2º grau incompleto	Representação configuracional Linhas que representam as vias do Bairro e os principais equipamentos de referência.	Não existem limites para o Bairro.	Rua Bernardo Porto Rua Major Veríssimo Rua Raimundo Corrêa Linha do Trem (limite Sargento Herminio (referencia x limite) Igreja Praça Associação Polo de Lazer	Já foi Villa Ellery. Continua sendo Villa Ellery para muitos. Já foi carente, mas evoluiu. É melhor do que os outros.	Nível elevado de vida (classe média) Bairro tem ficado violento. Bem localizado perante a cidade.	Tem que gostar de onde mora. Não vai embora. Filhos querem sair.	É tudo pra mim.

MAPA ESPACIAL

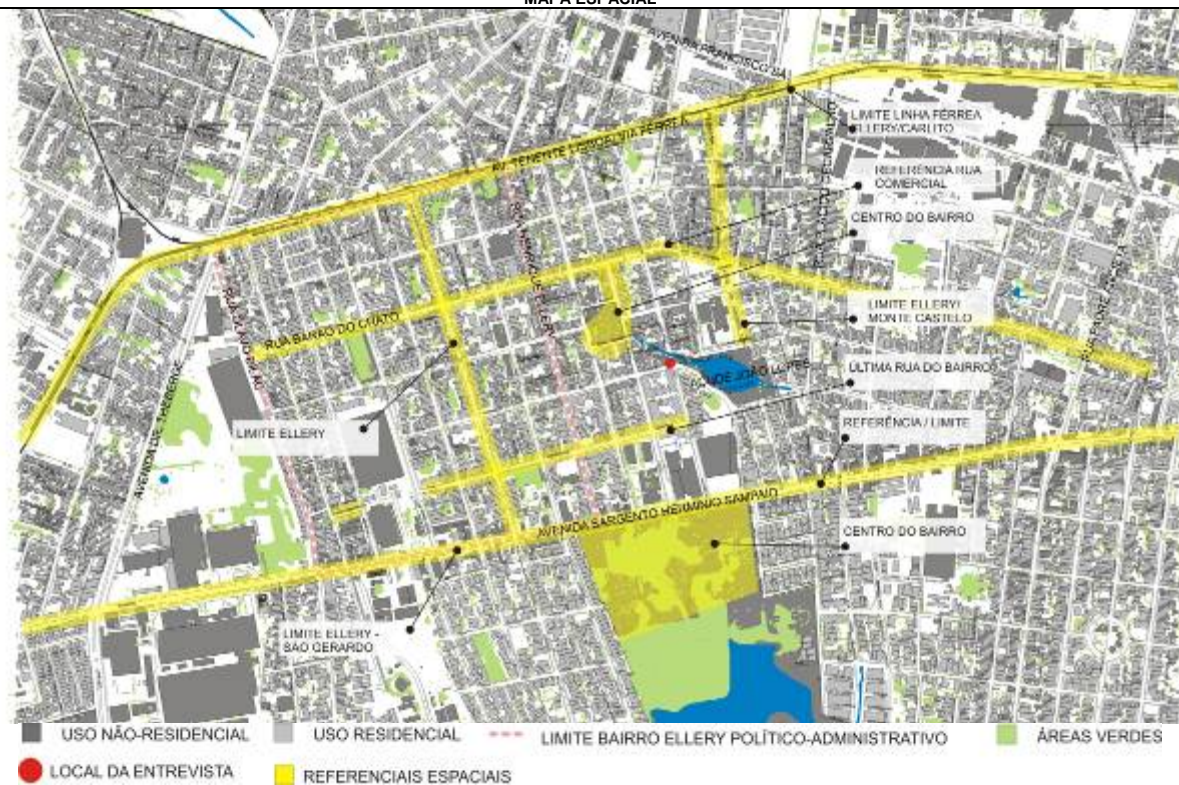


Figura 65: Exemplo da sistematização das entrevistas. Fonte: Pesquisa direta, 2009.

É oportuno esclarecer que as classes de palavras organizadas nos esquemas em que aparecem os resultados, ao longo da análise, sintetizam as falas dos sujeitos entrevistados nos mapas de categorias. As palavras que aparecem em negrito, nesses esquemas das categorias, são os termos mais representativos e que mais foram repetidos nas falas dos moradores entrevistados.

A estima do lugar pôde ser classificada em positiva e negativa. Quando positiva, deflagrou uma maior identificação e apropriação do espaço pelo respondente, mostrando a implicação deste indivíduo em relação ao local. Quando negativa, demonstrou uma não identificação ou dificuldade do respondente de se apropriar deste lugar, mostrando o distanciamento deste em relação aos referenciais socioespaciais do Bairro.

Sobre as características dos moradores entrevistados, podemos tecer algumas considerações (Tabela 3):

a) Quanto à renda em Salário Mínimo (SM): 50% dos entrevistados entre 0 a 3 SM; 43% de 3 a 5 SM; e 6% de 5 a 10 SM;

b) Cerca de 50% dos entrevistados moram no Bairro há mais de 20 anos;

c) 50% dos moradores entrevistados afirmaram ter concluído ou estarem cursando o segundo grau do ensino médio; apenas 12,5% afirmaram ter nível superior;

d) Apenas 12,4% moraram a vida inteira no Bairro;

e) Cerca de 87% dos moradores entrevistados possuem a propriedade da sua residência;

f) 56% dos moradores entrevistados participam de alguma associação ou movimento no Bairro.

Tabela 3: Dados gerais sobre os moradores entrevistados.

Sexo		Idade (anos)						Escolaridade			
Masc.	Fem.	15 a 20	20 a 25	25 a 35	35 a 45	45 a 60	Acima 60	1º grau	2º grau	Superior	
56%	44%	18,75%	25%	6,25%	12,5%	12,5%	25%	31,25%	56%	12,5%	
Natural do Bairro		Tempo de moradia no Bairro (anos)						Renda (S.M.)			
Sim	Não	2 a 5	5 a 10	10 a 20	20 a 30	Acima de 30		Menos 3	3 a 5	5 a 10	Mais 10
12,4%	87,6%	6,25%	0%	44%	25%	25%		50%	44%	6,25%	0%
Propriedade moradia		Ocupação						Participa de grupo/associação			
Propriedade	Aluguel	Aposentado	Estudante	Func. Púb.	Autônomo	Emp. Priv.	Dona de Casa	Sim	Não		
87,6%	12,4%	31,25%	37,5%	6,25%	0%	6,25%	18,75%	56%	44%		

Fonte: Pesquisa Direta, 2008.

Apesar da variação de características dos entrevistados, o resultado da análise apresentou ideias bastante comuns. Não houve necessidade de dividir os grupos, visto que as respostas apresentaram grande similaridade.

Os moradores, em geral, possuem uma leitura positiva do Bairro. Todos os entrevistados se identificam com o Bairro e mantêm práticas estabelecidas quando um espaço de convivência se transforma em lugar. Isto ficou bastante evidente nas falas e nas observações do cotidiano do Bairro. Este sentido positivo pode ser verificado dentro das categorias de análise e pelo registro das classes das palavras no mapa de categorias. Contudo, contrastes, mesmo quando os discursos se fizeram positivos, foram identificados nas falas. Esses contrastes serão detalhados ao longo do texto.

O apego e a noção de pertencimento são sentimentos recorrentes. Nenhum dos entrevistados declarou seu desejo de morar em outro lugar da cidade, mesmo com a possibilidade de escolha irrestrita. As expressões registradas no esquema abaixo demonstram bem o sentido positivo das falas (Figura 66).



Figura 66: Palavras mais representativas dos moradores entrevistados quanto à categoria temática APEGO/PERTENCIMENTO. Fonte: Pesquisa direta, 2009.

A noção de pertencimento frente ao Bairro aponta forte identidade socioespacial, principalmente quando o Bairro é comparado a outras áreas da cidade nas quais os moradores tiveram experiência anterior. Não existe qualquer tipo de pressão no sentido de forçar sua permanência. As justificativas são pautadas por lembranças do passado e das origens da população moradora do Bairro, em sua maior parte proveniente de cidades do interior do Estado. Outras justificativas são relacionadas ao “espírito” do Bairro, ancorado nas relações de amizade e cooperação da comunidade. Os laços familiares também apoiam

fortemente a noção de pertencimento. Essa noção significa uma aproximação mais íntima do lugar. É ter afeto. O Bairro enquanto lugar torna-se simbólico.

Incluindo o meu, eu preferiria morar aqui porque realmente já sei onde estou, já conheço como é que se vive aqui. Os outros é muito difícil, muito difícil saber pra onde vai, com quem é que vai. Não é propriamente conviver, mas viver próximo. Porque hoje em dia, como eu lhe falei no início, é muito difícil hoje com a vida que a humanidade está passando, encontrar um Bairro onde você possa cumprimentar as pessoas na rua, dar um sorriso, dar um bom dia (Pesquisa direta, 2008).

Deixa eu ver, se eu pudesse escolher, eu não escolheria. Não é todo Bairro que eu moro. Eu acho que o meu é já o melhor. Por isso que eu não escolheria. Se eu pudesse escolher, eu acho que não escolheria não. Aqui é muito bom. Ficava aqui mesmo. Por mim eu não sairia não, continuaria aqui (Pesquisa direta, 2008).

Eu saí do Bairro de Fátima, um apartamento, muito chique, pra vir morar aqui. Teria que ser uma coisa bem parecida com aqui. Sabe, tinha que ser um canto que eu morasse... nummm... (pausa), assim que eu pudesse conhecer as pessoas, quando eu penso, no São Gerardo, aqui próximo, acho que também é legalzinho de morar. Eu acho. Eu não me mudaria pra muito longe não porque até é... porque eu pretendo me casar, eu tava conversando com meu namorado, como ele trabalha em uma escola aqui no Autran Nunes, ele tava questionando se a gente não podia morar lá. Eu já fui no Bairro, eu não sei, eu não gostei, eu quero, eu não gostei do Bairro não, eu queria morar aqui mesmo. Eu não tenho vontade de morar na Aldeota, o Bairro de Fátima é até um Bairro melhor e tudo, mas eu não teria vontade de morar lá mais não. Monte Castelo talvez, mas é um Bairro muito violento pelo que eu escuto, o Carlito eu também não gostaria, eu não sei não, no máximo o São Gerardo mesmo (Pesquisa direta, 2008).

Já morei no Monte Castelo 19 anos, e estou aqui desde 76, eu acho que num simpatizava com outro não, ficava mesmo que a barraquinha é minha (risos). Se eu vender aqui, num dá pra mim comprar outro né! E eu acho que eu não escolheria outro não né, ficar aqui mesmo até... a última viagem ao cemitério (risos) (Pesquisa direta, 2008).

Então aqui pra mim foi muito bom, foi uma terapia que eu fiz! Minha vida nova, eu achei aqui. Não quero mais me abalar daqui pra parte nenhuma não! Me deixe aqui no meu Bairro mesmo! (Pesquisa direta, 2008)

Não tem como sair daqui. Minha vida está ligada a vida desse Bairro. Meus pais estão aqui, vou casar e quero continuar aqui (Pesquisa direta, 2008).

Aqui foi onde eu, como é que se diz..., eu..., me casei, tive os filhos, tenho minha família, tenho minhas amizades, tudo aqui no Bairro Ellery. Construí minha casa, comprei minha casa, construí. E ainda to ainda no caminho pra terminar, no ano que vem se deus quiser eu termino, tudo isso aqui no Bairro Elley (Pesquisa direta, 2008).

Eu gosto daqui, me sinto em casa, no meu interior às vezes (Pesquisa direta, 2008).

Outra fala bastante recorrente, diz respeito à ausência de disputas, de brigas internas, de não ter *richa com ninguém*. *Me dou bem com todo mundo* foi mencionada por 80% dos entrevistados. O bom relacionamento com os vizinhos, o desejo de cooperar e de ajuda mútua é definido com expressões como *união, comunidade e ajuda*. O caráter do Bairro esboça-se como lugar de moradia e convivência. Acredita-se, também, que as condições socioeconômicas da população do Bairro ainda não favoreceram os excessos do individualismo e da vida privada dos bairros de mais alta renda.

O Bairro, segundo os entrevistados, é capaz de oferecer os mais diferentes atrativos aos seus moradores, de modo a fazê-los criar raízes e gerar vínculos. Todavia, alguns moradores afirmaram que familiares próximos possuem o desejo de buscar novos lugares, dada a onda de violência recente, que tem modificado o estilo de vida dos moradores.

Meus meninos já pelearam pra vender a casa, “mãe vamos vender essa casa e vamos se embora” vou nada. Num sei, pra todo canto que a gente vai é do mesmo jeito. É que a coisa aqui é cheia mesmo aqui no Bairro Ellery. Nunca, trinta e tantos anos que eu moro aqui, nunca vi acontecer o que tá acontecendo agora. Tá com um ano que tá com essas arrumações. Você tem primeiro que abrir o portão devagarzinho pra primeiro botar a cabeça. E é com receio. Mas, se deus quiser, vai melhorar né. Voltar o que era pra a gente viver mais em paz (Pesquisa direta, 2008).

A mulher até pede pra a gente vender essa casa, pra sair pra outro canto, mas num vendi. Eu num tenho nem ideia de ir pra outro lugar, a mulher que tem vontade de ir pra sair pra onde mora os filhos lá pro lado do Araturi, pra aculá. Eu já possuo casa lá. Era difícil morar lá, peguei e vendi. Nem transporte não existia lá na época, muito ruim, pouca gente. Quem mora lá hoje é meus filhos. Eu aprendi a viver foi aqui. Eu podia até vender essa casa pra comprar uma casinha por lá e comprar outra em outro local, mas tinha que ser aqui por perto porque eu gosto muito do Bairro (Pesquisa direta, 2008).

A violência aparece como tema recorrente, quando se trata dos contrastes, principalmente na fala dos moradores mais jovens entrevistados. Este aspecto contrasta em relação do que é divulgado na página eletrônica www.bairroellery.com.br, lembrando, que existe um “filtro” no que diz respeito às notícias de cunho negativo.

O que falta aqui é a segurança. Um menino “véi” que fica por ali. De uma casa dessa surge um marginalzinho, e o marginal fica por aqui. Isso aqui ta muito comum. Soube o assalta aqui na Safira, num soube? Há umas três semanas, ali na Sargento Hermínio, já ali no Monte castelo, ali no Antônio Crimel, você conhece ali a Crimel, tem um revenda de automóvel usado, tava ali um pessoal, jantando, sei lá o que tavam fazendo, aí chegaram dois ou três rapazes, de bicicleta, e mataram lá três pessoas. Aí acontece essas coisas né. É disputa de ponto. Tráfico (Pesquisa direta, 2008).

É uma coisa que ta preocupando. Bem aqui nessa praça costuma se juntar uma ruma de rapaz, rapazote, tem um que mora bem aqui, só vive preso e se solta com maior facilidade e é dono de ponto de venda aqui de droga, ele e a mulher. Então é comum, depois de dez horas, você escutar aqui tiroteio. Agora nunca atingiu aqui ninguém. Acho que eles atiram por atirar, pra cima. Nunca atingiu ninguém. O perigoso é atingir gente que não tem nada a ver. Mas causa pavor, eu não, por que não devo nada a ninguém, mas bala perdida, qualquer pessoas pode ser alvo de bala perdida. Mas o Bairro aqui é bom, pessoal de amigo, muitos amigos que já moram aqui há cinquenta anos, grande quantidade aqui de pessoas, por exemplo, esse senhor que morar ali, seu Raimundo. A maioria do pessoal ta aqui há vinte anos, vinte e cinco anos (Pesquisa direta, 2008).

A gente aqui é muito feliz. Gosto, gosto. Moro aqui desde 1976. Aqui era só areia, depois foi feito calçamento, depois todas as associações ficaram unidas, foi passado essa pista né. E foi criada muita coisa depois que eu moro aqui. Só ta ruim agora a falta de polícia. A violência ta demais. Tem mais marginal que polícia! O povo também tá matando, acabando com a polícia. Mas eu gosto muito daqui (Pesquisa direta, 2008).

Mas de certos tempos pra cá, tem evoluído muito (o Bairro), tem muita coisa, só não evoluiu a violência. Aí fez foi regridir, entendeu. É muita violência, o pessoal matando muito o povo, a gente num pode mais ta muito tempo na porta. Eu já fui livre de ter morrido de uma bala perdida, passou aqui raspando em mim, bateu no chão, me melou todinha de lama (Pesquisa direta, 2008).

É a violência que aumentou! Mas que o Bairro melhorou 100% do que ele era. Eu acho que é melhor, porque há muito tempo que eu moro também, eu tenho que gostar de onde eu moro né. É que eu gosto de todos os Bairro mas a gente nos

Bairro dos outros a gente anda com receio né. Mas a gente com muito tempo que a gente mora né, a gente já conhece a maioria do povo né, e a gente acha que conhece o povo, as vezes a gente nem conhece. Mas eu gosto daqui (Pesquisa direta, 2008).

Por mais que ainda tenha assim um pouco de violência, que tenha aquela área assim mais violenta, ainda é um Bairro assim razoavelmente tranquilo, você ainda consegue andar, poxa. Tem vários outros Bairros que são do mesmo nível, pior ou melhor, depende (Pesquisa direta, 2008).

Essa violência aparece referenciada, espacialmente, em áreas do Bairro explicitadas claramente na fala dos moradores entrevistados. Áreas caracterizadas por edificações de baixo padrão e renda mais baixa são o foco dessa nova situação que o Bairro atravessa. O que se destaca é que, nem por isso, estas áreas são retiradas do entendimento do todo do Bairro. Elas aparecem nas falas dos moradores claramente, como territórios contidos no Bairro.

Até eu digo que quando querem falar de coisa ruim, aí diz, não, isso aqui é Bairro Ellery, quando fala da favela do açude João Lopes, não, isso aqui é não é Bairro Ellery, isso aqui não é nosso não. Ninguém quer ser dono da parte negativa. Por que na realidade num é bem assim, do açude João Lopes pra cá, pertence ao Bairro Ellery. Então prejudica quem na realidade mora no Bairro. Por que quanto mais as pessoas se preocuparem com o Bairro, com a localização é melhor né. É só o que na realidade precisa (Pesquisa direta, 2008).

Aqui a diferença é que tem esse canal veio ali e essa favela veio daqui que dá mais confusão NE (Pesquisa direta, 2008).

Do trilho, pra o lado de lá é o açude, mas não ando muito por lá nem pelos trilhos por que é muito perigoso (Pesquisa direta, 2008).

A Norte, nós temos aqui a Cidade Alta, ao longo do trilho, que é preocupante pra nós porque de lá emanam muitos assaltos, muitas pessoas má intencionadas, bem como também como a Leste, como tem aqui a favela do canal do açude João Lopes e deixa a gente muito apreensivo (Pesquisa direta, 2008).

O território do Bairro também aparece nas falas como um espaço partido, dividido socioespacialmente. Surge, também, a identidade pessoal vinculada “ao outro” e ao espaço do Bairro. Uma área evidentemente marginalizada é a Vila Pompeu, produto da invasão de terra de uma área industrial, constantemente pressionada e com risco de desapropriação. Eis o depoimento de um dos seus moradores.

Vive aqui mais ou menos em comunidade. Só que uma comunidade, como eu digo, meio separada né (Pesquisa direta, 2008).

Um Bairro de pessoas de classe média mais ou menos classe média, média mesmo. Tem uma parte de classe média mais ou menos alta pra ali, ali no pedaço da rua Major Verríssimo, saindo ai na sargento Hermínio, pra ali tem uma classe, até uns dois quarteirões da sargento Hermínio, até aqui na Gonçalves Lagos por aqui mais ou menos tem um pessoal da classe média bem... muito boa. Na Gilberto Câmara, aquele pessoal ali. Aqui é até meio dividido, dessa parte pra cá é melhor, e pra lá, depois da igreja pra lá é calamidade (Pesquisa direta, 2008).

Parece até que a gente não tem Bairro por estamos aqui em risco de ser despejados faz tempo, mais é o Bairro Ellery pra tudo. O pessoal lá da associação deu uma força danada pra a gente aqui (Pesquisa direta, 2008).

Os muitos problemas a resolver, contudo, ajudam a reforçar os sentimentos positivos em relação ao Bairro. Relaciona-se, aqui, a influência dos meios de comunicação locais na construção e fortalecimento das representações positivas do Bairro e sua conseqüente valorização por parte dos moradores. Estes incorporam os valores divulgados, atribuem significados positivos ao Bairro, constituindo uma identidade em sintonia com o almejado. As lutas do dia a dia, os interesses cotidianos, apresentam-se ligados às conquistas do passado. Juntos, configuram o sentido do lugar.

Ao explorar as representações que fazem do Bairro, os moradores responderam livremente às perguntas: Em que você pensa quando falamos no Bairro Ellery? O que você sente no e pelo Bairro? As respostas obtiveram como temas as questões organizadas nos esquemas abaixo configurados (Figura 67):



Figura 67: Palavras mais representativas dos moradores entrevistados quanto às categorias temáticas SIGNIFICADO E SENTIMENTOS. Fonte: Pesquisa Direta, 2009.

Os temas acima resumem os significados atribuídos ao Bairro Ellery. Estes pareciam ainda mais evidentes quando os entrevistados informavam em como se sentiam no espaço do Bairro. Demonstra-se, aqui, um sentimento predominante de bem-estar. O espaço do Bairro apresenta-se como vivido, o que faz bem. *Me sinto bem, me sinto em casa, e sou parte integrante* representam familiaridade com o lugar. Quando o espaço se torna familiar, surge então o lugar. A *tranquilidade* simboliza um dos aspectos essenciais à vida em sociedade, simboliza uma pré-disposição para vivenciar o espaço do Bairro, ou seja, a sensação de paz, segurança e sossego.

Mas eu acho que meu Bairro me dá assim um bem estar, que se eu sair daqui do meu Bairro, e vou pra qualquer outro Bairro na cidade, quando chego nos limites, eu sinto assim, já estou em casa (Pesquisa direta, 2008).

Alegre. O Bairro Ellery é um Bairro que sempre tá alegre (Pesquisa direta, 2008).

Além de tudo é união. Porque o Bairro tem muitos moradores tem que haver a união entre a comunidade. Tem que ter paz né. A nossa cidade tá precisando de paz. Nos outros Bairros está com violência, acho que é isso (Pesquisa direta, 2008).

Um espaço geográfico onde as pessoas, assim onde no espaço geográfico existe tudo isso: existe a participação, existe a qualidade de vida, no sentido de ter uma saúde de qualidade, uma educação. Um local de lazer. Um canto onde também as pessoas possam se organizar e debater coisa importantes. Solidariedade! Quando eu penso em qualidade de vida, eu sempre penso em pessoas na rua, tendo acesso a tudo que precisar, entendeu? As pessoas se movimentando no meio das ruas, movimentação... sabe assim. Acho que pra mim qualidade de vida mais de ta em ter uma casa, ta dentro de casa, não. Pra mim é ao contrário, é ter... é gente estar na rua se movimentando, sabe assim. Sabe, se correspondendo (Pesquisa direta, 2008).

É um lugar bom de viver. Que é maravilhoso morar aqui, pelo menos em relação aos outros Bairros. Que todo mundo é amigo, que se você tiver uma dificuldade as pessoas lhe ajudam, não fazem questão de ajudar. Assim, acho que o Bairro é feito das pessoas, da comunidade né. Não é feito de casas, dessas coisas, eu acho que tudo tem haver com as pessoas que vivem nele. Se essas pessoas são pessoas boas, aí o Bairro é bom também (Pesquisa direta, 2008).

Você vive bem porque você vive em família, com aqueles que lhe são mais caros. Eu diria que é um Bairro onde você tem tudo, é completo. Você tem saúde, você é bem servido em questão de mercado, você tem igrejas, qualquer que seja a religião, e você tem acima de tudo pessoas amigas, que se ajudam (Pesquisa direta, 2008).

Acho que meu Bairro seria assim uma grande família, seria um lar. Onde muita gente convive. Então, seria uma grande casa onde eu vivesse com uma grande família (Pesquisa direta, 2008).

Eu posso dizer que eu faço parte da família do Bairro, sou uma parte integrante, porque eu gosto de morar aqui (Pesquisa direta, 2008).

Todo mundo me conhece, eu conheço todo mundo. Pra mim aqui é familiar. Todos são amigos, todos se conhecem, quando chega um estranho a gente procura tratar bem, de conhecer, de fazer amizade. Todo mundo vive em família mesmo (Pesquisa direta, 2008).

Me sinto bem. Eu tenho orgulho de morar no Bairro Ellery (Pesquisa direta, 2008).

O Bairro é como se fosse uma comunidade, uma cooperativa, onde todos possam estar se ajudando, ninguém quer ser melhor do que ninguém pela sua condição social, pela sua cor, coisas que fazem com que um Bairro umas pessoas se diferenciem umas das outras, só porque tem dinheiro, tem um nível superior. Não pode dizer o que nós somos pelas nossas aparências. E sim pelos nossos atos, pelas nossas ações (Pesquisa direta, 2008).

A noção conflitante entre as sensações de *tranquilidade/violência* também é entendida como uma possível reformulação do sentido de Bairro já que os sentimento de segurança e insegurança aparecem simultaneamente nas falas. A segurança dos tempos anteriores, parecida com a calma de cidade do interior, começa a ser modificada pela sensação de insegurança, cada vez mais alarmante. Ressalta-se, como mostrado anteriormente, a sensação de insegurança é atrelada às partes do Bairro que simbolizam o perigo e a ameaça.

As afirmações transcritas reforçaram uma afetividade singular para com o lugar. Os sujeitos encontram-se envolvidos pelo clima *agitado, pulsante, de união, de harmonia e sintonia* do Bairro. As falas ilustraram em como os moradores constroem representações mais positivas acerca do Bairro, que, por sua vez, influenciam seu comportamento no espaço. O Bairro, ao mesmo tempo em que marca subjetivamente as pessoas, pois estimula sentimentos e significados, também as marca objetivamente, por meio de seus referenciais físicos. A partir dessas considerações, aprofundam-se as ideias apresentadas, buscando compreender em como os referenciais espaciais são percebidos e utilizados pelos moradores do Bairro, para reatamento de suas identidades.

Pelo conteúdo das falas, identificam-se três elementos simbólicos principais do Bairro, ou seja, constitutivos de identidades: funções do espaço, nomenclaturas e comportamento da comunidade nesses espaços do Bairro (Figura 68).

Os usos/atividades comerciais são ressaltados nas falas dos sujeitos, como referência. O mercadinho ou mercearia, aquele comércio de esquina, aparece nas falas como sendo o comércio do Bairro. Sair do Bairro para algumas atividades relativas ao comércio e serviços também é uma prática social explicitada. O comércio de Bairro é útil, próximo, vantajoso economicamente, todavia, insuficiente, para algumas demandas por produtos e ou serviços mais específicos.

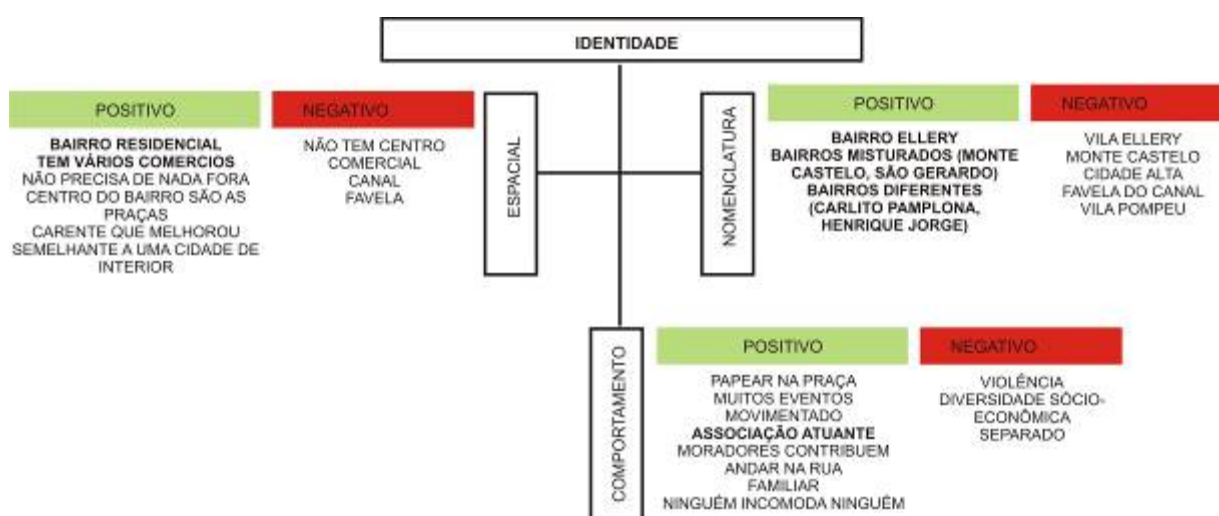


Figura 68: Palavras mais representativas dos moradores entrevistados quanto à categoria temática IDENTIDADE.

Fonte: Pesquisa Direta, 2009.

Dentro do Bairro só as mercearias. A mercearia hoje ta mais em conta do que no mercantil. Esses são os que ficam mais perto assim da gente. Tendo a mercearia mais perto, ninguém vai pro mercantil não (Pesquisa direta, 2008).

Loja que eu tiver que ir, tenho que me deslocar pro centro, roupa, artigos de cozinha, cama, essas coisas. Pagamentos, tem que se deslocar, porque o Bairro não tem (Pesquisa direta, 2008).

Deixa eu ver que mais, aí questão do comércio, o comércio aqui é razoavelmente forte. Aqui próximo tem vários mercados grandes tem o Hiper, a Frangolândia. o próprio shopping que é aqui próximo mas não é Bairro Ellery. Então sempre tem, existe a necessidade sim de sair do Bairro (Pesquisa direta, 2008).

Pego ônibus na Barão do Crato, também faço compras por lá e nas mercearias daqui do Bairro (Pesquisa direta, 2008).

Temos áreas mais comerciais e área mais de moradia mesmo. Por exemplo, a Sargento Hermínio, que também faz parte do São Gerardo. Dentro do Bairro mesmo é a Barão do Crato (Pesquisa direta, 2008).

As áreas comerciais não são focos de concentração e encontro. A centralidade do Bairro foi expressa pelos entrevistados não pelo sentido econômico, mas pela capacidade de congregar e reunir a comunidade:

Mas o centro do Bairro é ali nas Praças, do chafariz e da Igreja, uns grupos se reúnem. O pessoal gosta também muito do Polo (Pesquisa direta, 2008).

Se eu fosse determinar que o Bairro fosse até lá, nós estaríamos aqui no centro do Bairro. Onde tem as duas praças. Eu acho que isso aqui é a parte central do Bairro. A confluência das ruas, Dr. Atualpa com Demócrito de Carvalho e Henrique Ellery eu considero o centro do Bairro (Pesquisa direta, 2008).

As vezes saio pra bater um papo com os meninos por ali na praça ou aqui onde o rapazim tinha um depósito de material de construção. Ficamos lá papeando.

(O centro) É ali pela praça, a turma se reúne e fica por ali conversando. É a praça mesmo, tem outra coisa não (Pesquisa direta, 2008).

O predomínio do uso/atividade habitacional, frente aos demais usos, fica expresso nas falas dos moradores:

O Bairro é muito residencial. Predomina a residência. As ruas daqui tudo é calma, num tem esse movimento não (Pesquisa direta, 2008).

Porque a gente, aqui, não são vários prédios e também são casas, mas são casas simples, não é de luxo como tem no Bairro de Fátima. São casas simples, as pessoas andam nas ruas (Pesquisa direta, 2008).

Os equipamentos urbanos, ao contrário do que se esperava, não são tratados nas falas dos moradores como referenciais significativos nem como centralidades do Bairro. São tratados como conquistas sociais, que dão *status* ao lugar:

Eu sei que a divisão da prefeitura é outra, mas todos esses equipamentos, aqui pra comunidade, são considerados pertencentes ao Bairro Ellery. Todo mundo conhece como Bairro Ellery (Pesquisa direta, 2008).

Ali é o fim. Essas atividades: o Posto de Saúde, o Fórum, a Delegacia, não concentram (Pesquisa direta, 2008).

O Bairro Ellery aqui já foi muito carente, tinha muitas coisas que num tinha né, foi muito difícil pra gente. A gente não tinha posto de saúde, tinha muito pouca escola (Pesquisa direta, 2008).

O nome do Bairro, desta forma, surge como símbolo de status social, frente à região na qual ele se encontra inserido. Os moradores revelam o desejo de pertencer a um certo

grupo social. Um grupo que compartilha valores simbólicos, culturais e intelectuais. Esse sentimento é orientado por um modo de viver que encontra apoio nos significados do Bairro como lugar. O nome é um modo de singularização e identificação individual e coletiva. O nome do lugar agrega valor aos espaços e às pessoas, comunica ideias e convicções, como os revelados nos depoimentos a seguir:

O Bairro cresceu, agora tem outra característica. O Bairro, entre a periferia ele é como se fosse um Bairro nobre. O nobre da periferia. Porque o Bairro mudou, ele tem outro aspecto, vários equipamentos públicos e tudo mais, haja vista o que era quarenta anos atrás, aqui é uma Aldeota da periferia (Pesquisa direta, 2008).

É um Bairro de classe média, é que aqui pouca tem gente pobre, que tem em todo canto, todo Bairro tem né, mas do tempo que era, hoje em dia é um Bairro de classe média. Apesar de a gente, ganhar um salário, mas hoje em dia, quem ganha um salário tem seu ordenado né. Acho que seja um Bairro mais ou menos NE (Pesquisa direta, 2008).

Se for considerar o Bairro Ellery só o pedaço que dizem que é, tem um emprego muito alto, muita gente empregada, e as condições do pessoal aqui em geral seriam muito boa. Isso pra nós é bom por que de certa forma valoriza o Bairro, mas por outro lado na realidade o Bairro Ellery não é isso aí. Aí os recursos até diminuem, as preocupações até diminuem, o patamar acima da realidade do Ceará como um todo né... isso atrapalha, por que num é isso aqui... Monte Castelo é pra lá (Pesquisa direta, 2008).

Se você vai pra COELCE, ela usa muito a denominação de Monte Castelo. E a Telemar é também a mesma coisa. Na correspondência você utiliza Bairro Ellery. E o Villa Ellery, isso já ta mais ultrapassado, isso não se usa mais (Pesquisa direta, 2008).

Bem, o meu Bairro aqui tem até várias denominações. Quando eu cheguei nesse Bairro, em 1977, isso já tem alguns anos né, era mais conhecido como Villa Ellery. Depois, acho por determinações até legais, passou a chamar Bairro Ellery, mas tem gente que ainda chama de vila e o pessoal não gosta não. E hoje, muita gente chama a gente aqui de Cidade Alta (Pesquisa direta, 2008).

Bairro Ellery! Não tem nada de Vila Ellery não. Sempre foi Bairro Ellery, ficam aí dizendo vila, mas não tem nada a ver (Pesquisa direta, 2008).

Lá é outra coisa né. Lá do presidente Kennedy é outra coisa né. Eu num ando mais por lá, eu não sei mas como é que é, aqui eu sei (Pesquisa direta, 2008).

Era pra ser chamado de Bairro Ellery. Mas também chamam de Santa Maria e Monte Castelo. É um verdadeiro conflito geográfico (Pesquisa direta, 2008).

Aqui se destaca muito isso de as pessoas se ajudarem, todo mundo aqui acho que se conhece. Eu pelo menos conheço muita gente no meu Bairro. Em outros lugares tem aquilo de não, não quero sair de casa. Aqui tem aquela amizade com seus vizinhos, você sai na rua e fala com todo mundo. É diferente (Pesquisa direta, 2008).

São, sobretudo, as noções de comunidade e organização política que emergem nas falas como referencial do Bairro. Os muitos eventos sociais e culturais, a mobilização permanente da comunidade, fazem com que esta se faça perceber no espaço do Bairro. O reconhecimento da Associação Comunitária (ACBE), como agente motivador dessa movimentação, é expresso nas falas dos sujeitos, inclusive daqueles que não atuam diretamente na associação, mas expressam o esforço da causa e sua importância para a identidade do Bairro.

Esse pessoal daqui, por causa da associação, o pessoal se junta mais, né. Se identifica mais. Promove num sei o que... se preocupa com o Polo de Lazer, com a idade do Bairro, com num sei o que mais, entendeu? Com a parte da cultura, já teve uma rádio que infelizmente, tiraram a rádio (Pesquisa direta, 2008).

Tem um canto que você vai conhecer pessoas maravilhosas que é na associação e que vai poder fazer muitas coisas durante o ano inteiro, se você quiser ter uma vida movimentada, por que aqui, quando você passa a participar dela, a associação tem eventos né que faz ao longo do ano inteiro (Pesquisa direta, 2008).

A associação é a entidade histórica. A entidade da cabeça das pessoas, da comunidade. Então que todo mundo vincula... por exemplo, um evento ta sendo promovido pelo Centro Socorro Abreu, mas se estiver sendo por aqui, as pessoas tentem a pensar que é da associação (Pesquisa direta, 2008).

É um Bairro muito movimentado. Onde as pessoas quando querem uma coisa, persistem e conseguem. Eu acho o Bairro Ellery... eu gosto muito do Bairro Ellery. Os moradores aqui lutam pelo que querem, eu acho quando nós queremos uma coisa, eu quero isso, é um movimento. Quando a associação está planejando algum evento para a comunidade, os moradores contribuem, são amigos. Nos outros Bairros isso não acontece muito (Pesquisa direta, 2008).

O Bairro Ellery é um Bairro bem movimentado, é um Bairro onde os moradores procuram trabalhar, tem lugar pras pessoas desempregadas montarem seus negócios, como a feirinha do Polo como já falei. O Bairro Ellery é um Bairro de eventos, sempre bem muito elétrico. Todo mês o Bairro Ellery está com um evento, por exemplo, nesse mês, o bloco "Sai na Marra". Que está até com o tema deste ano sobre a natureza. Já comemoramos os 51 anos do Bairro Ellery (Pesquisa direta, 2008).

Eu acho fundamental. Os pais de família deixam seus filhos na creche. Sempre ta promovendo cultura. Sempre atende a comunidade. A associação ajuda muito, ajuda em tudo. Faz curso profissionalizante. A associação também conta com o apoio da prefeitura, através da regional. Sempre dá apoio na realização dos eventos. A associação sempre ta levantando o nome do Bairro Ellery. Leva a bandeira do Bairro. Sempre em reuniões, no OP (Orçamento Participativo), a comunidade ta ali, levantando a bandeira do Bairro, falando do que o Bairro precisa, o que é o Bairro Ellery. Sempre a comunidade ta participando dos eventos do Bairro Ellery (Pesquisa direta, 2008).

A classe média ta mais alheia. E aqui não, o pessoal tá mais ativo, mais preocupado. Você fala em ecologia, as pessoas tão ali pra dizer alguma coisa. Se colocam. Nos outros Bairros, não toma nenhuma atitude com relação ao seu lixo, sabe, com relação, ah, sei lá..., a vida comunitária do condomínio mesmo até! Não existe, não tem assim. E aqui já tem, aqui tem demais até. O que você precisar as pessoas aqui, eu sinto que elas tão aí. Estão dispostas a se juntar. Eles tem essa noção de que juntos eles podem, tem força. Tem mesmo o poder de melhorar sabe. Não é uma coisa que vai acontecer hoje e pronto. Uma oficina que aconteça, eles tão a fim de participar, e sabem que isso poder realmente melhorar as suas vidas. Como tem melhorado. Pra que as mulheres aqui se sintam fortes, elas tem uma Fortaleza aqui no Centro Socorro Abreu, então elas agem muito mais a vontade na suas casas, sabe, porque elas vão ter essa segurança aqui, esse suporte. Eu tenho essa sensação, assim. E mais por esse movimento lá do Polo, porque eu vejo as pessoas indo lá e falando e tendo a atitude de falar, se colocar sabe. Então a gente sente que a auto-estima se eleva (Pesquisa direta, 2008).

Apesar dos problemas, acho que o Bairro Ellery, nós temos dado a condição ou a possibilidade de modificar tudo isto. Porque muitas vezes as pessoas dizem que é culpa do governo, ou é culpa de A ou B. Eu até concordo, mas que nós pudemos e devemos fazer a nossa parte, dar a nossa parcela de contribuição pra que isso mude (Pesquisa direta, 2008).

A organização política. Um exemplo bem prático seria aqui o Polo de Lazer que estavam querendo fazer o ginásio poliesportivo e o anfiteatro. O ginásio seria do tamanho do Paulo Sarazate, só que isso aqui é uma área ambiental. Aí pela questão do dinheiro, teve uma luta louca aí, a gente lutou pra caramba aqui, conseguimos parar. Mas a mesma construtora, que ta construindo no local que era a antiga expresso Guanabara, também ta querendo construir aqui no Polo. Com a mudança política, a gente veio descobrindo que ano passado que os políticos mudaram a área do parque aqui que foi modificada, então essa área que estão construindo, só que não é pra ser (Pesquisa direta, 2008).

O espaço do Bairro se torna lugar, na medida em que serve de base material para o rebatimento da identidade da comunidade. Os referenciais espaciais transformam a identidade, algo abstrato em algo tangível, dimensionável, experienciável. As atribuições de valores, positivos e negativos, incorporam a imagem do lugar e implicam em atitudes das pessoas para com os espaços do Bairro.

Os referenciais espaciais, externalizados nas falas, constituíram um conjunto de informações e ideias repassadas pelos sujeitos sobre o Bairro e sua materialidade. Os referenciais foram destacados de forma bastante objetiva e explícita, pelos entrevistados, o que demonstra uma clareza bastante consolidada destes referenciais.

Os referenciais espaciais, citados pelos sujeitos nas entrevistas, foram organizados em duas categorias: **pontos de referência** e **eixos lineares (vias)**. Os pontos de referência assumem, na fala dos entrevistados, uma influência maior na construção das representações, nos estímulos dos usos e atividades e na vivência do que os elementos físicos propriamente ditos. Isso explica, em parte, por que estes referenciais, mesmo apresentando estado de manutenção e conservação precário, são considerados pelos moradores como ambientes agradáveis e necessários para a vivência no Bairro. Aparecem como espaços preenchedores de necessidades materiais e imateriais (busca pelo lazer, pelo consumo, pela movimentação política). A tabela abaixo apresentando os pontos de referência, citados de acordo com a ordem de maior repetição (Quadro 10).

Quadro 10: Referenciais espaciais: pontos de referência.

Pontos de referencia		
	Polo de Lazer	81,25%
	Praça	56,25%
	Igreja	50,00%
	Associação	43,75%
	Açude João Lopes	31,25%
	Mercearias	31,25%
	Mecesa	18,75%
	Rua Naturalista Feijó / Rua Barão do Crato	18,75%
	Favela do Canal	12,50%
	Escola	12,50%
	Cidade Alta	6,25%
	Vila Pompeu	6,25%
	Delegacia	6,25%
	Canal João Lopes	6,25%

Fonte: Pesquisa direta, 2009.

Os pontos de referência servem como suporte para o desenvolvimento de usos/atividades e do grau de satisfação das necessidades materiais e imateriais, interferindo nas representações e nas relações socioespaciais. O que se percebe é que o espaço vem sendo percebido e rotulado pela convivência cotidiana, levando em conta suas características físicas.

O Polo de Lazer da Sargento Hermínio, representa a função divertimento, recreação e entretenimento. O Polo abriga momentos de contemplação e também, eventos musicais, campeonatos esportivos e apresentações folclóricas. Estas são atividades que envolvem uma necessidade geral de lazer e em que se movimentam os sentimentos e as emoções das pessoas. O Polo de Lazer funciona como o suporte material para esses tipos de atividades. Tornou-se um espaço de convergência de manifestações sociais das mais diversas. As atividades de lazer são o pretexto para a reunião descompromissada dos moradores. Desta forma, o Polo aparece como referência do Bairro em cerca de 81% das entrevistas.

O Polo, como espaço de convivência por excelência, oferece possibilidades de lazer para grupos diversos. Estrutura a imagem do lugar de forma singular, além de ser um importante referencial simbólico para a retomada de lutas no Bairro. No conteúdo das falas, apreende-se que a vivência neste espaço concentrador de eventos foi transformada em símbolo representativo da preservação de valores do Bairro.

O Polo é tudo isso. Agora é óbvio se for pensar assim, o Polo é de todos os Bairros, porque várias pessoas de vários Bairros utilizam. Então se ele é assim... né. Então aqui é o Polo... (Pesquisa direta, 2008).

Ah o Polo é mais nosso do que de qualquer outro.[...] a coisa mais importante que tá acontecendo no Bairro é o Polo de lazer (Pesquisa direta, 2008).

Vou muito ao Polo, que é uma área verde. Uma área que faz um lazer, às vezes com meus primos. Dia de domingo tem lá a feirinha que eu frequento. Meus amigos vão jogar bola no campo, nas rampas de skate. Também eu vou a igreja de Lourdes aqui na pracinha do Bairro. Vou na praça do Chafariz, onde tem o volley, um projeto da prefeitura, da regional I (Pesquisa direta, 2008).

E aí essa associação, que sempre lutou por muita coisa, foi quem se antenou de que o Polo de Lazer tava correndo um risco ambiental e do quanto ele é importante dentro do Bairro, dentro da cidade né. E aí se preocupou. Assim, a prefeitura tava querendo construir aqui, dentro do Polo, que tem uma pequena área urbanizada, que a área verde é bem grande, tem coisa de 23ha ou mais, vai da

Sargento Hermínio quase até a Bezerra de Menezes. A área urbanizada, a que foi desapropriada, são só 4ha (Pesquisa direta, 2008).

Aí a gente vê muitas pessoas chegarem junto e apoiarem sabe, no Bairro né. E o que foi mais incrível pra mim foi descobrir, esse mundo, essa vida, do próprio Polo de Lazer que onde eu aprendi a andar de bicicleta na infância, eu não conhecia. Passava de ônibus, mas não parava. Há muito tempo eu não descia no Polo pra olhar as pessoas, pra fazer uma caminhada. (Pesquisa direta, 2008).

Ah é, Praça da igreja... assim, a praça do Bairro Ellery, é a que tem a igreja. É o ponto de referencia, é aquela que tem a igreja. É aquela que tem a igreja, que tem uma quadra, que a pessoa consiga se localizar logo, aí a praça do Bairro é a que tem uma igreja, que tem uma quadra que é a da associação, pronto. Aí aqui. Assim, os locais que eu tenho mais... estes são os locais que sem dúvida tem uma importância maior, mas eu tenho, agora nem tanto porque eu to usando mais a Sargento Hermínio porque eu ando muito de ônibus, eu agora to indo mais pela Sargento Hermínio. Eu ia muito pegar ônibus aqui na (defeito na fita cassete), e eu nem gosto muito (Pesquisa direta, 2008).

Já as vias foram utilizadas nas falas dos moradores entrevistados para representar os limites do Bairro. As peculiaridades físicas e espaciais ajudam na construção das representações dos sujeitos. A seguir, mostra-se a tabela que visualiza os eixos lineares citados, de acordo com a ordem de maior repetição na fala dos moradores (Quadro 11):

Quadro 11: Referenciais espaciais extraídos das entrevistas com moradores.

Eixos lineares como limites		
	Avenida Sargento Hermínio	68,75%
	Linha férrea / Rua Tenente Lisboa	50,00%
	Rua Olavo Bilac	43,75%
	Bernardo Porto	25,00%
	Naturalista Feijó	25,00%
	Plácido de Carvalho	18,75%
	Raquel Holanda	12,50%
	Almeida Filho	12,50%
	Bezerra de Menezes	12,50%
	Raimundo Corrêa	6,25%
	Major Veríssimo	6,25%
	Gonçalves Lago	6,25%
	Jacinete Guimarães	6,25%
	Barão do Crato	6,25%
	Henrique Jorge	6,25%
	Francisco Sá	6,25%
	Eretides Martins	6,25%
	Alvaro de Alencar	6,25%
	Padre Anchieta	6,25%

Fonte: Pesquisa Direta, 2009.

Apesar dos eixos lineares serem citados por todos os entrevistados como limites, não houve consenso nas falas sobre essas referências. Alguns destes limites são extremamente fluidos, apresentando grande variação. Acredita-se que as redes de significados quanto a essa representação **são construídas ao longo do tempo e o limite do lugar vai sendo reconfigurado**. É este um fato interessante, pois a relação de convivência socioespacial com alguns outros Bairros é tida como bem-vinda. Esta “flexibilidade” é favorecida pela acessibilidade e complementariedade da estrutura urbana, pontos de referência em comum (principalmente o Polo de Lazer), fato este considerado positivo. Outro ponto importante deve ser tratado na medida em que as discontinuidades da malha urbana (grandes lotes industriais, linha férrea) não viabilizam esta integração e ou acessibilidade. Nesta ocasião, os Bairros contíguos são vistos como diferentes entre si e apresentam limites, a partir dos eixos lineares, bastante claros para os moradores.

A discordância frente limites oficiais aparece como unanimidade entre 100% das falas dos moradores entrevistados:

É porque aqui é o seguinte, a gente aqui não tem bem os limites do Bairro Ellery, entendeu. Eu sei que oficialmente não é assim, pelo menos aqui não. Isso aqui era pra ser menor, mas pra mim isso aqui é Bairro Ellery, por que se você perguntar para qualquer pessoa, Bairro Ellery é isso aqui. Aí pronto (Pesquisa direta, 2008).

Porque pelo limite da prefeitura, a comunidade é pequena, né. E sempre essas pessoas dessas ruas que pertencem ao Monte Castelo participam da nossa associação, da associação do Bairro Ellery. Sempre ta com a gente no Bairro Ellery. Nunca participa dos eventos do Monte Castelo, que até mesmo, o Monte Castelo é bem grande (Pesquisa direta, 2008).

Olavo Bilac, e a Almeida Filho. Só que oficialmente a prefeitura, o Bairro Ellery termina na Henrique Ellery. E nós temos um planejamento que estenda o Bairro Ellery, os moradores, a comunidade quer levar até aqui a Plácido de Carvalho. O limite é a Sargento Hermínio (Pesquisa direta, 2008).

Eu moro na Almeida Filho e as correspondências vem Monte Castelo, e eu chego no meu colégio e me perguntam: “Onde é que tu mora?”, e eu digo, “no Bairro Ellery”. Mas oficialmente é no Monte Castelo. Moro na frente da praça do Bairro Ellery, em tudo eu vou pro Bairro Ellery. Não vou seguir as coisas no Monte Castelo (Pesquisa direta, 2008).

Quando eu venho, por exemplo, eu tô de ônibus né (o transporte público penetra no baixo através da rua Barão do Crato), quando eu venho nessa rua, Naturalista Feijó, quando ela deixa de ser Naturalista Feijó e passa a ser Barão do Crato, pra

mim é Bairro Ellery. Pra mim é a minha divisão. Eu não estou mais no Monte Castelo, eu estou no Bairro Ellery. O ônibus vem assim, em uma reta, aí tem uma linha imaginária que eu criei, é assim, um pouco antes da curva, o ônibus vem assim, aí tem uma curva, um pouco antes da curva, pra mim tem as distinções dos Bairros (Pesquisa direta, 2008).

Barão do Crato, aí o resto tudo, até... aí vem tudo isso aqui Bairro Ellery e aí termina aqui, Olavo Bilac aqui né. E aqui agora eu não sei... como é o nome daquela rua lá do trilho hein? Eu sei que pra mim, Bairro Ellery é até aquela rua lá do trilho. Pronto. Isso aqui tudo pra mim é Bairro Ellery (Pesquisa direta, 2008).

Os limites mais destacados foram:

Pronto, seria assim. Aqui seria a linha férrea, essa rua aqui, que margeia, é Tenente Lisboa. A estação fica em frente a rua Safira. Essa aqui é a rua Olavo Bilac, aqui é a Sargento Hermínio, aqui é a rua José Cândido essa rua aqui. E aqui é Plácido de Carvalho (Pesquisa direta, 2008).

A gente quer que o Bairro vai até a Raquel de Holanda, mas já tão dizendo que á até essa rua de cá. Mudou pra cá, essa primeira aqui, a Plácido de Carvalho. Diz que até aí é Monte Castelo, e daí pra cá passa a ser Bairro Elley. Que vai direto até ali, fica do lado de lá da Mecesa por ali pela rua Olavo Bilac (Pesquisa direta, 2008).

Nós somos aqui daqui da Bernardo Porto até Jacinete Guimarães, aí vem Gonçalves de Lago até ali Tenente Lisboa. As vezes, até se abrange mais, pessoas que querem, que vão além, querem também. Conforme o pedido da comunidade (Pesquisa direta, 2008).

Pessoal aqui da Bernardo Porto, até a Olavo. E da Sargento Hermínio até a Tenente Lisboa, se não me engano, que é o trilho. Também eu não sei se tem outras áreas, se não é, se é menos ou se é mais. Para mim, é isso (Pesquisa direta, 2008).

Apesar dos limites serem referidos, as falas mostram que isso não é um ponto fundamentalmente relevante. Que comunidades diferentes podem estar unidas para defesa de interesses comuns. Todavia, esta integração entre Bairros adjacentes também possui limites e restrições. Alguns Bairros vizinhos não se comunicam.

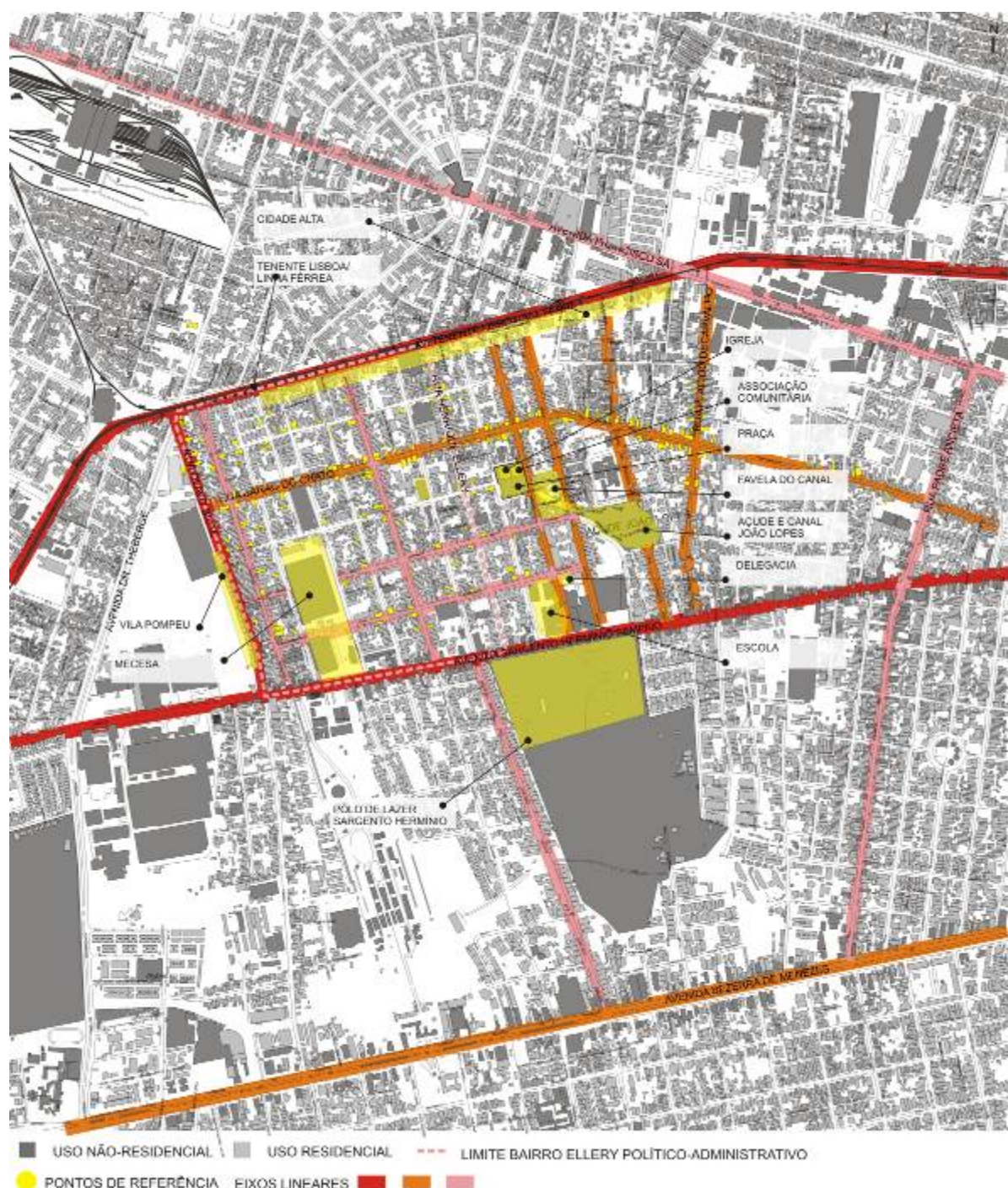


Figura 69: Referenciais espaciais mais citados nas entrevistas.

Fonte: Pesquisa Direta, 2009.

Existe um desejo em viabilizar uma “conurbação *intraurbanas*” entre os Bairros Monte Castelo e São Gerardo focada em interesses comuns. As comparações, a outros bairros, visam à singularização do espaço. O espaço do Bairro implica em imagem, e a imagem, frente a estes Bairros, promove um sentimento de *status*.

É o Monte Castelo né... ele começa, porque aqui nessa parte já é o Bairro Ellery, pelo menos o que o povo diz. Mas pra mim, antes de eu saber que aqui era Bairro Ellery, eu achava que o Monte Castelo era do North Shopping até o Liceu do Ceará. Eu achava que era, mas não é. Então na verdade ele é bem pequeno. E da Bezerra de Menezes até a Francisco Sá. Mas são Bairros diferentes, São Gerardo, Farias Brito, Jacarecanga, e o Ellery. Se for assim, os Bairros são pequenos demais (Pesquisa direta, 2008).

Segundo a prefeitura eu moro no Monte Castelo, mas me sinto parte do Bairro Ellery, é que eles são vizinhos. A gente cresceu todo mundo junto (Pesquisa direta, 2008).

Ai é mais complicado. Justamente, eu não sei te dizer se, exatamente onde começa um Bairro e termina outro acho que Monte Castelo, São Gerardo acabam sendo uma coisa só. Não, pra mim é basicamente a mesma coisa. Só muda o nome. Acho que a realidade é quase que a mesma. Tem muita diferença não (Pesquisa direta, 2008).

Bem, você quer dizer vizinhos de fronteiras, ou vizinhos de mais além? Por que se eu for responder os meus Bairros vizinhos, eu posso ter para cá (oeste), o Henrique Jorge, pra lá do trilho é o Carlito, e pro lado de lá é o Monte Castelo que eu não sinto muita diferença além de interpretações de que o nosso Bairro é um Bairro mais de elite, que eu não considero isso, que eu não vejo assim dessa maneira. Se nós verificarmos, nós não temos praticamente, digamos assim, uma diferenciação daquilo que nós temos aqui (Pesquisa direta, 2008).

Mas sei que algumas coisas ficam em ou em outro. Pra mim em alguns pontos fica meio confuso. A comunidade se vê como uma coisa só, mas é no Ellery que todos mundo se reúne, na praça que é o centro de tudo. O Polo também é muito movimentado (Pesquisa direta, 2008).

Não tem diferença entre os Bairros, só muda o nome, mas é mesma coisa. Não tem diferença de nada. Pra mim tudo é a mesma coisa Monte Castelo, Ellery e São Gerardo. Já pra outros Bairros da cidade é o modo de viver, né. O modo de vida, como as pessoas se comportam. Tem alguns com mais dificuldades, tem outros que tem menos. As vezes parece que as pessoas que tem menos se localizam no mesmo Bairro. Sempre quando a gente vai pra outro Bairro, tem mais dificuldade (Pesquisa direta, 2008).

A liberdade sobre o entendimento do espaço do Bairro também abrange o sentido de que diversos grupos sociais podem usar e usufruir dos espaços e atividades do lugar. Um destes interesses, mais ressaltado, é relativo à preservação e manutenção do Polo de Lazer da Sargento Hermínio.

É válido relacionar, aqui, também, o papel dos instrumentos de comunicação local no processo de significação do Polo de Lazer em seu papel simbólico para o Bairro. Hoje, o Polo é um dos maiores focos da luta comunitária. Isso se confirma pela fala dos moradores, que, mesmo não o frequentando, reconhecem sua importância para o Bairro.

O Polo de Lazer atua, ainda, como elemento congregador. Aparece nas falas dos moradores entrevistados como de fato e de direito pertencente ao Bairro Ellery, servindo de palco para diversas manifestações populares ao longo do ano, como o festival de quadrilhas, reivindicações populares e diversos outros eventos de lazer, promovidos por órgãos públicos ou por iniciativa da comunidade.

Uma das referências mais fortes frente aos limites, nas falas dos entrevistados, consistiu na Av. Sargento Hermínio. Estando o Polo de Lazer a sul deste eixo, aparece nas falas como uma questão em aberto:

Não gosto da Sargento Hermínio, é muita coisa, muito barulho, por isso geralmente ando até a Bezerra. Não vou ao Polo, por que tem que atravessar a Sargento Hermínio, mas os meninos vão lá sempre também. O Polo é da gente, mas dizem que não é (Pesquisa direta, 2008).

Para oeste é a Olavo Bilac, depois da Mecesa, e a sul é Sargento Hermínio, só que o Polo é depois dela, aí eu não sei como fica, porque todo mundo aqui do Bairro diz que o Polo fica no Bairro (Pesquisa direta, 2008).

Pra baixo, nós temos a continuação do Bairro Ellery, que vai se dirigindo então até a Bezerra e se transforma depois em São Gerardo, que não muda também muita coisa e o mais importante é o Polo. Só aquela parte verde ali, aquela floresta, que eu considero que seja bom pros Bairros (Pesquisa direta, 2008)

O Polo fica do outro lado da Sargento Hermínio, mas pela relação... não acho nem que essa estória aí que seja do outro lado, pertence ao outro Bairro não, eu acho que a gente aqui não tem essa noção não, essa lógica, porque se a gente for pensar que o que é o Bairro é o que tá oficialmente dentro do Bairro, aqui não é o Bairro Ellery. Aqui é o Monte Castelo. Então o Polo é nosso, tá localizado no Bairro Ellery, porque a gente se apropriou dele porque é o local onde muitas pessoas do Bairro tem suas atividades comerciais, tem seu lazer lá, tem seu momento de relaxamento, namorar, entendeu, tudo! (Pesquisa direta, 2008).

Não ela é a última, a pista que ela, que é a referência que se dá pelo Bairro Ellery. É o limite, ela fica entre São Gerardo e Bairro Ellery. Quem vai pro São Gerardo, você dando o, por exemplo, a orientação pra onde você quer ir, você vai até a Sargento Hermínio tal canto, você entra a esquerda, desce pro São Gerardo, aí pro lado direito você pertence ao Bairro Ellery, ao Monte Castelo, ao Olavo Bilac. Aí vai indo

até lá em baixo que tem os outros Bairros que ela segue até o terminal do Antônio Bezerra. Que ela pega muito Bairro (Pesquisa direta, 2008).

Os referenciais espaciais relacionam-se às representações apreendidas acerca dos significados e identidades inerentes ao Bairro Ellery, pois se associam às sensações e significados atribuídos ao Bairro, à materialidade do espaço. Neste processo, os sujeitos rotulam o espaço.

Os moradores se mostram próximos aos espaços e têm informações sobre o que lá se passa. Às praças, à associação, às ruas do Bairro e às mercearias, foi atribuída a capacidade de atrair as pessoas e manter a dinâmica do lugar em constante vigor.

Os referenciais espaciais relativos ao lugar são responsáveis por impressões e emoções que auxiliam a construção das representações. Estes elementos, associados aos significados e identidades e aos usos/atividades desempenhados, referem-se a um determinado suporte material que envolve a capacidade de conjugar a satisfação de necessidades objetivas e subjetivas. Desta forma, influencia o que sentem os moradores acerca deste suporte material, no caso o espaço do Bairro. Este processo dá vida e sentido aos espaços do Bairro, alçando-o à categoria de lugar.

4.3 Referenciando os espaços do Bairro: articulação das análises

A articulação das análises realizadas buscou, neste estudo, a interseção entre a descrição do espaço urbano – efetuada por meio do instrumental analítico da Sintaxe Espacial – e os sentidos construídos pelos moradores do Bairro sobre seus espaços. Podemos identificar duas características principais para a definição do Bairro Ellery: socioculturais e forma física e seu simbolismo. A partir dessas características foram reconhecidos grupos de variáveis referenciais relativas a: i) Elementos espaciais (edifícios, vias, espaços públicos); ii) Formas de apropriação do espaço (comportamento frente aos usos/atividades – comércio, habitação, lazer, mobilidade) e iii) elementos simbólicos (tranquilidade, orgulho, *status*, amizade, etc).

A atribuição de um significado ao Bairro, ou seja, a formação de uma imagem mental forte, referenciada no espaço, depende de diversas circunstâncias. A sensação de familiaridade e intimidade com o Bairro em que se mora, não se reproduz da mesma intensidade ou da mesma forma com relação a outros locais da cidade. A noção de Bairro

necessariamente consiste num terreno comum, para um conjunto de indivíduos, a ponto de estabelecer uma comunicação também comum a todos eles.

A distinção entre os Bairros assenta-se, principalmente, nas suas respectivas tradições, preservadas socialmente. Apesar de imperceptíveis para um visitante, para um morador os referenciais do seu Bairro são “visíveis” em razão do legado simbólico e subjetivo, referendado, inclusive nas suas práticas cotidianas.

No Bairro Ellery, a comunidade é um referencial necessário. Trata-se de um conjunto de pessoas que compartilham um certo espaço urbano, que se encontram e dialogam, com vista à formação de um projeto em comum. Compartilham, portanto, ideias sobre aquele espaço.

Com o mapa de integração, foram revelados padrões de uso do espaço do Bairro (nível de integração x usos/atividades). Com as entrevistas, foram reveladas as formas com que as pessoas vêm e sentem esses padrões, e em como elas constroem significações e identificações referenciadas espacialmente (Figura 70).



Figura 70: Comparativo entre resultados das análises: mapa integração local $r=2$ da área de estudo e mapa síntese das entrevistas.

Fonte: Gerado pela autora a partir do software *MindWalk*, 2009 e através da espacialização dos principais pontos de referência citados pelas pessoas nas entrevistas.

Nos pontos de referência (como a praça, a igreja e o Polo de Lazer), houve maior coincidência de representações, apesar de não estarem localizados nos espaços mais acessíveis, como demonstrado na análise morfológica. Limites e fronteiras foram

representados de forma secundária ou apresentaram divergências frequentes entre os moradores entrevistados. *“Não tem tanta diferença assim entre os Bairros, a gente quer mais é que a praça e o Polo se ajitem”*. Importam mais os locais com maior sobreposição de significados do que os lugares onde começa uma zona homogênea e acaba outra.

O Bairro é uma unidade morfológica e estrutural; é caracterizado por uma certa paisagem urbana, por um certo conteúdo social e por uma função, portanto, uma mudança num desses elementos é suficiente para fixar o limite do Bairro. (ROSSI, 2001, p. 70)

Outro aspecto reafirmado na sobreposição das análises realizadas é a noção de um núcleo centralizador, formado principalmente pela praça e pelo Polo de Lazer, através dos usos/atividades desenvolvidas nestes espaços e pelo referencial simbólico embutido nestas atividades. Já as linhas mais integradas (tons vermelho e laranja na figura 73a), onde predominam as atividades comerciais e serviços especializados e de maior porte são reconhecidas pelos moradores com estranhamento, desvinculação ou como limites.

Eixos mais integrados, em Fortaleza, concentram atividades de comércio e serviços voltados ao atendimento da cidade, e não vinculados à sua malha urbana contígua. No bairro Ellery, e por que não afirmar, em bairros de origem de formação periféricos, estes eixos lineares são vistos como elementos delimitadores das referências dos bairros, já que não possuem identidade com as áreas menos integradas em suas proximidades. Além dos eixos, barreiras físicas e descontinuidades da malha urbana, são utilizadas como referência delimitadora da identidade espacial do bairro. Essas áreas descontínuas são apresentadas no mapa de integração como as áreas mais segregadas.

Na medida em que o morador do bairro se afasta das linhas mais integradas, mais movimentadas e visíveis em escala global, os pontos de referência mais habitualmente incorporados vão emergindo. Estes referenciais são mais particularizados para aquele morador do Bairro, como o ponto de ônibus, a padaria, o bar de esquina, a casa de um conhecido, a praça. É importante a compreensão dos significados destes elementos para a delimitação geográfica e social dos espaços do bairro.

A hipótese inicial, antes da aplicação das análises, consistia em ideia contrária. Supunha-se que linhas mais integradas fossem os centros, e a partir deles gravitasse as dinâmicas locais, ou seja, dos bairros irrigados por esses eixos lineares. Não foi isso que foi comprovado. Com a articulação das análises foi possível entender que as áreas mais

segregadas são aquelas que acabam por serem as referências mais fortes para a identidade do Bairro. Outra conjectura inicial, que apontava para a imprecisão dos limites politicoadministrativos, era pautada pela ideia que esses mesmos limites poderiam ser redefinidos a partir da análise. Mas o que se constatou foi que os limites, para a comunidade, só fazem sentido enquanto barreiras ou interrupções espaciais acontecem (no caso estudado, os grandes lotes industriais, a linha férrea e a Avenida Sargento Hermínio). Na malha contínua, a fluidez dos limites se faz necessária, pois, ao longo do tempo, as transformações necessitam de certa elasticidade espacial. Isto acontece já que as dinâmicas urbanas vividas são absorvidas de forma coletiva. Chamaremos aqui este processo de *conurbação intraurbana*, onde essas identidades, essas áreas de fronteiras, se fundem.

Para tentar avançar na integração das análises, utilizou-se a medida sintática *profundidade de (depth from)* das ruas (linhas) onde foram realizadas as entrevistas semiestruturadas no Bairro (Figura 72). O objetivo foi descobrir qual o alcance topológico máximo para dois passos de cada linha da área de estudo investigada. Ressalta-se que a medida foi gerada apenas dos locais onde foram realizadas as entrevistas onde o morador informou a identificação do Bairro Ellery (Figura 71 e Figura 72).

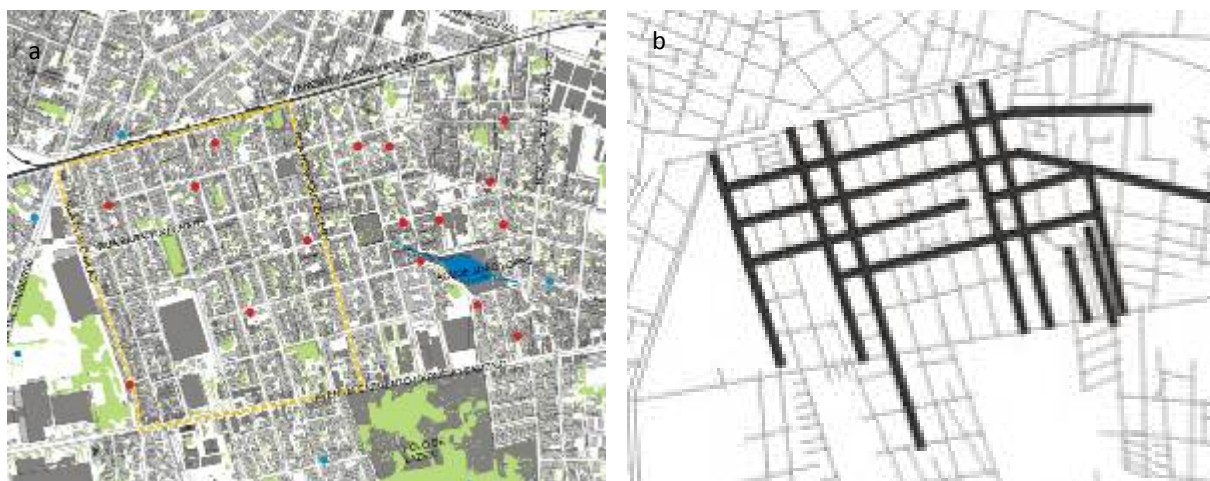


Figura 71: Locais das entrevistas e linhas onde a medida sintática *depth from* foi utilizada.

a. Locais onde as entrevistas foram realizadas. Fonte: Pesquisa direta, 2009.

b. Linhas que correspondem aos locais onde as entrevistas foram realizadas. De cada uma destas linhas foi analisada a profundidade para $r=2$. Fonte: Pesquisa direta, 2009.

A partir da profundidade de cada uma dessas linhas, foi feita uma sobreposição do alcance espacial do Bairro dando como resultado um *espectro*: o vermelho mais intenso representa o seu *núcleo duro*, onde, para todas as linhas, apenas 2 passos, ou mudanças de direção, foram necessários para se alcançar. Na medida em que o vermelho perde

intensidade, esse espectro se desenvolve e são formadas áreas de transição, onde existem níveis diferenciados de alcance com relação às linhas (Figura 73).



Figura 72: Exemplos de profundidades para as ruas Olavo Bilac e Gilberto Câmara.

a. Profundidade máxima $r=2$ Rua Olavo Bilac

b. Profundidade máxima $r=2$ Rua Gilberto Câmara.

Fonte: Gerado pela autora a partir do software *MindWalk*, 2009.

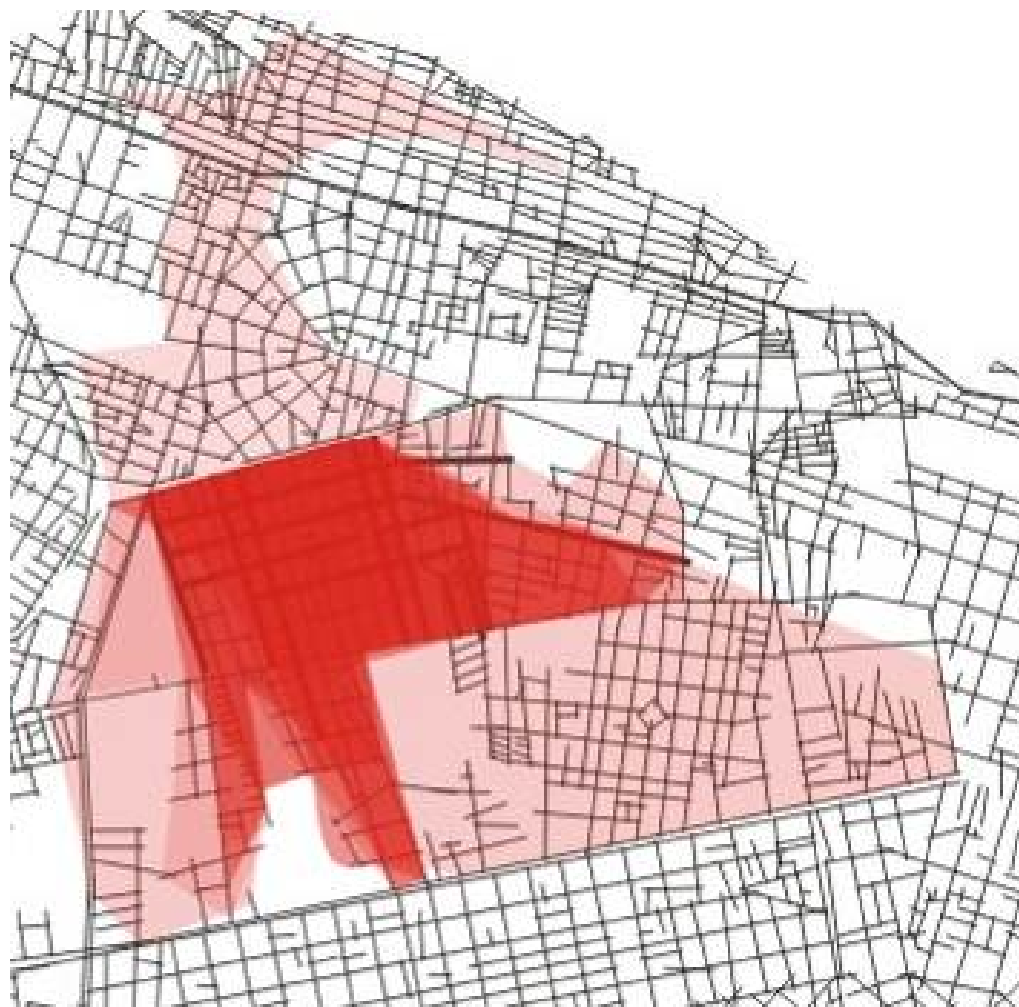


Figura 73: Espectro para o Bairro Ellery. Fonte: Gerado pela autora a partir das sobreposições dos resultados gerados pelo software *MindWalk*, 2009.

A característica do sistema global de Fortaleza, muito raso, impacta diretamente na escala local e obriga a uma análise muito restrita do número de passos, e faz perceber que, de fato, além das circunstâncias topológicas, como já apontadas por Hillier, Tuner, Yang e Park (2007), as distâncias métricas a serem percorridas também são fatores determinantes para o reconhecimento desse espectro do Bairro.

Foram encontradas algumas características importantes do espectro, para o Bairro, extraídas pela sobreposição das análises:

- Linhas de importância global interferem fortemente como fatores limitantes dos padrões espaciais locais;

- Linhas mais segregadas também interferem como fatores limitantes das características locais. Estas linhas, como extremidades, são condicionadas por descontinuidades físicas;

- Quando nenhuma destas condicionantes se apresenta, é possível considerar uma certa elasticidade na compreensão do território do Bairro. Esse espectro fica sujeito às variações e incorporação de territórios, com maior ou menor intensidade, pelas dinâmicas socioespaciais em contínua construção (espectros);

- Em um sistema raso, como o de Fortaleza, além de medidas topológicas, as dimensões a serem percorridas e as condições de mobilidade também têm revelado impacto na definição deste espectro.

A partir das análises elaboradas obteve-se alguns resultados. **A definição de Bairros não implica, necessariamente, na definição de limites.** A definição das identidades territoriais parte de pequenas áreas ao redor de sua residência, e a amplitude desses limites depende da estrutura social e seus interesses e das condições de mobilidade existente no lugar.

Essa definição de onde o bairro começa ou acaba, de onde ele muda frente à noção de pertencimento, pode ser reforçada por descontinuidades físicas ou por referenciais espaciais locais (como espaços significativos socialmente) por vezes, reconhecidos apenas pela própria comunidade do lugar.

Uma nova estratégia para o planejamento urbano poderia ser pautada na compreensão do espaço do Bairro a partir de espectros e referenciais espaciais, e não mais limites. Estes espectros poderiam ser articulados ao longo do tempo, buscando incorporar,

na elaboração e implementação de políticas públicas, os aspectos essenciais discutidos neste trabalho.

Conclui-se, então, que os moradores utilizam suportes espaciais para referenciar o Bairro enquanto lugar. Podemos indicar esses suportes, no lugar dos limites politicoadministrativos, como um sistema composto de barreiras ou conexões socioespaciais. Esses referenciais podem ser claros ou difusos tais como: aspectos materiais do meio físico (principalmente barreiras/ descontinuidades ou continuidades), elementos simbólicos (valor sentimental dos espaços a partir, por exemplo, de nomenclaturas) e comportamento social (atividades realizadas neste espaço).

Considerações sobre o Capítulo

A partir do que foi demonstrado neste capítulo, considera-se que o espaço da cidade não é apenas uma construção de cunho objetivo ou formal; existe algo também sob o ponto de vista do sujeito que lá vive. Analisar o espaço da cidade pressupõe analisar a percepção dada a ele pelo Homem, pois é por meio de seus sentidos e sentimentos que o espaço é apropriado. Dessa forma, o espaço da cidade é analisado sob a ótica das relações estabelecidas entre o habitante e o espaço vivido.

Reafirma-se aqui a crítica aos procedimentos utilizados pelo planejamento urbano no desenvolvimento de planos e projetos. Faltam métodos sensíveis à dinâmica social local e sua relação como a dimensão urbana local para sua construção.

A análise teve como finalidade possibilitar o entendimento de em como os atributos sociais se organizam espacialmente e em como o espaço reflete as práticas sociais. Por um lado, o instrumental descritivo da Sintaxe Espacial fornece as ferramentas para analisar e entender que as propriedades da configuração espacial podem efetivamente constituir possibilidades de experiência espacial. Por outro lado, as entrevistas forneceram um instrumental capaz de articular os aspectos da vida cotidiana de uma comunidade com os processos de significação e identificação socioespacial. Esta proposta procurará desvendar, nos capítulos que se seguem, no caso dos espaços do Bairro Ellery, os significados, as identidades e as ideias socialmente construídas e compartilhadas, referenciadas espacialmente.

Os resultados da análise sintática (padrões espaciais) serão relacionados aos obtidos com os procedimentos das entrevistas a partir da comprovação ou não do reconhecimento e uso desses padrões espaciais como referenciais espaciais para os moradores do bairro ao possibilitarem sua identificação enquanto lugar.

A questão principal, ao se promover a associação destes procedimentos, é de verificar como as possibilidades efetivadas pela configuração espacial e descritas pela Sintaxe Espacial são referenciadas pelas pessoas, contribuindo para a identificação das partes constituintes da cidade: os Bairros.

CONCLUSÕES

Para (re)conhecer a cidade que temos, faz-se necessário o risco de percorrer novos caminhos. Compreende-se, com esta pesquisa, que não basta planejar, baseado em necessidades objetivas, nem apenas intervir, materialmente, para que um “lugar” passe a existir. Algo mais se faz indispensável neste processo em que se deseja entender os espaços urbanos, neste caso o Bairro: considerá-los como espaços vivenciados. Esse algo mais deve ser referência para o planejamento urbano.

Explorar a Sintaxe Espacial significou trazer à tona a ótica dos sujeitos usuários, fundamental para a mencionada atividade. O instrumento teorico metodológico aplicado possibilitou extrair a expressão dos afetos gerados entre o indivíduo e os espaços em que ele vive e mantém uma relação cotidiana. A dimensão afetiva de atração pelo lugar e de autoestima foi indicadora do processo de apropriação e identificação dos habitantes.

A reflexão, portanto, centrou-se na questão de como os espaços, com suas respectivas configurações, são reconhecidos como referências de lugares. Sendo assim, a articulação entre a configuração espacial e a identidade territorial como “base cartográfica” do planejamento urbano foi objetivo deste trabalho.

Partiu-se do pressuposto de que, mediante o somatório dos aspectos físicos, sociais e simbólicos, seria possível reconhecer as particularidades dos lugares que conferem à cidade a sua pluralidade tão característica. Com a pesquisa empírica, encontramos espaços legitimados pela identidade territorial que não correspondem aos institucionalmente adotados.

Como a questão central era apreender quais as relações entre as configurações do espaço e os significados atribuídos a ele pelos moradores do Bairro, tomou-se como ponto de partida a análise configuracional.

Quanto à Sintaxe Espacial, sua aplicação revelou que espaços do Bairro apresentam uma relação entre usos/atividades e características topológicas intrínsecas à configuração espacial. Áreas mais integradas do Bairro, em escala global, favorecem usos/atividades menos relacionados à escala do lugar, assim como as áreas mais segregadas, impactadas por barreiras e interrupções físicas. As áreas segregadas, em nível global, favorecem os usos/atividades relacionados intrinsecamente com a escala do lugar.

Outros procedimentos relacionados à Sintaxe Espacial, contudo, podem ainda ser desenvolvidos em trabalhos posteriores. O desenvolvimento de medidas sintáticas que auxiliem a técnica da *fragmentação de linhas axiais* (HILLIER; TUNER; YANG; PARK, 2007) pode aprofundar consideravelmente a relação com os significados atribuídos pelas pessoas.

No que se refere às entrevistas com os moradores do Bairro e pesquisa nos meios de comunicação, estas foram analisadas a partir das suas convergências e divergências. As semelhanças, que, por vezes, eram acompanhadas de contradições, revelaram aspectos positivos (quando relacionados a uma identificação e apropriação do espaço pelo respondente) e aspectos negativos (quando demonstravam uma não-identificação ou dificuldade do respondente de se apropriar deste lugar), demonstrando a aproximação e ou o distanciamento deste em relação aos referenciais socioespaciais do Bairro.

Vários são os aspectos relacionados aos significados e identidades atribuídos ao Bairro Ellery. Este se apresenta como lugar. Foi com extrema positividade e emoção que as pessoas se referiram a este espaço, trazendo à tona sentimentos de *tranquilidade, status, harmonia, valorização e amizade*. O espaço do Bairro é conhecido, vivenciado e experienciado por seus moradores, promovendo, assim, a afetividade e a sensação de pertencimento. Vê-se, no Bairro, um processo em que o espaço comporta uma relação próxima aos moradores, no sentido de *pertencer ao lugar*, favorecendo a construção das identidades. O Bairro possui o sentido de abrigo, de estar em casa, de família. Este Bairro periférico, que pode, aos olhos não familiarizados, confundir-se com tantos outros Bairros na mesma situação, para os que lá vivem não é uma simples “fachada”; representa um lugar que mexe com seus sentimentos e assim ganha significados e afetos peculiares.

No sentido de Bairro, encontra-se um espaço a ser referenciado, um invólucro que comporta a forma e o conteúdo de uma comunidade que assim se reconhece. Este espaço se transforma em símbolo, ligado a uma necessidade material, física, de reconhecimento. A principal questão foi descobrir em como os sujeitos lidam com essas realidades socioespaciais, como são utilizados e tomados estes referenciais espaciais, para definir os lugares. Como a configuração espacial é utilizada para compor o Bairro enquanto lugar? Os espaços deixam de ser simples contornos para se tornar recursos que promovem a identificação.

Estas análises forneceram subsídios para a articulação teórico-metodológica. A presença ou ausência de usos/atividades foram associadas às características da configuração

urbana. Estas, por sua vez são utilizadas como referenciais na constituição das representações acerca do espaço. O resultado foi a identificação positiva ou negativa. Percebemos, pelas falas dos sujeitos, que os significados e identidades atribuídos aos espaços são muito mais significantes do que as características físicas propriamente ditas.

Trata-se, aqui, de uma reflexão que envolve os sujeitos sociais em suas práticas cotidianas, revelando questões que podem apontar para mudanças e, portanto, soluções frente o planejamento urbano.

O caminho para rever as espacialidades urbanas perpassa pela adoção de uma escala “base”. Nesse sentido, o envolvimento afetivo, os usos/atividades, a identificação e os significados a elas atribuídos colocam-se como elementos fundamentais para sua identificação. Propõe-se que esta escala seja a do Bairro, considerada como a única que possibilita o entendimento do cotidiano, do reconhecimento, do pertencimento e do fortalecimento de vínculos socioespaciais. O Bairro, mesmo não sendo um conceito propriamente vinculado ao urbanismo, pode definitivamente auxiliar no processo de pensar e intervir na cidade.

Assim, quando se trata do planejamento urbano, é importante uma revisão de como se lê a cidade. Os órgãos gestores municipais devem identificar com mais cuidado as suas diversas partes para que possam propor políticas públicas condizentes às diferentes realidades socioespaciais.

Não podemos afirmar, contudo, que todos os Bairros são lugares. Podemos afirmar, sim, que o Bairro Ellery o é. Os moradores de outros bairros podem reconhecê-los, nomeá-los, tão somente como um “referencial instrumental”, pois pouco vivenciam os seus respectivos Bairros. Neste caso, o Bairro é:

[...] tão somente um referencial instrumental, útil ao homem massificado em seu cotidiano, homologamente à rua, ao prédio. Essa utilidade, que compreende desde a mera orientação geográfica até imagens e valorações absorvidas através de meios de comunicação, da propaganda, simboliza a frieza, a superficialidade e a artificialidade da percepção e da vivência do Bairro pelo homem massificado, cujas condições de via acarretam o empobrecimento de seu elo cultural com o espaço” (SOUZA, 1989, p.158).

A concepção de espaço espectral sintetiza a condição de fronteira frágil, difusa e dinâmica que caracteriza a dimensão urbana Bairro. No Bairro Ellery, uma série de referenciais identitários, espaciais e a-espaciais é continuamente construída e reconstruída,

para reafirmação do lugar. O esforço para entender esta realidade urbana deve ser contínuo e compartilhado entre a academia e a gestão pública, em uma realimentação contínua de informações.

Em suma, o sentido de lugar precisa estar à frente, em qualquer estratégia de planejamento urbano. O sentido de lugar é relacionado ao espaço vivido, que possui significados e identidades particulares, onde se desenvolve a consciência da comunidade. O lugar depende dos sentidos e dos usos/atividades que favorecem a apropriação do espaço. O Bairro, entendido como unidade de planejamento, é a antítese da desagregação social. Mediante o reconhecimento desta escala do cotidiano, existe a possibilidade do fortalecimento do sentido de pertencimento, ou seja, dos vínculos afetivos e, portanto, da promoção do espaço gregário.

BIBLIOGRAFIA

AMORIM, L. **Casa: espaços e narrativas**. In. AMORIM, L.; LEITÃO, L. (org). A casa nossa de cada dia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

BARROS, S. A. L. **O que são Bairros: limites políticos-administrativos, ou lugares urbanos da cidade? O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife**. Recife: LivroRápido, 2004.

BORDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2005.

BUTTNER, A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: Perspectivas da geografia. CHRISTOFOLETTI, A. C. (org.). São Paulo: Difel, 1985a.

BUTTNER, A. H., **Campo de Movimiento y sentido del Lugar**. In: Teoria y método en la geografia anglosajona. Maria Dolores Garcia Ramón (org.), Barcelona: Ariel, 1985b.

CARLOS, A. F. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec. 1996.

CASTELLO, Lineu. **A percepção de lugar. Repensando o conceito de lugar em arquitetura e urbanismo**. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

CASTRO, J. L. **Apresentação. Introdução: a cidade**. In: Prefeitura Municipal de Fortaleza. A administração Lúcio Alcântara. Fortaleza: Grafisa, 1982.

CASTRO, J.L. **Fatores de Expansão e Localização da Cidade de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1977.

CORRÊA, R. L. **Espaço, um Conceito-chave da Geografia**. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. DA C. & CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL DO BAIRRO ELLERY. **Pesquisa sobre a história do Bairro Ellery**. Disponível em www.bairroellery.com.br, 2005.

DINIZ, F LACERDA, N.; ZANCHETI, S. **Planejamento metropolitano: uma proposta de conservação urbana e territorial**. Santiago de Chile: Revista Eure (Vol. XXVI, No 79), p.77-94, 2000.

FERNANDES, M. E. (Coord.). **A cidade e seus limites: As contradições do urbano na “Califórnia brasileira”**. São Paulo: Annablume; Fapesp; Ribeirão Preto: Unaerp, 2004.

FIGUEIREDO, L. **Linhas de continuidade no sistema axial**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

FIGUEIREDO, L. **Mindwalk 1.0 – Space Syntax Software**. Laboratório de Estudos Avançados de Arquitetura – LA, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal de. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza**. Fortaleza, 1992.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal de. **Lei de Uso e Ocupação do Solo**. Fortaleza, 1996.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal. **Revista Farol**, 2 de dezembro de 2006.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 1979. GIRÃO, R. Geografia Estética de Fortaleza. Fortaleza: BNB, 1979.

GIRÃO, R. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: BNB, 1979.

GOMES, P. C. C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EdUFF, 1997.

HAESBAERT, R. **Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: hibridismo cultural à essencialização das identidades)**. In. ARAUJO, F.; HAESBAERTH, R. Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007

HILLER, B.; HANSON, J. **The social logic of space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HILLER, B.; HANSON, J. **The architecture of the urban object**. Ekistics, 1989, p.5-20.

HILLER, B.; HANSON, J. **Creating life: or, does architecture determine anything?** Architecture et comportement/ Architecture and Behavior, v. 3, nº 3, 1987, p. 233-250.

HILLIER, B., TUNER, A., YANG, T., PARK, H. **Metric and topo-geometric properties of urban street networks: some convergences, divergences and new results**. Proceedings of the Sixth International Space Syntax Symposium, Istanbul, 2007.

HILLIER, B. **Spatial sustainability in cities organic: patterns and sustainable forms**. Proceedings of the Sixth International Space Syntax Symposium, Istanbul, 2007.

HOLANDA, F. **O espaço de exceção**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002

JODELET, D. **Folies et représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989b.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

LEFEBVRE, H. **La Production de L'Espace**. Paris: Anthropos, 1974.

LEITÃO, L. **Entra na tua casa: anotações sobre arquitetura, espaço e subjetividade**. In. AMORIM, L.; LEITÃO, L. (org). A casa nossa de cada dia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1960.

MARQUES, R.E.R.B. **Urbanização, dependência e classes sociais: o caso de Fortaleza**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1986.

MATTOS, T.C.F. **As rádios comunitárias, a memória e a dádiva**. Belo Horizonte: Intercom, 2003.

MEDEIROS, V.A.S. **Urbis Brasiliae ou sobre cidades do Brasil: inserindo assentamentos**

urbanos do país em investigações configuracionais comparativas. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. Brasília: PPG/FAU/UnB, 2006.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social – teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

MUNIZ, M.A.P.C. **O plano diretor como instrumento de gestão da cidade: o caso da cidade de Fortaleza/CE.** Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

NASCIMENTO, J. **Bairro Ellery: o Bairro que vi crescer.** www.Bairroellery.com.br, 2007.

OLIVEIRA, C.T.F. Comunitária Mandacaru FM: trajetória e recepção. Disponível em www.bairroellery.com.br, 2002.

OLIVEIRA, C.T.F. Os **movimentos sociais na rede: produção de notícia e valorização de sujeitos.** Disponível em www.bairroellery.com.br, 2008.

PEPONIS, J. **Space, culture and urban design in late modernism and after.** *Ekistics*, v. 56, 1989, p. 93-108.

PEQUENO, R. (org) **Como anda Fortaleza.** Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2009.

RATZEL, F. **Géographie Politique.** Paris: Econômica, 1988 (1897).

RAPOPORT, A. **Aspectos humanos de la forma urbana: hacia una confrontación de las ciencias sociales com el diseno de la forma urbana.** Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

RELPH, E. C. **Place and Placelessness.** London: Pion. 1976.

RIBEIRO, C. R.V. **A dimensão simbólica da arquitetura: parâmetros intangíveis do espaço concreto.** Belo Horizonte: FUMEC-FACE, C/Arte, 2003.

ROUANET, S.P. **Aspectos subjetivos da cidade.** In. AMORIM, L.; LEITÃO, L. (org). *A casa nossa de cada dia.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

- ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SAMPAIO, T. M. **Aspectos do Bairro Ellery. Uma cartilha de conhecimento**. Não publicado.
- SANTOS, C.N. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: Eduff; São Paulo: Projeto, 1988.
- SAWAIA, B.B. **O calor do lugar, segregação urbana e identidade**. São Paulo em perspectiva: questões urbanas, Os sentidos das mudanças. São Paulo: Volume 9, 1995.
- SILVA, J. B. **Reinventando Fortaleza: o saber geográfico e outros saberes na interpretação da cidade**. In: CARLOS, A. F. A (Org.). Caminhos da reflexão sobre cidade e o urbano. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- SOUSA, A. C. M. **Os parceiros do rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 1987.
- SOUZA, M. L. **O Bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política**. Revista brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, n.51, p.139-172, abril-junho, 1989.
- SOUZA, M. L. **Mudar a cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- SPOSATI, A. **Cidade em pedaços**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- TEKLENBURG, J. A.; TIMMERMANS, H. J. P.; WAGENBERG, A. F. **Space Syntax Demystified**. Proceedings of the 12th International Conference of the international Association for People-Environment Studies. Boulder, Colorado, 1992
- TRICART, J. **L'habitat urbain**. Cours de géographie humaine. Vol. 02. Centre de Documentación Universitaire. Paris, 1963.
- TUAN, YI-FU. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN, Yi-Fu. **Place: an experiential perspective**. *Geographical Review*, 65 (2): 151-165, 1975.
- VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 2001.
- ZEVI, B. **Architectura in nuce: uma definição de arquitetura**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro entrevistas semi-estruturadas

1) Dados do Entrevistado:

Nome:

Idade:

Sexo:

Endereço residencial:

Tempo de residência no Bairro:

Ocupação:

Renda:

Escolaridade:

Participa de associação, instituição, grupo:

(São as variáveis sócio-demográficas. Serão os parâmetros de identificação e agregação social dos entrevistados. Não houve condicionantes sobre limites relacionados à faixa etária, sexo ou posição social)

Resultados das aplicações piloto: Foram acrescentadas informações acerca da renda e escolaridade do sujeito entrevistado.

2) Desenhe como você vê e sente o seu bairro.

(Elemento desencadeador do processo de representação através da técnica de associação livre (ABRIC, 1994b). O objetivo é facilitar a expressão por parte do entrevistado. A interpretação do desenho é feita pelo próprio informante na pergunta subsequente)

3) O que você quis dizer com o seu desenho?

(Esclarecimento do que o informante quis representar com o desenho, tendo como objetivo diminuir a interpretação do investigador).

4) Qual o nome do seu bairro? O que diferencia seu bairro dos bairros vizinhos?

(Finalidade de fornecer a identidade. Ao mesmo tempo tem o objetivo de expressão de vínculos e diferenciações entre partes do território próximo).

5) Quais são os principais caminhos percorridos por você no bairro? Quais são os seus objetivos?

(Descrição dos caminhos mais frequentemente percorridos pelo sujeito no bairro nas atividades cotidianas, captar a escala da vida do informante no bairro, quais os caminhos mais acessíveis e que facilitam a mobilidade, as atitudes tomadas em relação aos percursos escolhidos).

6) O que você faz no bairro (lazer, trabalho, estudo)? Você precisa sair do bairro com frequência? Para que?

(Identificação das principais atividades cotidianas. Essa resposta será uma variável de controle das observações do cotidiano da comunidade. Tem como objetivo identificar a variação de atividades existentes no bairro e sua inter-dependência com o restante da cidade)

7) Se você fosse contar pra alguém como é seu bairro, o que você diria? Como você o descreveria?

(Síntese dos sentimentos inicialmente abordados. As respostas podem variar entre sentimentos, qualidades, substantivos, etc. Espera-se que nesse item uma saturação de resposta do respondente, demonstrando uma clareza maior da identidade do bairro.)

8) O que significa um bairro pra você?

(Extrair o conceito de bairro dos sujeitos entrevistados e se esse conceito é rebatido no Ellery).

9) Se você pudesse/quisesse escolher um outro bairro para morar, onde seria? Por que?

(Tem o objetivo captar os níveis de pertencimento/apego ao lugar e as razões principais)

10) Como você se sente no bairro?

(É a expressão e descrição dos sentimentos em relação ao desenho)

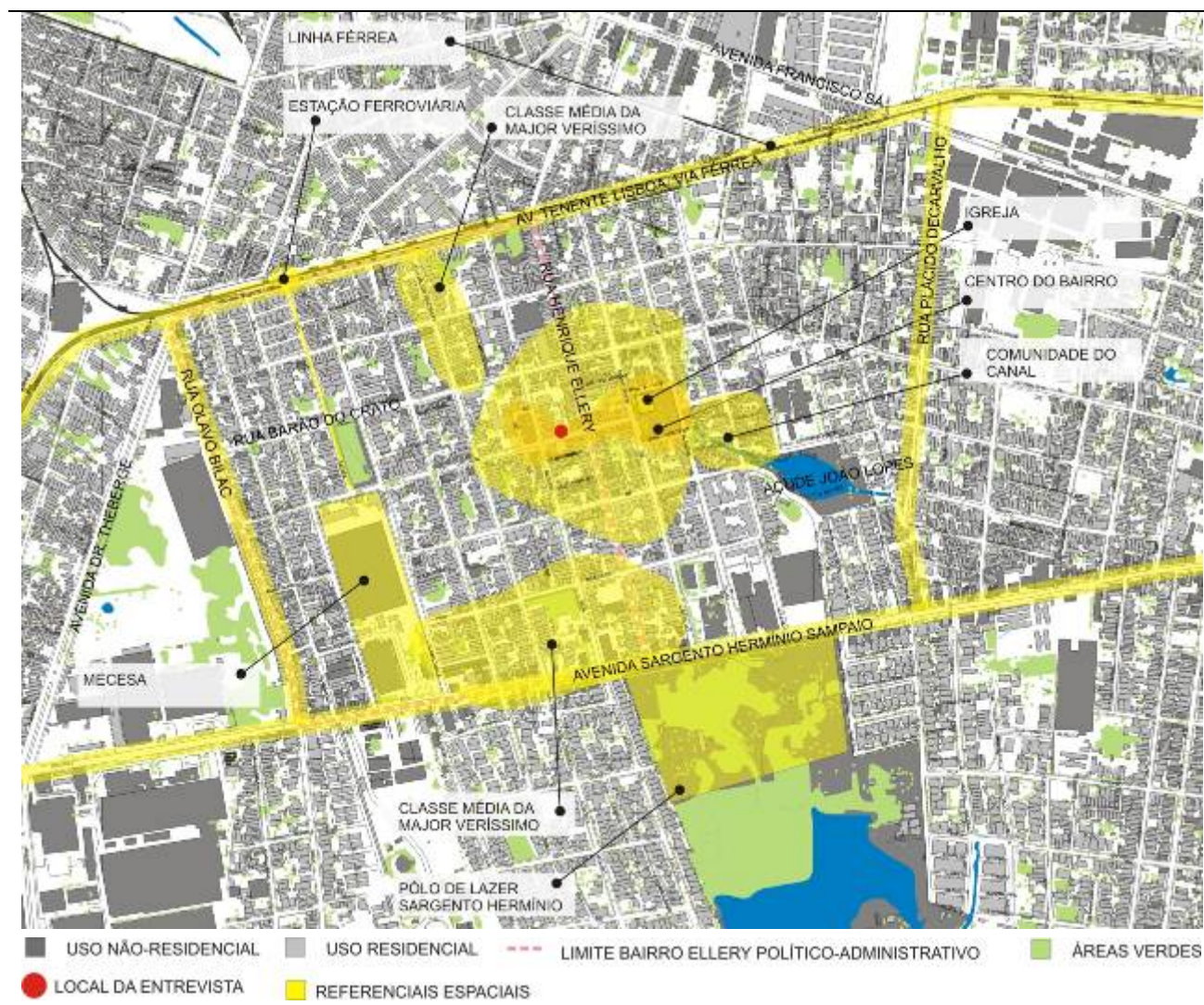
APÊNDICE B - Sistematização entrevistas semi-estruturadas

Mapa de categorias e mapas espaciais.

Tobias Marques Sampaio

Identificação	Estrutura do desenho	Interpretação do desenho pelo informante (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do bairro	Palavra –síntese significado	Apego ao bairro	Sentimento Em relação ao bairro
Homem 77 anos Rua Dr. Atualpa, 508. Tempo de moradia no Ellery: 19 anos Renda familiar: R\$ 1.200,00 Ocupação: aposentado Grau de instrução: 1º grau completo Grupo ou associação: Não participa (não gosta de reunião, gosta de participações em movimentos)	Representação configuracional Linhas que representam as vias limites do bairro.	Bairro oficial não é o bairro que ele reconhece. A falta desse reconhecimento atrapalha o bairro. Deturpa as informações e os dados oficiais.	Linha férrea; Pólo de lazer; Igreja Tenente Lisboa Olavo Bilac Sargento Hermínio José Cândido Plácido de Carvalho. Favela açude João Lopes Mecesa (dá emprego, mas interrompeu ruas do bairro)	Bairro residencial Não tem centro comercial. Predomina a residência. Centro do bairro é a confluência das ruas Dr. Atualpa com Demócrito de Carvalho e Henrique Ellery, onde estão as praças.	Família Carente Desigual Comunidade separada (socio-econômica) Nível elevado de vida (IDH alto, classe média) em contraste com favelas. O bairro não tem nada x eu não saio daqui pra nada.	Saiu mais voltou. Se saísse, não ia se conformar. Associação junta, identifica, promove (diferente das outras). Filhos querem sair.	Casa Sou parte integrante. Gosto de morar aqui. Tem medo das balas perdidas

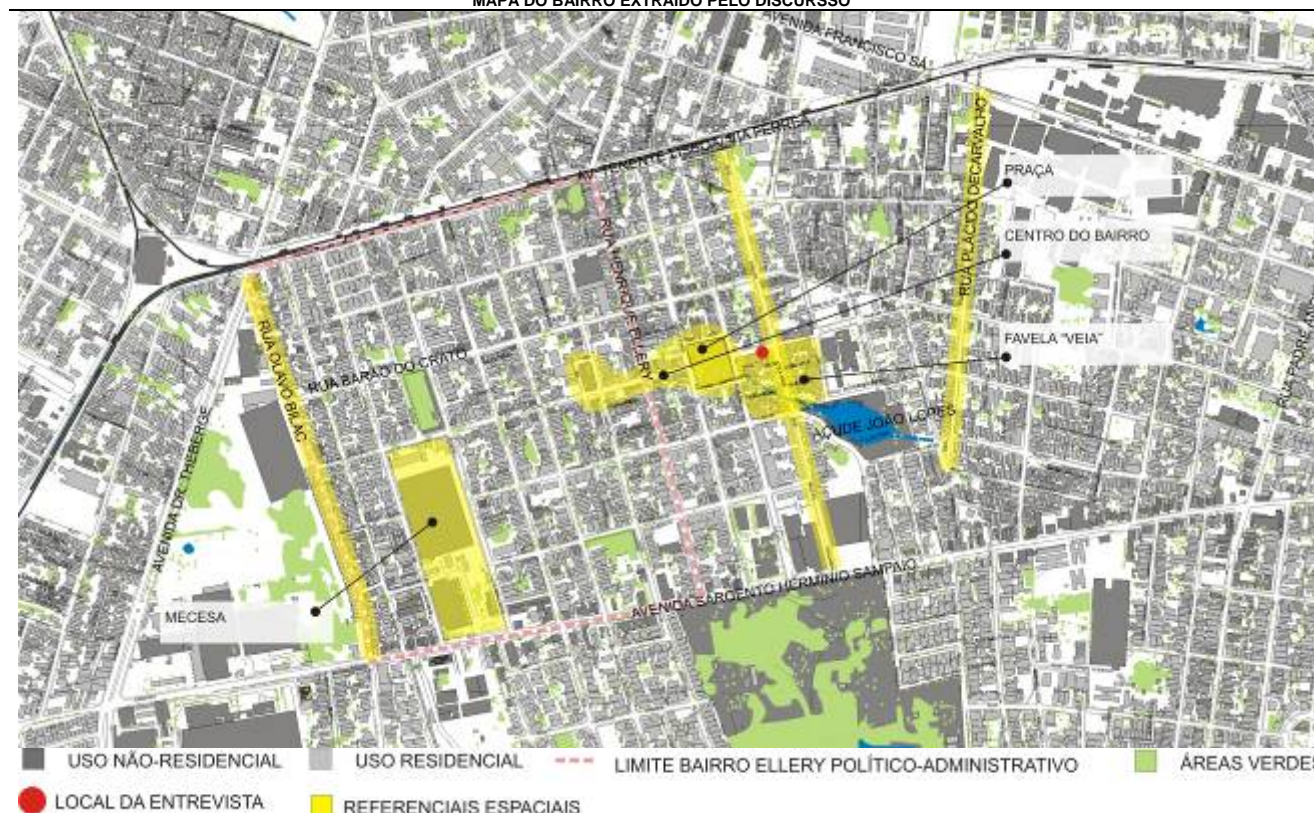
MAPA DO BAIRRO EXTRAÍDO PELO DISCURSO



Raimundo Nonato do Nascimento

Identificação	Estrutura	Interpretação do desenho pelo informante (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do bairro	Palavra –síntese significado	Apego ao bairro	Sentimento Em relação ao bairro
Homem 71 anos Rua Dr. Atualpa, 327 Tempo de moradia no Ellery: 38 anos Renda: R\$ 600,00 Ocupação: aposentado (bombeiro hidráulico) Grau de instrução: 1º grau incompleto Grupo ou associação: Não participa	Não desenhou	-	Rua Raquel de Holanda Plácido de Carvalho Mecesa Rua Olavo Bilac	Villa Ellery Bairro Ellery Querem misturar com Monte Castelo. É tudo igual. Presidente Kennedy é diferente. Canal véi. Favela do canal Praça (papear)	Ruas calmas Aqui tem tudo	Não tenho idéia de ir pra outro lugar não Aprendeu a viver no bairro. Mulher quer sair.	Me sinto bem Tranquilo Gosta muito do bairro Ninguém perturba

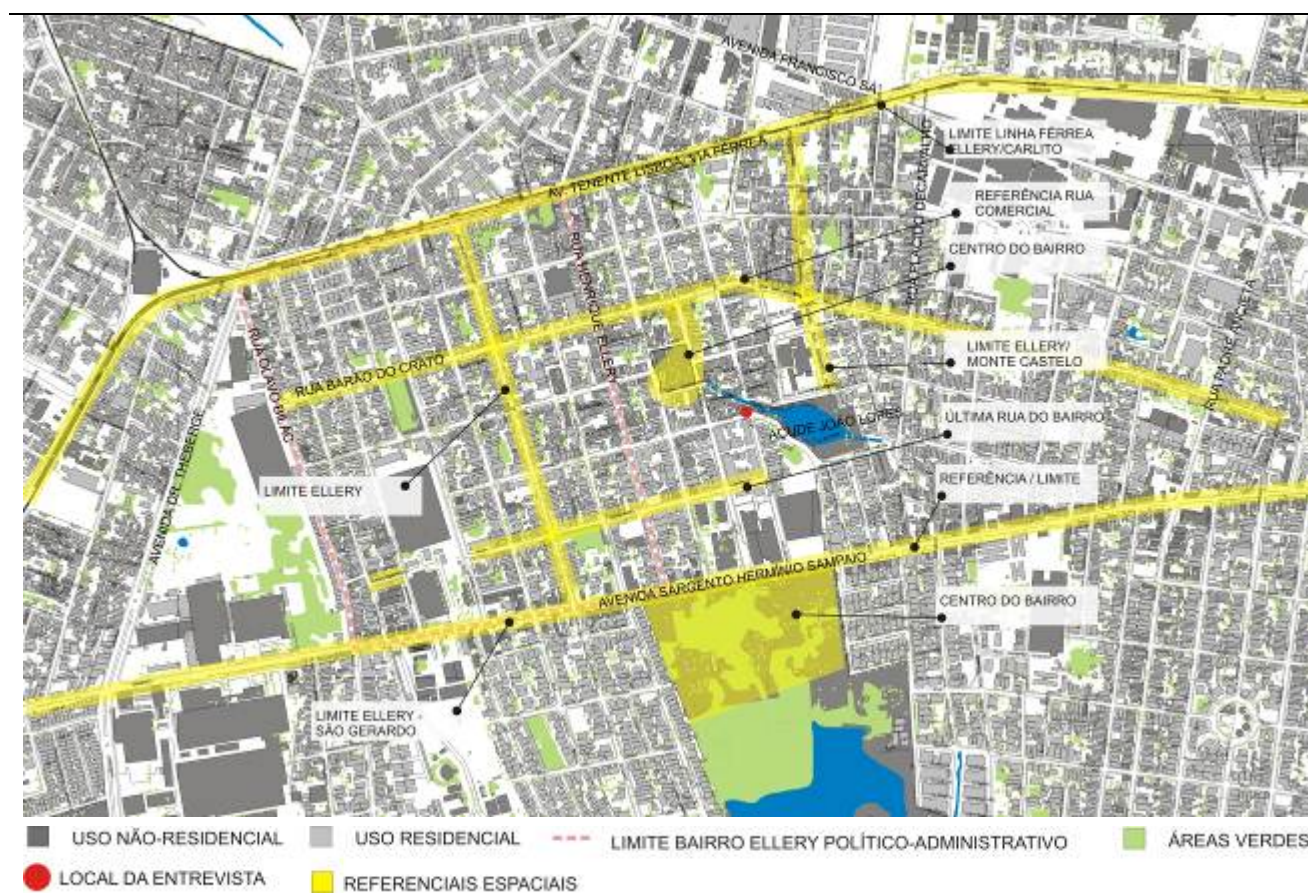
MAPA DO BAIRRO EXTRAÍDO PELO DISCURSSO



Maria das Graças Souza

Identificação	Estrutura	Interpretação do desenho pelo informante (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do bairro	Palavra –síntese significado	Apego ao bairro	Sentimento Em relação ao bairro
Mulher 60 anos Rua Raquel Holanda, 403. Tempo de moradia no Ellery: 36 anos Renda: R\$ 400,00 Ocupação: Lactarista (Creche Favo de Mel) – alimentação para recém nascidos Grau de instrução: 2º grau incompleto Grupo ou associação: Associação	Representação configuracional Linhas que representam as vias do bairro e os principais equipamentos de referência.	Não existem limites para o bairro.	Rua Bernardo Porto Rua Major Veríssimo Rua Raimundo Corrêa Linha do Trem (limite bairro Carlito Pamplona) Sargento Hermínio (referencia x limite) Igreja Praça Associação Pólo de Lazer	Já foi Villa Ellery. Continua sendo Villa Ellery para muitos. Já foi carente, mas evoluiu. É melhor do que os outros.	Nível elevado de vida (classe média) Bairro tem ficado violento. Bem localizado perante a cidade.	Tem que gostar de onde mora. Não vai embora. Filhos querem sair.	É tudo pra mim.

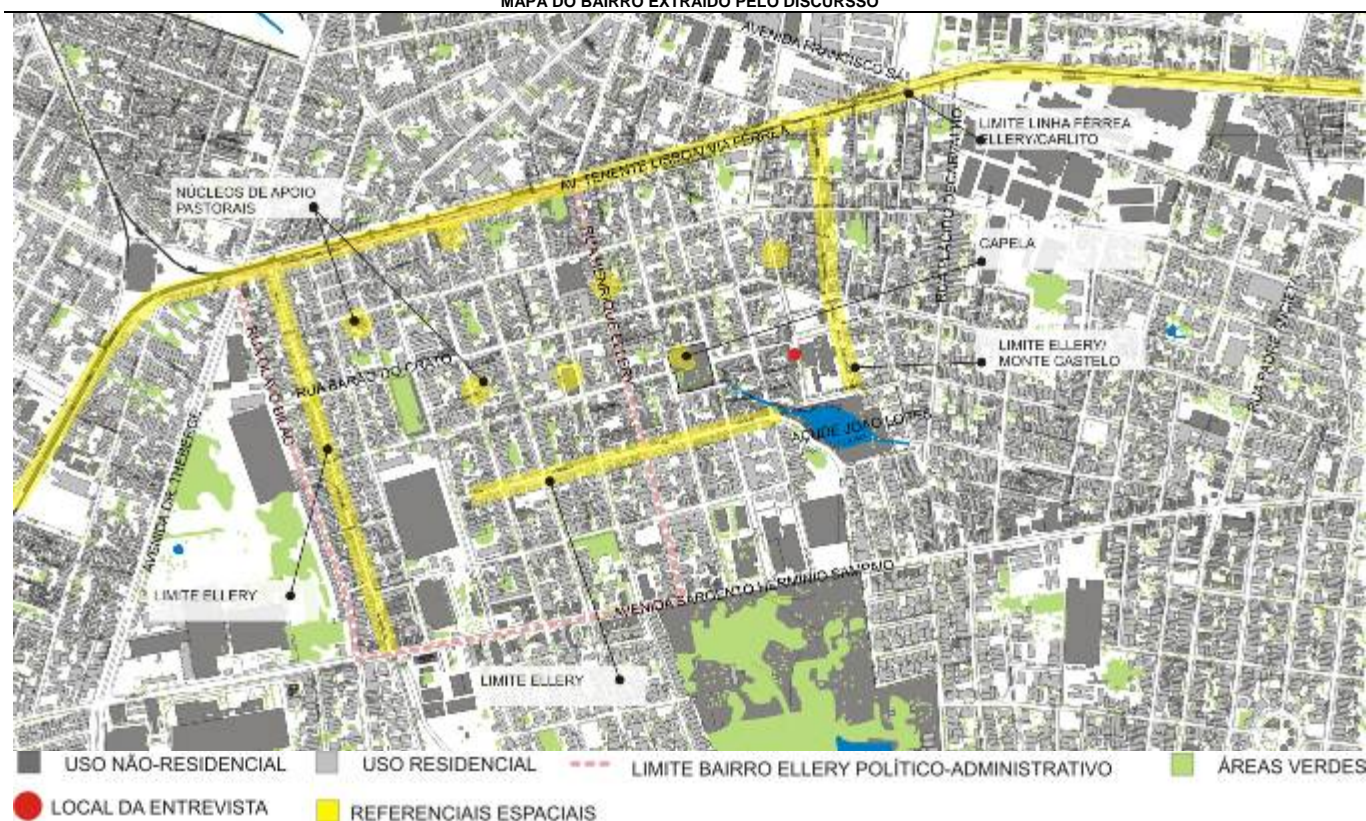
MAPA DO BAIRRO EXTRAÍDO PELO DISCURSO



Dona Terezinha

Identificação	Estrutura	Interpretação do desenho pelo informante (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do bairro	Palavra –síntese significado	Apego ao bairro	Sentimento Em relação ao bairro
Mulher 77 anos Rua Catarina Laborê Tempo de moradia no Ellery: 31 anos Renda: R\$ 1.000,00 Ocupação: Aposentada (INSS) Grau de instrução: 1º grau Grupo ou associação: movimento pastoral da capela de Nossa Senhora de Lourdes.	Não desenhou	-	A capela do bairro (que ainda pertence a paróquia do Nosso Senhor do Bonfim, no Monte Castelo). Rua Bernardo Porto Rua Jacinete Guimarães Rua Gonçalves de Lago Rua Tenente Lisboa. As vezes, até se abrange mais, conforme o pedido da comunidade.	O carnaval da associação. A corrida de bicicleta, as passeatas, são coisa que identificam o bairro.	Comunidade que participa. Comunicação, aqui todo mundo se conhece. O bairro da gente é melhor!!!	Não quer mais se abalar pra parte nenhuma não. Gosta do bairro, não tem vontade de sair, é no bairro que tem seu barraquinho! Se dá com todos, não tem intriga com ninguém. Eu gosto muito da minha vida aqui.	O bairro é uma terapia. Achou sua vida nova no bairro.

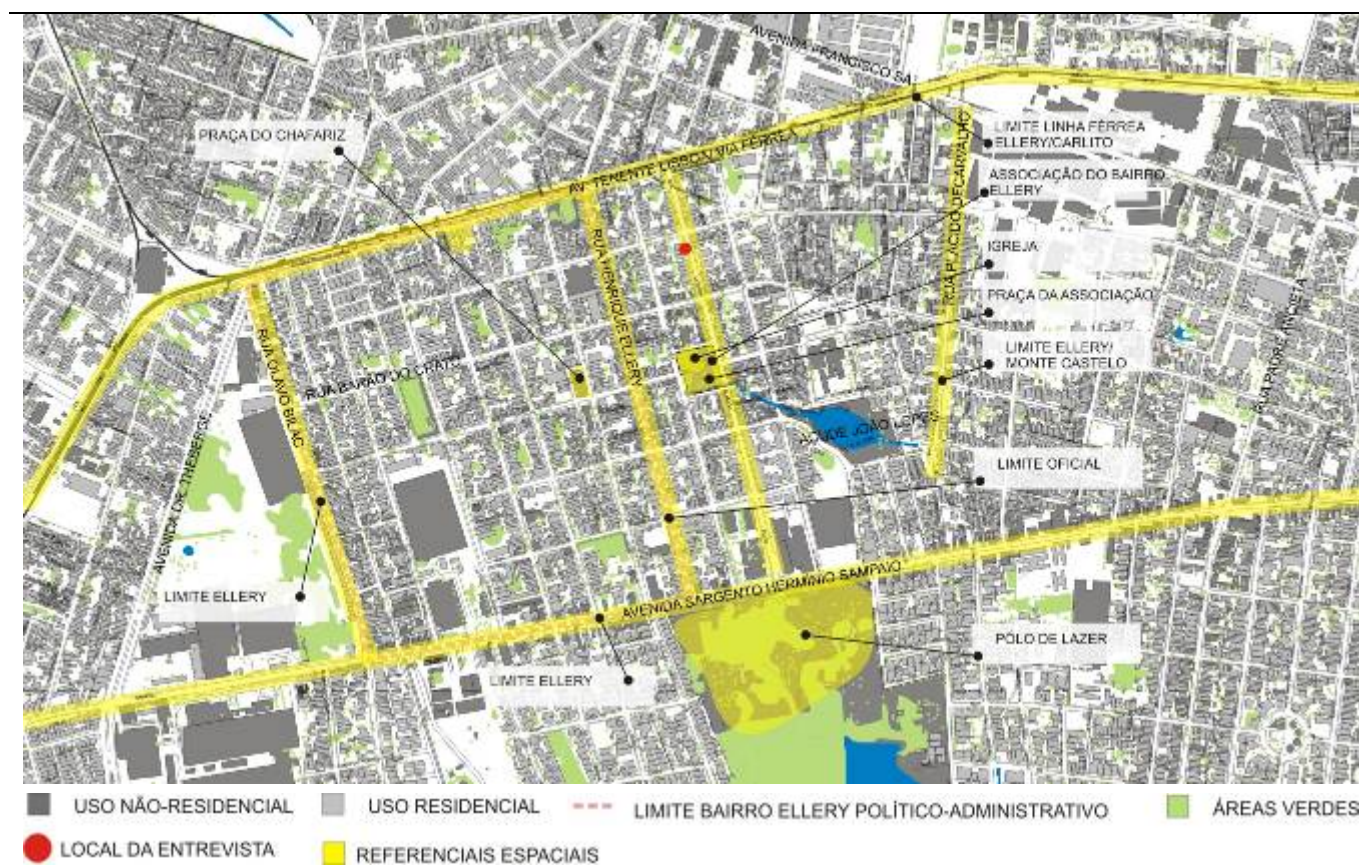
MAPA DO BAIRRO EXTRAÍDO PELO DISCURSSO



Wesley Costa

Identificação	Estrutura	Interpretação do desenho pelo informante (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do bairro	Palavra –síntese significado	Apego ao bairro	Sentimento Em relação ao bairro
Homem 15 anos Rua Dr. Almeida Filho. Tempo de moradia no Ellery: 15 anos Renda: - Ocupação: Estudante Grau de instrução: 2º grau Grupo ou associação: ACBE	Representação metafórica	O desenho significa que o bairro está em uma campanha de revitalização. O bairro está muito cuidadoso, aqui na nossa região, no pólo de lazer. A nossa praçinha tem passado por uma revitalização, os moradores estão cuidando mais, não é como era antes. O meu desenho mais ou menos diz isso. Estamos tentando cuidar da natureza do bairro.	Bairro Ellery. Rua Olavo Bilac Rua Almeida Filho. Oficialmente a prefeitura, o bairro Ellery termina na Henrique Ellery. Rua Plácido de Carvalho. O limite é a Sargento Hermínio. Pólo de Lazer Igreja de Lourdes aqui na praçinha do bairro. Praça do Chafariz Praçinha da associação	O bairro Ellery é um bairro movimentado, onde as pessoas quando querem uma coisa, persistem e conseguem. O bairro Ellery é um bairro de eventos, elétrico. Associação atuante: creche, cultura, profissionalização, realiza eventos, atende à comunidade. A associação sempre ta levantando o nome do bairro Ellery. Leva a bandeira do bairro Os moradores contribuem, são amigos. Nos outros bairros isso não acontece muito. Não precisa de nada fora do bairro. O bairro Ellery é um bairro onde tudo é pertinho, tem o North Shopping é aqui próximo. Aqui é um bairro que tem vários comércios.	Alegre. O bairro Ellery é um bairro que sempre ta alegre. Além de tudo é união.	Não. Até agora nunca pensou nisso. E não vê necessidade. Porque foi onde eu creceu, conquistou várias amizades. Então eu gosto de morar no bairro Ellery, eu me identifico com o Ellery.	Me sinto bem. Eu tenho orgulho de morar no bairro Ellery.

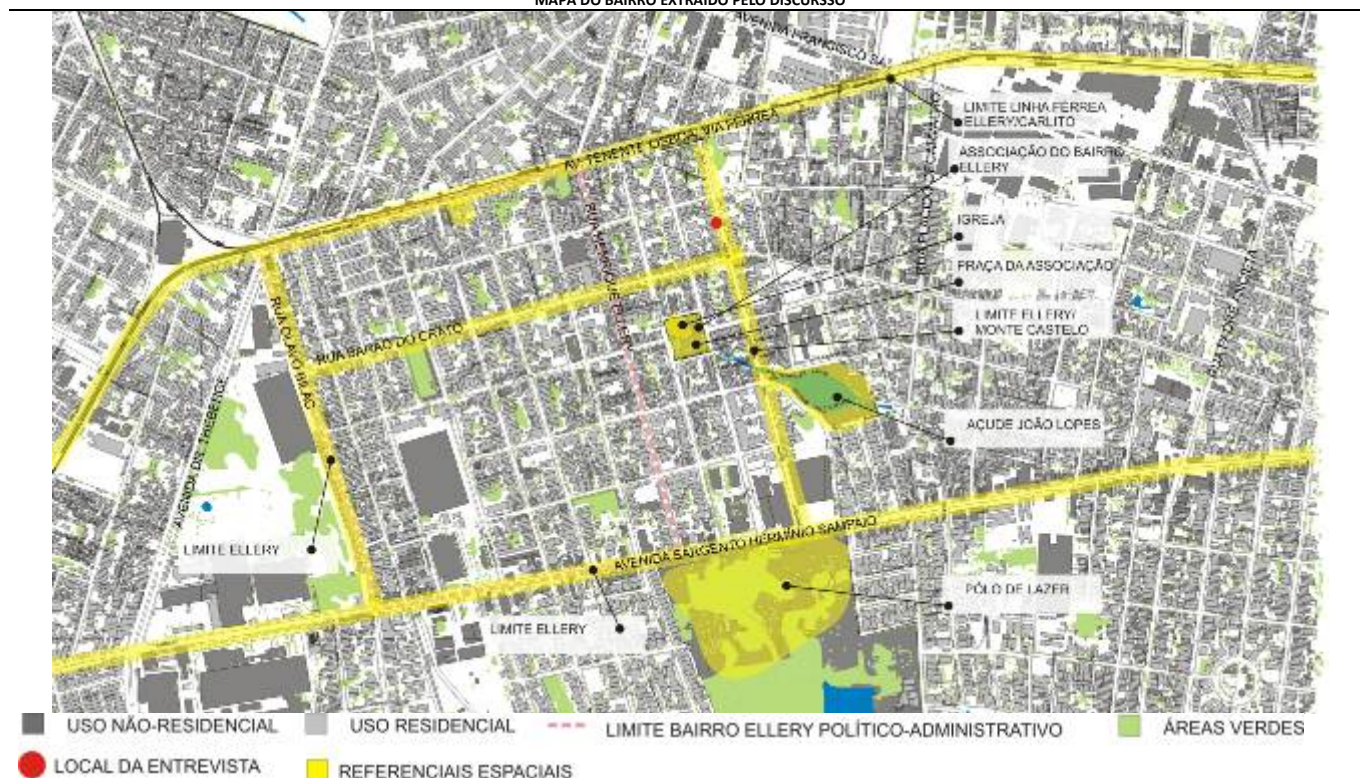
MAPA DO BAIRRO EXTRAÍDO PELO DISCURSO



Clarice Araújo

Identificação	Estrutura	Interpretação do desenho pelo informante (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do bairro	Palavra –síntese significado	Apego ao bairro	Sentimento Em relação ao bairro
<p>Mulher 22 anos Rua Raquel Holanda, 611 Tempo de moradia no Ellery: 2 anos Renda: R\$ 1.200,00 Ocupação: Estudante e Articuladora comunitária (Centro Socorro Abreu) Grau de instrução: Superior Grupo ou associação: ACBE</p>	Representação configuracional	<p>É a minha divisão do bairro. Distinção espacial entre os Bairros.</p> <p>Pronto, digamos que daqui pra cá é monte castelo. Daqui pra cá, depois dessa linha isso aqui tudo já é bairro Ellery.</p>	<p>Naturalista Feijó e passa a ser Barão do Crato, pra mim é bairro Ellery. Quando eu não estou mais no Monte Castelo, eu estou no bairro Ellery.</p> <p>Tem uma linha imaginária que eu criei. Tem distinções dos bairros. Sabe que oficialmente não é da forma que ela entende.</p> <p>Rua ou Av. Barão do Crato. Rua Olavo Bilac Rua do trilha Sargento Hermínio (onde pela ônibus, e não gosta) Raquel Holanda.</p> <p>João Lopes (negativa), Canal O Pólo de Lazer demais assim. É o lugar onde eu faço caminhadas, é o lazer dia de domingo. Pra mim ele faz parte do bairro. A gente se apropriou dele. O Pólo é tudo isso Agora é óbvio se for pensar assim, o Pólo é de todos os bairros, porque várias pessoas de vários bairros utilizam Associação Praça da Igreja</p>	<p>Bairro Ellery! Não tem nada de vila Ellery não. Sempre foi bairro Ellery, ficam aí dizendo vila, mas não tem nada a ver.</p> <p>É uma vida que eu to gostando assim, eu me identifiquei. Eu me identifiquei com o bairro assim de cara. Primeira vez que eu vim aqui eu gostei, do Socorro Abreu, da associação. Foi amor a primeira vista mesmo.</p> <p>Semelhante a Pacajus (sua cidade de origem, situada na RMF)</p> <p>Aqui não são vários prédios e também são casas mas são casas simples, não é de luxo como tem no bairro de Fátima (bairro onde morava anteriormente).</p> <p>As pessoas andam nas ruas, A associação e que vai poder fazer muitas coisas durante o ano inteiro. Dá pra ter uma vida movimentada na associação, tem muitos eventos. A associação é a entidade histórica.</p> <p>O centro socorro Abreu puxa a luta comunitária do bairro.</p>	<p>Pulsante.</p> <p>Um espaço geográfico onde existe a participação, existe a qualidade de vida, no sentido de ter uma saúde de qualidade, uma educação. Um local de lazer. Um canto onde também as pessoas possam se organizar e debater coisa importantes. Solidariedade!</p>	<p>Eu saí do bairro de Fátima, um apartamento, muito chique, pra vir morar aqui. Mas também porque além da questão geográfica do local que eu gostei muito e tudo, foi também um fator familiar, sair da casa dos meus tios, queria morar só né, mas... deixa eu ver, quando eu penso em morar em outro local. Teria que ser uma coisa bem parecida com aqui. Sabe, tinha que ser um canto que eu morasse... nummm... (pausa), assim que eu pudesse conhecer as pessoas, quando eu penso, no São Gerardo, aqui próximo, acho que também é legalzinho de morar. Eu acho. Eu não me mudaria pra muito longe não porque até é... porque eu pretendo me casar, eu tava conversando com meu namorado, como ele trabalha em uma escola aqui no Autran Nunes, ele tava questionando se a gente não podia morar lá. Eu já fui no bairro, eu não sei, eu não gostei, eu quero, eu não gostei do bairro não, eu queria morar aqui mesmo. Eu não tenho vontade de morar na Aldeota, o bairro de Fátima é até um bairro melhor e tudo, mas eu não teria vontade de morar lá mais não. Monte Castelo talvez, mas é um bairro muito violento pelo que eu escuto, o Carlito eu tb não gostaria, eu não sei não, no máximo o São Gerardo mesmo.</p>	<p>Quando eu penso em qualidade de vida, eu sempre penso em pessoas na rua, tendo acesso a tudo que precisar, entendeu? As pessoas se movimentando no meio das ruas, movimentação... sabe assim. Acho que pra mim qualidade de vida mais de ta em ter uma casa, tá dentro de casa, não.</p> <p>Pra mim é ao contrário, é ter... é gente estar na rua se movimentando, sabe assim. Sabe, se correspondendo.</p>

MAPA DO BAIRRO EXTRAÍDO PELO DISCURSO



Liliana

Identificação	Estrutura	Interpretação do desenho pelo informante (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do bairro	Palavra – síntese significado	Apego ao bairro	Sentimento Em relação ao bairro
Mulher 25 anos Moradora do São Gerardo Tempo de moradia no Ellery: - Renda: - Ocupação: Estudante arquitetura e urbanismo Grau de instrução: Superior Grupo ou associação: Movimento Pro-parque Raquel de Queiroz	Representação metafórica	O mecanismo pulsante que o bairro Ellery tem, o São Gerardo já não tem. Apesar de ser vizinho, ele se diferencia muito em termos de casa, em termo de ruas, da organização do espaço.	Pólo de Lazer Pequenos mercadinhos, Igreja, com a casa de fulano de tal... Que é aqui vizinho, mas tem esse diferencial. Vai à associação e volta para casa. Vai do Pólo, até a associação e volta. Vai a casa de amigos. E no meu bairro, as pessoas já não tanto a dimensão do bairro, mas tem a dimensão da cidade, e da cidade rica. No máximo com o North Shopping. O Pólo de Lazer, com essa área aqui mais do Cooper, mas também não luta pelo Pólo, assim, tem condições de pagar uma academia. Se não tiver o Pólo, vai ter uma academia.	Um bairro super ativo, que eu não conhecia. E eu sempre morei aqui no São Gerardo, praticamente sempre. E eu não tava sabendo de nada, e aí entrei em contato com o pessoal daqui. E as pessoas do bairro se conhecem, falam, participam. Se você convidar pra ir ali no Pólo, eles vão, fazer uma festa, eles vão. Lá no meu bairro, as pessoas que eu convido, não vão, entendeu....	Descobriu, esse mundo, essa vida própria.	No meu bairro, a classe média é alheia. E já no Ellery tem demais até. As pessoas estão dispostas a ajudar, a se juntar. Sabem que juntos eles podem, tem força. Eu tenho essa sensação, assim. E mais por esse movimento lá do Pólo, porque eu vejo as pessoas indo lá e falando e tendo a atitude de falar, se colocar sabe. Então a gente sente que a auto-estima se eleva.	Ainda se sente externa. O bairro carrega uma dimensão bem menor da cidade. Sente que a rua é a extensão da casa, das pessoas se conhecerem, muito mais do que no seu bairro.

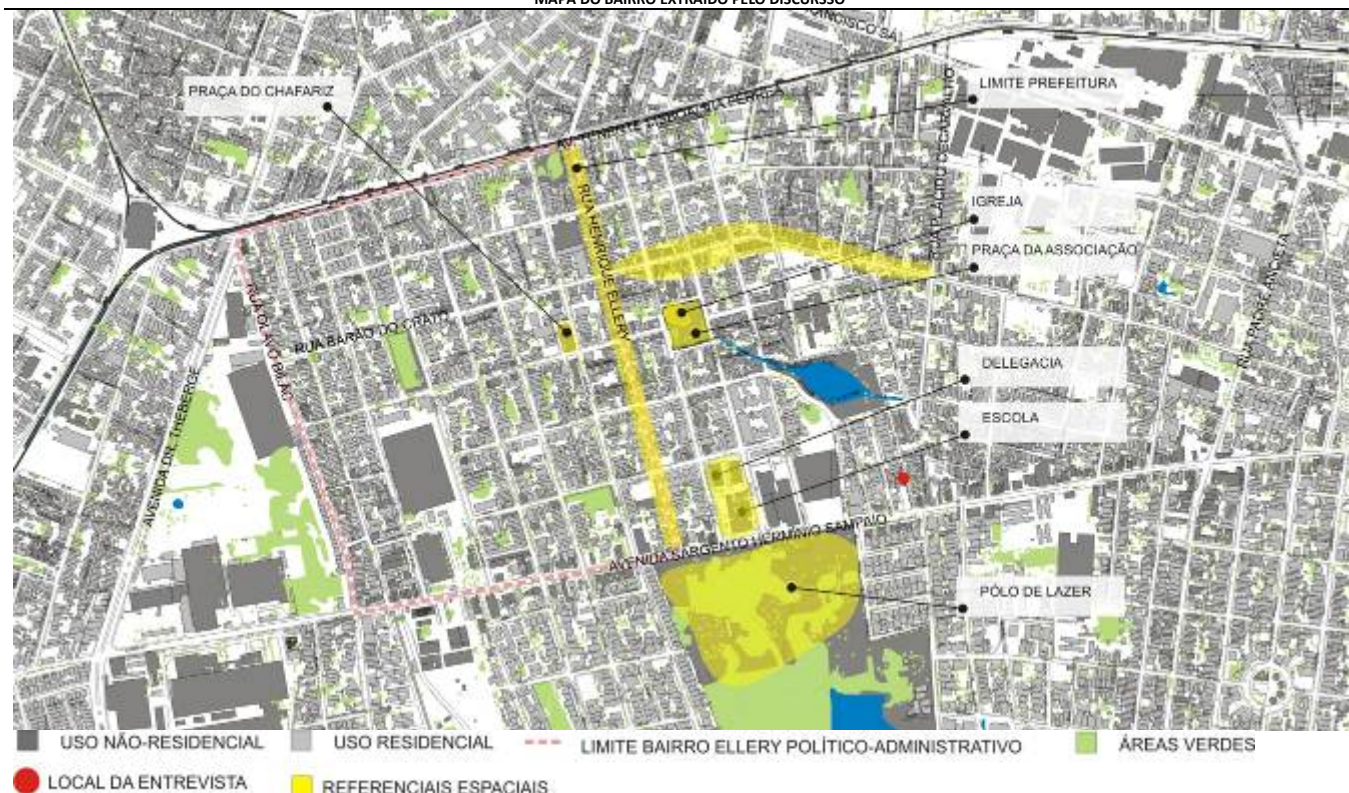
MAPA DO BAIRRO EXTRAÍDO PELO DISCURSO



Natália Sindeaux

Identificação	Estrutura	Interpretação do desenho pelo informante (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do bairro	Palavra –síntese significado	Apego ao bairro	Sentimento Em relação ao bairro
Mulher 17 anos Rua José Alexandre Tempo de moradia no Ellery: 17 anos Renda: - Ocupação: Estudante Grau de instrução: Superior Grupo ou associação: -	Representação metafórica	Desenhei a minha casa né, minha casa tem uma árvore. Minha família são os meus vizinhos, ainda bem.	Pólo de Lazer Escola. Delegacia Mercearias Festinhas Praça Segundo a prefeitura, mora no Monte Castelo, mas se sinto parte do bairro Ellery. Fora do bairro, precisa ir ao centro para roupas, artigos de cozinha e cama. Pagamentos, tem que se deslocar, porque o bairro não tem. Eu sei que a divisão da prefeitura é outra, mas todos esses equipamentos, aqui pra comunidade, são considerados pertencentes ao bairro Ellery. Todo mundo conhece como bairro Ellery. Mas pra mim, antes de eu saber que aqui era bairro Ellery, eu achava que o Monte Castelo. Então na verdade ele é bem pequeno. E da Bezerra de Menezes até a Francisco Sá. Mas são bairro diferentes, São Gerardo, Farias Brito, Jacarecanga, e o Ellery. Se for assim, os bairros são pequenos demais.	Ajuda mútua. Se destaca muito isso de as pessoas se ajudarem, se conhecem, todo mundo aqui acho que se conhece. Grande. Não tem diferença entre os bairros, só muda o nome, mas é mesma coisa. Não tem diferença de nada. A diferença está para os outros bairros da cidade, no modo de viver. Sempre quando a gente vai pra outro bairro, tem mais dificuldade. A violência é a mesma, todo lugar tem violência. Quando tem que acontecer, acontece. Gente rica, pobre, classe média, baixa, todo lugar tem, assim, as pessoas mesmo se diferenciam. Todo mundo se conhece. Eu pelo menos conheço muita gente no meu bairro. Em outros lugares tem aquilo de não, não quero sair de casa. Aqui tem aquela amizade com seus vizinhos, você sai na rua e fala com todo mundo. É diferente. Pra mim aqui é familiar. Todos são amigos, todos se conhecem, quando chega um estranho a gente procura tratar bem, de conhecer, de fazer amizade. Todo mundo vive em família mesmo.	É agitado, é violento também. É um lugar bom de viver. Acha que o bairro é feito das pessoas, da comunidade né. Não é feito de casas, dessas coisas, eu acho que tudo tem haver com as pessoas que vivem nele. Se essas pessoas são pessoas boas, aí o bairro é bom também.	Os outros bairros são mais perigosos que o meu. Não é todo bairro que moraria. Acha que é já o melhor. Por isso que eu não escolheria ou bairro para morar. Se eu pudesse escolher, eu acho que não escolheria não. Aqui é muito bom. Ficava aqui mesmo. Eu não vejo tanta violência no meu bairro. Por mim eu não sairia não, continuaria aqui. Eu gosto do bairro que eu moro. Eu não queria sair dele não, mas vendo assim a diferença, só as pessoas mesmo são diferentes.	O pessoal do bairro gosta de se comunicar, deixa eu ver aqui, além de comunicar, o pessoal se ajuda, é humilde também Eu me sinto bem aqui. Eu não sei porque as pessoas botaram essa questão de bairro, porque eu acho que todo mundo é comunidade. Acho que é só pra destacar a localização. Eu acho que não tem tanta importância essa estória de destacar. Se a gente também pode fazer parte de outro bairro. Acho que colocaram bairro só pra diferenciar a localização. É um lugar bom de viver. Que é maravilhoso morar aqui, pelo menos em relação aos outros bairros. Que todo mundo é amigo, que se você tiver uma dificuldade as pessoas lhe ajudam, não fazem questão de ajudar.

MAPA DO BAIRRO EXTRAÍDO PELO DISCURSO



Israel Campos Souza

Identificação	Estrutura	Interpretação do desenho pelo informante (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do bairro	Palavra – síntese significado	Apego ao bairro	Sentimen to Em relação ao bairro
Homem 21 anos Endereço residencial: Rua Naturalista Feijó, 626 Tempo de moradia no Ellery: 16 anos Renda: 400,00 Ocupação: Estudante – técnico em enfermagem Grau de instrução: 2º grau Grupo ou associação: -	Representação metafórica	Seria uma visão de dentro de grades, e estampado violência e pobreza. Seria a visão de alguém que está trancado, preso. Ai por fora, violência, um pessoa armada, a pobreza, o descaso, dentre outras coisas. Essa é a minha visão do bairro hoje. Não seria tanto a questão da pobreza, é mais a questão da violência do que da pobreza. Que antigamente aqui era calmo. Há seis, cinco anos atrás você ficava na calçada conversando com os vizinhos só que hoje não se pode mais fazer isso.	É pra ser chamado de Monte Castelo. Mas também chamam de Santa Maria e Bairro Ellery. É um verdadeiro conflito geográfico. Avenidas de acesso: Bezerra de Menezes, Sargento Hermínio, Padre Anchieta, Naturalista Feijó, que é a rua onde eu moro. Ruas transversais que eu não lembro o nome, mas são importantes. Encarnação, que não passa no Monte Castelo nem Bairro Ellery, já passa no São Gerardo e Parquelândia. Pólo de Lazer (skate) e lá tem uma pista, que pratico. Já fez cross no Pólo também. Quanto ao comércio, é razoavelmente forte porque tem vários mercadinhos Algumas atividades faz fora do bairro: compras de roupa, hospital. Os grandes supermercados tem o hiper, a frangolândia, o próprio shopping que é aqui próximo mas não é no Ellery. Então sempre, existe a necessidade sim de sair do bairro.	Por mais que ainda tenha violência, ainda é um bairro razoavelmente tranquilo, você ainda consegue andar pela rua. Tem vários outros bairros que são do mesmo nível, pior ou melhor, depende. Por que a violência ta na cidade todinha. Não ta concentrado em um bairro só. É a periferia que existe, por mais que não se admita, existe periferia em qualquer bairro aqui de Fortaleza. Não existe bairro bom, aquele bairro é melhor, ou esse é mais bem localizado, isso não existe. Existe é periferia de cada bairro que o pessoal não quer admitir. Eu moro no Meireles, eu moro num sei aonde. Dava pra falar disso há 20, 30 anos atrás, que realmente existiam bairros muito tranquilos. A organização política. Um exemplo bem prático seria aqui o Pólo de Lazer. São vários e vários aspectos. No bairro você encontra o roqueiro, você encontra alguém que gosta de hip hop, você encontra um reggeiro, encontra um forrozeiro.	Uma mistura.	Olha, por mais que tenha a violência, não quero sair daqui nunca.	

MAPA DO BAIRRO EXTRAÍDO PELO DISCURSO



Raul Carlos Campos

Identificação	Estrutura	Interpretação do desenho pelo informante (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do bairro	Palavra –síntese significado	Apego ao bairro	Sentimento Em relação ao bairro
<p>Homem 26 anos Endereço residencial: Rua Gilberto Câmara, 690 Tempo de moradia no Ellery: 24 anos Renda: 1.200,00 Ocupação: Professor História Grau de instrução: superior Grupo ou associação: -</p>	Representação configuracional	<p>Isso é bem básico, você pediu que eu representasse o bairro e eu coloquei as coisas que giram em torno da minha vida dentro do bairro. Eu diria o que: a escola onde trabalho, o pólo de lazer, a associação, a praça do chafariz, as ruas pelas quais caminho, o canal do açude João Lopes. Fiz o desenho girando em torno do meu dia-a-dia no bairro, a partir da minha casa, o que está mais próximo, mas sei que existem outras coisas.</p>	<p>Ai é mais complicado. Justamente, eu não sei te dizer se, exatamente onde começa um bairro e termina outro acho que Monte Castelo, São Gerardo acabam sendo uma coisa só. Não, pra mim é basicamente a mesma coisa. Só muda o nome. Acho que a realidade é quase que a mesma. Tem muita diferença não. Mas sei que algumas coisas ficam em ou em outro. Pra mim em alguns pontos fica meio confuso. A comunidade se vê como uma coisa só, mas é no Ellery que todos mundo se reúne, na praça que é o centro de tudo. O Pólo também é muito movimentado.</p>	<p>E o bairro cresceu, agora tem outra característica. O bairro, entre a periferia ele é como se fosse um bairro nobre. O nobre da periferia. Porque o bairro mudou, ele tem outro aspecto, vários equipamentos públicos e tudo mais, haja vista o que era quarenta anos atrás, aqui é uma aldeota da periferia.</p>	<p>União, Harmonia, Sintonia. Minha casa.</p>	<p>Não tem como sair daqui. Minha vida está ligada a vida desse bairro. Meus pais estão aqui, vou casar e quero continuar aqui.</p>	<p>Apesar dos problemas, acho que o bairro Ellery, nós temos dado a condição ou a possibilidade de modificar tudo isto. Porque muitas vezes as pessoas dizem que é culpa do governo, ou é culpa de A ou B. Eu até concordo, mas que nós pudemos e devemos fazer a nossa parte, dar a nossa parcela de contribuição pra que isso mude.</p>

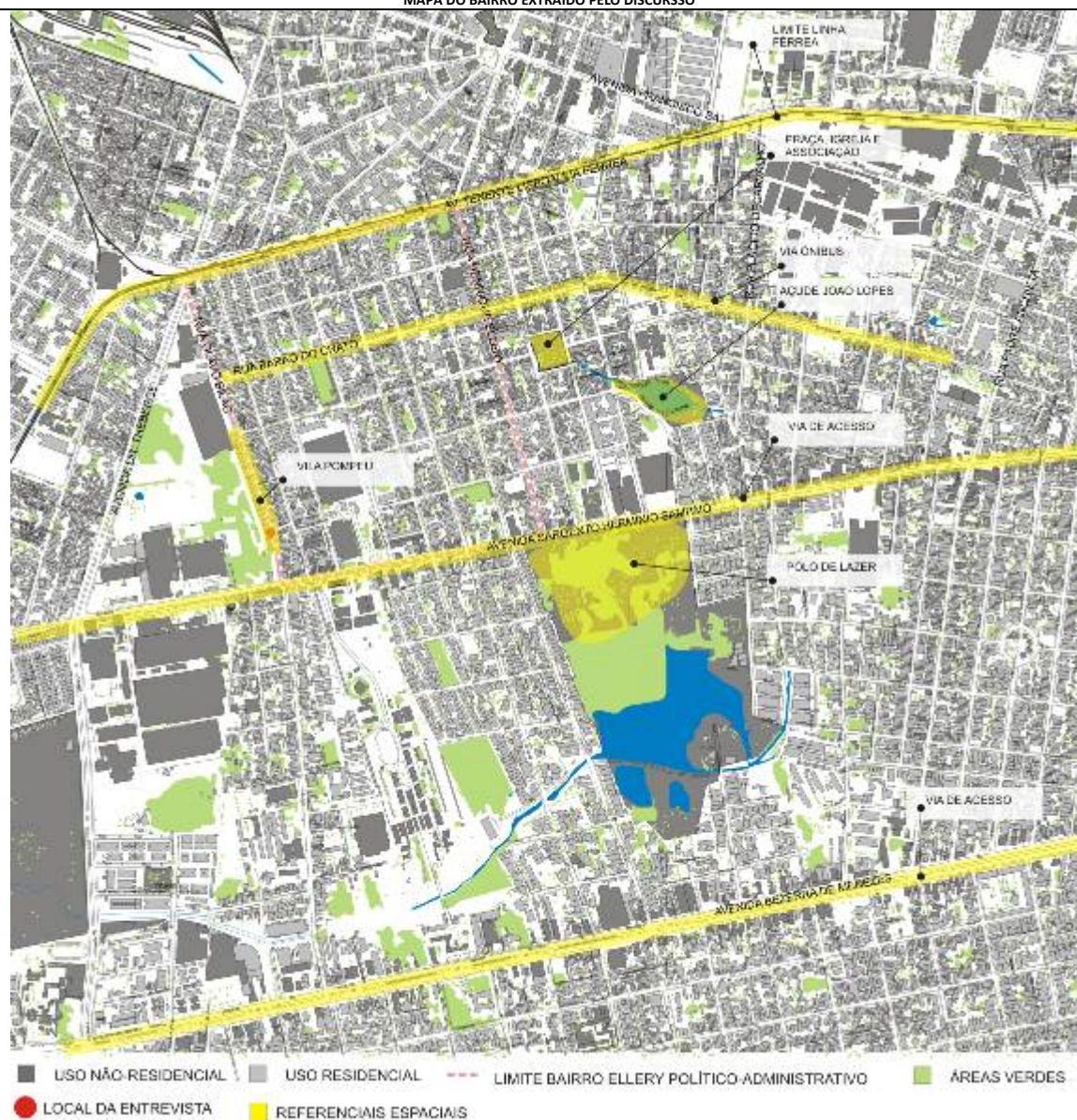
MAPA DO BAIRRO EXTRAÍDO PELO DISCURSO



Dalvina Maria da Silva

Identificação	Estrutura	Interpretação do desenho pelo informante (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do bairro	Palavra – síntese significado	Apego ao bairro	Sentimento Em relação ao bairro
Mulher 74 anos Endereço residencial: Olavo Bilac Tempo de moradia no Ellery: 30 anos Renda: 500,00 Ocupação: Dona de Casa Grau de instrução: 1º Grau Grupo ou associação: -	Representação metafórico	Foi o Vila Pompeu, a praça e o açude. Esses aqui são os lugares que não podemos ir, por que é perigoso.	Do trilho, pra o lado de lá é o açude, mas não ando muito por lá nem pelo trilhos por que é muito perigoso. Mas lá pela praça da Associação e pela Igreja de Lourdes. Pego ônibus na Barão do Crato, também faço compras por lá e nas mercearias daqui do bairro. Não gosto da Sargento Herminio, por isso geralmente ando até a Bezerra. Não vou ao Pólo, por que tem que atravessar a Sargento Herminio, mas os meninos vão lá sempre também. O pólo é da gente, mas dizem que não é.	Parece até que a gente não tem bairro por estamos aqui em risco de ser despejados faz tempo, mais é o Bairro Ellery pra tudo. O pessoal lá da associação deu uma força danada pra a gente aqui	Bairro bom, eu gosto daqui.	Incluindo o meu, eu preferiria morar aqui porque realmente já sei onde estou, já conheço o como é que se vive aqui. Os outros é muito difícil, muito difícil saber pra onde vai, com quem é que vai. Não é propriamente conviver, mas viver próximo. Porque hoje em dia, como eu lhe falei no início, é muito difícil hoje com a vida que a humanidade está passando, encontrar um bairro onde você possa cumprimentar as pessoas na rua, dar um sorriso, dar um bom dia.	Eu gosto daqui, me sinto em casa, no meu interior as vezes.

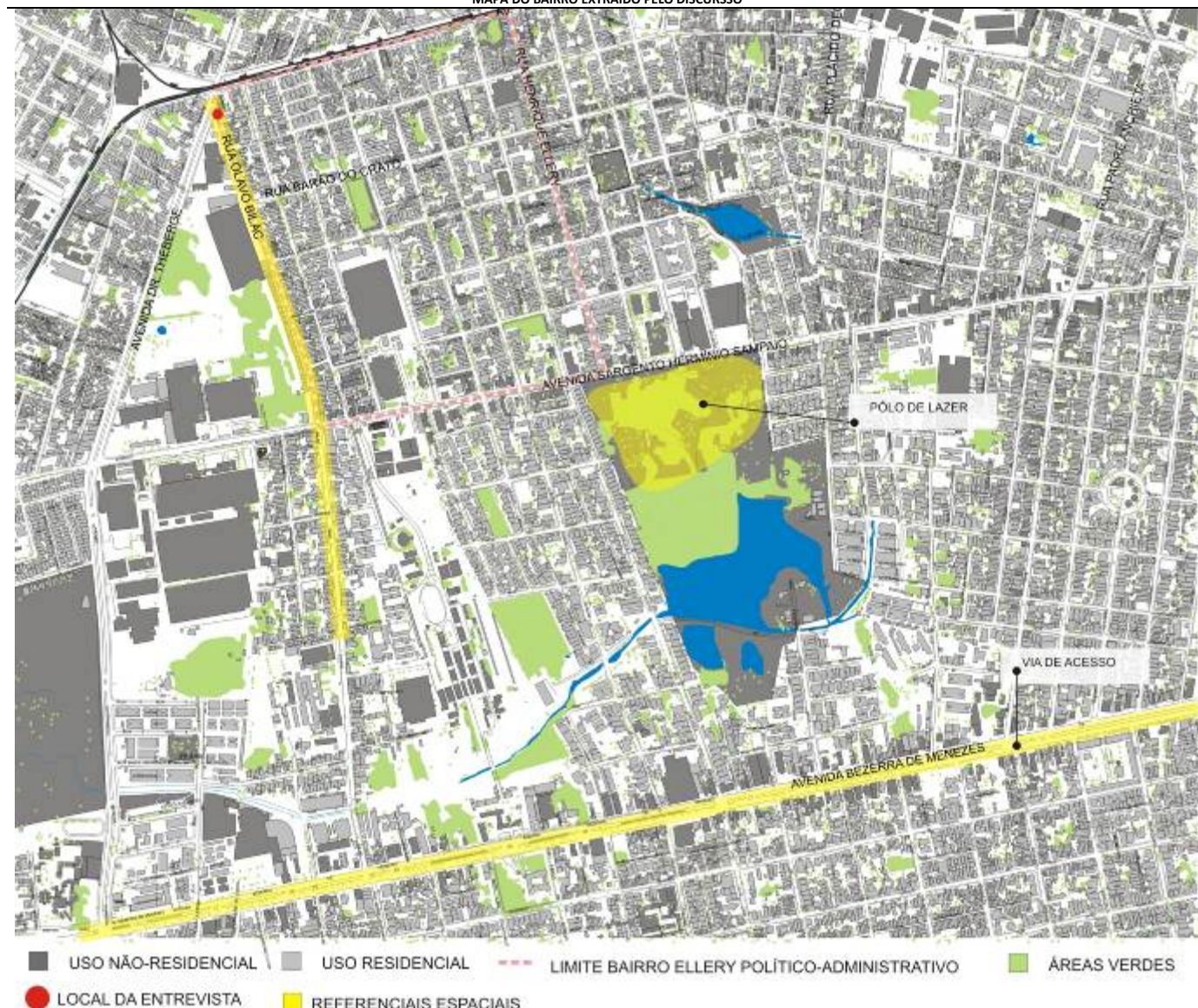
MAPA DO BAIRRO EXTRAÍDO PELO DISCURSO



Tarcisia Nunes de Souza

Identificação	Estrutura	Interpretação do desenho pelo informante (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do bairro	Palavra – síntese significado	Apego ao bairro	Sentimento Em relação ao bairro
Mulher 47 anos Endereço residencial: Olavo Bilac Tempo de moradia no Ellery: 27 anos Renda: 500,00 Ocupação: Dona de Casa Grau de instrução: 1º Grau Grupo ou associação: -	Mapa configuracio nal	É pra mostra que moro aqui os limites do Ellery. Chamam a gente aqui de Cidade Alta.	Bem, você quer dizer vizinhos de fronteiras, ou vizinhos de mais além? Por que se eu for responder os meus bairros vizinhos, eu posso ter para cá (oeste), o Henrique Jorge, pra lá do trilho é o Carlito, e pro lado de lá é o Monte Castelo que eu não sinto muita diferença além de interpretações de que o nosso bairro é um bairro mais de elite, que eu não considero isso, que eu não vejo assim dessa maneira. Se nós verificarmos, nós não temos praticamente, digamos assim, uma diferenciação daquilo que nós temos aqui Pra baixo, nós temos a continuação do Bairro Ellery, que vai se dirigindo então até a Bezerra e se transforma depois em São Gerardo, que não muda também muita coisa e o mais importante é o Pólo. Só aquela parte verde ali, aquela floresta, que eu considero que seja bom pros bairros.	Bem, o meu bairro aqui tem até várias denominações. Quando eu cheguei nesse bairro, em 1977, isso já tem alguns anos né, era mais conhecido como Villa Ellery. Depois, acho por determinações até legais, passou a chamar Bairro Ellery, mas tem gente que ainda chama de vila e o pessoal não gosta não. E hoje, muita gente chama a gente aqui de Cidade Alta. Eu acredito que qualquer umas das três determinações que queiram aplicar ao nosso bairro, é usada.	Bairro bom, mas que tá ficando violento.	Se eu escolhesse era pra aqui pra perto mesmo. Gosto daqui, quero sair daqui não.	Nem todo mundo daqui se dá bem, mas eu me dou com todo mundo.

MAPA DO BAIRRO EXTRAÍDO PELO DISCURSO



Francisco de Mesquita Junior

Identificação	Estrutura	Interpretação do desenho pelo informante (Significado do desenho)	Referenciais espaciais e percursos	Identidade do bairro	Palavra –síntese significado	Apego ao bairro	Sentimento Em relação ao bairro
Homem 40 anos Endereço residencial: José Alexandre, 625 Tempo de moradia no Ellery: 30 anos Renda: 1.200,00 Ocupação: Topógrafo Grau de instrução: 2º Grau Grupo ou associação: ACBE	Mapa configuracional	Queria mostrar aqui a situação do açude, que tá abandonado.	A Norte, nós temos aqui a Cidade Alta, ao longo do trilho, que é preocupante pra nós porque de lá emanam muitos assaltos, muitas pessoas má intencionadas, bem como também como a Leste, como tem aqui a favela do canal do açude João Lopes e deixa a gente muito apreensivo. Para oeste é a Olavo Bilac, depois da Mecesa, e a sul é Sargento Herminio, só que o Pólo é depois dela, aí eu não sei como fica, porque todo mundo aqui do Bairro diz que o Pólo fica no bairro.	Se você vai pra COELCE, ela usa muito a denominação de Monte Castelo. E a Telemar é também a mesma coisa. Na correspondência você utiliza Bairro Ellery. E o Villa Ellery, isso já tá mais ultrapassado, isso não se usa mais.	Eu acho que meu bairro é um bairro Bom, um bairro, onde se vive bem.	Gosto, gosto até porque eu moro aqui desde 1977, e antes disso eu morava no Jacarecanga onde também eu dizia que nunca sairia de lá porque é um bairro muito bom. Mas a nossa vida é uma eterna mutação, dinamismo. A gente tem que se adaptar, ou procurar se adaptar.	Você vive bem porque você vive em família, com aqueles que lhe são mais caros. Eu diria que é um bairro onde você tem tudo, é completo. Você tem saúde, , você é bem servido em questão de mercado, você tem igrejas, qualquer que seja a religião, e você tem acima de tudo pessoas amigas, que se ajudam.

MAPA DO BAIRRO EXTRAÍDO PELO DISCURSO



